Para os que se interessam por questões de história, etnografia e folclore brasileiro, LUÍS DA CÂMARA CASCUDO é um nome tão conhecido entre nós e no exterior que seria vã qualquer tentativa de apresentação.

Autoridade inconteste nestes assuntos, seus trabalhos sempre tiveram a melhor aceitação entre os estudiosos do assunto e o público em geral, sendo sempre aguardados com interesse.

Meleagro é uma das mais interessantes de suas obras, já que é fruto de vinte anos de investigação pessoal. De fato, o autor, terminando em 1928 seu curso jurídico no Recife, onde estudara os Xangôs, iniciou pesquisas no mundo da feitiçaria na cidade de Natal, preferindo fixar-se na Magia clássica, acompanhando e identificando os processos tradicionais da Encantação para o Amor, a Sorte e a Moléstia. Antigo estudante de Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro, 1918-1919, vira o tempo em que as atividades mágicas eram quase públicas. Teve o cuidado de não confundir seus estudos com a parte religiosa, exotérica, dos cultos afro-brasileiros, orientando-se para a análise da Magia Branca que era e é exercida pelos negros e às vezes considerada como de exportação africana. Estudioso do assunto, com boa biblioteca, completou o estudo do campo feiticeiro com os comentários pessoais deduzidos dos próprios elementos colhidos. Essa é a face mais sugestiva de *Meleagro,* como livro de informação preciosa e honesta, "autêntica obra de ciência", como

(continua na 2.ª orelha)

MELEAGRO

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

MELEAGRO

PESQUISA DO CATIMBÓ E NOTAS DA MAGIA BRANCA NO BRASIL

2.ª edição

CAPA DE

HELENA GEBARA DE MACEDO

1978

Livraria AGIR Editora

RIO DE JANEIRO

Notre pénétration dépend de notre faculté de voir et de concevoir.

FROBENIUS.

Je n'enseigne point, je raconte.

MONTAIGNE, *Essais, III, II.*

SUMÁRIO

PREFÁCIO

MELEAGRO é um livro esplendidamente honesto, sábio pelo que contém do passado, valioso pela observação do presente. O autor nele estuda a magia branca, analisando-a desde as velhas civilizações da Grécia e de Roma, até nossos dias. Ele nos mostra aí o que é o Catimbó e as diferenças que apresenta em relação à Macumba e ao Candomblé. Estuda tanto o mau-olhado, o quebranto, os amuletos, quanto o feitiço, o despacho, a coisa-feita, o ebó, a muamba. Ocupa-se largamente da flora medicinal dos feiticeiros, de remédios repugnantes, de fumigações; do emprego do sangue, da saliva, do sopro nos sortilégios da magia, indo até o envultamento, o transe, a possessão, a intervenção de espíritos.

Um dos grandes valores do trabalho é de analisar o estado da questão entre nós no momento atual, baseado em vinte anos de investigação pessoal, que mostra, de maneira muito característica, quanto anda desorientada a população do nosso país, quanto se torna ela vítima de explorações grosseiras, baseadas em velhos processos de magia. Câmara Cascudo revela-nos a percentagem maior, "oitenta por cento dos 'trabalhos' é para 'as esquerdas', contra alguém". Somente os restantes vinte por cento são para solicitar "remédios ou conselhos ou 'trabalhos' para amores ou negócios, para vida atrapalhada". E acrescenta que a sessão decisiva é a sessão privada, promovida com fins especiais e encomendada por clientes respeitáveis, que pagam até contos de réis pelo "trabalho". Mostra ainda que, durante a guerra, de 1939 a 1945, a cidade de Natal abrigou homens do mundo inteiro, vindos de todos os Estados da União e que encontrara "muito norte-ame-

ricano, vermelho e louro, com a farda cáqui prestigiosa, ao lado dos 'mestres', explicando em linguagem difícil o seu caso, o seu problema, o seu desejo e as esperanças da realização maravilhosa por intermédio do 'Mestre do Além'". Alguns fizeram relações mais íntimas, dando dinheiro, presentes, melhorando indumentária e casa do catimbozeiro preferido. Um destes macumbeiros aprendeu a dizer bai-bai e oquêi... Num caso de prisão de um deles, foram encontrados retratos e cartas de pessoas conhecidas, que procuravam desfazer ou conseguir casamento, terminar amizades extraconjugais e outros serviços, embora tenha ele próprio explicado à Polícia que "nada sabe fazer, não lhe cabendo a culpa se muita gente acredita nos seus poderes ocultos".

São observações dessa natureza que precisam tornar-se melhor conhecidas e ser divulgadas, pois somente assim nos poderemos libertar desse extraordinário acervo de ignorância e exploração, que tanto tem entravado o progresso da civilização. Vivemos ainda em pleno período áureo da magia, quando já devia estar ela, de há muito, na pré-história, entre os elementos mais vetustos da arqueologia. As superstições e a magia estão cheias de documentos de valor sem dúvida alguma mais apropriados para mostrar a trajetória do espírito humano através do tempo e do espaço do que essa horrível e desinteressante História da Humanidade, que não se tem ocupado quase senão de guerras e da estúpida sucessão dos poderosos. Muito importante é a perspicácia psicológica que o autor despendeu na interpretação do curandeirismo como processo de tratamento de larga difusão. Ele mostra que muitas vezes é o próprio médico, pelas suas injeções, seus remédios caros, a sua linguagem rebarbativa, o seu ar displicente, a sua indumentária, a sua pressa, que desanimam, fazendo dele afastar-se o doente. Este quer ser tratado com afeição, com doçura, com amizade, como faziam os médicos de tempos passados e os charlatães de todos os tempos. Na verdade a parte humana, individual, de confiança, de simpatia, de compreensão representa papel poderoso na trama terapêutica, tão desleixada pela medicina atual! Isso constitui um grave erro, que não escapou a Câmara Cascudo, quando analisa o fator psicoterápico no curandeirismo e nos tratamentos científicos.

Pode-se concluir que a arte de curar perdeu nele um grande médico, tal a compreensão que revela em torno desses problemas tão profundos e delicados.

MELEAGRO é obra de grande significação, antes de tudo obra de estudo e investigação, autêntica obra de ciência, que adquirirá o seu lugar definitivo dentro da questão, mesmo quando passar esta para o terreno arqueológico dos nossos conhecimentos. Acontecerá isso algum dia? Sou tão otimista que quase ouso acreditá-lo! Quando? Talvez no dia em que houver paz universal e o homem deixar de ser esse horroroso e imbecil animal que se serve do catimbó para manobrar males ocultos e vive sob o perigo da bomba atômica, que ele próprio inventou. De qual forma, MELEAGRO constituirá sempre documento de alto valor: honesto, objetivo, sábio tanto pela erudição do autor quanto pelo seu espírito crítico e de investigação.

É partindo desse ponto de vista que, humildemente, me animei a traçar este pequeno prefácio, lembrando que a medicina ainda anda impregnada de magia, que foi a sua forma mais primitiva e perigosa.

A. DA SILVA MELLO

(1886-1973)

VINTE E SEIS ANOS DEPOIS...

Creio que antes de 1928 estaria eu dando campo ao Catimbó em Natal, contagiado pelas reportagens de João do Rio às religiões suplementares na Capital Federal. Em 1928, dezembro, Mário de Andrade (1893-1945), meu hóspede, "fechou o corpo" com um Mestre freqüentador de nossa chácara. Pagou vinte mil réis e narrou a proeza em crônica que não consegui reconquistar. Denunciaria a técnica catimbozeira natalense há 49 anos, fase das minhas ânsias perquiridoras. Terminado em dezembro de 1949, a Editora AGIR publicou em 1951 MELEAGRO, nome pedante para justificar feitiço da Grécia em mão africana. Não se falava ainda em Umbanda, mesmo na cidade de Salvador, onde fui garboso "calouro" de Medicina em 1918, residindo na Baixa do Sapateiro. Édison Carneiro, baiano investigador devoto, não registra o vocábulo no *Candomblé da Bahia,* 1948 e em *A Linguagem Popular da Bahia,* 1951. Redigiu o verbete "Umbanda" para o meu *Dicionário do Folclore Brasileiro.* Depois de 1960 é que a Umbanda abordou Natal, instalando-se com tal abundância e prestígio que o Prof. Sérgio Santiago, com observação local, publicaria o penetrante *O Ritual Umbandista,* Natal, 1973, com autonomia de exame. Vivem presentes entidades coordenadoras, a União Espírita de Umbanda e a Federação de Umbanda, com um milhar de terreiros no Rio Grande do Norte e possíveis 400 em Natal, havendo distribuição de convites impressos para assistir ao "presente de Iemanjá" na Praia do Meio, última noite do ano. A origem foi a oferenda a Ino Leucotéia, protetora dos portos, com santuário em Epidauro Limera, La-

cônia, Grécia, com a resposta afirmativa se mergulhasse a oferta. (Pausanias, *Description de la Gréce*, III, 23,5,8.)

Neste MELEAGRO verifica-se minha familiaridade com os "Mestres". Dizê-los "Catimbozeiros" era agressão. Reinava o amável sincretismo acolhedor entre os "Mestres do Além", africanos, indígenas, mestiços nacionais. Alguns Mestres tinham ido a Belém do Pará, afinal as armas na Pajelança, então prestigiosa. Os Mestres africanos refugavam o tratamento de "Pajés". Bruno de Menezes (1893-1963), paraense insubstituível, cantava toada alusiva:

Não me chame de Pajé! Não me chame de Pajé!
Sou filho do Rei de Mina e sou Barão de Goré!

Companheiro saudoso foi o poeta Antônio Damasceno Bezerra (1902-1947), na primeira década espiona e perguntadeira. Fez-se íntimo dos mais arredios "Mestres", embora fosse "acostado" por "Mestres do Além" que a nenhuma outra criatura humana confiaram integraçao, "Macunaíma", por exemplo. Sabia que gonzá enfeitado não tine bem. Jamais deformou, com imaginação decorativa, uma informação basilar e formal. Minha credencial era defender na Polícia a liberdade dos colaboradores, como intermediários miraculosos. O sábio Prof. Silva Mello (1886-1973), visitando Natal, exaltou-me a tarefa, escrevendo depois o prefácio consagrador e afetuoso. Reuni a legitimidade e não o efeito publicitário subseqüente.

Last but not least: — resiste o Catimbó, o macumbeiro? Resiste o catimbozeiro, sem a *mesa*, sessões e "acostamentos" públicos, sem a cantiga das *linhas* mágicas. Duram ainda, imperturbáveis e funcionais, velhos e velhas, rosnando rezas, feiticeiros miúdos, com soluções interinas e alívios de sugestão, tendo clientes hereditários e propaganda clandestina. Confiam-lhes o problema, resolvido ou enfrentado no silêncio do escurão cúmplice, noite sem lua, com parcimoniosos "preparos" e realização cautelosa: — Cemitério, encruzilhada, boca da barra do rio Potengi, coqueiros de Jenipabu, Morro Branco, praia deserta onde não haja luz elétrica, rodovia de Macaíba, até Peixe-Boi e Guarapes, lugar de mato-fechado; retalho

de roupa interior, ceroula de homem e calça de mulher, unhas dos polegares, cabelo da nuca, do peito, do púbis (do bigode e barba já são ineficazes), bocado de comida semimastigada, fruta mordida, sobejo de água, preferencialmente de vinho ou cachaça, o pão é infeitiçável, afastando alma-do-outro-mundo. Confidências de 1975, com sigilo e cem cruzeiros. A informante faz "vendas" para as feiras, bolinhos e fritos. Disse-me que catimbozeiro "home" estava difícil por causa do "olho da Polícia". Mulher velha engana melhor. Parece ser inofensiva e fraca. Médico não elimina curandeiro nem a Umbanda ao catimbozeiro, último fiel ao Feitiço Medieval, herdeiro dos milênios da Credulidade.

Nenhuma alteração nesta reedição, constituindo paisagem imóvel e verídica da época e não diagrama de percurso, "atualizado" e falso às velhas constatações originárias. Convenço-me de haver manejado Feitiço europeu e asiático, tanto assim que as pesquisas n'África de 1963 não determinaram inclusão.

Desatraco a jangadinha potiguar, acenando adeus, adeus...

Natal, janeiro de 1977.

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Meleagro — Museu do Vaticano — Mármore da época imperial encontrado em 1500 diante da Porta Portese, Roma.

MELEAGRO

O Catimbó, no Nordeste do Brasil, permanece inalterado na confiança popular, espalhando receitas vegetais, fazendo "despachos", tecendo amor, provocando a morte. Macumbas e Candomblés, sonoros de danças, músicas, festas de iniciação atraindo povo e ampliando prestígio, levando suas melodias e ritmos aos microfones, seus babalorixás dando conversa nos jornais, com fotografias nas revistas e livros, não fazem recuar o velho Catimbó, clandestino, humilde, obstinado na sua existência secular.

O "mestre" do Catimbó é uma constante etnográfica de supreendente poderio psicológico. Mantém seu ambiente, simpatias, adeptos e confianças. Não há indumentária bonita, bailado cutucando os nervos, negras balançando na cadência entorpecedora dos atabaques. O Catimbó vai vivendo, apesar de tudo, com a segurança de uma predileção popular irresistível.

Nome, organização, funcionamento, tudo está escuro, misturado, confuso. É uma soma de influência e convergência, como todos os cultos. A feição mais decisiva é da feitiçaria européia, o "mestre" e seu prestígio, a consulta sem obrigação de adesão. Ausência de iniciação, reuniões festivas, aprendizado ostensivo e sistemático. Os brasis deram sua flora, tuxauas cheios de mistérios, ensinando remédios ou indo flechar os inimigos, com flechas invisíveis que matam. O negro trouxe a parte mais triste e dolorosa. Seus "mestres" foram todos catimbozeiros mortos, ex-escravos, vidas sem história, tornados soberanos nos reinos do Vajucá e de Juremal. Viveram, como a maioria dos colegas vive ainda, nas casinhas de palha,

de taipa oscilante, fugindo, tremendo das visitas policiais, arrastados como bichos curiosos diante das máquinas fotográficas para a identificação criminal e jamais atendendo curiosidade elegante e jornalística.

A bruxa européia não recebia espíritos do outro mundo, orientadores. Nem mesmo lhes citava a existência. Havia Satanás, mestre de encantamentos, presidente do Sabat, ou ninguém mais. A bruxa ouvia a consulta e respondia, aconselhando, receitando. Quando trabalhava, era sozinha, nos filtros de amor, nas figurinhas de cera para o envultamento, a água clara e doce que mataria prelados e príncipes. Passara o tempo ornamental em que as pitonisas mastigavam folhas de loureiro e entravam em transe, estrebuchando nas trípodes abertas em cima das bocarras fumegantes de onde subia para sua garganta a voz assombrosa do deus oracular.

Negros e indígenas têm seus deuses falando pela boca dos sacerdotes, mais compreensiva e claramente que as outras castas e colegiadas sacras. Não possuímos documentação para conhecer a existência desse processo na África quinhentista. Já se podia ter dado uma influência européia. O pé europeu batia areia do setentrião africano desde tempo velho imemorial. O século XVI é o da penetração portuguesa regular, as entradas brancas. O árabe, espalhador de lendas e complexos do Oriente, andava na terra negra como familiar antes do branco. Até onde influiu o árabe? Até onde espalhou o branco a semente de sua projeção? Até onde desceu o romano? Ninguém sabe. Há muita afirmativa que é intuição ou intenção. Na literatura oral, hoje tão sistematizada e sabida, encontra-se estória popularíssima em Londres também popularíssima nas tribos mais antigas e metidas do sertão africano. Vezes um viajante traz conto africano, todo cioso da preciosidade, e descobre que é uma fábula de Esopo ou um episódio do *Romance da Raposa*, que toda Europa sabe dormindo contar e repetir. Aconteceu a Buttner, a Callaway, a Ellis, a Bleek. *African folk-lore is not a tree by itself, but a branch of one universal tree*, sentenciou Heli Chatelain, veterano no desertão negro.

O Catimbó reúne, reconhecíveis na sua união como veios num mesmo bloco de mármore, as participações de brancos, negros, ameríndios. A bruxaria de Gregos e

de Romanos revive processos perpétuos de encantamento disfarçados em rezas católicas usadas pelo português de casa armoriada e pelo preto fiel a Xangô. O envultamento, o eterno *totum ex parte*, registrado nos *Diálogos* de Luciano de Samosata, encontrados nos tijolos assírios que estão no Museu Britânico, vivo em todos os períodos da magia goeciana, a magia negra, segue fiel a si mesmo, como foi fixado em Grécia e Roma, e como está presentemente nos outros continentes.

A Pajelança amazônica não é um elemento decisivo para o Catimbó como não o é o cerimonial da bruxa européia com os cartapácios de São Cipriano e da bruxa de Évora, ciência do Pajé americano ou do Quimbanda de Angola.

O Catimbó é bruxaria sem recorrer ao diabolismo medieval. É a parte não-oficial, não-ritualística das religiões negras, americanas e européias. Está condenado pelos concílios da Igreja Católica, pelas instruções de todas as Polícias. Também um Pai-de-Terreiro que se preze não dá a um "mestre" de Catimbó o tratamento de colega, nem mesmo a simples tolerância de quem exerce atividade paralela, a distância entre um *chauffeur* de caminhão e um piloto de *Constellation*. Uma Mãe-de-Santo não verá uma catimbozeira com olhos mansos de quem a sabe fiel aos encantos de Iemanjá ou Oxosse. Uns e outras enxergarão o intruso, o adventício, hostil, desconfiado, zombeteiro, um culto irregular e maldito, sem ligação e coerência, sem hierarquia e gradações, vivendo pela exploração do Medo, origem dos deuses petronianos.

O Catimbó é o melhor, é o mais nítido dos exemplos desses processos de convergência afro-branco-ameríndia. As três águas descem para a vertente comum, reconhecíveis mas inseparáveis em sua corrida para o Mar.

*

* *

Catimbó, sinônimo de feitiço, de muamba; catimbozeiro, pseudônimo popular do feiticeiro e do bruxo, é título de quem mestra a "mesa", usando a "marca" fumegante ou isoladamente atende aos clientes, vendendo "orações fortes", fazendo muambas na intenção do amor e

da morte. Com ou sem o pequenino ritual do Catimbó, o nome continua, ligado à profissão ou à celebridade do "mestre". Ofuscado pelo Candomblé e pela Macumba, o Catimbó reside no meio dos mocambos pernambucanos, baianos e cariocas. Restringe o "espaço vital", economizando as "forças". Mas não se confunde nem abdica. Certamente os orixás aparecem, vez por outra, com sem-cerimônia notável, numa "mesa" de Catimbó. Mas a ação é mais literária e, muito confidencialmente, creio que o orixá gegê-nagô num Catimbó é um índice negativo de sinceridade e boa técnica. Não sei o que pensará Mestre Carlos, Pinavaruçu ou Xaramundi olhando para Xangô, Omolu ou Oxosse. E se as Meninas de Saia Verde compreenderão Iemanjá. Sei que Nanã, Anamburucu, aderiu ao Catimbó porque não lhe deram alegrias nos bailados oblacionais do Candomblé.

Ensinam os sabedores que a lei da Contigüidade Simpática, formulada por Huber e Mauss, fundamentada no *totum ex parte,* explica a Feitiçaria, pai e mãe do Catimbó. O que pertenceu ao Todo continua a ele idealmente ligado mesmo depois da separação. A coisa-feita, ebó, muamba, canjerê, mandinga, para eficácia segura não dispensará parte do todo humano, roupa, cabelo, unha, dente, saliva, sangue, suor, urina.

A segunda lei é que o Efeito é semelhante à Causa que o produziu. Imitando-se o fenômeno, reproduz-se a causa originária. São as Simpatias, universais e poderosas na superstição, a Magia Imitativa de Frazer.

Essas duas leis justificam a técnica da Transferência, do Transporte, do Transplante. É possível transmitir sofrimentos físicos e morais aos vegetais, animais e minerais. Tanto é possível fixar a febre malárica numa árvore, como esquecer uma mágoa contando-a à terra, tronco de pau, buraco aberto na estrada, talqualmente ocorreu ao cabeleireiro do rei Midas.

Assim um objeto terá o segredo alheio e mesmo a vida humana.

Nas estórias populares há muito gigante que guarda sua vida num recanto misterioso, dentro de um ovo, dentro de uma ave, dentro de um peixe, dentro de uma caixa, no fundo do mar. Quando abrirem a caixa, tirarem o

peixe, agarrarem a ave e quebrarem o ovo, o gigante morrerá.

Os folcloristas ingleses e norte-americanos chamam-na *External Soul, Life External,* tema conhecido em todas as literaturas orais do Mundo, desde a Rússia, onde o feiticeiro Koshchéi tinha sua imortalidade escondida num ovo, até o Brasil, onde o Bicho Manjaléu ocultava a vida numa vela acesa.

Toda ciência feiticeira, toda essência do Catimbó reside nesses princípios. Fixar a vida, transferi-la, completa ou parcial, para um objeto, torná-lo a representação integral da sensibilidade, da vontade humana, comandada, dirigida, anulada pelo "mestre de mesa", feiticeiro, "mestre" do Catimbó, é a essência, fim, realidade.

Meleagro, príncipe etólio, teve ao nascer a vida ligada a um tição que ardia na lareira. Altéia guardou a acha que escondia a existência do filho, tornando invulnerável, insensível, imortal. Anos depois o Herói, companheiro de Jasão na conquista do Velocino de Ouro, matou o javali gigantesco que Minerva mandara devastar a terra de Calidon. Atalanta, princesa da Arcádia, dera o primeiro golpe e o etólio ofereceu-lhe a cabeça do monstro, como troféu. Plexipo e Toxeu, tios maternos do Herói, protestaram e foram abatidos pela lança do sobrinho. Altéia, sabendo do massacre dos irmãos, arrebatada pela cólera, atirou ao fogo o tição que era a vida do filho. Quando a acha se consumiu, Meleagro faleceu...

Homero, *ILÍADA,* IX, conta o fato de um modo, e Ovídio, *METAMORFOSES,* VIII, de outro. Comum, tradicional e popular é a versão ovidiana, fixada em moedas e bronzes. E, além dos versos lindos, na oralidade que não desapareceu, perpetuou-se.

Quem matou Meleagro foi a Magia que vive no Catimbó.

*
* *

Desde 1928 estudo esse mundo de catimbozeiros. Alguma relação foi publicada, com os enganos e deduções iniciais. Anos repassei informação e convívio na espécie.

Dou aqui o resultado final, serviço de confronto, diagrama de percurso, um depoimento sem imaginação, *de bonne foy, lecteur...*

L. da C. C.

Av. Junqueira Aires, 377.
Cidade do Natal.
Dezembro de 1949.

QUE É CATIMBÓ? NOME E FUNÇÃO

O meu "alô" é sobre o Catimbó.

É nome que corresponde à Pajelança amazônica mas difere dos Candomblés da Bahia e Macumbas do Rio de Janeiro. A denominação tem-se alastrado pelo Nordeste sem que afaste o emprego de outros títulos como os Xangôs do Recife e Maceió, muambas, canjerês, feitiços, coisa-feita, despacho, ebó. Catimbó é o feitiço e o processo de prepará-lo. Sua área é o Brasil.

Podia dizer que se trata do "baixo espiritismo" onde Mestre Carlos atende pelos processos deturpados de Allan Kardec. Os "mestres" do Catimbó abundam e têm sinonímia vasta. Catimbozeiros, macumbeiros, feiticeiros, muambeiros. Depressa a clientela aparece e se alarga, como ondas concêntricas, tanto a fama cresce quanto se distancia da verificação.[1] O velho feitiço, a bruxaria, está

[1] FATOS POLICIAIS. Catimbozeiros nas malhas da Polícia. Foram presos no dia 8 do corrente, pelo Delegado do 3.º Distrito, quando realizavam uma sessão de Catimbó nas proximidades do Morro Branco, o indivíduo José Francisco da Silva e a mulher Francisca do Nascimento. Pela mesma autoridade foram intimados a comparecer à referida Delegacia, a fim de prestarem declarações, por acusação da prática de Catimbó, as seguintes pessoas: Benevenuta Maria Gomes, residente na Baixa da Coruja; Rita Duarte da Silva, residente à Avenida Dois; Elvira dos Santos, residente também à Avenida Dois, n.º 677; Joana Maria da Conceição, residente em Lagoa Seca; João Ascendino, residente à Avenida Dez, n.º 522; Luís França e Silva, residente à Rua Amaro Barreto; João de Sales, residente à Travessa Seis; Diomedes Dantas, também residente à Travessa Seis; Luís Bento dos Santos e sua mulher, Francisca Ferreira dos Santos, residente no Quilômetro Cinco; e Francisco Ribeiro do Nascimento, residente à Avenida Trinta e Um, em poder

sendo examinado e tratado pelas fórmulas espíritas e o curado vem aos jornais agradecer, publicando o diagnóstico.[2]

O Catimbó é um processo de feitiçaria branca, com o cachimbo negro e o fumo indígena. Certo? É uma reunião de elementos que vivem noutros ambientes de bruxaria. O cachimbo seria a característica se não figurasse também na Pajelança amazônica. E se não estivesse firme nos lábios do pajé curador, desde o século XVI.

Há o mesmo por todos esses Estados do Nordeste e Norte do Brasil. Depois do Maranhão a influência da Pajelança é grande e já influem as diferenciações locais, ritos, nomenclatura, receituário. Os Caruanas atuam, os "médiuns" tomam nome de "ave" e os animais fabulosos do "fundo das águas" incorporam-se, falam, receitam. Em vez de Xaramundi, Mestre Carlos, Heron, as Meninas da Saia Verde, falam e orientam bichos ilustres e comuns como a Cobra Grande, a Mãe do Lago, o Jacaré-tinga descidos por uma corda fantástica. O Pajé fuma e bebe tafiá que chamamos "cauim" no Nordeste. Essa zoolatria é poderosa, projetando no astral os xerimbabos diários. Os bichos ficam encarnados no Pajé, somente nele, cantando, dançando, bebendo, dando ordens. Mas o Catimbó lança uma cabeça de ponte na Pajelança pela assistência do nordestino que emigrou. O nordestino acredita na Pajelança, firmemente, mas vai lentamente espalhando suas recordações do Catimbó, um negro, um curador, afastando os bichos, sugerindo indígenas flecheiros, nomes de rios, mistérios, forças novas de encantados. Há dedução apenas nessa conclusão. A Pajelança amazônica tem, dever ter, bibliografia que ignoro.

Para o sul, depois do Recife, onde os Candomblés tomam o nome prestigioso de Xangô, o Catimbó vive bem,

de alguns destes foi apreendida grande quantidade de material usado nas "sessões." (*A REPÚBLICA*, Natal, 15 de setembro de 1939).

[2] Ver um "Agradecimento" publicado na *GAZETA DE ALAGOAS*, Maceió, 26 de junho de 1938. "O meu incômodo, segundo disse o ilustre espírita, tratava-se de bruxaria, etc.", informa o feliz consulente. Num exemplar do *CORREIO DA MANHÃ*, Rio de Janeiro, 22 de julho de 1915, um "Cartomante Africano" desfaz todos os males de feitiçaria em um breve de felicidade e jogo.

fingindo ter aderido, parcialmente, e fazendo "mesa de consulta", ensinando orações, receitas de folhas, raspas, raízes, frutos, fumando a "marca" e recebendo os encantados negros, brancos e indígenas, sem dança, sem bailado, sem tambor, sem chocalho. O próprio Pai-de-Terreiro, o Babalorixá, acaba aprendendo certos processos do Catimbó e vai usando, um e outro, como pode, atendendo aos pedidos. Em vez do agogô na mão do Babalorixá, ritmando os cantos, aparece o cachimbo grande, fumegando, chamando os encantados do Catimbó.

Até certo ponto há no Catimbó um sincretismo intenso e contínuo, agora rumando Espiritismo sem doutrina ética. Há a reminiscência da magia branca e européia, a persistência do Bruxo, do Feiticeiro, do Mago onipotente.

Quando um Pai-de-Terreiro recebe consultas e age isoladamente, para fazer "despacho", responder perguntas, orientar, recorre tanto quanto possível ao Catimbó. Cita os orixás imponentes, o assombroso Exu, Iemanjá poderosa, Omolu, Oxosse, Ogum brigador, Xangô tempestuoso. Mas sentimos que o Catimbó traz ao "preparo" as memórias dos filtros, a bruxaria dos brancos distantes, os misteriosos poderes disciplinados à disposição da vontade pessoal.

No Rio Grande do Norte, onde estudei o Catimbó, o nome é relativamente moderno. Durante o século XIX a notícia oral do Feiticeiro vinha através do medo da ciência do indígena, do nativo inadaptado e guardador de segredos miraculosos. Dizia-se "feitiço", como em Lisboa, ou "beber-jurema", "adjunto da jurema".

Os indígenas, catequizados por fora, ficaram por dentro com sua crença. E, quando possível, satisfaziam o ritual defeso, dançando a dança de Jurupari ao som dos maracás e roncos dos instrumentos sagrados que davam a morte às mulheres curiosas.[3] Uma festa secreta dessa indiada, no século XVIII, dizia-se "adjunto da jurema". Adjunto é reunião, sessão, agrupamento. Faziam a bebida com a jurema e bebiam-na no meio de cerimônias que

[3] Luís Câmara Cascudo, *GEOGRAFIA DOS MITOS BRASILEIROS*, Jurupari, 30-110, Rio de Janeiro, 1947; José Olímpio, editor. 2.ª ed. 1976.

não deixaram rasto. Era remédio, alegria, desabafo e sublimação. Bebiam, sonhavam, amavam. Pensam todos que as festas valiam o atrevimento inaudito da realização clandestina.

Encontrei no Arquivo da Sé da cidade do Natal, livro M do Obituário, fls. 24, um óbito que esclareceu a tradição:

> "Aos dois de Julho de Mil Sete Centos e Sincoenta e Oito anos faleceu da vida presente Antônio, indio preso na Cadea desta Cidade por razão do sumario, que se fez contra os Indios da Aldea de Mepibú, os quais *fizeram adjunto de jurema, que se diz supersticioso*; de idade de vinte e dois anos, ao julgar, e pouco mais, ou menos; faleceu confeçado e sacramentado: foi sepultado no adro desta Matriz de Nossa Senhora da Apresentação da Cidade do Natal do Rio Grande do Norte; foi encomendado pelo Reverendo Coadjutor Joam Tavares da Fonseca; e pelo seu assento fiz este, em que por verdade me assinei. — Manuel Corrêa Gomez, Vigário."

Henry Koster, em 1814, sabia que os indígenas mantinham suas crendices. Descreveu os maracás, escondidos como objetos sagrados. Como Jean de Léry, registrou uma festa íntima dos indígenas, no interior de uma cabana pernambucana. "As cabanas são construídas com palha de coqueiro, e as mulatas conseguiram ver o que se passava através das folhas. Um grande vaso de barro estava no centro, ao redor do qual dançavam homens e mulheres. O cachimbo passava de uns aos outros. Pouco depois uma jovem indígena disse, em grande segredo, a uma companheira, de classe diversa da sua, que fora mandada dormir, dias antes, numa cabana das vizinhanças porque seu pai e sua mãe iam beber jurema. Essa bebida é feita com uma erva comum, mas nunca pude persuadir a um indígena para que me indicasse, e quando algum asseverava desconhecê-la positivamente, seu rosto desmentia as palavras."[4]

O cachimbo e o *to drink jurema* denunciam a persistência desses elementos no Catimbó.

[4] Henry Koster, *VIAGENS AO NORDESTE DO BRASIL*, 397, São Paulo, 192, tradução e notas de Luís da Câmara Cascudo.

Um jornalzinho satírico que se publicava em Natal, *O CORISCO*, afirmava no n.º 13, de 21 de outubro de 1888, referindo-se a uma pessoa da terra:

> Fui aluno do Remígio,
> Muita jurema bebi.
> Meti-me no Espiritismo
> Do Feitiço me esqueci.

Esse Remígio que ensinava a beber jurema era o famoso Manuel Remígio do Nascimento, Mestre Remígio, com vestígios na tradição oral da cidade de Natal, São José de Mipibu e Parari. Em outubro de 1900 há notícia oficial de Mestre Remígio ter sido preso pela Polícia, na lagoa Manuel Filipe, arredores da capital, "quando dirigia uma sessão de feitiçaria". Meio século passou.

O "beber jurema" continuou como sinônimo de feitiçaria e de reunião catimbozeira. Insiste em reaparecer por todo o Nordeste do País.[5] Num Candomblé de Caboclo na cidade do Salvador, macumba do Pai Quinquim que a Polícia baiana varejou e prendeu, havia um bailado bonito de negras meio nuas, ajoelhadas. Cantava o solista:

> Eu sou caboclinho,
> Eu só visto pena,
> Eu só vim em terra
> Para beber jurema!

E as negras, em coro, respondiam:

> Para beber jurema...
> Para beber jurema...

[5] No *FOLCLORE MÁGICO DO NORDESTE*, o Dr. Gonçalves Fernandes registra o Catimbó na Paraíba, com linhas, músicas, comentários e mesmo uma interpretação. Um dos encantados canta:

> *Eu venho do outro mundo*
> *Da cidade de Acais.*
> *Eu fui beber jurema*
> *Na mesa dos juremás.*

E cita: *"A jurema com aguardente corre de boca em boca e há como uma só máscara em todas as faces"*, 116, 115, Rio de Janeiro, 1938.

Numa "bruxaria" em Maceió um repórter informou que: "Correm a jurema. Um copo passou de boca em boca e começou a sessão, o alarido."[6]

A Jurema Branca, *Acacia jurema Mart.*, é mais usada que a Jurema Preta, *Mimosa nigra Hub.* Empregam-na em chás, cozimentos para banho ou em fragmentos, embebidos em cachaça como amuletos, benzidos pelo "mestre de mesa". Na forma clássica de fazer sonhar, como aconteceu ao guerreiro branco de Iracema, não há mais notícia. Nos Candomblés e Macumbas do Sul não a conhecem ou a conhecem pouco. O botânico F. C. Hoehne não encontrou a jurema entre os 327 espécimes que recolheu no *O QUE VENDEM OS HERBANÁRIOS DA CIDADE DE SÃO PAULO*, S. Paulo, 1920.

Qual será a origem do nome Catimbó? Rodolfo Garcia registra: "CATIMBAU — Prática de feitiçaria ou espiritismo grosseiro. Etimologia: Lenz, *Dicionário Etimológico*, 183, dá como provável a origem quíchua, de *katimpuy*: *"seguir uno que debia haberse quedado atrás"*; mas não julga impossível que a voz se haja ouvido primitivamente aos negros e seja de origem africana; aliás, já Zorobabel Rodrigues, *Dicionário de Chilenismos*, 311, lhe atribui essa última procedência. Área geográfica: o termo parece geral no Chile e no Brasil; mas a acepção aqui apontada, e que não está nos dicionários, é privativa de Pernambuco, onde também mais espalhadamente se usa CATIMBÓ." (*Dicionário de Brasileirismos*, Peculiaridades pernambucanas, *Revista do Instituto Hist. Bras.*, 76, 732.)

Os verbetes dicionarizados e mais conhecidos adiantam algumas polegadas. Morais, edição de 1831: "CATIMBAU — Homem ridículo. No Brasil, cachimbo pequeno, velho". Domingos Vieira, edição de 1873: "CATIMBAU — Termo do Brasil. Cachimbo pequeno. Termo chulo. Homem ridículo." Rafael Bluteau registra semelhantemente assim, como Constâncio. Os modernos copiaram os antigos. Pereira da Costa expõe mais claramente no *Vocabulário Pernambucano:* "CATIMBAU ou

[6] Artur Ramos, *O NEGRO BRASILEIRO*, 110 e 112. A macumba do Pai Quinquim é de março de 1929 e a "bruxaria" de Maceió em março de 1934.

CATIMBÓ — Mandinga, feitiçaria, sortilégio, casa de feiticeiros, sessão ou prática de feitiçarias..." Não raro, porém, ocorre a variante de CATIMBÁO, com as mesmas expressões do vocábulo, e assim figura mesmo como nome de um arraial no município de Buíque e de uma serra também ali situada; e como igualmente se vê nos vocabulários de Beaurepaire Rohan, Rodolfo Lenz e Zorobabel Rodriguez, mas com acepções diferentes, servindo apenas essas menções para demonstrar o curso de extensão que tem o termo. Como ponto mais remoto do emprego desta variante, encontramos o nome do peixe de água doce PIRA CATIMBAO, consignado por Alexandre Rodrigues Ferreira e citado por Gonçalves Dias, e, como termo, esta menção: "Inúmeras são as vítimas do espiritismo, do CATIMBAU, da feitiçaria africana, do fanatismo religioso." (*Pernambuco*, n. 310, 1913.) Sobre a sua etimologia e origem, segundo o *Dicionário Português e Brasiliense* (1975), vem do dialeto tupi do Amazonas, com a expressão de "sarro"; e como escrevem Martius e Gonçalves Dias, *catimbáo repoti* significa *sarro de cachimbo*, vindo CATIMBÁO, isoladamente, ao juízo de Alfredo de Carvalho, como corruptela de *cáatin-imbai*, mato, ou folha branca, ruim, catinga ruim, que pode muito bem ser o fumo, tabaco, a *Nicotina tabacum*, de Lineu. CATIMBÁO, segundo uma definição que encontramos, é cachimbo de tubo comprido e fumarento, e como escreve Morais, cachimbo pequeno, velho, vindo daí, naturalmente nas sessões de feitiçarias, Catimbós ou Catimbaus, figurar o cachimbo como um dos principais objetos da "mesa", e convenientemente usado segundo o grotesco cerimonial do ato. Temos assim a etimologia do vocábulo segundo as expendidas opiniões. Surge, porém, uma dúvida: CATIMBÁO era um termo corrente em Portugal, e já em voga nos albores do século XVIII como comprova o seu registro por Bluteau, com a expressão de "homem ridículo", que o abona com este anexim ou ditado português, sem dúvida originário de épocas anteriores: "Dizei ao mestre Catimbáo que se vá embora e dai-lhe com o pau." Como parece a ele, o termo vem de *cantibai*, nome de uma peça de madeira, corrente entre os carpinteiros e marceneiros franceses. Registrando Morais o termo como chulo, e do Brasil, "cachimbo pequeno, ve-

lho", como sem dúvida dá aquela mesma definição, ainda era corrente em Portugal, assim o encontrou em voga entre nós. O vocábulo, porém, já não aparece nos modernos léxicos portugueses. Entretanto, fica assim registrada a controvérsia". (215-216)

O fumo, tabaco, petim, petum, erva-santa, inseparável dos indígenas, usada na hora da morte, consolo e estimulante, não seria, evidentemente, digno de ser catinga ruim, cheiro ruim, como propunha Pereira da Costa. *Catimbáo repoti* vale dizer "excremento" do Catimbáo. Catimbáo poderá ser a forma contrata de *catí*, bolor, ferrugem, bodum, mau cheiro, e *mbai*, a coisa, o objeto, *catimbai*, Catimbáo. Catimbó, a coisa do mau cheiro, o objeto sujo de sarro, desagradável. Será que o indígena dizia e sentia esse desagrado do seu cachimbo? A explicação, convencional como a maioria de explicações, fundamenta-se nos elementos de formação disciplinados por Batista Caetano de Almeida Nogueira.[7]

De qualquer modo, Catimbó é cachimbo e ao lado desta justificativa filológica há uma tradição verbal entre os "mestres de mesa". João Juvenal da Costa Lima, Mestre Zinho, uma das autoridades na espécie, num dos momentos de confiança, disse-me que Catimbó, na significação verdadeira, "sabia pelos que sabem", "pelos mestres", "pelos velhos", "pelos antigos", era apenas "cachimbo", porque sem cachimbo não havia catimbó. Tudo se reduzia no cerimonial às invocações aos "mestres do Além" através do fumo sagrado. E os "trabalhos" do Catimbó, correspondendo aos "despachos" nas Macumbas, são conhecidos por "fumaças".

Na complicação dos dicionários há uma linha média inteligível. Bluteau ensinou que Catimbau em Portugal é homem velho, desprezível, cômico. Bluteau dizia Catimbáo vir do francês *cantibai*, uma peça de madeira. Fui ver no meu velho Valdez e deparei *cantiban, cantibay*, pau cheio de fendas, rachado, defeituoso de um lado. Seria, pois, a imagem do velho alquebrado, enrugado,

7 Batista Caetano de Almeida Nogueira, *Vocabulário das Palavras Guaranis usadas pelo tradutor da Conquista Espiritual do Padre A. Ruiz de Montoya*, "Anais da Biblioteca Nacional", vol. VII, Rio de Janeiro, 1879.

penso, mal-ajambrado. Há no Brasil a frase "cachimbo apagado" como pessoa esgotada, inútil, nada podendo fazer de útil. "Sou cachimbo apagado", dizia-me um ex-governador de Estado, fingindo desinteresse e ausência de prestígio eleitoral. Tudo, como se vê, tem seu nexo bem lógico. A cerimônia tomou nome do objeto essencial para sua realização.

Não perime a conclusão acima a possibilidade de Catimbó originar-se de voz tupi. Haveria o Cantibay francês para o Catimbáo português, homem velho, feio, e um *Catim-mbai* nheengatu para o Catimbáo-Catimbó brasileiro. Nada afasta a versão dos étimos duplos e coexistentes. Não vamos aprofundar. Cachimbo em tupi é *aoarepô* segundo Gonçalves Dias ou pitiuaú conforme Stradelli. Essencial é apurar-se que o cachimbo é catimbó e vice-versa. Esquecia-me: Adolfo Coelho acha que catimbó é africanismo. De que língua? Não encontrei rastos nos vocabulários consultados. Verdade é que os possui de idiomas dos manjacos, benguelas, quimbundos, bijagós, mandingas (residentes na Guiné Portuguesa) e seus ramos soninqués e beafadas (djolás), etc., mas nele o Catimbó é ausente.

Também para o extremo Norte do Brasil o Catimbó é pouco citado embora exista muito. O Sr. Alfredo Augusto da Mata não o incluiu no seu *VOCABULÁRIO AMAZONENSE*, Manaus, 1939. Registrou entretanto MACUMBA como "misto de catolicismo, feiticismo africano e supertições tupis", e PAJELANÇA como "ato do pajé, do feiticeiro".

ELEMENTOS ÉTNICOS NO CATIMBÓ. O CACHIMBO. INSTRUMENTOS. A CHAVE SIMBÓLICA

Negros, indígenas, europeus fundiram-se no Catimbó. A concepção da magia, processos de encantamento, termos, orações, são da bruxaria ibérica, vinda e transmitida oralmente. A terapêutica vegetal é indígena pela abundância e proximidade além da tradição médica dos pajés. Na Europa a farmácia bruxa é sempre vegetal. Como todo tratamento primitivo, aproveitando a flora sugestiva, no empirismo dos simples e drogas. O bruxo europeu já trazia o hábito e encontrou no continente a fartura das raízes, vergônteas, folhas, frutos, cascas, flores e ainda uma ciência secular aborígine na mesma direção e horizonte. A convergência foi imediata. Com o negro africano houve o fenômeno idêntico. Apenas, quando arredado dos eitos da lavoura açucareira, velho, trêmulo e sempre amoroso, assumiu a percentagem mais decisiva como mestre orientador e dono de segredos. Pelo simples fato de viver muito, existe, espontaneamente, uma sugestão de sabedoria ao redor do macróbio. Quem muito vive, muito sabe. O Diabo não sabe por ser Diabo mas por ser muito velho. Velhice é sabedoria. Velho que não adivinha não vale uma sardinha, arrenegai do velho que não adivinha, do velho o conselho, etc., reza o adagiário. O Conselho dos Anciãos na Grécia, o presbítero para a Igreja e o Senador para a república têm origem comum do vocábulo velhice-velho. O saber, de experiências feito, mantém-se na memória popular como o melhor e lógico. Doutor novo, experimenta. Doutor velho, trata. O negro escravo, de carapinha mudando de cor, negro quando

pinta tem três vezes trinta, era de indiscutido prestígio misterioso. O "negro-velho" era assombroso, "faz medo a menino", curador, rastejador, vencendo o veneno da cobra, da faca fria e da bala quente.

Angolas, Benguelas, Cabindas foram os nossos Pais Pretos, Negro do Congo, Pai Angola, Negro de Luanda, vivos nas estórias populares, anedotários, feitiços. Bantos são os topônimos negros do Rio Grande do Norte, cafuca, cafundó, cafunga, cassangue, catunda, massagana, mucambo, zumbi, buíque, cabugá. Foram amados depressa, subindo na fama coletiva. Deram amas, mucamas, amas-de-leite, mães pretas, xodós dos senhores de engenho, dor de cabeça da senhora dona, fidalgas e preteridas. O Congo ou Angola criava festa, escondendo fetiche dentro da imagem católica, elegia o seu Rei, *muchino riá Congo,* levava o povo branco e mestiço para a rua e adro da igreja nas manhãs da sua coroação, com desfiles, tambores, bandeiras, "fogo do ar", "palma de mão", beijo, joelho em terra, como a um Rei mesmo, dos antigos, no tempo em que vintém era dinheiro grande. Rainha Ginga, Henrique Rei Cariongo, nas Congadas, Taieiras, Maracatus policolores, cortejo lindo com a umbela senhorial, vieram marchando, no tempo velho, até nossos dias, impressionantes e poderosos em sua força humilde e misteriosa.

Os mais antigos "mestres" de Catimbó foram negros e ainda são, em maioria absoluta, mestiços e mulatos. Do cerimonial das macumbas dos bantos o Catimbó mantém as "linhas" significando a procedência dos encantados, nações, invocação dos antigos negros valorosos. O Pai Joaquim que "desceu" no Terreiro do Honorato, em Niterói (Artur Ramos, *O Negro Brasileiro*), costuma "acostar" nos Catimbós natalenses e sei de cor a sua "linha" sacudida e alegre. O protocolo é mais democrático e acolhedor no Catimbó pobre e sem exigências de ritualística. O *contagium psichicum* é de menor intensidade. Nunca assisti a possessão em duas pessoas ou mais, como é relativamente comum nas Filhas-de-Santo, nas macumbas gegê-nagô, a mesma defumação propiciatória com arruda e incenso, mas os cantos de "licença" e "encerramento" têm maior tonalidade católica, despidos do elemento coreiforme, dos instrumentos de percussão cuja sonoridade

monótona caracteriza o culto africano no Brasil, difuso e confuso em sua atraente mobilidade plástica.

Um elemento caracteristicamente ameríndio é o uso do cachimbo, da "marca", com o tabaco, fumo, *petum* provocador do transe.

Não conheço documento africano informando ação semelhante na África e registro de exploradores e naturalistas no século XIX.

O indígena empregava o sopro, *peiuuá,* a sucção, *piterapáua,* e a defumação, indicados pelo venerável Anchieta nos primeiros anos da colonização.[8]

No fumo obtinha-se o transe, com inalações profundas. O pajé empregava o cigarrão de entrecasca do tauari, *Curataria tavary,* com o tabaco da região. Vezes reforçava o inebriamento aspirando o cheiro do pó do paricá, *Mimosa acacioides*. O paricá provocava sonhos indicadores do futuro, e era no sonho que a Kerpimanha ou Kerepiiua, Mãe-do-Sonho, orientava e dirigia. As relações sexuais foram ensinadas por ela aos Tarianas do rio Uaupés. Karl von den Steinen não explicava como as mulheres bororos previam o regresso dos maridos, vendo-os através dos sonhos. O paricá e o carajuru, *Bignonia chica,* davam forças divinatórias pela aspiração. O "Erem", lenda dos indígenas Cubéua, diz-se que o "paié cheirou o carajuru, fumou o tavari, assoprou para fazer fugir os Maiuas, depois exclamou: — "Aí está Erem"! Ou, em nheengatu: *Paié ocetuna iací caraiurú opitera tauari, opeú omuiauáu Maía etá arama, ariré osacemo: Aicué ápe Eren!*[9]

A fumaça atirada como bênção, esconjuro poderoso, uma "permanente" do Catimbó, articula-se com a liturgia indígena, observada nos séculos XVI e XVII.

Jean de Léry registra em 1557, numa cerimônia tupinambá reservada aos guerreiros: "Os caraíbas não se

8 "Costumam esfregar, chupar e defumar os doentes nas partes que tem lesas e dizem que com isto os sarão e disto ha muito uso." (Anchieta, *INFORMAÇÃO DO BRASIL*, 25, Cartas Avulsas, 307). Sobre o sopro entre os indígenas, Stradelli, 595, e os cronistas coloniais. É de universal uso, Frazer, Frobenius, Tylor, Gusinde, etc.

9 Stradelli, Vocabulários, etc. 765, *Revista do Instituto Histórico Brasileiro,* vol. 158, Rio de Janeiro, 1929.

mantinham sempre no mesmo lugar como os outros assistentes: avançavam saltando ou recuando do mesmo modo e pude observar que, de quando em quando, tomavam uma vara de madeira de quatro a cinco pés de comprimento em cuja extremidade ardia um chumaço de petum e voltavam-na acesa para todos os lados soprando a fumaça contra os selvagens e dizendo: — "Para que vençais os vossos inimigos recebei o espírito da força! — E repetiam-na por várias vezes os astuciosos caraíbas." (*VIAGEM À TERRA DO BRASIL*, 194, S. Paulo, 1941.)

Como Léry vira no Rio de Janeiro quinhentista, Frei Ivo d'Evreux anotou no Maranhão de 1613. Benziam os pajés águas *deitando também fumaças de Petum*, podendo *comunicar seu espírito aos outros, isto é, por meio da erva Petum introduzida numa caniço, de que eles puxam a fumaça, lançando-a sobre os circunstantes ou soprando-a mesmo da cana, exortando-os a receber seu espírito e sua virtude.* (*VIAGEM AO NORTE DO BRASIL*, 313, 314-315, Rio de Janeiro, 1929.) O capuchinho adiantou: "Parece que este cauteloso dragão quer com tal cerimônia falsa imitar Jesus Cristo quando deu seu espírito aos Apóstolos, e o seu poder aos seus sucessores para transmiti-lo aos iniciados nas ordens sagradas. Assim se lê em São João: *Insufflavit et dixit eis, accipite Spiritum Sanctum:* soprou sobre eles, e lhes disse: Recebei o Espírito Santo", idem, 315.[10]

Gaffarel, anotando Léry, cita ainda o registro geral dessa tradição em Lubbock, *Origines de la Civilisation*, 235, e Besanier, que a dizia comum à Flórida, *Histoire Notable de la Floride*, 93, ed. Elzvir.

No velho tempo havia o maracá redondo, feito sempre de cabaço, com grão de semente em número ímpar.

10 Numa confissão de Gonçalo Fernandes ao Santo Ofício, 13 de janeiro de 1592, reaparece o uso do fumo como processo religioso. Gonçalo Fernandes informava que os indígenas, para a banda do Jaguaribe, "fingiam trazer contas de rezar como que rezavam e falavam certa linguagem por elles inventada e defumavam-se com fumos de herva que chamam Erva Santa e bebiam o dito fumo até que cahiam bebados com elle dizendo que com aquelle fumo lhe entrava o espírito da santidade." (*CONFISSÕES DA BAHIA*, 1951-1592, 87, Rio de Janeiro, 1935.)

Jamais aparecia o maracá de folha-de-flandres. Ainda hoje nos Catimbós a "marca-mestra" é invariavelmente de origem vegetal, vareta com um cabacinho na ponta, como maracá.

O maracá de sementes vegetais não é exclusivo do continente americano, mas já o possuíamos quando do descobrimento. Há iguais no Sudão e na Guiné. O Sr. Artur Ramos notou haver um ritmo especial anunciador de cada "mestre" ou orixá que se incorporava nas Macumbas e Candomblés. Hans Dietschy, citando uma nota de Frobenius, informa que os Haussás do Sudão têm um processo de cura por meio de música, uma espécie de violino e o universal tambor, *dedicando a cada um dos muitos espíritos a melodia que lhe pertence.* Essa melodia é que se chama "Linha" no Catimbó.

O sincretismo religioso faz convergir objetos e atos católicos para o culto negro, de mistura com reminiscências indígenas. Nos Catimbós são vistos e empregados o Crucifixo, Cristo na posição da crucificação, mas sem a cruz, Santo Antônio, Santa Bárbara,[11] incenso, velas acesas, persignações, orações populares como a Magnífica *(Magnificat)*, Ofício-de-Nossa-Senhora, Forças-do-Credo, Santo Amâncio, Santo Sepulcro, Pedra Cristalina, as invocações rituais a São José para abrir e fechar a "mesa", iniciando e encerrando a sessão. A chave de aço, virgem de uso em fechadura, é empregadíssima. O Sr. Fernando Ortiz encontrou-a entre os descendentes dos iorubanos bruxos de Cuba e usam-na como *mascote* nos colares. Nos balangandãs baianos a chave aparece. No venerável *LIVRO DE S. CIPRIANO* a chave é indispensável para fechar o corpo do fiel, fazendo o "religioso" os gestos de quem está fechando uma porta, no peito do enfermo.

Essa chave, chavinha, facilmente encontrada nas orações-fortes, é figuradamente a chave do Sacrário, onde se guarda a Hóstia, a Santa Partícula. Usando-se qualquer, desde que não tenha emprego anterior, o ideal seria a

11 Santa Bárbara, defensora durante as tempestades, trovões e raios, é identificada nos Candomblés a Xangô, orixá dos Raios, tem vasta devoção evocatória, nesses momentos de comoção, em Portugal e Brasil. São muitas as orações iniciadas pela frase "Bárbara a bendita". Ocorre freqüentemente associada a São Jerônimo.

própria, uma legítima chave de Sacrário, um dos amuletos de mais prestígio como afastador de perigos ocultos e forças contrárias. Na cerimônia de "fechar o corpo" a chave intervém cerrando as "entradas" e pontos fracos do corpo. Aparece freqüentemente entre berloques e jóias baratas, pendendo de um cacho confuso de adornos de metal industrializados. A significação pode escapar a muitos, mas a utilidade simbólica é um dos elementos do Catimbó.

"MESA" DE CATIMBÓ. FUNCIONAMENTO. OS PREPAROS

Diz-se "Mesa" a uma sessão de Catimbó. "Fazer mesa" é abrir uma sessão. Empregam o mesmo termo para o Candomblé, quando de consultas com o Pai-de-Santo. O trabalho do "mestre" não se chama feitiço nem muamba, coisa-feita ou canjerê. O mestre que entende de Catimbó diz sempre "fumaça". O trabalho para o Bem, tratamento médico, remédios e conselhos, orientações benéficas, dádivas de amuletos, é a *fumaça às direitas*. Trabalho para o Mal, vinganças, dificultar negócios, obstar casamento, enfermar alguém, conquista de mulher casada, despertar paixão *sem ser para bom fim*, é a *fumaça às esquerdas*.

Há os dias recomendáveis, especiais e típicos para cada gênero de "fumaça". Para a "fumaça às direitas" são indicadas as segundas, quartas e sextas-feiras. "Fumaça às esquerdas", terças, quintas-feiras e sábados. Domingo não é bom dia para "fumaça". Pode servir apenas de consulta, conversa, "maneira" de conselhos, receituário de pouca importância. Os "mestres do Além" têm seu dia de descanso e não é prudente incomodá-los. Os deuses não amam a insistência, dizia Petrônio. Nas Macumbas e Candomblés o domingo é o dia de todos os Orixás. No Catimbó é descanso dos invisíveis.

O arbítrio do "mestre" dirige a disposição e número de objetos necessários às sessões. Alguns são indispensáveis, outros dependem das simpatias do "mestre".

Sobre uma mesa de pinho dispõem os "preparos". No centro está a "princesa", bacia de louça branca ou

clara,[12] entre duas "bugias", velas, acesas ao começo da
"fumaça". Dentro da "princesa" põem um pequenino
Santo Antônio de madeira. Ao lado da "princesa" fica
a "marca", cachimbo grande, já sarrento, de cabo com-
prido. Certos "mestres" mais autorizados ensinam que o
cachimbo é o verdadeiro Catimbó e seu segredo.[13] Cha-
mam-no "marca-mestra", reservando o nome simples de
"marca" para uma vareta de madeira que tem à extre-
midade um cabacinho com caroços secos, espécie de ma-
racá. Outros "mestres" invertem a denominação. Cha-
mam "marca" ao cachimbo e "marca-mestra" ao mara-
cazinho. Os caroços da "marca-mestra" são sempre em
número ímpar, *numero deus impare gaudet*, afirmava
Virgílio. Sem uso em muitos Catimbós do meu conhe-
cimento, a "marca-mestra" é infalível nos Catimbós mais
fiéis à Pajelança amazônica, ritmador das cerimônias,

12 A bacia é objeto da bruxaria européia. *"A Bacia de Água era empregada para adivinhações, como na sorte do chumbo, ou na sorte das luzes."* (Teófilo Braga, *O POVO PORTUGUÊS*, etc., II, 202.) É o alguidarinho, citado por Gil Vicente no *Auto das Fadas*, 1511.

13 Um pai-de-terreiro pernambucano, José Claudino de Almei-
da, escrevia em março de 1935 ao Dr. Olício (Ulisses Pernambuca-
no): *"E eu antes de conhecer Changou já comia e já bebia e já
vestia para isto eu tenho as minhas outras leis meu caximbo grande
para me defender."* Esse *caximbo* grande é o Catimbó. O Babalori-
xá conhecia, além de Xangô, outras leis de viver à custa dos En-
cantados. O trecho citado é de documento publicado pelo Dr. Gon-
çalves Fernandes, *XANGÔS DO NORDESTE*, 39, Rio de Janeiro,
1937. Nuns versos populares que registravam a missão do "Profeta
de Tambaú" havia a proibição do cachimbo e da cachaça como ca-
racterísticas do Catimbó (Gonçalves Fernandes, *O FOLCLORE MÁ-
GICO DO NORDESTE*, 158-9):

Podem fumar o cigarro
O cachimbo, este não.
Porque o cachimbo é
Da mandinga a oração.
Não vede os catimbozeiros
Andam de cachimbo à mão.

O aguardente também
Não devem nunca abusar.
Podem tomar a cerveja
Que mal não lhe vem causar.
Nas sessões de catimbó
Vê-se aguardente a fartar.

anunciando a presença dos "mestres" reais, alegria, có-
lera, curiosidade ou malícia, mágoa ou afastamento, pelo
aceleramento das batidas, do *andante cum moto* até um
allegro cum fuoco.

O fumo para o cachimbo, "marca" ou "marca-mes-
tra", não é o comum. Misturam-no com incenso, benjoim,
alecrim, plantas aromáticas. Em determinados "traba-
lhos" ou "fumaças", o "mestre" opera com tabaco tendo
composição diversa, mata-pasto, jurubeba, casco-de-burro,
jurema. A primeira mistura é a ritual para a defumação
propiciatória no início da "mesa". Durante os "trabalhos"
pode-se fumar à vontade. Charuto diz-se *mussuí*.

A "princesa", bacia de louça, não está colocada dire-
tamente sobre a toalha da mesa e sim pousando numa
rodilha de pano não servido, pano limpo, virgem e são.
Diante do "mestre" está um crucifixo, à esquerda a chave
de aço, virgem de qualquer uso, limpinha e reluzente,
infalível e característico para abrir e fechar sessões, e
simbolicamente o corpo dos consulentes. Recorda, na
bruxaria européia, a santa chave do Sacrário, furtada para
uso no feitiço.

Em cima da mesa estão vários papeizinhos enrolados
em canudos. Servem para acender os cigarros ou cha-
rutos da assistência. Apanha-se um desses canudinhos de
papel, faz-se o sinal da cruz com ele, no ar, antes de
tocar na chama das velas. Com o papel aceso, acende-se
o cigarrão ou charuto barato. Não se toca na chama das
bugias antes do sinal da cruz.

O "mestre" só fuma o seu cachimbo às avessas, pondo
a boca no fornilho e soprando a fumaça pelo canudo.
Entre os mestiços Pancararus, do Brejo dos Padres, em
Tacaratu, Pernambuco, o Prof. Carlos Estêvão, então di-
retor do Museu Goeldi em Belém do Pará, assistiu em
janeiro de 1938 à festa secreta do Ajucá, preparação da
Jurema para ser religiosamente bebida. O velho Serafim,
que dirigia a cerimônia, repetiu o ritual catimbozeiro de
que seria origem sua raça: "Acendeu um cachimbo tu-
bular, feito de raiz de jurema e, colocando-o em sentido
diverso, isto é, botando na boca a parte em que se põe
o fumo, soprou-o de encontro ao líquido que estava na
vasilha, nele fazendo com a fumaça uma figura em forma

de cruz e um ponto em cada um dos ângulos formados pelos braços da figura."[14]

No Catimbó o "mestre" acende o cachimbo e, com a boca no fornilho, sopra fumaça para os quatro pontos cardeais, "quatro cantos da casa", e monologa baixinho uma oração ininteligível mas perfeitamente católica, com invocações a Jesus Cristo e aos santos da Corte do Céu. Depois canta a "Linha da Abertura":

Abre-te mesa,
Abre-te Ajucá!
Abre-te os portões
E varandas reais!
Abram-se os portões e varandas e cortinas reais!

Segue a "Linha da Licença":

Senhores Mestres eu quero
Senhores Mestres vá,
Quero que me dê licença
Vamos trabalhar!
Com o poder de Jesus Cristo,
Vamos trabalhar!

Eu trago a chavinha
Do Vajucá,
Abrindo os portões
E varandas reais!
Eu trago a chavinha
Do Vangalô!
Abrindo os portões
E varandas eu vou!

Canta-se a "Linha da Licença das Velas":

Meu São José
Acendei-me estas velas!
Santa Cecília
Varrei-me os caminhos!

[14] FRONTEIRAS, janeiro-fevereiro de 1938, ano VII, 1-2, Recife. Semelhantemente o Sr. Gonçalves Fernandes registrou nos Catimbós da Paraíba: *"A catimbozeira defuma soprando com a boca no recipiente de fumo ao cachimbo, para que a fumaça saia pela boquilha."* (*FOLCLORE MÁGICO DO NORDESTE*, 88.)

Meu Sant'Antônio
Me ponde em guarda!
Santa Luzia
Dai-me a vidência!
Já vem chegando e já
Os bons saberes
Do Outro Mundo.
É o Rei! É o Rei! É o Rei!
Trunfei! Trunfá! Trunfa Real!...

Quando o "mestre" diz "abre-te" ou "fecha-te", tem a chave na mão e faz os respectivos movimentos. Abre-se para a direita e fecha-se para a esquerda. Encerra-se a sessão cantando as mesmas cantigas, substituindo-se o "abre-te" pelo "fecha-te". Apagam-se depois as duas velas e reza-se uma oração a Jesus Cristo Nosso Senhor agradecendo os favores recebidos através dos bons espíritos dos "mestres curadores". É uma oração de manual espírita.

Durante os "trabalhos" não se fala. Fuma-se e bebe-se muito. Bebe-se aguardente que tem o nome indígena de "cauim". O "cauim" é servido em pequeninas cuités, cuias bem limpas, passando de mão em mão, com assiduidade mecânica. Homens e mulheres levantam a cuité com a mão direita e sorvem fechando os olhos. Não sei se há tradição no gesto. Bebi com os olhos abertos e ninguém me corrigiu.

O cauim ajuda os "mestres". Não há "mestre" abstêmio. O próprio "mestre do Além", incorporado ao "mestre" material ou noutro fiel, bebe. Pede cauim e lhe dão a garrafa e não a cuité. O mestre emboca a garrafa mas não ingere o líquido. Bebe o "espírito", a "sustança" do cauim. Devolvendo a garrafa, ainda cheia, o cauim está fraco, sem as "forças" que o "mestre" absorveu.

A sessão dura às vezes horas e horas. Na ordem tradicional não pode ultrapassar a meia-noite, mas com o poder de certos "mestres" há licença do Além e a "mesa" se prolonga entre a fumaçarada dos cigarros e o giro regular do cauim.

TRANSE E POSSESSÃO

No Catimbó não se diz que um "mestre do Além" se materializou ou se incorporou.

Diz-se "acostou" e "desacostou".

Outrora somente o "mestre", o "mestre da mesa", tinha a honra de ficar atuado, servindo seu corpo para a comunicação com um "mestre do Além", invisível e sabedor. Só o "mestre" cantava, falava, receitava e dirigia. Hoje os "mestres do Além" democratizaram-se. "Acostam" em muita gente mas são sempre orientados, perguntados pelo "mestre da mesa". As receitas medicamentosas são privativas do "mestre curador" e este só age por intermédio do "mestre da mesa". Um "mestre do Além" conversa, pilheria ou ameaça, através de uma devota; mas, se for indicar remédios, "desacosta-se" e vai "acostar" ao "mestre da mesa", elemento de respeito habituado ao transe e ao processo de transmitir os "bons saberes".

A vinda do "mestre do Além" é a "manifestação" do Espírito nas sessões espíritas. Não há a espetaculosidade sugestiva da "caída do santo" num terreiro de Candomblé. Vezes apenas a mudança do timbre de voz denuncia que um invisível "acostou" e "quer comunicar", aproveitando o estado de receptibilidade de um assistente. Pela fisionomia do "mestre da mesa" esses "acostamentos" não são muito agradáveis. Um "mestre do Além" pode estar possuído pela mania de ser engraçado e ninguém achar graça no seu palavreado. Também, por mera coincidência, certos recalques pessoais são sublimados durante essas atuações hiperterrenas. E o alvejado pelos desaforos não pode reagir porque não se trata de "cria-

tura de sangue" mas de um ser poderoso, do Além, com as "forças".

No "mestre da mesa" o transe é sempre provocado pelas profundas inalações do fumo ou respiração forte, cadenciada, olhos fechados. Não há, como no ritual dos Candomblés gegê-iorubanos da Bahia, o privilégio das *iauôs*, filhas-de-santo, receptoras dos Orixás. Com a influência banto, o Catimbó é menos exigente, possibilitando a possessão do "espírito" em qualquer pessoa iniciada, isto é, crédula freqüentadora, ou não. Vezes há em que um consulente é "acostado" e vira "médium".

A mãe-do-terreiro, um babalorixá pernambucano, precisaria "estudo" para dirigir uma "mesa" de Catimbó, administrando a sucessão dos "acostamentos" inesperados e atrapalhantes para sua autoridade religiosa.

Nunca assisti no Catimbó às manifestações do "acostamento" com a dramaticidade dos Candomblés baianos ou das Macumbas do Rio de Janeiro. Nesses, a filha-de-santo logo que atuada se modifica, desmaia, estorce-se, com explosões de movimentos sacudidos, ou fica estática, braços para cima, fazendo caretas, roncando, sendo carregada para o *peji* onde então falará, mais serena, pela voz do Orixá, em plena possessão do deus africano. O "cair no santo", com suas convulsões ou imobilidades impressionantes, está bem longe do cerimonial amável de um "mestre" na visita cordial a um Catimbó nordestino.

Sucede, naturalmente, que há "mestres" ferozes, sem piedade para o "aparelho" que os hospeda, e dão para pular, berrar, tremendo em coréias sem fim, agredindo o auditório com obscenidades ou caindo espetacularmente ao solo, com espuma na boca, membros crispados, gargarejando ameaças. Aí intervém o "mestre da mesa" com sua ciência para "desacostar" o deseducado, indo desde a persuasão doutrinária até a ordem imperiosa, fundada no prestígio que possuirá de um outro "mestre", mais poderoso no Além.

Vezes o "acostamento" subitâneo de um "mestre" leva o "mestre da mesa" a situações perigosas. Como não há, na espécie, ninguém com mais "força" que ele próprio, a luta se dará intimamente, entre a violência dos esconjuros e orações fulminantes, mas a assistência vê apenas uma tempestade de movimentos e uma verdadeira explosão sonora de palavras pronunciadas com alucinante velocidade.

A atenção fatigada, sugestão oral, saturamento pela sedução ambiental, estado personalíssimo de morbidez, predisposição, explodem, numa soma de fatores imponderáveis, no fenômeno da possessão. A impressionabilidade mestiça, aguda e plástica, está nos Catimbós diminuída pela ausência do ritmo, tão poderoso nos Candomblés e Macumbas. Não há instrumento nos Catimbós e apenas música cantada, em uníssono, atua como elemento de transbordamento, possibilitado pelo *contagium psychicum*.

O "mestre da mesa", que chamam popularmente "catimbozeiro", embora seja insultuoso, desperta espontaneamente porque ninguém possui a ciência para "desacostá-lo". Noutros fiéis que estão "acostados", o "mestre" despede o "espírito" batendo-lhe a mão espalmada na testa e dizendo, alto: *Trunfei! Trunfá! Trunfa Real!*

O ambiente em penumbra, a assistência silenciosa e crédula, o aspecto do "mestre", hirto e solene, com a "marca" evocadora, o canto das "linhas", algumas de penetrante melodia embriagadora, as doses repetidas de aguardente, terminam obtendo um estado de apatia, de prostração, de curiosidade assombrada, de pavor inconsciente. A personalidade se dissipa vagarosamente no contato coletivo e terminamos sendo apenas mais um elemento de repercussão nervosa, um transformador psíquico para as altas tensões do mistério natural e da simulação espontânea do Catimbó.

O "MESTRE". A "SEMENTE". REINADOS E ALDEIAS. DEVERES DO "MESTRE". AS "MESTRAS". O TABU DO MÊNSTRUO. CONTINÊNCIA SEXUAL. A VIRGEM

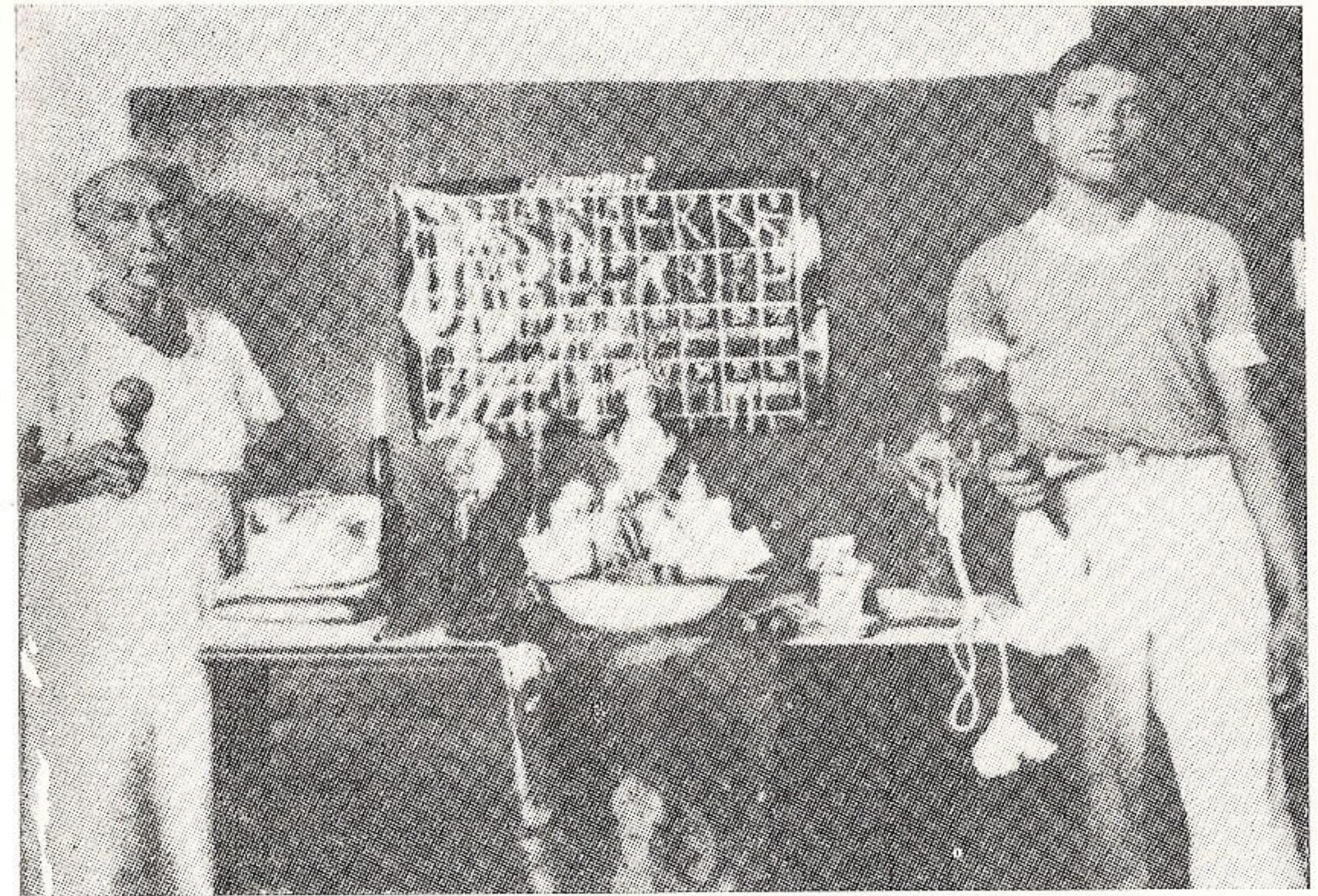
O "mestre", "mestre da mesa", o catimbozeiro que a Polícia persegue e que é consultado pelas donas ricas e homens importantes, raramente é um branco, como João Juvenal da Costa Lima, o famoso Mestre Zinho que desfrutou, durante anos em Natal, a soberania absoluta da ciência popular no Catimbó. A maioria é de pretos, Mestre Benedito, da Serra da Raiz, na Paraíba; Remigio,[15] de Papari, no Rio Grande do Norte; Mestre Pequeno, do Brejo da Mãe de Deus, em Pernambuco; João Germano das Neves, que "fechou o corpo" de Mário de Andrade em Natal; Mestre Jurumim (João Cândido de Souza), no Recife; Mestre Xinin (Francisco Vieira dos Santos), em Belém do Pará. Também as mulheres são "mestras", como podem ser mães-de-terreiro na Bahia. Um exemplo, formosíssimo, é o da Mestra Maria Brasilina, de Terra Santa, Faro, de indiscutível prestígio.[16] Uns são analfabetos,

[15] Manuel Remígio do Nascimento. Faleceu na cidade do Natal na primeira década do século XX. Morreu de maracá em punho, abrindo e fechando sessões, respondendo a consultas e visitando a Cadeia Pública.

[16] Sobre Maria Brasilina escreveu José Carvalho: "Para sua casa, em Terra Santa, Faro, havia uma romaria constante de pessoas que vinham dos mais remotos lugares do rio Amazonas e seus afluentes. Até pessoas das mais altas classes sociais de Belém e Manaus lhe foram consultar o oráculo. Entre elas, viu-se, um dia, a esposa de um Governador do Amazonas." (*O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará*, Belém, p. 33, 1930.)

como Mestre Dudu (Raimundo Nonato da Silva), mas a mais alta percentagem lê Espiritismo, livros de exoterismo, copiando invocações, atitudes e fraseados. As palavras "médium", "guia", "aparelho" são correntes. Nalguns Catimbós a influência da prática espírita é dominadora. Os jornais, então, anunciam o Catimbó como "baixo espiritismo".

Outrora o "mestre" era o único a receber a visita do Além. Só ele conhecia os "mestres" invisíveis, sabendo a divisão dos "reinados" e as tendências de cada um, para o Bem e para o Mal. Hoje, o Espiritismo nivelou as visitas astrais, fazendo-as possíveis a qualquer assistente. Ao "mestre" resta o poder de supervisionar o receituário ou negar-lhe autenticidade. Como resquício de sua autoridade funcional ficou o direito de "fazer mesa", "abrir e fechar" a sessão, tendo ciosamente guardados os segredos da "arte", "fechar o corpo", remédios poderosos, receita das "sete massas", certas garrafadas misteriosas, feitiços para o amor, o ódio, os bons negócios. Júlio César da Câmara, um meu informante, encontrou numa Pajelança em Belém do Pará um globo de cristal, moderníssimo, para consultas. As "mestras" habitualmente "deitam cartas". O Catimbó, pelo exposto, é o estado derradeiro antes da absorção diluidora.

"Mestre", além de dirigir "mesa", não é o que sabe maior número de segredos rendosos. Pode haver o charlatão com um poder absoluto sobre a popularidade. Mas há um sinal exterior, inconfundível, fixando a legitimidade, a autenticidade do "mestre" real. Não há simulação e dinheiro para esse signo superior de autoridade incontestável. Só o "mestre" exibe a "semente". Não há "mestre" sem "semente". E a "semente" é uma dádiva sobrenatural, acima dos recursos financeiros ou da habilidade humana. A "semente" é um nódulo, espécie de quisto, pequenino, visível por baixo da pele do "mestre". Pode ser na palma da mão, como a de Mestre Zinho, ou no lóbulo da orelha, como em Mestre Germano. A "semente" é flácida à palpação e tem uma cor vermelho-escura, roxa e até negra. Um "mestre do Além" promete a um "mestre" a suprema oferta de uma "semente", prêmio aos merecimentos pessoais do devoto. Outro "mestre do Além" é encarregado de trazer a "semente" e co-

A Velha Elisa e José Francisco, visitados pela Polícia em 1939, expõem, em conjunto, a aparelhagem típica e completa de um Catimbó. À esquerda, a Velha Elisa com a "marca-mestra" na mão e José Francisco à direita. Na parede do fundo um quadro vulgar de cartomancia. Sobre a mesa, pela sinistra, livros de Espiritismo, uma bugia no gargalo de uma garrafa de "cauim". Um Santo Antônio de Lisboa, pedaços de madeira e raízes convencionalmente vindos do Pará, baralhos, vidrinhos com essência de laranja, sumo de mastruço, etc., um crucifixo de madeira tendo nos braços dois pequeninos vultos de Jesus Cristo em metal envolvida a cruz com um cordão de São Francisco, e por detrás outra bugia. No meio da mesa a "princesa" (bacia de louça), cheia dos mais disparatados objetos, estrela do mar, cachimbos ("marca"), folhetos, três bonecas de pano, a do centro com um grande espinho cravado no pescoço destinado pela magia simpática a causar a morte à mulher representada na boneca (mulher branca porque a boneca é branca). Encostada à parede outra "marca-mestra", cabacinho com sementes na extremidade de uma varinha. Em cima de um caixãozinho, disfarçado com papel, o vulto em gesso de IRACEMA, a CABOCLA IRACEMA, rainha de Tanema, trabalho feito em Belém do Pará e pela primeira vez observado num Catimbó. Junto a Iracema um vidrinho cheio de sal. Pela mesa, com os pedaços de pau, rolinhos de fumo. Por debaixo da "princesa", prolongando-se para fora da mesa, um pano vermelho-escuro com desenhos, três figuras femininas, uma loura e duas morenas. Fora adquirido em Belém do Pará e era dado pelos catimbozeiros como sendo as imagens das Mestras Anabar, Faustina e Balbina. Essas figuras desnorteiam o rumo psicológico do Catimbó que indo para o antropomorfismo, quando, de mais a mais, devia abstrair-se das representações, parece fixar-se por muito tempo no sincretismo religioso em vez de dissolver-se no "baixo espiritismo" medicamentoso.

locá-la no corpo do discípulo, em hora e situação que este não sinta a operação. Num belo dia verifica que possui a consagradora "semente" que o sagra "mestre".

Mestre Zinho tem a "semente" desde 1917. Mestra Anabar prometera-lhe seriamente e demorou vinte e um meses para cumprir a promessa, apesar das súplicas do candidato. No Dia de S. José, 19 de março (invoca-se S. José na "abertura da sessão"), Zinho, olhando para a palma da mão, viu a pequenina excrescência que o sagrava. Anabar lhe dera a "semente" mas Mestra Faustina fora a portadora e cirurgiã. Anabar dissera que a "semente" estava na palma da mão porque Mestre Zinho era muito esperto e merecia "sinal encoberto".

Essa "semente" é o Fetal dos feiticeiros portugueses.[17] Teófilo Braga informa: "...a pedra que se emprega no pacto com o Diabo, da feitiçaria do século XVI, ainda se conserva nos costumes de Cabo Verde, na ilha de S. Tiago; dá-se ali o nome de Fetal a uma pedrinha mágica, do tamanho de um grão de mostardeira, que as pessoas que fazem pacto com o Diabo recebem no sítio chamado Água da Má Marta. A pedrinha é metida debaixo da pele, e aquele que a traz em si, o Fetalista, fica para sempre livre de desgraças embora não chegue a ser rico". (*O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições*, 2.° vol., p. 65, Lisboa, 1885.)

A "semente" é a "borla e capelo" do curso. Nada mais precisa saber e tudo pode aprender porque conhece os "caminhos".

Todo "mestre" aprendeu com um outro. Ensino oral, aprendizagem direta, assistindo, perguntando, repetindo gestos, orações e fórmulas. Naturalmente a melhor técnica pertence ao mais inteligente, mais curioso perguntador. E o corpo da "ciência" não é inamoldável às modificações individuais do novo "mestre". Há segredos pessoais, descobrimentos, achados, conclusões que não pertencem ao curso. Em cada geração aparecem livros, histórias diversas, interdependências, influências, simpatias, convergências, sincretismos que se amalgamam. O curso pode ser feito em poucos anos ou demorar muito.

[17] No "Livro de S. Cipriano" fala-se muito na "semente de Feto" colhida na meia-noite do dia de S. João.

As "Universidades" mais conceituadas são Belém do Pará e Manaus. Os "mestres" citam constantemente os grandes nomes da Pajelança amazônica, referindo os poderes extraordinários possuídos pelos velhos "pajés" de cinco, sete e nove fôlegos, sabedores de todas as raízes, folhas e cascas da flora secreta. Entendiam a fala dos bichos e eram respeitados por toda a coisa viva e morta. Com o passar dos tempos o Pajé onisciente passou a mero curandeiro, fazedor de puçanga, título pejorativo, inferior à classe aristocrática do passado.

Alguns "mestres" célebres nasceram sabendo, predestinados, senhores dos mistérios irresistíveis. Mas já não existe homem com essas virtudes. *"Hoje não há mais Paié, somos todos curandeiros"*, queixava-se o velho Taracuá ao conde Ermano Stradelli, o claro estudador da vida indígena amazônica.[18] Houve "mestre" que "trabalhava" em todos os *reinados*. Tudo passou porque o povo peca demais e há pouco merecimento para com os "mestres do Além".

O Mundo do Além é dividido em Reinados ou Reinos. A unidade é a aldeia. Cada aldeia tem três "mestres". Doze aldeias fazem um Reino, com trinta e seis "mestres". No Reino há cidades, serras, florestas rios. Quantos são os Reinos? Sete, segundo uns. Vajucá, Tigre, Canindé, Urubá, Juremal, Fundo do Mar e Josafá. Ou cinco, ensinam outros. Vajucá, Juremal, Tanema, Urubá e Josafá. Um Reino compreende dimensões, com topografia, população e cidades cuja forma, algarismo e disposição ainda não foram fixados pelos "mestres" terrestres.

[18] Pajé não é qualquer. Só os fortes de coração, os que sabem superar as provas da iniciação, que têm o fôlego necessário para aspirar a ser pajé. Com menos de cinco fôlegos não há pajé que possa afrontar impunemente as cobras venenosas; é preciso ter mais de cinco fôlegos para poder curar as doenças com a simples imposição das mãos e com o cuspo as mordidelas das cobras venenosas. Os pajés que têm de sete fôlegos para cima lêem claro no futuro, curam a distância, podem mudar-se à vontade no animal que lhes convém, tornar-se invisíveis e se transportar de um lugar para outro com o simples esforço do próprio querer, etc. (Stradelli, *Vocabulários da Língua Geral*, p. 585: "Rev. Inst. Hist. Bras.". tomo 104, volume 158, 2.º de 1928. Rio de Janeiro, 1929. Sobre o Pajé dos Indígenas Cuna e suas semelhanças, ver Erland Nordenskiold: *Faiseurs de Miracles et Voyants*, separata da "Rev. Ins. Etn. de Tucuman", tomo II, p. 459. Tucuman. 1932.)

Os Reinos mais conhecidos e povoados pelos "mestres do Além", poderosos e curadores, são Vajucá e Juremal.

A maioria dos "mestres" é masculina e superior a cinqüenta anos. Um catimbozeiro moço como José Francisco, mesmo sabedor e atrevido, não se imporá à fama. Substituirá a autoridade pela habilidade e terminará anulando o nome pela simulação evidente. Os verdadeiros, os reais, os sinceros "mestres" são homens maduros, veteranos na prática e sabendo evocar os sucessos e as viagens. O bom e sábio "mestre" de Catimbó não é sedentário. Precisa viajar, ir e vir, atendendo ou fingindo atender às consultas distantes, mantendo o lume vivo do renome pelo constante sopro nas brasas. Os "mestres" de certa fama apresentam-se bem, limpos, sabendo conversar e alguns mesmo discutindo ou inventando "ciência". O catimbozeiro sujo, com vícios de bebida, repugnante, não sustenta "mesa" nem mantém clientela. João Germano das Neves, Mestre Germano, o devoto de Xaramundi, freqüentava minha casa e ninguém o identificou como catimbozeiro. Decente, colarinho e gravata (o *slack* ainda não viera), sapato asseado, sustentava conversa e todos o tinham por um pequeno comerciante ou proprietário de estábulo. Só alguns, mais íntimos, sabiam que se tratava de um familiar aos "mestres do Além", afilhado de Príncipes invisíveis e misteriosos. Germano tinha tal confiança no Catimbó que fizera uma "linha", a "linha do Mestre Germano", para os futuros devotos o reconhecerem depois de morto.

Um "mestre" de Catimbó ladrão, recebendo dinheiro e não fazendo o "trabalho",[19] é cognominado "porco" e

[19] O "mestre" de Catimbó, dos mais humildes e mesmo "trabalhando só", sem curupiro e sessão, não chega à degradação do cinismo. Mantém a tradição do Feiticeiro, meio grave, meio bom rapaz. Podem naturalmente incidir sobre ele todos os erros e deslizes mas ninguém o acusa de não ter correspondido a uma percentagem do que prometeu. Na proporção que o mestre trabalha solitário nas grandes cidades vai-se agradando da simulação maior e ganhando um sincronismo intenso, religioso e social. Mistura os processos e "o que vier na rede é peixe". O mesmo se verifica com os pais-de-terreiro, num plano de aproveitamento e desmoralização. Os nomes de alguns valem como resumo da impressão popular sobre eles: Pedro de Telha, Mané Sua Pata Qué Pô, Cachimbinho Verme-

quem o procura denuncia predileção especial pelo "errado". Ao contrário do pai-de-santo pederasta, imitando mulheres, o "mestre" faz uma questão severa de manter "respeito de homem". Fala-se, naturalmente, do Catimbó tradicional, sem as extremas de miséria, evidenciando a precariedade da profissão. Um mestre abastardado, somítico, gatuno, bêbado, sujo, não merece consultas nem terá "poderes" e "saberes" justificadores de uma "mesa" concorrida. Esses elementos não anulam um babalorixá

lho da Aldeia da Asa de Morcego, Sete Penachos, Pedro Sete Diabos, Coice de Burro, etc. (Édison Carneiro, *CANDOMBLÉS DA BAHIA*, "Revista do Arquivo Municipal", LXXXIV São Paulo.) O mesmo autor transcreve uma sátira popular contra um pai-de-santo desonesto, cheia de sabor local:

Foi à casa de um pai-de-santo,
pra tratar de um quebranto
e de uma separação;
com três filhinhas, abandonada,
do marido desprezada
sem razão.

Mandou abrir uma mesa
pra saber porque seria
que o marido foi-se embora
e se ainda voltaria.

O pai-de-santo aproveitou-se
desta bela ocasião:
pediu oitenta mil réis
para o "trabalho do chão."

Pediu para o trabalho
vinho branco e mel de abelhas
e um galo arrepiado,
desses das penas vermelhas,
três garrafas de azeite,
um cabrito e um peru
e uma roupa do marido
para o "despacho" de Exu.

Pediu um alguidar,
três moedas de dez réis.
— Pra seu marido voltar,
dê cá cinco contos de réis...

E a mulherzinha
caiu neste rio seco.

No outro dia o pai-de-santo
tratou de "quebrar no beco".

porque há, em redor, o corpo fiel das filhas-de-santo, sustentando o culto do orixá, apesar da ignomínia do seu ministro. A conduta do "mestre" no Catimbó exige, pela sua função individual e sem complexo ritualístico num séquito devoto, atenção maior. Peca-se escondido. Não é pecar, dizia Tartufo:

Le scandale du monde est ce qui fait l'offense,
Et ce n'est pas pécher, que pécher en silence.

As "mestras" são em número menor. Catimbó não é, como o Candomblé e a Macumba, o cerimonial sugestivo. Uma mulher pode dirigir o Candomblé, quanto mais o simples Catimbó. Mas são raras e a percentagem maior prefere o velho título de Rezadeira e a fama de feiticeira aos encargos do Catimbó. Algumas, como a velha Elisa, a Mestra Libera (Liberata), mantêm o prestígio apesar de a Polícia incomodá-las. A velha Liberata, septuagenária, pernambucana faladeira *("sou filha natural de Goiana e me criei na Várzea")*, ia da oração à coisa-feita. Mandando escolher, escolhia a oração, as "forças da reza". Dava remédios, orações e conselhos. Não fazia feitiço com sapo, cabeça de coruja e areia do cemitério. Chamava-as "coisas de negros", esquecida da sua mulatice e que esses elementos vinham atravessando tempo e uso, com Europa e Ásia, confusas e amalgamadas.

A velha Libera disse-me que uma "mestra" não deve ter mais o "costume" (mênstruo). Será mais forte e mais senhora das "forças". Não há nada que "preste" feito por mulher "no seu tempo". Quanto mais uma oração ou um "despacho". Sai às avessas. A mestra que ainda tem o "incômodo" nada fará durante esse período. Nada e nada. Nem dar de comer aos pintos.

A mulher com o fluxo catamenial, boi, regras, paquete, é tabu universal. Não pode atravessar água corrente, deitar galinhas para o choco, tocar em crianças doentes, em líquidos que estão em fermentação, nas árvores com frutos verdes, fazer a cama aos recém-casados, dar o primeiro banho numa criança ou o primeiro leite, mesmo por mamadeira, amamentar, assistir batizado, sepultamento de adulto (tabu para a menstruada), guardar frutos para amadurecer, enfim é uma força negativa, um obstáculo vivo, um poder maléfico para tudo quanto re-

presente ou constitua início de desenvolvimento, desdobração, crescimento. Se tocar no pão levedado, este não fermentará. Se pisar numa cobra, esta morrerá. Se passar por cima de um ninho com aves, todas sucumbirão. Os remédios sertanejos perdem efeito quando dados ou apenas tocados por ela. As "garrafadas" perdem as forças se uma mulher grávida ou no período catamenial se aproximar. (Getúlio César, *Crendices do Nordeste*, 147.) Em Portugal dizem que certos animais morrem quando vêem mulher menstruada. O furão, *Putorius furo*, é um desses delicados. (J. Leite de Vasconcelos, *Tradições Populares de Portugal*, n.º 328.)

O Dr. A. da Silva Mello esclareceu: "... lembra aquele autor (Mohlisch) a velha crença que proíbe às mulheres menstruadas tocar em certos alimentos, assim como o preparo de conservas, que então facilmente se deteriorariam. Se, para a ciência, tais noções não passaram nunca de simples superstições, acredita Mohlisch estarmos ainda aí nos primeiros inícios de nossos conhecimentos, sendo que, nesse sentido, têm muitas dessas superstições e crendices populares recebido inesperadas confirmações científicas. Autores de nomeada não mais se admiram do lavrador querer plantar e semear somente no crescente, pelo fato deles próprios terem verificado que os partos e o início das regras são mais freqüentes em determinadas fases da Lua. Muito interessante, nesse particular, é a observação de Schick, mostrando que o suor de muitas mulheres grávidas ou até apenas menstruadas contém substâncias tóxicas, pomposamente chamadas de menotoxinas, capazes de fazer murchar flores e que, passando ao leite, podem prejudicar o recém-nascido, como é freqüentemente admitido pelo leigo quando condena a amamentação dada por mulher menstruada. Em antigas publicações científicas encontram-se referências de que o presunto e outras carnes estragam-se quando preparados e salgados por mulher menstruada. Em fábrica de ópio e mesmo em refinarias de açúcar houve tempo em que as mulheres não eram aceitas, sob pretexto de que sua presença podia deteriorar os produtos em questão. O Dr. Laurent, que publicou, nos *ANNALES DES SCIENCES PHYSIQUES*, em 1897, um trabalho sobre os efeitos mecânicos das regras, menciona ser freqüente o arrebentamento das cordas de instrumentos musicais quando tocados por mulher na época da menstruação. Mommsen relata haver verificado experimentalmente que o contato com secreções ou excreções de mulher menstruada tinha efeito desfavorável sobre as sementes de determinadas leguminosas, cujo desenvolvimento era prejudicado. E o mesmo acontecia pela ação do próprio leite, quando secretado durante o período das regras." (*ALIMENTAÇÃO, INSTINTO, CULTURA*, 56-57, Rio de Janeiro, s.d., 1943.)

A velha Libera estava no rumo...

Na feitura de certos "serviços", "trabalhos fortes", o mestre guarda inteira continência. Não "conhece mulher" para não "estragar" o "preparo". As velhas "mestras" estariam obrigadas à obediência do mesmo tabu de conduta se já não estivessem, em maioria absoluta, afastadas pelo tempo da atividade sexual. Por dedução creio que as "mestras" casadas se absterão do contato marital durante a fase defesa pela tradição catimbozeira.

O temor da mulher e a crença universal do enfraquecimento das forças mágicas pela união carnal é uma das constantes mais poderosas. O documentário para todas as raças e momentos de história é inesgotável. No cangaceiro, o caçador em véspera de batida importante, os curandeiros quando filtram certas beberagens consideradas infalíveis, esportistas em provas decisivas, pilotos aéreos nos vôos longos e sem recursos de permeio, *jockeys* de corridas em grande prêmio, hoje como entre primitivos e selvagens, o tabu imprime severa obrigação indeclinável.[20]

20 A proibição se iniciava como profanação à santidade das oferendas. Hesíodo, *OS TRABALHOS E OS DIAS*, século VIII antes de Cristo, indicava entre as defesas religiosas do culto larário: *Ne va pas non plus dans la maison, en quittant ta femme, humide encore de ses caresses, t'offrir en cet état à la flamme du foyer; évite cette profanation*, trad. de H.J.G. Patin. *Ce n'est pas au sortir d'un repas funébre, mais en revenant des sacrés festins, qu'il conviendra que tu travailles à te donner un heritier*, idem, 110, *POÉTES MORALISTES DE LA GRÉCE*.

André Álvares d'Almada falando sobre os negros Jalofos escrevia, em 1594, no *TRATADO BREVE DOS RIOS DE GUINÉ* (Lisboa, 1946, 13), que os curandeiros *não hão de ter cópula com mulheres em mentes curarem o ferido, porque dizem que tendo cópula,*

A explicação é a castidade, a continência, origem de forças sobre-humanas. Invencíveis eram os guerreiros virgens, e todas as aventuras místicas dos Gregos foram realizadas pelos moços que só conheceram mulher depois de famosos, Teseu, Jasão, Perseus, Belerofonte. O ideal do Cavaleiro Andante, o modelo radioso, era Galaaz. Foi a sugestão irresistível para D. Nun'Álvares Pereira. Na CRÔNICA[21] há o registro: *"havia grã sabor e usava muito de ouvir e leer livros de estórias: especialmente usava mais leer a estória de Galaaz, em que se continha a soma da Távola Redonda: e porque em ella achava que per virtude da virgindade, que em elle houve e em que perseverou, Galaaz acabara muitos grandes e notavees feitos, que outros nom poderom acabar, desejava muito de o parecer em algüa guisa."*

Talvez não fosse a presença da mulher e possível complexo da "fêmea hostil" o temor mais forte e profundo mas a certeza de perder parte essencial de uma energia que o amor físico dispersaria infalivelmente. O instinto avisa que as glândulas sexuais têm função de nutrição interna. Se a expulsão não cumpre a finalidade procriadora, multiplicará a reserva vital. A castidade, a continência, são processos de revitalização endocrínica. Se a imaginação não intervém, soprando as águas e formando as vagas, a continência dispõe materiais maiores para a criação mental.

O "mestre" do Catimbó acredita, como Nun'Álvares no invencível Galaaz, que sua continência auxiliará o "preparo" porque aligeirará o espírito, tornando fácil e

logo arruínam as feridas. Na cerimônia da circuncisão entre os negros de Angola, o *tchiluhué* (cirurgião) não opera tendo relações com sua mulher nem outro qualquer africano auxiliar na "Mucanda", circuncisão. (Ivo de Cerqueira, *VIDA SOCIAL INDÍGENA NA COLÔNIA DE ANGOLA,* 56, 62, Lisboa, 1947.) Identicamente informa Renato Biasutti dos indígenas norte-americanos que se abstêm do convívio sexual na fase preparatória da guerra. (*LE RAZZE I POPOLI DELLA TERRE* 489, Torino, 1941.) É a impressão para os "valentes". O bandoleiro Joãozinho Bem-Bem afirmava: *E as moças... Para mim não quero nenhuma, que mulher não me enfraquece.* (J. Guimarães Rosa, *SAGARANA,* 336, Rio de Janeiro, 1946.) Os exemplos são fáceis e numerosos por todo o Mundo.

21 *CRÔNICA DO CONDESTABRE DE PORTUGAL DOM NUN'ÁLVARES PEREIRA,* cap. IV, pág. 9, ed. 1911.

claro o pensamento orientador. Há várias, e outras, explicações psicanalíticas.[22]

A mulher virgem foi também centro de interesse filosófico, astrologista, e mantém a tradição do tema essencial poético universal. A virgindade explicava a força irresistível e atos sobre-humanos de valentia. Os faustos romanos registravam a história de Cláudia Quinta, sacerdotisa de Vesta. Acusada de haver traído o seu voto de castidade a vestal ia sofrer o processo que terminaria na morte ritual, sepultada viva. Por esse tempo, 217 antes de Cristo, Aníbal devastava a Itália e a sibila de Cumes aconselhou a vinda da pedra negra de Pessinonte, na Ásia Menor, tombada do céu e considerada como a viva representação de Cibele. O barco que trouxe a pedra negra encalhou no rio Tibre e os augúrios anunciaram que uma virgem arrastaria o barco da lama, pondo-o a nado. Cláudia Quinta invocou a deusa, e, diante de todo o povo, amarrou o rostro do navio com o seu cinto de vestal e puxou-o desencalhando-o facilmente. Era a prova divina da sua pureza. No Capitólio há um baixo-relevo recordando o episódio. Um dos títulos da Virgem Santíssima é Virgem Potente, Virgem Forte, *Virgo Potens*. Diante da Donzela raro era o poder mágico operante. O Unicórnio feroz desarmava a cólera e dormia no seu regaço. Um dos mais poderosos Elixires da Longa Vida, em 1558, citados em Milão, era composto com o hálito e transpiração de cinco virgens. A virgem não podia sofrer pena máxima em Roma. O carrasco devia violá-la, como sucedeu à filha de Sejano (Suetônio, *Tibério*, LXI.) As secreções de mulheres virgens eram vendidas para remédio. Há muita fórmula terapêutica em Portugal em que intervém uma Maria Virgem. Faz desaparecer os lobinhos (quistos), mordendo-os, ou impingens, tocando-as com o polegar. Cura os herniados crianças fazendo-os passar através de uma árvore partida ou um junco quebrado e recebidos por um João ou um Manuel igualmente em estado donzel. Usado pela virgem o diamante duplica o fulgor. Só a virgem acendia e guardava o fogo sagrado

22 Gonçalves Fernandes, *O Temor fundamental à mulher e outros tabus de conduta nordestinos,* separata de "Neurobiologia", tomo V, n.º I, Recife, 1842.

de Vesta em Roma. Na Índia crê-se que o canto da virgem adormeça o próprio elefante selvagem. (Somadeva, *Katha Sarit Sagara,* ed. Penzer, III, 172.) Nas Ordenações Afonsinas proibia-se penhorar a Dona *nem Donzela os panos de seu corpo, nem cama.* (Liv. III, Tit. 100, § 2.) Os Tupinambás do Pará expunham as moças, em prova de castidade, às serpentes do lago do Juá, acima de Santarém. "A serpente começava a boiar e a cantar até avistar a moça, e, ou recebia os presentes, se a moça estava efetivamente virgem, e nesse caso percorria o lago cantando suavemente, o que fazia adormecer os peixes, e dava lugar a que os viajantes fizessem provisão para a viagem; ou, no caso contrário, devorava a moça, dando roncos medonhos.." (Couto de Magalhães, *O Selvagem,* 145, ed. 1876.)

A continência era a castidade periódica, resguardadora da energia mágica.

SESSÃO DE CATIMBÓ

Sala de casa de taipa no fim de uma avenida no Alecrim. Vinte pessoas, oito mulheres, assistindo. Candeeiro de querosene fumegando. Baixaram o pavio para que se fizesse semi-escuridão. O "mestre", recém-vindo do Pará, estava acompanhado pelo "curupiro", secretário-ajudante. Vezes é a mulher do "mestre" que serve de *curupiro* e então diz-se "curupira". Recordei que D. Chiquita, mulher do Mestre Zinho, era a curupira compenetradíssima. O mestre cantou a linha-da-licença, depois da abertura, segundo o rito, findando pela "Linha de acender as velas", bugias. Ao findar, o curupiro lhe passou uma cuia cheia de aguardente, cauim. O "mestre" bafejou[23] "encruzilhando", fazendo cruz com o bafo, provou o líquido e cantou:

Vamos beber, Senhores Mestres,
Vamos beber felicidade!
Ó Rei! Ó Rei! Ó Rei Real!
Vamos beber!...

E passou a cuia para o companheiro da direita (quando se trabalha na "fumaça" às esquerdas", para o Mal,

[23] O hálito, o bafo, é o alento, a vida simbólica. Na Pajelança amazônica o mestre sopra tudo quando oferece para remédio. Os pajés sopravam a água e os alimentos dos chefes, transmitindo-lhes a virtude e afastando o Mal. O sopro, *peiuuá,* é indispensável na magia indígena como era na bruxaria branca e negra de Europa. No batismo católico o sacerdote bafeja a face da criança; *Deinde ter exsuffiet leniter in faciem infantis, et dicat semel: — Exi ab eo intenunde spiritus, et da locam Spiritui sancto Paraclito.* Expulsa-se o Demônio. Deus criou o Homem soprando-lhe "em seus narizes", Gênesis, 2,7.

o oferecimento segue o estilo da sessão), que bebeu um gole e entregou ao vizinho e assim até que a vasilha voltou ao "mestre", limpa e seca como língua de papagaio. O "mestre" já estava com o grande cachimbo aceso, canudo comprido, o bojo cheio de fumo (tabaco) com incenso. Recebendo a cuia, cantou:

> Vamos beber, Irmãos do Espaço!
> Vamos beber os bons saberes!

e atirou o que restava do cauim para o alto, defumando-o com a fumaça aromatizada, sempre em cruz.

Esse fumo misturado com incenso se chama "calço da marca".

Cada "mestre" tem um "espírito assistente", pessoal, e há um outro "espírito" que defende e preside a "mesa" ou sessão, sempre o mesmo. Sem a presença desses dois "mestres do Além" o "mestre" não abre a sessão temendo um assalto imprevisto dos "espíritos que trabalham na esquerda," gente atrabiliária e perturbadora.

O "mestre" começou cantando uma "linha", conhecida por todo o auditório que, logo após, entrou no canto, unissonamente. Era a "linha de Mestre Carlos".

Os "mestres do Além" "baixam" espontaneamente, anunciados pela "linha" que o "mestre da mesa" ou qualquer outra pessoa entoa, ou é invocado também pelo canto de sua respectiva "linha".

O "mestre" respirou mais profundamente, tomou uma posição hirta, estendendo os lábios num bico exagerado. "Mestre Carlos acostou!", diziam em voz sussurrada.

— Deus vos salve, irmãos! Disse Mestre Carlos "acostado".

— Deus vos salve, mestre! Respondeu a assistência, contrita.

Mestre Carlos deu conselhos de boa conduta e respondeu às consultas especialmente em matéria amorosa, sempre com a boca em bico, como um tucano. O "mestre" voltou ao natural e uma mulher estrebuchou, cantando uma "linha" melancólica. Era o "Rei Heron", mestre-curador. O "mestre" perguntou uns remédios, quase sempre em tom afirmativo. O "Rei Heron" confirmava, resfolegando. O "mestre" bateu-lhe na testa dizendo: Trunfei, trunfá, trunfa reá! A mulher suspirou, espreguiçando-se, cansada. O "Rei Heron" partira para seu reino invisível.

Ainda outros "mestres" acostaram, sem lutas e convulsões. Era quase monótono se as "linhas" cantadas não dessem um efeito estranho e sugestivo de mistério e de concílio proibido. Umas seis vezes a cuia de *cauim* circulou. Depois cantou o "mestre", encerrou a sessão com o canto. Saíram os consulentes. O "curupiro" desapareceu e voltou trazendo umas xícaras de café. Ficamos conversando, com os mais íntimos, graças às recomendações decisivas que trouxera. O "mestre", mais do que ninguém, está convencido dos "poderes" especiais. Tão convencido quanto o *nele* de Cunas, estudado por Nordenkiold, estava de fazer cair um coco pela simples força do olhar.

O "mestre" explicou-me que a maioria dos consulentes procura-o fora da sessão e que esta, dia a dia, se torna menos importante quando comparece muita gente. A sessão decisiva é a sessão especial, promovida com fins reservados, para atender a um "trabalho" encomendado por um "cliente". O "mestre" disse "cliente" com uma naturalidade soberba.

Oitenta por cento do "trabalho" é para "as esquerdas", contra alguém. Os vinte por cento solicitam remédios ou conselhos e "trabalhos" para amores ou negócios, vida atrapalhada. É a "mudança da cabeça" nos candomblés e macumbas. "Trabalho" é o "despacho". Aí é natural que não quisesse confidenciar sobre os processos íntimos e secretos que tanto dinheiro lhe dava. "Trabalhos" de três contos de réis, de cinco contos, pagos por gente respeitável, indicada com a simplicidade de quem sabe o que está dizendo.

Indicou-me mais dois grandes nomes de "mestres", ambos falecidos há poucos anos, José Salgado, de Recife, e Joana Pé de Chita, paraibana, a "rainha do Catimbó". "Trabalho de Joana Pé de Chita ninguém desmanchava."[24] Ele próprio conseguira desamarrar apenas dois, dos cinco que prometera fazer. Um desses feitiços fora lançado no

24 Ver *O Folclore Mágico do Nordeste*, Gonçalves Fernandes, p. 86. O autor estudou o Catimbó paraibano.

mar e "trabalho" sacudido nas águas do mar não há remédio. Lembrei Iemanjá. Mas Iemanjá não é conhecida no Catimbó e sim Nanã-Giê, a Menina do Mar, que é apenas Anamburucu, orixá da chuva, uma das três Orixás das águas do culto iorubano, Nanamburucu, Nanã, Anã, Onanã, identificada como Sant'Ana.

Não mais existe quase a sessão dos "mestres curadores" com a consulta popular como nas reuniões espíritas. O Catimbó se reúne para "trabalhos", bons ou maus, mas deliberados, com sua coorte de "mestres" conhecidos pelas predileções maléficas ou caritativas.

"FECHAR O CORPO". PÉ DIREITO SOBRE PÉ ESQUERDO. CHAVE DO SACRÁRIO

O "fechamento de corpo" era antigamente uma das razões supremas do Catimbó. Havia, nas macumbas cariocas e candomblés baianos, a venda de amuletos capazes de tornar o portador invulnerável. Perdido o amuleto, sucumbia o homem. No Catimbó há o processo da imunização de todo o corpo, fazendo-o impenetrável às balas quentes e às facas frias, águas mortas e vivas, fogo, dentada peçonhenta, praga e malefício. Os catimbozeiros modernos que consultei são mais modestos. Já não crêem que haja possibilidade de uma oração ou cerimônia evitar bala, faca, água corrente e força do mar. Tudo isto se deve ao pecado, isto é, a não mais haver um "mestre" que siga fielmente seus deveres como outrora. Os "mestres do Além" não diminuíram o poder. Aqui na Terra é que já não existe gente capaz de receber os "bons saberes", na velha plenitude de sua eficácia. Um conto popular dos negros Torodos evocava essa impenetrabilidade do corpo humano defendido por um *gris-gris* poderoso. Na *GESTE DE SAMBA GUELADIO DIEGUI* esse Príncipe enfrenta sozinho centos de pastores. *Ils portent des coups à Samba mais les lances ne pénétrent pas, car il a de trop bons grisgris.* (Blaise Cendrars, *ANTHOLOGIE NÈGRE*, 141, Paris, 1927.)

A cerimônia de "fechar-o-corpo" é intuitiva e simples, baseada nas simpatias da repetição irresístivel. O cliente paga o "calço da sessão", a quantia estipulada para fechar o corpo. Fecha-se a sala, acende-se a velaria, o "mestre" abre a sessão. Depois da defumação, goladas de

cauim, o mestre sopra água e a despeja numa bacia nova de flandres. O candidato se descalça, entra para a bacia, equilibrando, com o pé direito sobre o esquerdo. Essa posição, de um pé em cima do outro durante a oração, merecia confiança absoluta de quem possuía rezas fortes, doadoras de invulnerabilidade. Era um elemento do bruxedo europeu e fora registrado nos clássicos do continente ibérico. Na *TRAGEDIA POLICIANA*, 1547, de Sebastian de Fernández, a velha Claudina, ensinando um ensalmo a Salviano, exige que ele declame sob essa liturgia: — *Pondras tu pie derecho sobre tu pie yzquierdo.* (*ORIGENES DE LA NOVELA*, XV, 115, Menéndez y Pelayo, Buenos Aires, 1944.) O Sr. Juvenal Lamartine, antigo governador do Rio Grande do Norte e conhecedor do velho sertão nordestino, contou-me que o famoso Tomás Francês, de prestigiosa família do Acari mas impulsivo e cheio de arrebatamentos e violências, encontrou um seu antigo inimigo e este, quando o avistou, em vez de defender-se ou fugir, pôs um pé em cima do outro e começou a rezar uma oração que o tornaria invisível.

Terminou-a no outro mundo.[25]

Com um pé em cima do outro, dentro da bacia que tem água soprada pelo mestre, como em obediência a um rito da Pajelança onde o sopro, *peiuuá*, é a essência, a materialização da força espiritual do pajé, o candidato reza o *Creio em Deus Padre* até a passagem *morto e sepultado,* substituindo-a pela frase *guardado e fechado seja*

[25] O agrônomo Osvaldo Lamartine conheceu em 1943 uma velhinha que ia pedir esmolas aos soldados aquartelados no morro de Petrópolis, arredores da cidade de Natal. A velha aconselhava orações contra balas e ferimentos e prometia tornar o afilhado invisível e de corpo-fechado. Osvaldo Lamartine conseguiu uma dessas orações decisivas. Nela reaparece a obrigação "do pé esquerdo sobre o pé direito".

"Anda Deus e São João pelo rio do Jordão. — João, inimigos teus lá vêm! — Deixai vir, Senhor! Se eles tiverem olhos não me verão; se tiverem boca não me falarão; se tiverem pés não me seguirão; se tiverem cacete não me darão; se tiverem faca de ponta não me furarão; se tiverem arma de fogo não dispararão." Diz as três palavras retornadas, "paz e dono são cordia... as três palavras retornadas, paz e dono são cordia... as três palavras retornadas, paz e dono são cordia." "Rezar três Ave-Marias, com o pé esquerdo sobre o direito." O *paz e dono são cordia* serão *"Paz Domini, Sursum corda"*.

o meu corpo para todos os meus inimigos, encarnados e desencarnados. O mestre, apanhando a chavezinha de aço, aproxima-se, dizendo, num recitatório semicantado:

Fecha-te órgão, pelo Vajucá,
P'ra todos os males que no Mundo há!
Fecha-te corpo, guarda-te, irmão,
Na santa cova de Salomão.

E faz o gesto de fechar, com a chave, todas as articulações, começando pelo pé direito, junta por junta, dizendo em cada operação o mesmo versinho. Findando o serviço entrega ao cliente uma garrafinha contendo um pouco da água que estava na bacia. Deverá ir jogá-la no mar, à meia-noite. O mestre, de outra parte, fará o mesmo. Nessa noite o candidato beberá cauim legítimo, aguardente com raiz de jurema.

Chamo a atenção para dois outros elementos da magia tradicional. No versinho que o mestre vai cantando enquanto fecha o corpo há a "santa cova do rei Salomão", como lugar privilegiado e de suprema garantia para defesa do corpo humano. Manuel Ambrósio, *BRASIL INTERIOR,* 203, S. Paulo, 1934, registrou uma quadrinha de Januária, cidade de Minas Gerais às margens do rio São Francisco, alusiva à imagem:

Foi na torre de Babé,
Na colunha de Sansão.
Na sete fama do mundo,
Na cova de Salomão.

A "santa cova de Salomão" traduzir-se-á pelo laboratório secreto da magia, sede dos estudos secretos. Salomão constitui um ciclo de encantos, convergindo para ele centos de episódios orientais. A "cova", sinônimo de lugar de sabedoria misteriosa e sobrenatural, divulgou-se por toda a Europa. Nas grutas surgiram as aparições autenticadas pela Igreja Católica, determinando peregrinações, Massabielle para Nossa Senhora de Lourdes, na França, cova da Iria para Nossa Senhora de Fátima em Portugal. O Sr. Augusto Meyer estudou, no mito gaúcho da Salamanca do Jurau, a tradição das covas. (*PROSAS*

DOS PAGOS, 55.) Nos papéis da Santa Inquisição no Brasil, *DENUNCIAÇÕES DA BAHIA*, 461, fala-se num rapaz, dono de um livro maravilhoso, que estivera de caminho para *hir as covas magicas*. No assunto há o estudo de P. Saintyves, *ESSAI SUR LES GROTTES DANS LES CULTES MAGICO-RELIGIEUX ET DANS LA SYMBOLIQUE PRIMITIVE: DU CULTE DES GROTTES DANS LE BASSIN MÉDITERRANÉEN, AUX PREMIERS SIÈCLES DE L'ÈRE CHRÉTIENNE*, Paris, 1918. No sincretismo do Catimbó resistem, impressionantes, os traços típicos do bruxedo europeu.

Outra indicação é o processo de ir fingindo fechar com chave o corpo humano, afastando-o do assalto das "forças más". A fórmula secular atura ainda em Portugal, como na memória e uso dos feiticeiros europeus, curiosas mulheres de virtude, toda a sinonímia escondedora de quem o Santo Ofício caçava para a fogueira. Num romancista português, Antero de Figueiredo, *SENHORA DO AMPARO*, segunda edição, Lisboa, 1920, há o registro: "Feche-me a morada, Sr. Padre Liberato. — Fecho, sim. Faze o "Ato de Contrição". Vamos a isto." Punha-se a ler num livro, ao mesmo tempo que, com a chave do sacrário, fazia cruzes nos olhos, nos ouvidos, na boca da mulher, e a "morada ficava fechada" (107).

Pereira da Costa, *FOLCLORE PERNAMBUCANO*, 130-131, recolheu uma oração onde a chave do sacrário é invocada. "Há, porém, uma oração especial para "fechar o corpo", a qual, segundo a crendice popular, é de uma infalível eficácia. Essa oração, em que se vê o sagrado de mistura com o profano, e um latente desvirtuamento dos princípios religiosos, é assim concebida: "Trago o meu corpo fechado com as chaves do santo sacrário: dentro dele se encerra o meu Jesus sacramentado, como no sacrário se encerra: e assim como vós, ó meu Jesus, o meu corpo será guardado, a minha alma não será maltratada por meus inimigos, e o meu sangue não será derramado, porque tenho o meu Santíssimo Sacramento para o guardar, e a Virgem Maria para me livrar de malefícios, bruxaria e feitiços: e no meu corpo não entrarão, coberto com o sagrado manto da Virgem Maria, borrifado com o seu sagrado leite, e trancado, como o meu Jesus Sacramentado, com as chaves do santo sacrário, e com o Credo em Cruz. *Pax Domini, misericordia, Aleluia.*"

Com oração desse gênero não há que temer das coisas terríveis que andam durante a noite, como dizia o rei David...

MAU-OLHADO. QUEBRANTO. AMULETOS

O príncipe Hamlet da Dinamarca podia estar pensando no mau-olhado que produz o quebranto quando disse a Horácio:

> *There are more things in heaven and earth, Horatio,*
> *Than are dreamt of in your philosophy.*

Invisível, obstinado, terrível mal! Continua assombrando e matando milhares de criaturas. Por ele vive o Catimbó parte essencialíssima. É uma força irradiante e malévola que o mau-olhado espalha ao derredor, consciente ou inconscientemente. Mata devagar, secando, como se a energia vital se evaporasse lentamente. Árvores, flores, animais, crianças, mulheres, homens, rapazes envelhecem em poucos meses. As criaturas enrugam o rosto, tremem as mãos, cambaleiam o andar, têm calafrios, insônias, mal-estar, inapetência. Perdem a alegria de olhar, de desejar, de querer. As crianças são as vitimas preferidas. Morrem secas, mirradas, encolhidas, com a pele de pergaminho, atoleimadas, babando, lábios finos, esgazeando os olhos, arroxeando a face, recusando alimentar-se. Invisível, obstinado, terrível mal!

Alguém olhou com olho mau a criança, a moça, a roseira, o animal bonito, a árvore frondosa. E nesse olhar veio a força maléfica, a energia agressiva e mortal, o veneno imponderável.

Olhado, olho grande, fascínio, mau-olhado, *malocchio*, *aojamiento*, *mal de ojo*, *Evil Eye*, *böse Blick* têm uma história tão longa e clássica como as grandes epidemias que a Higiene venceu e desmoralizou. Sua área geográ-

fica de domínio está sendo limitada às frações de polegada. Nestes dois mil anos diminuiu uns 30% no Mundo? Há quem negue, dizendo que a Civilização transforma as superstições, criando outras. Há uma percentagem impressionante de consulentes de Macumbas e Catimbós antes, durante e depois de procurar o médico-especialista. E vezes os dois tratamentos são paralelos, culpando um ao outro a ineficácia pela indevida aplicação da técnica rival.

O olho e o mecanismo da visão surpreenderam o primitivo. E os "primitivos contemporâneos", como disse G. Peter Murdock, são fiéis a esse assombro. O povo geralmente considera a "vista" quase mágica. Pelo órgão da visão podem e devem sair bons e maus elementos que são fluidos, forças, energias imponderáveis mas decisivamente operantes. Ver é entender, compreender, dirigir, orientar. Supervisor, epíscopo, as frases: tem olho, de olho aberto, olho do dono engorda o cavalo, dão imagem. O poder dos olhos constituía característica espantosa para seres e animais da fábula. A Medusa petrificava a quem a olhasse. O Catoblepas e o Basilisco matavam com o olhar. A alma estava nos olhos[26] e o seu reflexo era sagrado, participante da essência vital. Perseu poliu o escudo quando atacou a Górgona para que o olhar do monstro encontrasse uma superfície polida para refletir, voltando os malefícios à fonte. Assim nos ninhos do Basilisco (em New Mexico o basilisco é ave e não reptil)[27]

26 "*En fabriquant Sékoumé et Mbongwé Nzamé les avait composés de deux parties: l'une extérieure, celle-là, vous l'appelez Gnoul, corps, et l'autre qui vit dans le Gnoul et que nous appelons tous Nsissim. Nsissim, c'est ce qui produit l'ombre, l'ombre et Nsissim, c'est la même chose, c'est Nsissim qui fait vivre Gnoul, c'est Nsissim, qui va se promener la nuit quand on dort, c'est Nsissim qui s'en va quand l'homme est mort, mais Nsissim ne meurt pas. Tant qu'elle est dans son Gnoul, savez-vous où elle demeure? Dans l'oeil. Oui, elle demeure dans l'oeil, et ce petit point brillant que vous voyez au mitten, c'est Nsissim*" (BLAISE CENDRARS, *ANTHOLOGIE NEGRE*, 6, Paris, 1927.)

72 "Em todo Novo México o mito é o mesmo. Com respeito ao efeito mortal do olhar do basilisco o mito é o idêntico com o dos demais países; se o basilisco vê uma pessoa primeiro, a pessoa morre; se esta vê primeiro o basilisco, morre este. Uma variante diz que em certo lugar no ninho construído por uma pega na copa de uma

põem espelhos para que o olhar retorne e mate quem o lançou.

Decorrentemente, *similia similibus curantur*, o olho é defensor do mau-olhado. Bons olhos e maus olhos equivalem a *jettatura* e *mascottes*. A máscara da Górgona, o *gorgoneion*, era o amuleto supremo contra o mau-olhado grego. Seis e sete séculos antes de Cristo datam cerâmica, jóias, armas, instrumentos musicais, mármores, bronzes, em vinte gêneros de utensílios, o uso de pintar, gravar, desenhar olhos como afastador de maus fluidos e mesmo defendendo o próprio objeto dos desastres comuns. Olhos nos pratos, ânforas, vasos de beber, garantiam a incolumidade do alimento e do líquido aos assaltos maléficos. Tanto na China, entre os artistas da dinastia dos Chu, 1100-256 antes de Cristo, aos Maias, no continente americano, é de fácil encontro os ornamentos tendo olhos, entre homens, animais ou fantasias, mas sempre no sentido apotropaico.[28] Uma reminiscência desses amuletos encontra-se na península ibérica e em toda a América católica, "Olhos de Santa Luzia", resguardando os olhos e igualmente distanciando de quem os conduz o efeito dos maus olhos. É um amuleto de ouro ou prata, trazido pendente de fio, pulseira ou colar, tendo

árvore havia um basilisco, e que a gente que passava por aí, ao ser vista por ele, morria. Colocaram um espelho perto do ninho, o basilisco viu-se no espelho e morreu. Esta crença de que o basilisco morre quando vê sua imagem em espelho corre também geralmente em outros países." (Pe. C. Teschauer, *Avifauna e Flora*, etc., 48-49, Porto Alegre, 1925.) Martin de Arles conta que era uso colocarem pedaços de espelhos nas crianças, à laia de enfeites, destinados a desviar os maus-olhados. Entre os amuletos citados está o anel de cabelos, o cachimbo de cabelos infantis, tão comum e popular em todo o Brasil, julgado apenas significar recordação personalíssima dos filhos ou netos pequeninos. Ver o meu *NARCISSUS OU O TABU DO REFLEXO*, Natal, *A República*, 6-10 de julho de 1948. Anubis e outros ensaios, XIV. Rio, 1951. Ed. Cruzeiro.

28 "*Consequently, where we find painted upon a vase a representation of a gorgoneion, or of an eye, although we may rest pretty well assured that representation has been drawn under some apotropaic motive, and not as a merely meaningles bit of ornament, we cannot always be positive whether it was intended as a protection particulary against evil eye and its analogues or against evil supernatural beings.*" (W.L. Hildburgh, *Apotropaism in Greek Vase-Paintings*, Folk-lore, LVII, 154-155, Londres, 1946.)

desenhado ou gravado um casal de olhos, lembrança dos próprios que a santa siracusana arrancou.[29]

O quebranto pode ter sido produzido pelo mau-olhado e também pelo simples contato com pessoa que tenha esse poder maléfico, contaminando a todos, com ou sem vontade de fazer mal. Diz-se que essa pessoa é Urucubaca, Lili ou Liliu, dá peso, dá azar, correspondendo à *jettatora* napolitana. Os remédios são idênticos para o mau-olhado.

O indivíduo-tabu, os dias-tabus (sexta-feira 13 do mês, primeira sexta-feira de agosto, 24 de agosto, sexta-feira da Paixão para qualquer coisa que não seja religiosa), as horas-tabus ou horas abertas, *hours of darkness* dos velhos feiticeiros da Inglaterra (meio-dia, meia-noite, crepúsculos matutino e vespertino), orações-tabus (rezadas em determinadas ocasiões ou casos fixos), seguem uma escala de valores psicológicos, pautando a vida normal, sujeitos às restrições e obediências inexoráveis.

Certo que a moléstia é uma intrusão, um assalto de força externa, a Morte vem sempre ao encontro da vítima, procurando-a. Assim a Dança Macabra é explicada. Muitos milênios a Morte escolheu e teve arbítrio antes de possuir, como escreveu *Saint-Victor, la sérénité sinistre d'une loi naturelle*. Os olhos traziam uma energia que em certas pessoas era veneno. Alberto Magno, no tratado *Les Admirables secrets d'Albert le Grand* que lhe é atribuído, estuda, no primeiro livro, *du venin que les vieilles femmes portent dans les yeux*. Havia sugestão, simpatia, magnetismo. E, acima de tudo, a tradição, o passado, o pavor consuetudinário, a certeza da moléstia implacável e fácil.[30]

[29] A. Castilho de Lucas, *FOLKLORE MÉDICO-RELIGIOSO*, Diciembre, 13, Santa Lucia, Abogada de la Vista, 87-95, Madrid, 1943; Cônego A. Xavier Pedrosa, *SANTA LUCIA, SUA VIDA E SEU CULTO*, Rio de Janeiro, 1940. O cap. VIII, 38-44, registra as superstições ligadas ao culto.

[30] O Dr. Fernando São Paulo, *LINGUAGEM MÉDICA POPULAR NO BRASIL*, Rio de Janeiro, 1936, registra, nos verbetes "Quebranto" e "Olhado" o essencial, documentando-se nos velhos tratadistas médicos do século XVIII. O assunto possui bibliografia extensa. Darão uma visão completa, F. T. Elworthy, *THE EVIL EYE*, Londres, 1895, e S. Seligmann, *DER BOSE BLICK*, Berlim, 1910 e os ensaios de W. L. Hildburgh no *Folk-Lore*, de Londres, *INDETERMINABILITY AND CONFUSION AS APOTROPAIC*, vol. LV. 133, *APOTROPAISM IN GREEK VASE-PAINTINGS*,

Em qualquer cidade, vila, aldeia do Mundo haverá as rezadeiras, os feiticeiros, terapeutas do quebranto, repelindo-o com orações, benzeduras com água benta ou soprada e gestos rituais com ou sem galhinhos verdes. Inútil pensar que em alguma parte da terra o mau-olhado não exista. Existe e possui seus doentes e seus médicos, doutores com cursos nas Universidades da tradição oral, teimosa e milenária. É uma superstição latina, dizem mestres que nunca imaginaram a universidade do que julgam regional. Os volumes de Elworthy e Seligmann evidenciaram a profundeza da superstição entre os povos anglo-saxões. Sem rir e sem chorar, o quebranto está em toda parte não apenas como um elemento etnográfico mas valendo nitidamente uma constante psicológica.

O Catimbó, herdeiro mais legítimo da Bruxaria, é o adversário popular contra o mau-olhado, fonte do quebranto.

"Pródromo de estado infeccioso agudo" (Dr. Fernando São Paulo), "espécie mórbida individualizada" (idem), é combatida pelo Catimbó com as velhas armas de outrora, veteranas e prestigiadas pela credulidade secular.

Lopes Gama fixava, em 1838, o clima do Recife na espécie (Pereira da Costa, cit., 104-105): "Muita gente está persuadida que há olhos tão maus, que basta fitarem-se em qualquer coisa para lhe causarem o maior dano. Tem D. Briolanja um menino muito lindo, muito nédio e liso, e que por suas gracinhas é o assunto de incessantes histórias: sucedeu adoecer o menino de um dia para outro; não lhe atinam com a causa da moléstia: eis logo a mãe, a avó, as tias, as amas e as comadres, que em tom de junta médica decidem que a criança não tem outra coisa senão um terrível "olhado", que lhe pespegou uma velha, uma preta feiticeira, etc., etc. Em conseqüência deste santo acordo cuidam logo de lhe aplicar os re-

vols. LVII, 154, LVIII, 208, os estudos clássicos do Prof. G. Bellucci, *GLI AMULETI: UN CAPITOLO DI PSICOLOGIA POPOLARE*, Perugia, 1908, *AMULETI ITALIANI CONTEMPORANEI: CATALOGO DESCRITTIVO*, Perugia, 1898, etc.: Luís da Câmara Cascudo, *Gorgoneion*, estudo sobre alguns amuletos populares no Brasil, sep. do Livro em homenagem ao Prof. D. Luís de Hoyos Sainz, Madrid, 1949.

médios mais aprovados para quebranto, que vêm a ser defumadores de cascas de alho, de raspas de chifre, e sobretudo de palhinhas e lixo de encruzilhada, que é remédio santo para toda a laia de malefícios e arte diabólica. Nos nossos matos a receita mais pronta e eficaz é benzer o doente com uma ceroula tirada do corpo de algum marmanjo, e aplicada no mesmo instante; e matuto há, tão eminentemente basbaque, que refere com ufania as inumeráveis curas que hão feito as suas nojentas ceroulas.[31] Também aproveita muito o defumador de cupim, e de penas de galinha, contanto que seja preta; porque sendo de outra qualquer cor, já não tem virtude; que na ocasião de aplicar a fumaça é indispensável a seguinte e mui piedosa oração: "Nossa Senhora defumou a seu bento filho para cheirar; eu defumo o meu para sarar" — e isto deve repetir-se três vezes, porque o número três é simbólico e misterioso. Se uma velha tem em seu quintal uma pimenteira, um pezinho de arruda, de alecrim, etc., e alguém lhos vê, e tendo-os gabado de lindos e viçosos, sucedem murcharem e morrerem; quem lhe tirará dos cascos, que foi por efeito daqueles olhos invejosos e maus? Daqui vem o "acertado" uso de pôr figas de chifre em craveiros, em crianças, ou em qualquer coisa que se estima; porque, de quantos antídotos se conhecem para quebrantos e olhados, nenhum há de tanta virtude como as figas, e mais se são de chifres; que têm estas muitas aplicações na grande arte de malefícios; por isso, quando alguma mãe tem de mandar fora o seu menino, logo a advertem que não vá sem levar figas no cinteiro para evitar os maus olhos, e às vezes é o fedelhinho tão feio, tão sarnoso e magro, que ninguém há que possa ter inveja de semelhante lesma; mas, não sai sem as figas, por causa do quebranto".[32]

[31] Numa investigação feita pela Polícia paulista a uma Macumba de S. Miguel, de Domingos Serapillo, nos arredores de São Paulo: "Os agentes encontraram, no local, um arremedo de capela, sendo apreendidos: um oratório de santos, velas acesas, *ceroulas usadas*, diversas peças de roupa, um boneco de cera cravejado de alfinetes e outros objetos." (Dalmo Belfort de Matos, *As Macumbas em São Paulo*, revista do Arquivo Municipal, XLIX, 158, São Paulo, 1938.) Ver Lopes Gama, "O Carapuceiro", n.º 43, Recife, 13-2-1837.

[32] Noutras palavras e mesmo juízo popular escrevia o Dr. Braz L. de Abreu, no *PORTUGAL MÉDICO*, 624, Coimbra, 1726, sobre Fascínio, Fascinação: "E se acazo topão, ou reparão em alguns meninos de presença especioza, brancos, louros, alegres, e bem criados, se os não podem suggar, de pura inveja uzão da fascinação demoniaca dandolhe *mal de olho, aque vulgarmente chamamos quebranto*, ajudadas para esse fim do Demonio", § 145.

E os sintomas do quebranto? Espreguiçamento, bocejos repetidos, inapetência, desânimo, "amanhecer cansado", saliva abundante, nos adultos. Nas crianças é o enfraquecimento progressivo, palidez, alheamento, choro inexplicável. Esse resultado semiológico é a conclusão de um inquérito pessoal, em vários meses, ouvindo mais de cem mães que tiveram filhos com "quebranto por via do olhado botado".

Há meios de verificação que constituem, na maioria dos casos, altos segredos profissionais das rezadeiras, sacerdotisas errantes do Catimbó. Ponho muito em dúvida as orações publicadas como ditas para a verificação do "olhado". É preciso uma intimidade e uma confiança incompatíveis com a pressa relativa a uma pesquisa de poucos meses.

Alcidez Bezerra registrou uma oração para saber-se do malefício do "ar". Era a identificação da moléstia. "Certa vez vimos a Francisca fazer uma "cura". Começou ela botando água na tigela e benzeu-a. Depois de uma prece longa, estando a tigela entre ela e o doente, deu começo a chamar pelas diversas espécies de "ares": ar da morte, ar de vivo, ar quente, ar frio, ar de inchação, ar de ventosidade, ar de congestão, ar de dormência, e muitos outros de que nos não lembramos, enquanto ia pingando o azeite doce na dita tigela de água. Cada "ar", cada pingo. Este toma a forma esférica ao cair na água se não ultrapassa certo tamanho. Se toma tal forma o doente não tem o "ar" chamado. Quando chega o "ar" que ela presume o doente ter, de propósito deixa cair um pingo de azeite maior que se espalha por toda a água. É essa a prova de que o doente sofre do "ar" invocado. Conhecido o "ar", ela faz então a oração contra a moléstia, oração misteriosa que não revela a ninguém. A Francisca por preço nenhum não nos quis vender as suas fórmulas."[33]

[33] Alcides Bezerra, *RESTOS DE ANTIGOS CULTOS NA PARAÍBA*, "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano", vol. 3, 32, 1911.

A fórmula da velha Francisca que Alcides Bezerra conheceu na Paraíba é de origem européia e ainda resiste na bruxaria portuguesa. O Prof. Joaquim Roque informou: "Como de costume, verifica-se primeiramente a existência da doença deitando alguns pingos de azeite num pires com água, sobre o qual se faz o sinal da cruz, ao mesmo tempo que rezam o credo ("credo em cruz"). Se o azeite desaparecer diluindo-se completamente na água, a criança, ou o adulto, sofre de olhado."[34]

O processo, vivo em Portugal e Brasil, está registrado no século XVI, nas *DENUNCIAÇÕES DA BAHIA* em 1591. Isabel d'Ávila, filha mameluca do grande Garcia d'Ávila, denunciando Mecia Roiz, Branca Lopes e outros, informava: "e assim mais vio huã vez estando a ditta Mecia Roiz doente dormindo vir a ditta sua mãe Branca Lopes e tomar hum testo de barro com huã pequena de agoa dentro e huã coroa de estopa em cima do testo que lhe não chegava a agoa que estava no meo do testo e com sua mão tinha no ar sobre a ditta doente dormindo e com o dedo da outra mão molhava em huã tijella dazeite e lançava as gotinhas do ditto azeite dentro na agoa do dito testo que lhe cahiam do dedo enquanto o fogo ardia na ditta coroa de estopas as quais ella acendera primeiro com a candea."[35] Para um neto doente, a mesma Branca Lopes repetiu a cerimônia. Procurava apenas o certo diagnóstico do mal que adoecera sua filha. O ritual, mais complicado, mais próximo dos formulários europeus, evidencia a persistência na aplicação.

Feito o diagnóstico, procede-se ao tratamento com defumações de alecrim e outras plantas e orações, ditas com a movimentação clássica das bênçãos sobre o peito, a cabeça, nas "entradas" do corpo. E nenhum benzedor ou rezadeira dispensará o conselho do amuleto, o uso constante de um neutralizador dos maus eflúvios, dos maus-ares, das forças contrárias permanentemente desencadeadas pelos "inimigos".

[34] Prof. Joaquim Roque, *REZAS E BENZEDURAS POPULARES* (Etnografia Alentejana), 34, Beja, Portugal, 1946.

[35] *PRIMEIRA VISITAÇÃO DO SANTO OFFICIO ÁS PARTES DO BRASIL* pelo Licenciado Heitor Furtado de Mendonça, *DENUNCIAÇÕES DA BAHIA*, 1591-593, 4 de novembro de 1591, 552, São Paulo, 1925.

AMULETO é um objeto mágico passivo, protege, defende, afasta o mau-olhado, os maus eflúvios. É uma couraça ao redor do corpo. O golpe maléfico não atingirá porque o amuleto age. Age tanto quanto possa porque há forças maiores que a defensiva do amuleto, anulando-as. Mas não é fácil dar-se essa desmoralização. O comum é explicar-se doença como a falência de um amuleto em face de força mais decisiva.

O talismã é a força mágica ativa, operando a distância, obedecendo à vontade do dono, para o mal e o bem. Essa força mágica fica à disposição do possuidor do talismã. Assim o uirapuru preparado, olho de boto, canela de socó, rabo de tamanquaré, são talismãs. A figa, a ferradura, o "sino salamão", trevo-de-quatro-folhas, meia-lua, sino, etc., são amuletos. O amuleto evita. O talismã dirige, manda, obriga. Com o amuleto afasta-se o mal, defende-se da perversidade alheia. Com o talismã faz-se o bem ou o mal, como se deseje.

A importância maior no Catimbó é o amuleto, defensivo. As orações fortes e despachos, feitiços, preparos, ebós, coisa-feita, canjerê, mandinga, são defensivos quando transmitem a moléstia do consulente a quem tocar no embrulho, ou ativos, quando provocam o amor de alguém, sempre de pessoa determinada. Os amuletos são sempre portáteis. Os talismãs, raros, já perderam essa categoria de infalíveis. Não têm mais prestígio. O essencial em quem consulta o Catimbó é defender-se, curar-se, livrar-se da caipora, infelicidade, panema. Uns trinta por cento pedem solução para marido rebelde, mulher difícil, moça indiferente, rapaz alheio ao amor provocado, etc.

No Catimbó os amuletos recomendados não são todos os distinguidos pelo uso tradicional. Não há o Trevo-de-quatro-folhas, nem o Elefante, nem o Corcunda, nem a Forca, nem a Pomba, nem a Cobra mordendo a cauda, nem o Coração, nem o Cordeiro, nem o Gato preto, nem a Ferradura, nem o São Jorge matando o dragão, conhecidos por todo o mundo e em toda parte. Um dos amuletos essenciais no Catimbó é o preparado pelo "Mestre", lasquinha, pedaço de jurema, embebido no cauim (aguardente), defumado com incenso e que se traz na carteira e as mulheres na bolsa ou dentro de uma bainha de banho, preso à roupa interna.

Os outros amuletos que o "mestre" manda comprar e usar, depois de "preparados" por ele com orações, sopros, fumaça de incenso, imersões em cachaça, são quase todos de origem estrangeira, de prestígio velho e origem remota.

FIGA — Amuleto tradicional na Grécia e em Roma, de possível origem oriental, índice de cultos orgiásticos. É o mais conhecido afastador de infelicidades e forças adversas. É o mais usado como berloque, enfeite pendente, alfinete de gravata, em metais e pedras preciosas. Os populares são feitos de arruda ou de coral, ou de qualquer madeira, com dimensões às vezes de um metro, pendurando-se às portas de entrada. Quando a força do malefício é mais poderosa que a defensiva, a Figa parte-se. Um versinho do folclore português recorda: Olha o demo da Mulher/Os olhos que me deitou!/Fiquei-me logo a tremer,/E vai a figa quebrou.../(A.C. Pires de Lima, *Evocações*, 41, Porto, 1920.) Era o desenho propiciatório popular entre os Romanos e o gesto mais comum. Citada em toda a literatura tradicional européia. O centro irradiante foi a península italiana. Shakespeare faz Iago repelir a imagem da Virtude recorrendo à frase: Virtude? uma figa! (*Virtue! a fig!* — *"Othello, the moor of venice"*, ato I, cena II.) Os Árabes levaram a Figa à África onde se divulgou. Trouxeram-na ao Brasil os colonos europeus e os escravos africanos. A Figa é a representação da junção carnal, do próprio ato sexual. Os dedos indicador e médio são a vagina e o polegar o membro viril. Fonte da reprodução, origem da vida, o símbolo vence as forças invisíveis da esterilidade, da doença e da morte. As crianças romanas e gregas traziam figas ao pescoço para combater os maus ares. A Figa era o símbolo da vitalidade, da continuidade humana. A outro tipo da Figa chamamos no sul do Brasil ISOLA. É a mão com os dedos polegar, médio e anular dobrados para a palma e o indicador e mínimo estendidos, paralelamente. É a Mão Cornuta, a mão em corno, amuleto poderoso. Os dedos indicador e mínimo representam os cornos dos animais votados ao Sol e à Lua, astros da vida. Os animais cornudos são símbolos da potência reprodutora, da energia funcional, votados ao Sol, fonte da vida e à Lua, animadora dos ciclos vegetais e égide do crescimento pelas idéias asso-

ciadas às suas fases e atração lunar. Para crescer e prosperar mostra-se dinheiro à Lua Nova, oferece-se-lhe a criança de meses, chamam-na Avó, Dindinha Lua, tomam-lhe a bênção, corta-se o cabelo para aumentar. Certas madeiras só podem ser preparadas na Lua Nova. As superstições são infinitas. Os "cornos lunares", imagem da Lua Nova, são conhecidos e venerados em todo o Mundo. Sem o Sol não há vida. O touro especialmente é o animal típico para essas oferendas. Os dedos do ISOLA recordam essas oblações. Conseqüentemente, livram dos inimigos que possam trazer a fraqueza, o atraso, a infelicidade, a moléstia, todos os atributos contrários à virilidade, energia, decisão, vigor dos animais ornados de cornos. Os objetos que têm a forma cornuda, raízes, dentes, são também amuletos, e vendem, já industrializados, os cornos de nácar, coral, ágata, madrepérola, para a mesma finalidade defensiva. Na Itália, especialmente em Nápoles e Roma, quando alguém julgava encontrar um homem que tivesse o mau-olhado, o *malocchio*, defendia-se fazendo instintivamente a Figa (o polegar passando entre o indicador e o médio na mão fechada) ou a Mão Cornuta, que dizemos ISOLA.

ESTRELA — De cinco raios (Pentalfa) ou de seis raios (Hexalfa) ambas conhecidas como Selo ou sinal de Salomão, Sino-salamão, sanselimão em Portugal. São signos antiquíssimos, símbolos da ciência pitagórica, da Cabala. Aparece nos desenhos rupestres, nos túmulos, dintéis de porta, tímpano de Igreja, gravado, escavado, desenhado. Nenhum espírito maligno ousa aproximar-se do lugar onde exista o Sino-salamão. Desenhavam-no na porta das casas para guardá-las. Defende os vivos e guarda os mortos do assalto demoníaco, das almas apavorantes, livrando das alucinações. A Figa defende mais o corpo. A Estrela é vigia do espírito, afastando as coisas terríveis que andam e voam nas trevas da noite. Os mais exigentes ensinam que o verdadeiro sinal de Salomão é a hexalfa feita com dois triângulos, visíveis no desenho. A literatura documental é vasta e dispensável neste verbete divulgativo.

MUCUNÃ — Semente da *Mucuna urens*, uma leguminosa. A semente da Mucunã não apenas é provocadora

dos bons dentes nas crianças, certamente pela sugestão da rijeza, mas deve ser usada, ao pescoço das meninas, até próximo da puberdade, para facilitar o catamênio. A semente lembra vagamente a vulva feminina.

PEIXE — É de impossível fixação simbólica pela sua antigüidade. Símbolo fálico, símbolo solar, símbolo da vida organizada, divindade Elamita, búdica, evocação bramânica, está em religiões, folclore e tradição mais diversas. Como anagrama de JESUS CRISTO FILHO DE DEUS SALVADOR em idioma grego, ICHTHYS, foi símbolo dos Cristãos nos três primeiros séculos e abundantemente desenhado nas catacumbas da Roma subterrânea. Símbolo budista da abundância e da felicidade conjugal, teria sido trazido, mesmo nesta acepção, para a Europa, independentemente das outras superstições existentes desde a Roma republicana. Na literatura oral é conhecido o ciclo dos Peixes Mágicos, peixes encantados que tudo podem. (*Contos tradicionais do Brasil,* 113-116, Rio de Janeiro, 1946.)

GUARDA-SOL — A explicação que me foi dada para que usasse um berloque da forma de Guarda-Sol é que o Guarda-Sol "guarda", "cobre com a sombra", defende, pois, quem o conduz. Entre os Hindus é instrumento mágico e o vemos como o mais visível símbolo do poder soberano dos reis asiáticos e dos sobas africanos. Não há sultão, por humilde em terras que seja, dispensando o Guarda-Sol vermelho, a umbela que representa o Sol girante sobre sua cabeça monopolizadora da grandeza total. Nos Maracatus pernambucanos o Rei anda debaixo da Sombrinha vermelha sempre em movimento. A umbela, o banal Guarda-Sol, é representação do poder solar.

CHAVE — Materializa a imagem do poder irresistível, o que descerra, abre livremente, sem dificuldade. A chave do Sacrário leva ao Santíssimo. Nos Catimbós empregam sempre na "mesa" a "chave virgem", sem uso material, indispensável para "fechar o corpo". A chave é a garantia da entrada. Na bruxaria européia é material de encontro banal, servindo para o mesmo fim do Catimbó brasileiro.

MEIA-LUA — Simboliza a força do crescimento, o desenvolvimento espontâneo, a espansão vital. As superstições da Lua, nas suas diversas fases, ligam-se aos cultos lunares, Diana, Selene, Febe, aos segredos feiticeiros da Tessália, à própria liturgia de Hécate, tendo um dia que lhe era consagrado, *Lunae dies,* Lundi, Lunes, Monday, Montag, Lunedi. Entre os indígenas Tupis a Lua era Jaci, irmã do Sol e mãe dos vegetais, mãe dos frutos, *iá-ci.* O que deve crescer normalmente e com saúde, o que deve ser multiplicado, oferece-se à Lua.

DENTE — De jacaré ou de aranha caranguejeira afastam a dor de dentes e também a dentada dessas espécies. A associação de idéia articula a imagem da resistência, brancura, rijeza do objeto usado ao que se deseja possuir ou conservar. Para as crianças é garantia de futuros dentes sólidos e brancos. Na África e Ásia os dentes do jacaré são usados como defesas contra esses animais, podendo os portadores do amuleto atravessar os rios impunemente. Se o jacaré atacar é porque o amuleto não estava preparado convenientemente.

SAPATO — Imagem do pé, fundamento, base do corpo. Tem-se o cuidado de não deixar um sapato emborcado, de boca para baixo, sob pena de o dono morrer brevemente. A imagem do sapato emborcado sugere o corpo em posição inversa da normal, com a cabeça para baixo e os pés para cima. Assim eram enterrados os réprobos, os sacrílegos, em certas paragens do Oriente, porque viviam diametralmente opostos aos outros homens religiosos e de boa conduta. Usa-se o sapatinho para atrair os bons eflúvios, conservando-se o equilíbrio e os bens materiais. O sapato, no antiqüíssimo direito consuetudinário hebreu, valia a posse jurídica. Dá-lo era entregar o objeto, símbolo da emissão de posse. Assim se lê no *Livro de Ruth,* IV, 7: "...era um costume em Israel entre os parentes que quando um cedia o seu direito a outro, para a cessão ser válida, o que cedia tirava o seu sapato e o dava ao seu parente." No *De vita patrum,* de Gregório de Tours (538-594), cita-se a entrega do calçado, *praebet calceamentum,* como um dos elementos da cerimônia nupcial, talqualmente sucedeu com Maria Borralheira, a

universal Cinderela. João Ribeiro estudou esse simbolismo no *Notas de um Estudante*, 51-57, São Paulo, 1922.

SINO — Os sinos, sinetas, afastam os demônios pelo som. A maioria das religiões antigas, de Oriente e Ocidente, possuem o processo de afugentar os seres malditos fazendo soar os bronzes sagrados. Crianças na China ou na Itália, no Brasil ou nas ilhas do Mar do Sul usam pequeninos sinos ou guizos de metal como enfeites mas realmente destinados ao combate com os espírito da doença, da adversidade e da morte. Sir James George Frazer reuniu documentária extensa nas inúmeras literaturas religiosas do Mundo, *Le folklore dans l'ancien testament*, 359-378, Paris, 1924, lembrando as *clochettes d'or* que ornavam a túnica sagrada do Grande Sacerdote dos Israelitas e que deviam soar, obrigatoriamente, quando este penetrasse no Santíssimo, sob pena de morte. (*Êxodo*, XXVIII, 31-35.) Os pequeninos sinos protetores eram empregados na Grécia e em Roma. (J. Tuchmann, *Mélusine*, IX, Cols. 64 f.) Cálices e custódias do cerimonial católico possuem campainhas (*Revista do Sphan*, 6, D. Clemente Maria da Silva Nigra, O.S.B., figs. 4 e 5, como exemplos no Rio de Janeiro, convento de São Bento) comuns nas coleções européias, França, Itália, Portugal, Espanha, etc. Ainda os sinos chorando os mortos, *defunctos ploro*, arredavam do caminho celestial os espíritos malévolos que dificultariam a viagem derradeira. Nas tempestades, quedas de raios, quase sempre provocadas pelo Diabo, aconselhavam tocar os sinos, *fugo fulmina*. Frazer informa que *"c'est une opinion communément reçue depuis l'antiquité que les démons et les esprits peuvent être mis en fuite par le son du métal, que ce soit le tintement des clochettes, la voix grave des cloches, le choc aigu des cymbales, le roulement des gongs ou le simple cliquetis des plaques de bronze ou de fer entrechoquées ou frappées avec de marteaux ou des baguettes."* (*Opus cit.*, 359-360.) Num estudo recente, escreve W. L. Hildburgh: *"The little bells (only two of the original four are still in place) served also, as did similar little bells, from Western Europe to the eastern edge of Asia, to protect the child from harm of occult origin."* (*The folk-lore, vol.* LV, 137, London, 1944.

CATIMBÓ NÃO É MACUMBA NEM CANDOMBLÉ

Catimbó não é culto religioso. Não há promessas, votos, unidade do protocolo sagrado. É um consultório tendendo, cada vez mais, para a simplificação ritual. Não há festas votivas nem cerimonial coletivo. Não há corpo de Filha-de-Santo para louvor divino dos Orixás nem preparação obediente das moças iauôs. Nem instrumentos musicais resistiram à dissolução, se é que os houve. Resta a "marca-mestra", cabacinho na ponta de uma vareta, com que o mestre divide o compasso das "linhas". Nem cores, vestidos, contas, enfeites especiais. Nem alimentos privativos, fetiches de representação, iniciação para os Babalaôs, Pai-de-Terreiro, Babalorixá. Catimbó não é Macumba nem Candomblé.

Permanece isolado, diverso, distinto. Nenhum dos grandes orixás iorubanos ou bantos aparece nas sessões. Na Pajelança do Pará e Amazonas há Ogum, Oxosse, Iemanjá, Abaluaê, de mistura com a Boiúna-Mãe (Cobra-Grande), o Boto Branco amoroso, e o Boto-tucuxi, e mesmo um Rei Nagô cujo canto Mário de Andrade registrou. Negros e indígenas quase se equilibram na Pajelança. E nesta, animais se manifestam.

Essa participação zoolátrica verifica-se entre indígenas sem grandes intrusões negras. O Pe. Tastevin visitou, em janeiro de 1923, os Catuquinas do Alto Juruá, da família Pano. O Espírito Serpente que ensinou a tratar as moléstias, cantar para afastar feitiços, cheirar o rapé, beber o honé, foi Rono-Ionchi. A serpente, dedicada a Esculápio, é símbolo do espírito dos mortos, da eterni-

dade, a ciência silenciosa do Ocultismo. Entre os Catuquinas o Rono-Ionchi incorpora-se e canta dentro das donzelas indígenas. O Pe. Constantino Tastevin anotou: *Soudain, une voix étrange s'eleva flûtée, trés haute et trés melodieuse, qui me fit sursauter. Elle disait des phrases rythmées dont tous les vers se terminaient en i. Je m'approchai du groupe immobile. C'était MAME qui chantait; mais il paraissait être en extase. — Qu'est-ce qu'il chante? — demandai — je a un Indien. — Je ne sais pas, — dit il. Moi je ne suis pas sorcier! — Tu ne comprends donc pas ta langue? — Ce n'est pas dans ma langue qu'il chante! — Quelle langue, alors? — Je ne sais pas! Et puis ce n'est pas lui qui chante! — Qui donc? — C'est le Grand-Serpent qui est entré en lui!*[36]

Mame era um Catuquina que estava servindo de "médium" à Reno-Ionchi. No Catimbó todas as "linhas" são inteligíveis e sabidas. Apenas do elenco, Gogique e Gogideque, os "dois negrinhos da Índia", falam atrapalhado. E não é canto mas conversa.

No Catimbó os negros que "acostam" são catimbozeiros falecidos. Não há um só mestre negro ou caboclo (indígena) que não haja vivido na terra. Nas Macumbas e Candomblés passa o sopro alucinante das potestades africanas, deuses nascidos misteriosamente, com poderes espantosos. Tudo na Catimbó se faz com a "Linha da Licença" onde se fala, sisudamente, *com o poder de Jesus Cristo, vamos trabalhar*. Das centenas de orações recolhidas dos arquivos catimbozeiros nenhuma alude a um encantado e infalivelmente a Deus, Santíssima Trindade, Santos, às Almas. Só encontrei duas que se dirigiam às Estrelas e ao Sol. O espírito é religioso, formalístico, disciplinado, respeitoso da hierarquia celestial. Ninguém, numa Macumba ou terreiro de Candomblé, admite licença de Jesus Cristo para Xangô nem santo católico atender ao chamamento insistente dos tambores, no irresistível toque *adarrum, the most dramatic of the thunder dances, o adahoun* do Daomé, como informava Geoffrey Gorer.[37]

[36] Tastevin, *Chez les Indiens du Haut Jurua, Amazonie*, *LES MISSIONS CATHOLIQUES*, N. 2853, 102, Lyon, 1924.
[37] Geoffrey Gorer, *AFRICA DANCES*, 221, London, 1938.

Com a Pajelança há intercomunicação mas não dependência ou filiação. Todo Nordeste tem sido, há séculos, o grande exportador de homens para o extremo norte, Pará, Amazonas, Acre. Não há região brasileira mais conhecida para o nordestino que o mundo amazônico. Mas o sertanejo, porque a maior percentagem do retirante emigrador é do Sertão, levou mais crendices do que as trouxe, voltando doente, rico ou pobre mas sempre doente, do Inferno Verde. Quando estudei o assunto na "Geografia dos Mitos Brasileiros" admirou-me a não existência de mitos e superstições amazônicas no Nordeste, especialmente na zona de mais intenso contato. A Caipora nordestina, a Burra-sem-cabeça, o Lobisomem correm nas florestas amazônicas, mas nenhum bicho espantoso, vindo de lá, assombra as serras e tabuleiros dos sertões.

Há no Catimbó muito Pará-Amazonas. São as Universidades do curso secreto. A ordem, na citação respeitosa que é a credencial na ordem dos valores, começa por Belém do Pará, Manaus, depois. Não se fala bastante na Bahia. O terceiro lugar é Pernambuco, a cidade do Recife e Brejo da Madre de Deus, onde houve mestre de respeito e que hoje em dia está guiando espiritualmente "mesas" de Catimbó.

Segue-se a Paraíba, a capital, Serra da Raiz, Mamanguape, Campina Grande. São estas "as terras" mais ilustres onde os mestres tiveram lições e conheceram os "bons saberes". São os nomes de indiscutida e velha prestimosidade. Posso informar, em segredo para a Polícia não saber, que os mestres da Pajelança paraense, alguns de fama, são convidados a visitar capitais nordestinas para "trabalhos" de importância. Um desses, de Belém do Pará, esteve um mês na cidade de Natal, hospedagem paga e mais Cr$ 10.000,00 de agrado, além das passagens, ida e volta. Os Pajés vêm, trabalham e deixam alguma técnica nas mãos dos mestres catimbozeiros locais. Não sei a troco de que compensação há essa confidência. Para o Norte levam a jurema. Para o Nordeste enviam o tauari, a piripirioca, essências aromáticas, raízes, resinas, folhas. Alguns mestres nordestinos juntam dinheiro e vão passar uns meses em Belém do Pará estudando, acompanhando um *short course*.

Não deparei vestígios do culto Vodu, o culto da serpente, espalhado pelo Haiti, Porto Rico, Panamá, etc. Que esse culto existiu, e vive em fragmentos de canto, objetos de forma serpentina, couro de cobra, é inegável. O Sr. Édison Carneiro tem evidenciado rastos muito visíveis. No Catimbó, apenas um "mestre do Além", Antônio Tirano, "trabalha com cobras". Quando ele "acosta" as cobras surgem por todos os cantos, espavorindo a assistência. Mestre Tirano é homem de fumaças às esquerdas, mau até o miolo, e mestiço.

Encontrei a palavra CUBA significando "mestre" de Catimbó, feiticeiro, hábil, sabedor de coisas. No *VAQUEIROS E CANTADORES*, 180, Porto Alegre, 1939, registrara um "martelo" com o vocábulo: "Eu agarro na goela desse *Cuba.*" Rodolfo Garcia, *opus. cit.*, dera o verbete CUBA: "Indivíduo entendido na prática da feitiçaria." E semelhantemente fizera Cândido de Figueiredo e depois o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (São Paulo, 1939). Chico Bilro (Francisco Gomes de Albuquerque e Silva, 1860-1931), grande sabedor das tradições natalenses, referindo-se ao Mestre Remígio, chamou-o *Cuba,* explicando ser título de velho sabedor de feitiços. Um cantador, José Rogério, disse esta "colcheia" em nossa casa. Fazia ele o papel de Berico num *BUMBA-MEU-BOI* e os versos vieram como loas:

Tenho a ciência da abêia,
O talento do oceano;
Na carreira eu sou timive,
Na mucica eu sou tirano!
Sou CUBA, sou feiticeiro,
Disfaço qualquer engano!

CUBA evidentemente lembra a ilha antilhana e nela a tradição negra do Vodu? Certo é que existe no Brasil o vocábulo CUBA tendo acepção de profissional de magia negra. O mais antigo registro que conheço é o de Beaurepaire Rohan, no *DICIONÁRIO VOCÁBULOS BRASILEIROS*, Rio de Janeiro, 1889, como peculiar a Pernambuco.

O Catimbó provirá inicialmente do feiticeiro solitário, individualista, cioso dos processos bruxos europeus e das muambas negras, figura comum a todos os países

e momentos do Mundo. Ainda vivem tipos desses feiticeiros isolados, exclusivamente para consultas, para fazer "trabalhos" encomendados, sem sessão, sem ajuntamento, sem canto, sem ritual coletivo, sem a presença do consulente. Assim tivemos a "Feiticeira da Serra do Doutor", perto da cidade de Currais Novos, no Rio Grande do Norte, uma em São José de Mipibu e outra, centenária, perto da cidade do Ceará Mirim. No Mun. Itaretama, RN, há a serra do Feiticeiro, topônimo espalhado no País. O famoso Remígio de Papari trabalhava quase sempre sozinho. Paralelamente a esses feiticeiros, mestiços, mamelucos ou negros ex-escravos, velhos, residindo em mocambos fora da cidade e da vila, havia o "adjunto da Jurema", cerimônias simplificadas do culto indígena, a dança coletiva tupi, realizada em segredo, com fins religiosos e terapêuticos. Em toda a parte o indígena fazia, às escondidas, o seu "adjunto". Henry Koster registrara um deles em 1814.

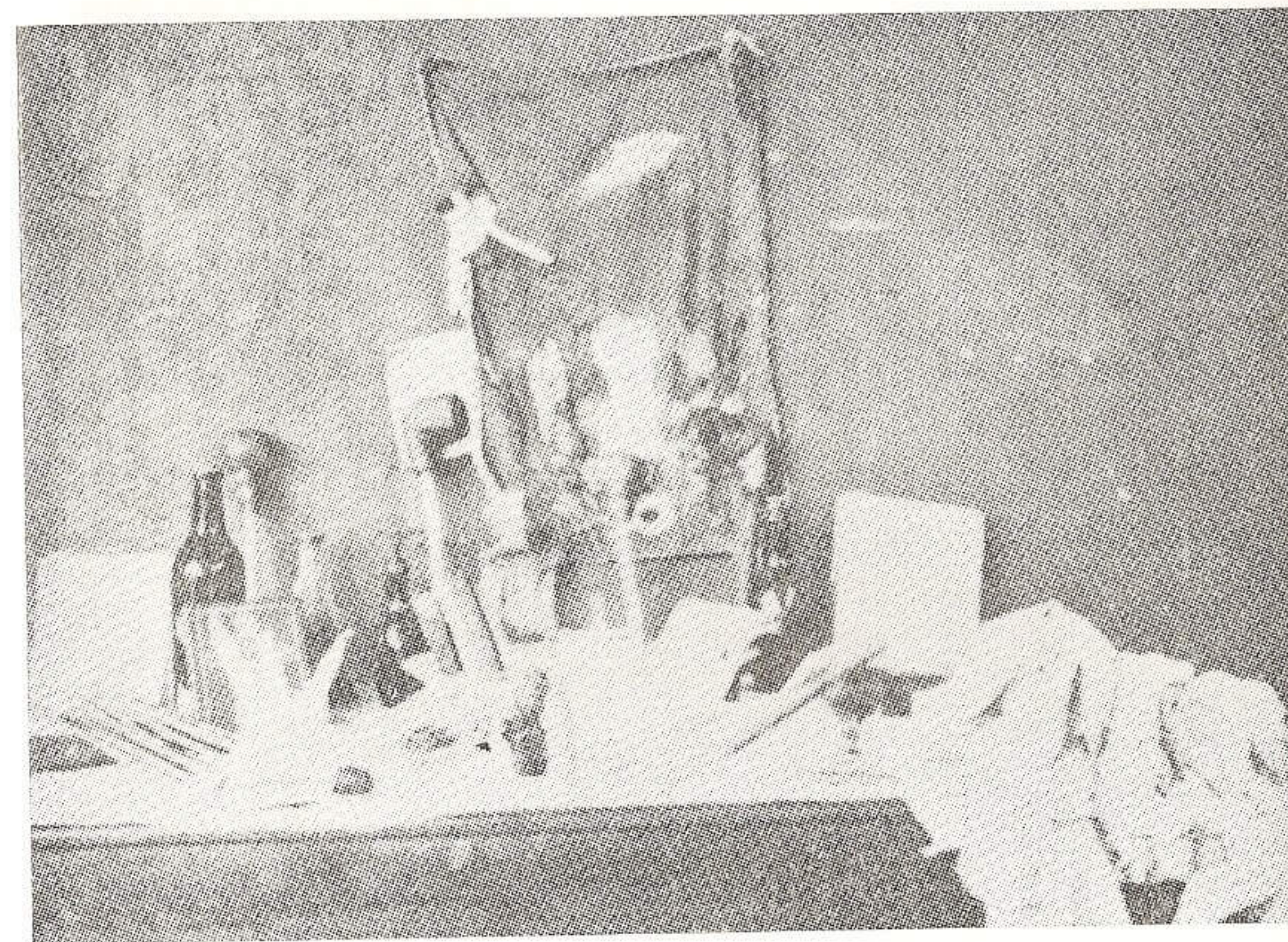
A diluição étnica do indígena, na segunda metade do século XVIII, depois da expulsão dos Jesuitas e dispersão da indiada que se reunira nas aldeias, espalhou também o indígena, o caboclo "velhinho-velhinho", prestigiando as puçangas, filtros, mezinhas do mato, preparadas com fórmulas de mistério, fonte das "garrafadas", "remédios de caboclo", "coisa do tempo antigo", de assombrosa simpatia popular. O "caboclo velho" e o "negro velho". Pai Angola, Velho da Guiné, são os lados de um ângulo cujo vértice é o "mestre" do Catimbó. No negro havia a magia branca e no caboclo a contaminação foi imediata e contínua.

Alguns, mascarando a função de curador, criaram o divertimento, a dança sagrada, atabaques, ingonos, puítas, escondendo a missão. Numa e noutra paragem não ocorreu o bailado sagrado do "cavalo de Santo". Dançava-se mesmo a dança local, especialmente o popular e fácil, o coco de roda, com a viva animação do ganzá.

Na cidade de Natal não há lembrança de uma festa negra religiosa que desse suspeita de reminiscência africana. O último africano, Paulo Africano, que faleceu a 12 de abril de 1905, com mais de cem anos, deixou memória e saudades de danças contínuas, quase todos os sábados, na Rua do Camboim, roncando a puíta a noite

inteira. Mas dançava quem queria dançar, ricos e pobres, gente do comércio, estudantes, soldados, empregados públicos, brancos, pretos, cinzentos. Ninguém esqueceu, quarenta anos depois, o *zambê de Mestre Paulo.* Nunca ouvi falar no Rio Grande do Norte em "coco de zambê". Coco é dança de roda, com "palma de mão", figurante no centro, fazendo letra. Zambê é dança solta, improvisação coreográfica individual, correspondendo ao Bambelô, com versos populares obrigados à resposta do refrão coral, no ritmo da embolada, acompanhada a Ingono, tambor grande batido com as duas mãos, com o tocador cavalgando, a puita ou cuíca, instrumento oriental que os escravos trouxeram para o Brasil e os árabes levaram para a península ibérica, e um tamborzinho, o "Chama", de couro mais esticado e reteso, de tinido seco, dando o ponto. Coco sem roda é vadiação sem nome. Mestre Paulo era doutor formado em puita.

É incrível que o inocente Zambê de Mestre Paulo[38] constituísse apenas um divertimento para brancos e pretos, alheio à significação religiosa do velho africano, o derradeiro escravo que atravessara o Atlântico no fundo do porão de um "negreiro". A festa era sempre num sábado. Meu Pai, Delegado de Polícia na época, explicava-me que sábado é véspera do domingo, dia vadio. Mestre Paulo era pescador. Quem é a dona dos peixes e manda nas águas do Mar é Iemanjá. Sábado é dia de Iemanjá. Mestre Paulo era seu devoto, meu Pai, coisa que Vossa Mercê morreu sem saber...

[38] Quando Mestre Paulo Africano morreu, o órgão oficial do Estado, *A REPÚBLICA*, deu notícia extensa e saudosa; ver a edição de 15 de abril de 1905.

Mesa de Mestre José Francisco, uma das mais completas do Catimbó. Da esquerda para a direita livros espíritas, álbuns da vida de Jesus Cristo, baralhos para cartomancia, pedaços de madeiras julgadas pelos clientes como vindas do Pará, rolos de fumo, garrafas com aguardente ("cauim"), um copo com três velas brancas ("bugias"), uma vasilha de vidro com raízes, um terço de contas brancas, um crucifixo de metal. A "princesa" (bacia de louça) cheia de livrinhos espíritas editados em São Paulo, um volume *O Mundo dos Espíritos*, peças soltas de roupa, destinadas ao "preparo de um trabalho". Ao fundo, a "marca-mestra" (marca na ponta de uma vareta de madeira), um cachimbo ("marca"), outra marca-mestra e outro cachimbo. Entre os dois primeiros, um crucifixo de ferro metido no gargalo duma garrafa. Na parede, o pano decorativo que a velha Elisa comprou em Belém do Pará representando, como ela acreditava, as três mestras do Catimbó, Anabar, Faustina e Balbina. Metida no pano uma boneca já preparada, significando um envultamento.

FLORA MEDICINAL DO CATIMBÓ. BANHO DE CHEIRO. REMÉDIOS TRADICIONAIS. FUMIGAÇÕES. AS ENTRADAS. O SANGUE. A SALIVA. O SOPRO. OS ARES

Aqui está a flora medicinal do Catimbó. É parte essencial e mais citada comumente nos receituários verbais. O fabricante e vendedor de "garrafadas" não é o "mestre de mesa", o homem do Catimbó. Comumente aconselha e, nem sempre, vende as raizes, folhas, sementes, raspas julgadas raras. O natural é dizer o que serve para os males do consulente. Quase todos esses remédios são encontrados nos mercados públicos. Há mesmo o catálogo dos ervanários cariocas e paulistas, gente com estoque inesgotável.

ABACATE — *Laurus persa,* diurético, desobstruinte dos rins (chá das folhas) e dado como estimulante sexual (a fruta), sucedâneo da catuaba.

AGRIÃO — *Nastrutium officinalis,* tosses, fortificante dos brônquios e pulmões, carminativo. A fama já viera da Europa.

ALECRIM — *Rosmarinum officinalis*. Vulnerário, para banhos, chá para rouquidão, tosse, sufocação. Tem virtudes maiores quando retirado do andor de Nosso Senhor dos Passos, na sexta-feira Santa, quando há a Procissão do "Encontro". O alecrim é muito popular na bruxaria portuguesa. Leite de Vasconcelos reçolheu uma quadrinha em Vila Nova de Gaia:

Quem pelo alecrim passou
E não cheirou,
Se mal estava,
Pior ficou!

É o rosmarim europeu, prestigiado pelo perfume suave e persistente. Os perfumes agradáveis e incisivos afugentam os maus espíritos. O mau cheiro é demoníaco. "Fedorento", "Sujo", são sinônimos diabólicos no Brasil.

ALFAZEMA — *Lavandula vera,* aromático, sedativo, chá para cólicas intestinais. Misturada com o tabaco faz passar a dor de dente. Perfuma a água do primeiro banho infantil, incluindo o poder antimaléfico. Logo depois do parto queimam alfazema e o cheiro anunciava "menino novo" para a vizinhança.

ALHO — *Allium sativum,* diaforético, tosses, influenza, dor de dentes. Friccionado nos pulsos, têmporas e peito, dado a respirar, vale o éter etílico nas vertigens. Afugentador prodigioso de bruxas, olho mau, malefícios por toda a Europa. Amarrado aos mastros dissipa as tempestades que são formadas pelos demônios (Grécia). Trincar alho em jejum livra do mau-olhado (Portugal). A fumigação do alho livra o tapuio que se apaixonou pela mãe-d'água de suicidar-se precipitando-se no rio para encontrá-la. Um alho machucado afugenta o Boto amoroso que persegue a moça (Brasil, Amazônia). Todos os animais e seres fabulosos temem o alho e fogem dele como fugia, repugnado, Horácio.[39]

ANGÉLICA — *Guettarda angelica,* emenagogo, febrífugo, contra as dispepsias e moléstias uterinas. Considerada abortiva quando tomada em infusão repetidas vezes. "Onde há angélica pare quem quer." Nome de uma "mestra do Além".

ANGICO — *Acacia anjico,* antiespasmódico, peitoral, antiblenorrágico. Xarope, é um dos antigos remédios populares. O botânico F. C. Hoehne informa: "Interes-

[39] O Sr. Luís da Silva Ribeiro reuniu as tradições supersticiosas em *O ALHO NAS TRADIÇÕES POPULARES* (Angra do Heroísmo, 1944). Muitas resistem ainda no Brasil com a mesma popularidade açoriana.

Na força do alho há um curioso documento da velha marinha de guerra da Argentina. *"Antigamente se tenia por seguro que si um imán se frotaba con ajo o cebolla perdia toda su virtud magnetica. Por ello los timolenes teniam prohibido tomar alimentos adobados con aquellos vegetales.* (*NUESTRA MARINA DE GUERRA,* 10-11, Buenos Aires, 1948.)

sante, talvez, é saber-se que uma espécie muito próxima desta, também vulgarmente conhecida pelo nome de "Angico", é a planta a que se deve o vício do rapé. Parecerá absurda esta asserção, entretanto não é. Quando os da comitiva de Cristóvão Colombo viram os silvícolas deste continente aspirar um pó pardacento, eles, que antes haviam notado estes mesmos homens fumarem as folhas da *Nicotina tabacum,* L., julgaram que esse pó ou rapé fosse feito das mesmas folhas secas e moídas, e, sem prévio exame, fizeram propaganda desta nova aplicação do tabaco, implantando assim, em poucos anos, terrível vício. Mais tarde botânicos houve que verificaram ser o pó usado pelos índios feito das sementes torradas da *Piptadenia pelegrina,* Bth". O rapé dos indígenas diz-se *paricá,* indispensável na pajelança.

ARROZ — *Oriza sativa,* moléstias do intestino, refrescante, diurético.

ARRUDA — *Ruta graveolens, rue* dos franceses, *weinraute* alemã, *ruda* castelhana. A lição de F. C. Hoehne esclarece: "Desde a mais remota antigüidade é conhecida esta planta e empregada como fortificante dos nervos e sudorífico; ela é igualmente afamada como aperitiva, razão por que os romanos a empregavam até como tempero. Tomada em doses elevadas é tóxica. Usam-na também como emenagogo e para provocar abortos. As sementes são inseticidas e anti-helmínticas." Amuleto tradicional contra o mau-olhado. Basta usá-lo e tê-lo em casa para distanciar os maus-elementos. Da mandeira fazem as figas para crianças. As negras e mestiças traziam um galhinho de arruda atrás da orelha, prevenindo o quebranto. Debret desenhou e comentou a cena das vendeiras de arruda (*VIAGEM PITORESCA E HISTÓRICA AO BRASIL,* II, 168, ed. Martins.) Participa das fumigações e defumações. Popularíssima. *"Más conocida es esta vieja que la ruda",* diz-se em *LA CELESTINA* (ato IV, fins do séc. XV). Inseparável nos "banhos de cheiro" para lavar o corpo das infelicidades, urucubacas, pesos, malefícios, atrasos.[40]

[40] Os portugueses estudam carinhosamente a farmácia, cirurgia e terapêutica dos navegadores antigos. Os Profs. Drs. Luís de

BARBATIMÃO — *Stryphnodendron barbatimão*, adstringente capaz de favorecer a simulação da virgindade; hemostático, antigonocócico, dado nas leucorréias, hemorragias uterinas, gargarejado nas feridas da boca. Informa Hoehne: "Dela (casca) lançam mão as mulheres impudicas, para prepararem o banho com que lavam os órgãos genitais; pelo poder estíptico elevado da casca, estes banhos fazem contrair-se os lábios vaginais." (*O que vendem os Ervanários da cidade de São Paulo*, 56.)

BATATA-DE-PURGA — *Piptostegia pisonis*, purgativo. No receituário catimbozeiro a doutrina dos humores é rainha. As moléstias são desequilíbrios, abundância desses humores. Para limpar internamente o corpo, livrá-lo da carga, eliminando as sobras, a purga é soberana, insubstituível. Havia um purgante mensal ou trimestral. Ninguém dispensaria o purgante como garantia da saúde, botando tudo para fora, descarregando. Um rendeiro sertanejo do Dr. José Mariano Filho, contou-me este querido amigo morto, pediu-lhe dois purgantes: *um p'rá abalar e outro p'rá arrastar!* explicava. No inverno purgava-se com o sol quente. No verão bebia-se a ba-

Pina, *A MEDICINA EMBARCADA NOS SÉCULOS XVI E XVII* (Arquivo Histórico de Portugal, IV, 1940) e Américo Pires de Lima, ambos da Universidade do Porto, têm fixado este aspecto, demonstrando o cuidado e conhecimento da época que os portugueses tão bem possuíam, desmentindo a lenda de ousadia, de arrojo, de valentia que o sucesso legitimava em sua loucura. Eram antes prudentes, previdentes, sabedores. Num ensaio do Prof. Dr. Américo Pires de Lima, *A BOTICA DE BORDO DE FERNÃO DE MAGALHÃES*, sep. do "Anais da Faculdade de Farmácia do Porto", IV, 1942, há registro de muitas espécies vegetais populares no Catimbó, medicina tradicional na base botânica, com os simples. Assim, Fernão de Magalhães levava na sua viagem de circunavegação o alecrim, a hortelã, o manjericão, a arruda, que Laguna, tradutor de Discórides, inormava: *"Dizen algunos, que tiene la ruda gran fuerza contra los malignos espiritus, y contra toda suerte de hechizerie."*

O domínio botânico na farmacopéia clássica ainda se expressava pelos aforismos médicos, tão abundantes e comuns outrora. O Dr. A. Castillo de Lucas, professor na Faculdade de Madrid, grande sabedor do folclore espanhol, estudando as *ENSEÑANZAS MÉDICAS DOCUMENTADAS EN LAS OBRAS DE RODRIGUEZ MARIN*, sep. da revista *CLINICA Y LABORATORIO*, junho de 1943. Zaragoza lembra o verso leonino *CONTRA VIM MORTIS NON EST MEDICAMEN IN HORTIS*. O recurso era justamente *IN HORTIS*, laboratório da terapêutica popular.

tata-de-purga em jejum, de madrugada. Era uma reminiscência das moléstias frias e quentes, aplicando-se à meteorologia. A batata-de-purga era ralada, esfarinhada e dispersa no doce de batata doce, muito denso e gostoso, para que as crianças comessem, purgando-se insensivelmente. Vinha depois o resguardo, o resguardo velho, minucioso e exigente, três a oito dias de camarinha, lenço amarrado na cabeça, meias brancas nos pés, algodão nos ouvidos, quase sempre deitado e na penumbra. O purgante era uma cura completa, pela dieta e pelo repouso. No Catimbó a tabela é a mesma de outrora, mas a obrigação é muito menor, reduzida às condições pessoais do doente.

BATATINHA — *Morea aphylla*, purgativa, anti-reumática e dada como preparativo dos tratamentos prolongados.

CABACINHO — *Monordica bucha*, purgativo, de efeito moderado mas infalível. No sul chamam-no "bucha, buchinha", esfregão, *Luffa* dos árabes. Conhecida e usada na Europa, Ásia e África. Confundem-na com a "Luffa operculata, L." buchinha-do-norte, buchinha-dos-paulistas, purga-de-pai-joão.

CABEÇA-DE-NEGRO — *Guarea multipla*, purgativo, depurativo, anti-sifilítico.

CATINGUEIRA — *Cesalpina bracteosa*, pulmões, brônquios.

CATUABA — *Anemopaegma mirandum*, estimulante, afrodisíaco de larga fama.

CIDREIRA — *Melissa officinalis*, sedativo, calmante, corretivo intestinal. Diz-se comumente erva-cidreira. O chá é velho e prestigioso elemento da medicina caseira. Em Portugal o renome é o mesmo. Uma velha sabedeira, antiga serva de doutor, dizia ao Dr. Armando Leão: "Chases de cidreira são de muita virtude. Olhe, meu senhor, o doutor velho d'Arrifana, sempre me zuniu: Ó mulher, se soubessem o qu'esta pranta vale, tapavam-se as boticas." (*ARQUIVO DE MEDICINA POPULAR*, I, 16-17, Porto, 1944.)

CUMARU — *Torresia cearensis*, expectorante, anti-espasmódico.

DENDÊ — *Elais guinéensis*. O óleo é indispensável nos Candomblés e Macumbas. Deu mesmo um Orixá, Infá. Nos antigos Catimbós servia para ungir as mãos e os pés do candidato no "fechamento do corpo". Está sem uso maior nos Catimbós atuais. Empregam, às vezes, em fricções contra acessos reumáticos.

FEDEGOSO — *Tiaridium alongatum*, antiespasmódico, usado nos banhos aromáticos, anti-helmíntico, febrífugo, emenagogo, abortivo.

FUMO — *Nicotina tabacum*, vulnerário, exsicante, hemostático.

HORTELÃ — *Mentha viridis*, carminativa, antiespasmódica, para infusos bechicos. Todas as mentas são empregadas.

IPECACUANHA — *Cephalis ipecacuanha*, vermífugo, vomitivo, expectorante.

JALAPA — *Ipomae megapotamia*, purgativo enérgico, um dos mais fortes, no receituário do Catimbó. Para o uso da jalapa todas as precauções são poucas. Confundem-na com a batata-de-purga. Há muitos tipos de jalapa.

JUCÁ — *Caesalpina ferrea*, hemostático, contra tosses rebeldes e traumatismos. Medicina simpática: os melhores cacetes são feitos do miolo do jucá. O verbo "matar" em nheengatu é *iucá*, jucá. *Contraria contrariis*.

JUREMA — *Mimosa nigra*, a jurema preta, *Acacia jurema*, a branca. Usadas as raízes, cascas, sementes, receitadíssima para todos os males. Planta amuleto, a mais poderosa e cheia de tradições do encantamento indígena. Não há feiticeiro sem arruda e Catimbó sem jurema. Uma lasquinha embebida em aguardente e benzida pelo "mestre" é preciosa como protetora. Os indígenas bebiam a jurema para provocar sonhos extasiantes. No Catimbó empregam-na misturada com cachaça. Raramente aparece nas Macumbas e bruxarias do Sul. O botânico F. C. Hoehne não a encontrou nas coleções dos ervanários de São Paulo. Nem ocorre na Pajelança amazônica. O prestígio está condicionado à própria área geográfica do cultivo natural. A ação da Jurema no Catimbó é mais tradicional, mágica, prestígio do nome. O Prof. Carlos Estêvão,[41] diretor do Museu Goeldi, de Belém do Pará, assistiu à festa secreta do Ajucá, preparaçao da Jurema entre os descendentes dos indígenas Pancararus, no Brejo dos Padres, em Taracatu, Pernambuco, janeiro de 1938. Raspam a raiz e a maceram, pondo-a na água que se vai tornando, pouco a pouco, avermelhada e grossa. A espuma é retirada da superfície. O velho Serafim que dirigia a cerimônia, iniciou o rito: "...acendeu um cachimbo tubular, feito de raiz de jurema, e colocando-o em sentido diverso, isto é, botando na boca a parte em que se põe o fumo, soprou-o de encontro ao líquido que estava na vasilha, nele fazendo com a fumaça uma figura em forma de cruz e um ponto em cada um dos ângulos formados pelos braços da figura." Trouxeram a vasilha, pondo-a sobre duas folhas de uricuri. Sentaram-se todos ao redor, inclusive duas velhas "cantadeiras", e os cachimbos foram acesos, passando de mão em mão para uma fumaçada fraternal. Uma das cantadeiras, de maracá em punho, cantou uma louvação a Nossa Senhora. E se fez a distribuição do Ajucá, isto é, a vasilha foi apresentada e todos sorveram uns *goles*, reverentemente. O resto enterrou-se. Tudo se passou ao som de cantos e de fumaças de cachimbo. As cantadeiras benzeram os assistentes, e todos se dispersaram. Comparando a cerimônia do Ajucá com o Catimbó é nítida que neste há forte sobrevivência indígena na conservação de cerimonial quase idêntico.[42] O "segredo da jurema" é um sinônimo do Catimbó. A fabricação do licor verde e amargo, como escreveu José de Alencar, dado aos guerreiros, não se transmitiu aos brancos.

JURUBEBA — *Solanum paniculatum*, para as moléstias do fígado e baço. Desobstruinte. As frutas, extremamente amargas, devem ser mascadas, com a insistên-

41 1880-1946. Era um verdadeiro mestre indianologista.

42 Ver *FRONTEIRAS*, janeiro-fevereiro de 1938, ano VII, número 1-2, Recife.

cia de um *chicle*, durante meses e meses. Não há doença de fígado que resista à Jurubeba. Usam a decocção, bebendo-a como água.

MACELA — Anacyclos aures, da branca, contra febre, vermes, gripes.

MALVA — Malva sylvestris, sedativo como emplastro e cozimento.

MAMÃO — Carica papaya, chá das folhas contra embaraço gastrintestinal, enxaqueca, empachamento.

MANACÁ — Brunfelsia hopeana, depurativo.

MANJERICÃO — Ocinum minimum, estimulante, para banhos, aromático.

MANJERONA — Origanum majorana, vulnerário, estimulante, para banhos.

MASTRUZ — Chenopodium ambrosioides, vomitivo, vermífugo, banhos. Menstruz, mastruço, mentruço. Hoehne escreveu que o Mastruz nordestino é conhecido no Sul do País e na República Argentina como sendo a erva-de-santa-maria.

MATA-PASTO — Cassia sericea, diurético contra tosses renitentes, coqueluches. Fazem um "lambedor" (xarope) muito aplicado nesses casos.

MELÃO-DE-SÃO-CAETANO — Monordica charantia, hemostático, desinflamatório.

MUCUNÃ — Mucuna urens, moléstias de vias urinárias. A semente é usada como amuleto contra mau-olhado, enfeitando o colar das crianças pobres.

MULUNGU — Erytrina corrallodendron, peitoral, calmante, emoliente. O chá de mulungu é remédio clássico para as agudas excitações nervosas.

PEGA-PINTO — Boerhavia hirsuta, diurético, antiblenorrágico. Erva-tostão, no Sul, e também Tangaraca. É bebida popular como refresco gelado no Ceará e Rio Grande do Norte.

PINHÃO — Jatropha curcas, grande purgativo. Emético enérgico. Henry Koster conta ter tomado uns quatro

grãos de pinhão, dados pela *poor old Antonia had the reputation of being somewhat of a "mandingueira"*[43] e com efeito *most violently*. O pinhão é o terror do catimbozeiro. Surra dada com galho de pinhão mata todas as forças do feiticeiro, tornando-o fraco e desarmado por algum tempo. Perguntando por um "mestre", residente no Carrasco, além do bairro do Alecrim, em Natal, soube que o homem "perdera as forças" para qualquer trabalho durante meses "proveniente duma surra que deram nele com pinhão"!

QUEBRA-PEDRA — Phyllanthus corcovadensis, diurético, dissolvente de cálculos renais. Nasce por toda a parte e é o primeiro remédio aconselhado "p'ras urinas" e "desimpedir os rins".

SABUGUEIRO — Sambucos australis, febrífugo. Chá da flor e da entrecasca quando a febre "é teimosa". *Sureau* dos franceses, *Holunder* alemão, *Bore-tree inglesa.*[44]

SALSA — Apium petroselium, emenagogo, sedativo, anti-sifilítico.

TARUMÃ — Vitex taruma, anti-reumático, banhos.

VASSOURINHA — Scoparia dulcis, bechico, emoliente. Molhados os raminhos em cachaça com jurema, varrido o chão, afasta o mau-olhado e as forças contrárias. Desta forma eram varridas as vizinhanças da casa do catimbozeiro em certos dias do ano.

VELAME — Croton campestris, purgativo, catártico.

43 Traduzi e anotei os dois volumes de Henry Koster, *TRAVELS IN BRAZIL*, publicando-os na "Brasiliana", volume 221, São Paulo, 1942, sob o título de *VIAGENS AO NORDESTE DO BRASIL*, com as ilustrações e mapas da edição de 1817, A. Strahan, Londres. Koster é a primeira e a melhor informação etnográfica e folclórica sobre a região, inclusive o interior. Sua viagem, a cavalo, de Goiana, em Pernambuco, a Fortaleza, no Ceará, em 1810, é preciosa e inesgotável de notícia. Falando fluentemente o idioma da terra (Koster nascera em Portugal, filho de ingleses) foi o primeiro estrangeiro a estudar o sertanejo nordestino e as populações mestiças do litoral.

44 Um dos mais completos estudos publicou o erudito Dâmaso Alonso na *Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares*, tomo II, cuaderno 1.º, Madrid, 1946, *EL SAÚCO ENTRE GALICIA Y ASTURIAS*, nombre y superstición, 3-32.

Os "mestres" do Catimbó, ao contrário dos "médiuns" espíritas, não receitam remédios homeopáticos. Preferem a "ciência do pajé", recorrendo às sementes, cascas e raízes, folhas, raminhos, flores, preparadas por eles ou indicadas mediante conselhos técnicos para o preparo do cozimento, defumação, lambedor (xarope), chá, emplastro, fricção, banho, fumigação, etc.

Em vinte anos, 1928-1948, o Catimbó sofreu modificações várias no receituário. Desapareceu nome velho mas pouca ou nenhuma novidade surgiu. O azeite-de-dendê que era pingado nos quatro cantos da casa já não usam e sim apenas a água que serviu na cerimônia do "fechamento do corpo". O cigarro de palha de tauari *(Curataria tavary)* não é sempre fumado pelos catimbozeiros. Outrora havia exportação maior de tauari do Pará, onde é indispensável na Pajelança. A Liamba *(Cannabis indica)*, diamba, maconha, macumba, pango, cânhamo, é fumada fora do Catimbó. Jamais encontrei um "mestre de mesa" fumando maconha. O óleo era aconselhado como afrodisíaco, mas não encontrei endosso nesses últimos dez anos.

Aqui menciono a farmacopéia de origem vegetal e não incluo os amuletos, registrados quando estudo o mau-olhado e quebranto.

Remédio contra magia adversa é o banho de cheiro, obtido pela infusão de plantas aromáticas, possuindo virtudes purificadoras. A tradição do banho purificador é universal e sagrada. Por ele inicia-se a preparação cerimonial. Variam as plantas escolhidas, o processo de arranjar a mistura, os ingredientes auxiliares, aguardente, vinho, fio de ouro, areia de determinados lugares, orações, bênçãos, esconjuros, horário da cerimônia, obrigações durante e depois do ato. Na África e Ásia, Europa e América, ilhas dos Mares do Sul, o banho aromático é uma constante etnográfica. No Pará e Amazonas o banho de cheiro atualmente é comum e sempre um remédio contra a má sorte, o peso, o caiporismo, a panema. Possível é a origem oriental dos banhos de essências vegetais. É um refinamento denunciando hábitos já distantes do primitivismo tribal. Uma característica do banho de cheiro é ser preparado com água morna ou quebrada a frieza. Pelo trabalho exigido não seria fácil nas épocas comuns

da vida selvagem. Só a função religiosa o explicaria satisfatoriamente.

Nos Candomblés da Bahia aparece o banho de cheiro mas presumivelmente trazido pelos africanos arabizados ou tendo sofrido a influência desse contato. Em Portugal os banhos mornos, perfumados com alfazema, manjericão, são conhecidos. Na iniciação das *iauôs*, filhas-de-santo, recebedoras dos Orixás no culto gegê-nagô, há um banho aromático cujas ervas só são conhecidas pelo pai ou mãe-de-santo.[45] Para os negros do Haiti, fiéis ao culto Vodu, o banho de folhas cheirosas é ritual. Entre os Uananas, do rio Uaupés, no rio Negro, a festa da menstruação, *Kamon numian kosôa*, banho de sangue da donzela, exige as ervas perfumadas, especialmente a ablução na água da casca do japacanim, *Parkia oppositifolia*. Alfredo da Matta, *Vocabulário Amazonense*, assim registrou o *BANHO DE CHEIRO*: *"Frase assaz conhecida na Amazônia, e vulgarizada em quase todo o Brasil para indicar os banhos aromáticos, em particular os das festas joaninas, a que juntam ervas e cascas, flores e essências e resinas, com os melhores augúrios populares porque têm o condão de conservar a felicidade, afastar o caiporismo, destruir o enguiço, ou readquirir os favores da sorte. Até o "panema", o "urucubacado", volverá ao bom tempo de outrora nos amores, em negócios... sob o influxo benéfico do banho de cheiro."*

Na Europa o costume é secular, fazendo parte do cerimonial infantil. Os primeiros banhos eram aromatiza-

45 *"J'ai su que ce bain, selon certains, rits africains et même chez nous, se donne parfois dans des infusions de plantes qui jouissent les propriétés trés stimulantes et qui sont considérées comme sacrées."* (NINA RODRIGUES, *"L'Animisme Fetichiste des Nègres de Bahia*, 56-57, Bahia, 1900.) "Em seguida, procede à colheita de ervas preciosas, que são vinte e uma espécies diferentes; e o banho há de conter dezesseis folhas de cada qualidade." (MANUEL QUERINO, *Costumes Africanos no Brasil*, 70, Rio de Janeiro, 1938.) "Neste dia a iniciante submete-se, num sítio retirado, ao ar livre, a um banho de folhas aromáticas, que só os pais e as mães-de-santo conhecem." (ARTUR RAMOS, *O Negro Brasileiro*, 48, Rio de Janeiro, 1934.) "Os banhos rituais durante a *feitura* do santo (banhos de folhas) chamam-se, segundo Manuel Lupércio, *ariaxé*, diz ele que em nagô." (ÉDISON CARNEIRO, *Negros Bantos*, 113, Rio de Janeiro, 1937.)

dos, com rosmaninho, alecrim, alfazema, etc., não somente com o fim imediato do bom odor como, essencialmente, para distanciar as bruxas e seus malefícios.

Quais são as ervas do banho de cheiro? Empregam sete ervas, nome genérico para os arbustos: arruda, alecrim, manjericão, malva-rosa, vassourinha, malva-branca, manjerona. Outra receita: alfavaca, cidreira, capim-santo, hortelã, rosmaninho, mangirioba e fedegoso. Cortadas em pedacinhos, são fervidas as ervas e coada a água, servida tépida. Banho de cuia, vagaroso. Depois, fricção de aguardente ou água-de-colônia. Banha-se primeiro a cabeça, depois o pé direito, o esquerdo. Antes de tudo umedecem as frontes (têmporas), os pulsos, o peito e os pés.

Remédios tradicionais

O mais famoso é o das "Sete Massas". Constituía segredo ciumento dos catimbozeiros, custando dinheiro o preparo. Ninguém, ou rara pessoa, sabia de sua fabricação. Pelo Nordeste, os casos de cura são apontados, ou eram, no meu tempo de menino. Curava feridas, "reima do corpo", conseqüência da "Doença do Mundo", sífilis. Aqui está a receita. Obteve-a meu Pai há uns cinqüenta anos, e era escondida e difícil como dinheiro enterrado:

100 gramas de salsa em raiz; 100 gramas de carimã; 100 gramas de arroz branco; 100 gramas de açúcar branco; duas oitavas de sena; uma oitava de cristal mineral (nitrato de potássio ou azotato de prata) e meia oitava de mercúrio doce (cloreto mercurioso). Rala-se separadamente cada substância, passando-a num pano fino. Depois mistura-se tudo, revolvendo-se para que a mistura fique completa. Tomam-se duas colheres de sopa por dia, pela manhã, com mel-de-açúcar. Depois de ter bebido o remédio, o doente lava a boca imediatamente e vai para o banho frio. Havendo reação forte, febre, suspende o banho. Não comerá peixe, pinhas (atas) nem tomará leite.

Chá de Barata — Para cólicas intestinais o chá de barata é milagre verdadeiro. Nunca deixou de ser eficaz. Torra-se a barata em cima da chapa do fogão, pulveriza-se

e faz-se o chá, bebido com açúcar e sem que se saiba de que foi feito.

Chá de grilo — Serve para a retenção de urinas. O grilo é poderosíssimo. Não há quem resista ao chá de um grilo inteiro. Tomam a terça parte dele, mesmo um adulto. Se tomar o grilo completo passa da anúria à poliúria. Pega-se o grilo e cozinha-se a terça parte. Bebe-se esse caldo com açúcar, mas a força é ignorar de que espécie é o remédio tomado. Não há diurético que se possa medir com o chá de grilo.[46]

Fumigações — Defumações — Não são aconselhadas como remédios mas sempre como defesa contra o mau-olhado. Feitiço, forças contrárias, inimigos fortes, etc. A fumigação individual e a defumação da residência são processos da bruxaria européia e universal. Usam as mesmas ervas do banho, alecrim, manjericão, cravo seco, calipe (eucalipto), incenso. Raramente o mestre é o defumador. Receita e cumprem sem suas vistas. Ele pessoalmente ir defumar é uma honra ou prestígio. As plantas, folhas, raízes, tornadas fumaça, afastam as "forças contrárias" que agem no ar. Todos os velhos deuses gregos e romanos, o onipotente Jeová, assim recebiam os sacrifícios. Aspirando a carne e a gordura dos holocaustos. *Odoratusque est Dominus odorem suavitatis.* Cheirou o Senhor um suave cheiro...

Um dos processos tradicionais no Catimbó é a fricção aromática ou o cauim, aguardente com jurema, soprado pelo mestre. Não pude saber se há nome especial. Comumente, depois da confissão de "atraso", dificuldades, impressão de que alguém estava atrapalhando o consulente, Germano ou Zinho, Libera ou Dudu, concentravam-se declarando que o inimigo ia ser combatido e o amigo defendido inteiramente. Com orações surdas, ou pouco críveis que fossem pronunciadas, o mestre ia esfregando com cachaça e raspas de jurema, as "partes

46 O Pe. Firmino A. Martins, *FOLCLORE DO CONCELHO DE VINHAIS*, I, 331, Coimbra, 1928, registra o Chá de Grilo em Portugal, de onde deveria ter vindo para o uso brasileiro. "*Para urinar. Tomar um chá feito de quartos de grilos.*"

fracas", as "entradas"[47] do cliente. Jarrete, curvas da perna e braço, pulso, testa, pescoço. E olhos, sobre as pálpebras, narinas, boca e orelhas. Quando perguntei pela defesa simbólica de uma outra e obscura saída corporal, respondeu-me Zinho que "por aí sai e não entra mal".

Pulsos, orelhas, pescoço, jarretes, têmporas, narinas, lábios são ornamentados universalmente. Há certamente, escondido no instinto do enfeite, do ornato bonito para fixar a atenção da fêmea e manter uma elevação junto aos companheiros, um elemento sagrado da magia defensiva, o amuleto que fecha e impossibilita o acesso da força contrária, tornada fumo ou simples aroma pela ciência adversária. Dissipada, diluída lentamente pelo tempo a explicação sagrada da decoração, batoques, tembetás, brincos, anéis, pulseiras, manilhas, ossinhos, pedras verdes, penas, espinhos, ramos, diademas, coroas, faixas, restará apenas o aspecto exterior do elemento ornamental, enfeitador, ação exotérica do Bonito.

Inicialmente as pedras de cor ou de forma original, gomos vegetais, frutos secos, conchas, dentes, élitros vistosos, penas de coloração viva, ossinhos de aves, unhas, seriam empregados como "guardas", vigias defendendo as "entradas" (ouvido, boca, narinas, olhos) e os pontos "fracos", jarretes, pulso, têmporas, pescoço, curva do cotovelo, região poplitéia, dispostos em fios, diretamente nos lugares ameaçados pela invasão invisível dos espíritos imponderáveis e agressivas a distância. Os pontos sensíveis eram aqueles e ali se estendia o cordão de isolamento da força fiel, disfarçada em atavios, camuflada em ornatos, colares, anéis, braceletes, diademas, pulseiras.

[47] É uma reminiscência da Astrologia. As sete entradas eram presididas e defendidas pelos sete planetas, Saturno e Júpiter as orelhas, Marte e Vênus as narinas, o Sol e a Lua os olhos e Mercúrio a boca. Dos "pontos fracos" há uma referência rápida no volume do Prof. Roger Bastide, *IMAGENS DO NORDESTE MÍSTICO*, 104, Rio de Janeiro, 1945. Descrevendo a sessão fúnebre do "axexê", homenagem ao terceiro dia da morte de uma mãe-de-santo, escreve: *"É que o espírito da morta está presente, ou virá ao ser invocado; é preciso, portanto, fechar os pulsos, que são a parte mais débil e mais permeável do corpo, para impedi-la de penetrar no interior dos seres vivos."*

Para as pálpebras e cílios havia o ungüento mágico que se passava, evitando a penetração adversa. Podia-se explicar ao não-iniciado que o líquido se destinava a aformosear os olhos das mulheres ou dos homens. O real era a estratégia manhosa do enfeite, ocultando as armas da reação legítima.

Justifica a teoria a pequena venda de pedacinhos de jurema, benzidos, caroços de frutas irreconhecíveis pelo "preparo" que os mestres fazem aos clientes com o fim de amuletos passageiros, usados por algum tempo ao pescoço, pulsos ou curva do joelho, além das fricções imediatas e locais.

Nenhum "mestre" de Catimbó que se tenha em conta de "sabente" permite que uma gota do seu sangue ou o seu escarro fiquem a descoberto. Onde quer que caia a gota do sangue ou fique o escarro recobrem cuidadosamente com areia ou espalham com o pé ou fricção de papel de jornal. Alguns cuspiam em pedaços de papel, enrolando-os e guardando-os para destruí-los quando voltassem para casa. O temor era deixar parte tão ativa da própria substância vital ao alcance do "trabalho" inimigo, entregando elementos preciosos e decisivos para que um rival inutilizasse sua obra e sua vida.

Do sangue entende-se a simbólica poderosa. O *Deuteronômio* ainda o denomina altamente: *o sangue é a alma*, XII, 23. É o movimento, o impulso, a velocidade inicial. Eliphas Lévy, o magista, explicava: *C'est le substratum de la lumière vitale matérialisée. Il est fait à l'image et à la ressemblance de l'infini*, e mais belezas nesse diapasão. A saliva não fica longe dessas honras supremas.

A saliva vem do latim *sal, salis*, do grego *als*, sal. *Vos estis sal terrae,* disse Jesus Cristo aos Apóstolos (Mateus, V, 13), e sempre se referiu ao sal em linguagem simbólica (Marcos, IX, 49, Lucas, XIV, 34). O sal é a conservação, a durabilidade. Com o sangue e o hálito resume a vida humana na tradição popular universal.[48]

[48] Na cerimônia do batismo católico há a alta simbólica do sal. *Deinde immittat modicum salis benedicti in os infantis, dicens; Accipe sal sapientiae; propitiatio sit tibi in vitam aeternam.* Sobre a simbólica do sal escreveu o Dr. Ernest Jones o erudito *THE SYMBOLIC SIGNIFICANCE OF SALT* (no *Essays on Applied*

Em todos o fabulários do Mundo a saliva é um elemento capaz de representar ou substituir o ente humano, no mínimo a voz humana. É conhecida a estória brasileira em que a Mãe, retirando-se de casa, deixa a saliva para responder por ela às perguntas capciosas do "bicho" noturno.

Entre os Naúas foi com a saliva que concebeu Xquid. Numa lenda, que Barbosa Rodrigues recolheu no rio Negro sobre a gênese do Serpentário, *mboia-açu*, encontramos a Cobra-Grande nascendo de uma sorva *(Cuma utilis)*, onde havia um cabelo humano. A Mãe para livrar-se do monstro deixou-o subir a uma sorveira e colocou-lhe a extremidade da cauda numa casca de sorva, cheia de saliva. Fugiu a Mãe e a Cobra-Grande gritava por ela, *ce manha! ce manha!* minha Mãe! minha Mãe! e a saliva respondia *uh! uh!* Não encontrando sua Mãe o Serpentário procurou-a no rio e depois subiu para o Céu! Aí brilha com suas estrelas radiantes.

Brandão de Amorim registrou, na tradição guerreira de Buopé, o grande chefe do rio Uaupés, afluente do rio Negro, Amazonas, o episódio em que o herói enchia de saliva um funil de folhas e o lançava ao rio. *"Assim fazia para chamar nova, chamar gente para este por meio de sua pajeçagem."*

Nos Evangelhos ocorre a saliva em várias passagens como veículo terapêutico. Para curar o surdo-mudo de Decápolis, Jesus Cristo tocou-lhe, com os dedos untados de saliva, nos ouvidos e na língua. (Marcos, VII, 33.) O cego de Betsaida recuperou a visão pelo mesmo modo. (Marcos, IX, 23.) Um cego de nascença teve igual pro-

Psycho-Analysis, Londres, 1923) mostrando a universalidade de sua aplicação como elemento antimágico ou afastador de malefícios. Seu uso nos recém-nascidos, fricção ou absorção, é muito anterior ao batismo católico que manteve um elemento de crendice oriental, uma força apotropaica. Basta lembrar Ezequiel, XVI, 4, recordando a Jerusalém, em nome do Senhor: *"E quando ao teu nascimento, no dia em que nasceste, não te foi cortado o umbigo, nem foste lavada com a água, vendo-te eu, nem tampouco foste* esfregada com sal, *nem envolta em faixas."* Ezequiel é do século VI antes de Cristo. Leite de Vasconcelos informa: "Quando um rapaz namora uma rapariga, e há outra que o quer namorar a ele, deve esta *deitar sal à porta* da primeira. Desde este momento já ela não pode tornar a ver o mesmo rapaz por grande que seja o amor que lhe tenha." (*TRADIÇÕES POPULARES DE PORTUGAL*, 212, Porto, 1882.)

cesso. Apenas Jesus molhou com a saliva um pouco de areia. (João, IX, 6.) Eis por que na cerimônia do batizado católico, o sacerdote toca, com os dedos ensalivados, os ouvidos do catecúmeno, dizendo: *Ephpheta, quod est, adaperire.* O verbo *Ephpheta* corresponde ao latino *aperio*, abrir.

Para o Oriente a saliva aplicada por homem predestinado curava a cegueira e a mudez. Suetônio (*Vespasiano*, VII, 416) e Tácito (*História*, liv. IX, LXXXI, 308) contam o mesmo caso. Vespasiano foi procurado por um cego em Alexandria dizendo ter sonhado que recuperaria a visão se o Imperador tocasse seus olhos com saliva. Vespasiano recalcitrou para terminar submetendo-se ao desejo e assistiu, surpreso, ao milagre ou à dissimulação vitoriosa do egípcio.

Entre os habitantes do interior do Brasil a superstição se mantém segura e natural. O automatismo do gesto evidencia sua ancestralidade no espírito coletivo. No sertão nordestino, centenas de vezes assisti às cenas rituais que se seguiam à simples emissão do escarro. Cobriam-no imediatamente de areia. Se o cuspo ficasse exposto o Demônio podia tomar a forma de uma mosca e "fazer mal". Esse Demônio Mosca é uma reminiscência de Baalzebut, ídolo dos Filisteus, levado com o sangue das oferendas e constantemente coberto de moscas. É o *Fly God* dos folcloristas e mitógrafos ingleses e norte-americanos.

Entre os Hiperbóreos, convenção que abrange os povos que moram ao norte do 55º paralelo, a saliva tem a mesma superstição. Para eles a saliva está tão impregnada da personalidade humana e a identifica de tal forma que não há melhor intérprete nem mais legitima projeção individual. Lubbock[49] informa que eles se julgam insultados quando recusam os pedaços de carne, pacientemente lambidos e saturados de saliva, oferecidos aos hóspedes de distinção.

Tanto a saliva é uma das melhores expressões do indivíduo, podendo conter parte essencialissima do espirito vital, que, entre os indígenas das ilhas Marquesas, quando o feiticeiro consegue obter um pouco de saliva de alguém

49 Lubbock, *L'HOMME PRÉHISTORIQUE*, II, 170.

e o guarda num pedaço de papel ou de folha, é a própria vida e alma do paciente que estão em perigo, escreve o padre Matias Gracia.[50] Mediante ofertas e dádivas, o feiticeiro livra o doente ou o ameaçado de uma morte inevitável. A cerimônia consiste em o feiticeiro apanhar no ar o gênio que preside à moléstia e o prender na mesma folha ou no fragmento de papel em que se contém a saliva.

Um pai-de-terreiro do Rio de Janeiro confidenciou a João do Rio que era possível matar alguém com um pouco de saliva. *Para matar, ainda há outros processos. O malandrão Bonifácio da Piedade acaba com um cidadão pacato apenas com cuspo, sobejos e treze orações.*[51]

Para os africanos as estórias populares que Callaway recolheu coincidem com as nossas, onde a saliva fala e revela a verdade. O respeito é idêntico. Henrique de Carvalho, *Etnografia e História Tradicional dos Povos de Lunda*, registrou fatos que evidenciam uma continuidade supersticiosa entre os Lundas de Angola como Callaway observara entre os Zulus e Cafres. *Um dos modos de manifestarem respeito pelos superiores consiste em não cuspirem diante deles ou em o fazerem com recato. Os de Lubuco não cospem diante de ninguém, e, se algum Bangala ou Quimbare o faz, embora cubra com terra o lugar onde cuspiu, diz na língua do país: Não é bom deitar cuspo na terra! Nos sobados de Malange e dali até o Suango, se o potentado cuspir, um dos rapazes de serviço que estiverem ao seu lado imediatamente apanha uma pitada de terra para tapar o cuspo. Os de Caçanje e mesmo de Andala Quissua são mais cuidadosos; abrem uma cova pequena, envolvem o cuspo na terra, deitam-no nessa cova, tapam-na bem, e depois nivelam o terreno com as mãos, para se não conhecer. Entre os Quiocos, o indivíduo que quer cuspir afasta a terra com a mão direita um pouco para cada lado, cospe no centro e em seguida torna a juntar a terra com a mão. Tudo isto é feito rapidamente, e não incomoda ninguém.*

[50] *LETTRES SUR LES ILES MARQUISES*, citado por Sébillot, LE FOLK-LORE, 250.
[51] João do Rio, *RELIGIÕES DO RIO*, 54-55.

Os exploradores portugueses que atravessaram a África descrevem minuciosamente o mesmo ato. Serpa Pinto, *Como eu atravessei África*, e a expedição Capelo-Ivens, *De Banguela às terras de Iacca*, narram as cerimônias com que eram recebidos pelos Sobas e Régulos africanos, a presença infalível de um servo encarregado de receber o jato de saliva e ocultá-lo.

Nos encantamentos e esconjuros da Grécia e Roma a saliva fazia parte indispensável. Tíbulo, na segunda Elegia, refere-se ao costume de escarrar três vezes para afastar o malefício: *Tu n'auras qu'à chanter trois fois et cracher ensuite trois fois.* E, no final da elegia: *Enfants et jeunes gens se pressaient autour de lui, et chacun de cracher dans son sein.* Plínio consagrou à saliva todo um livro, o XXVIII da sua *HISTORIA NATURAL*, indicando os remédios e as ocorrências da saliva na farmacopéia do seu tempo e especialmente nos processos da Magia.

Era herança grega. Nos *Idílios de Teócrito*, o VI, entre Dafnis e Dametas, este termina o canto dizendo: *Pour n'être pas victime d'un mauvais sort, j'ai craché trois fois dans mon sein, comme la vieille Cotytatis m'a appris à le faire.*

François Barbier resume algumas supertições da saliva na Grécia, anotando o *Idílio* VI de Teócrito. São idênticas às registradas na *HISTÓRIA NATURAL* de Plínio, livros XXVI e XXVIII: *L'action de cracher était regardée comme un préservatif contre lá mauvaise fortune et les maléfices. On crachait trois fois dans son sein pour demander grâce aux dieux d'une pensée presomptueuse et détourner leur colére. Si l'on crache dans sa main, aprés avoir frappé quelqu'un, la personne maltraitée ne ressent plus aucune douleur. Dans l'application des remédes, on accroit l' efficacité de ceux-ci en crachant trois fois. De même il est bon de cracher trois fois, quand on regarde un enfant endormi, de peur de le fasciner. Enfim c'était un préservatif contre les sortilèges que de cracher dans son urine après l'avoir rendue, on dans son soulier droit avant de le mettre.*[52] O mesmo registra Pérsio, sá-

[52] Cuspir é afastar o malefício. A tradição greco-romana é mantida fielmente. Responde o homem do povo a qualquer imagem

tira segunda: *Voyez-vous cette grand'mère ou cette tante maternelle, qui craint le ciel, tirer en enfant du berceau, promener le doigt infâme sur le front, sur les petites lévres humides, et purifier le nouveau-né avec la salive lustrale? c'est que le preservatif est certain contre les mauvais regards.*

Misturar areia e saliva para fins medicamentosos era corrente na universalidade das superstições há dois mil anos. O cego que Jesus Cristo curou teve seu cronista em São João, IX, 6: *Haec cum dixisset, expuit in terram, et facit lutum exsputu, et linivit lutum super oculos ejus.* Há o mesmo, para fins personalíssimos e carnais, no *SATYRICON*, de Perônio, cap. CXXXI: *Mox turbatum sputo pulverem medio sustulit digito*... A massa de sa-

repugnante ou de suspeitosa mandinga, cuspindo longe. O médico Brás, Luís de Abreu, no século XVIII, registrara a superstição ainda persistente. Para evitar o olho mau, o mau-olhado, diziam frases evocatórias, "Benza-o Deus". *"Ou também cuspir logo fora; porque tinhão para si, que o cuspo tinha a virtude para impedir toda a fascinação ou natural, ou Magica."* (*PORTUGAL MÉDICO, OU MONARQUIA MÉDICO LUSITANA*, 625, Coimbra, 1726.)

Também o cuspo mata. Denunciando a feiticeira Ana Jacome, informava Isabel Antunes a 29 de outubro de 1593 que estava recém-parida, deitada na sua cama, com a filhinha perto e tendo uma mulatinha de três anos próximo. Chegara Ana Jacome dizendo à mulatinha: — Vós afilhada vivestes e a minha filha morreu. "E acabando estas palavras cuspiu três vezes com a bocca lançando cuspinho fora por cima da dita mulatinha e por cima da cama toda e acabando de cuspir disse: — ora ficai-vos!, e se saiu pela porta fora, e logo em se ella saindo pela porta fora logo ella denunciante começou a ter febre e frio, e o mesmo começou também a ter febre e frio a dita mulatinha de que depois disso alguns dias estiveram doentes e logo tanto que se a dita Anna Jacome saiu pela porta fora a dita sua criança pagã que até então estivera sempre sã e lhe tomava bem a mama começou de chorar alto, sacudindo a criança a acharão embruxada com a bocca chupada em ambos os cantos tendo em cada canto da bocca uma nodoa negra com sinal de dentada e assim mais nas verilhas em cada uma outra chupadura e nodoa negra, e nunca mais lhe tomou a mama, nem pode levar pela bocca cousa alguma e logo a batizaram em casa, e chorando continuou até que não pode mais abrir a bocca e no dia seguinte morreu que ella denunciante parira no sabbado, e o dito caso aconteceu a quinta feira seguinte pela manhã e a criança morreu logo a sexta feira logo pela manhã." (*PRIMEIRA VISITAÇÃO DO SANTO OFÍCIO ÀS PARTES DO BRASIL, DENUNCIAÇÕES DE PERNAMBUCO*, 1593-1595, 25-26, São Paulo, 1929.)

liva e areia foi passada na testa do consulente da feiticeira Procelanos, apesar da repugnância deste.

Um poeta contemporâneo de Petrônio, Lucano, no livro IX da *FARSÁLIA*, evoca o povo misterioso dos Psilos, invulneráveis ao veneno das serpentes. O processo do Psilo, que acompanhava a Legião Romana para tratar dos soldados picados pelas cobras, é o mesmo dos nossos dias no alto sertão do Brasil: orações, sucção, saliva e fé.

A saliva do Psilo posta ao redor da picada fazia o veneno recuar:

Nam primum tacta designat membra saliva
Quae cohibet virus.

M. H. Durand, anotador da *FARSÁLIA*, comentando os Psilos, informa: *Ancien peuple de la Lybie, voisin des Nasamons et des Garamantes, au sud de la Grande Syrte, dont ils étaient séparés par un vaste désert: le désert de Sort. On ignore néanmoins leur véritable situation. On dit, ainsi que le raconte le poete, qu'invulnérables eux-mêmes, ils savaient guérir par leur salive ou par le simple attouchement la morsure des serpents.*[53]

Entre os Bororos Orarimugudoges, de Mato Grosso, o Bari, feiticeiro-médico, cospe na boca do animal reservado ao *maeréboe*, espírito, abatido pelo caçador, a fim de que todos o possam comer. A força religiosa do Bari pode anular a proibição ritual pela emissão da saliva, escreve o Pe. Antônio Colbacchini.[54]

Os curandeiros sertanejos do Nordeste brasileiro cospem na boca do animal mordido pela cobra e o salvam. Em Augusto Severo, Rio Grande do Norte, o negro Antônio Gambeu era famoso por essa especialidade.

Entre os Cunas do Panamá, anota Erland Nordenskiold, a saliva do Nele, feiticeiro, é específica para o desenvolvimento da memória. *Si un des éléves du Néle a*

53 *FARSALIA*, edição Garnier, Paris, sem data, pág. 438.
54 *I BOROROS ORIENTALI ORARIMUGUDOGES DEL MATO GROSSO, BRASILE*, 84.

de la peine à apprendre des chansons, il reçoit une médecine dans lequelle entre un peu de la salive du maitre.[55]

No *MIROIR DU MONDE*, de Brunetto Latini, verdadeira enciclopédia miraculosa do século XIII, avisa-se que a saliva do homem em jejum matava imediatamente a serpente mais venenosa. *O cuspo em jejum* para o nortista brasileiro possui virtudes irresistíveis como sendo antídoto e cicatrizante. O espanhol D. Juan de Arguijo, falecido em princípios do século XVII, indica a *saliva en ayunas* como remédio soberano.[56] Por isso compreende-se que os negros africanos dissessem ao Major Henrique de Carvalho: *não é bom deitar o cuspo no terra.* Ou o sertanejo do norte e centro do Brasil, escondendo o escarro com areia, diga, num breve respeito que explica a antigüidade do gesto: *faz mal...*

O soberano inca não cuspia no solo. Um oficial recebia, às vezes no ar, a saliva sagrada do filho do Sol.

Roland B. Dixon, *OCEANIC MYTHOLOGY*, 59, diz que o Homem foi feito pela saliva do Deus. Entre os indonésios o Mar é formado pelo escarro dos gigantes, informa De Vries.

A saliva é a materialização do hálito, o sopro, índice e forma inicial da vida nos animais pulmonados.

O hálito, sopro, bafo, é outro elemento no Catimbó, vindo de religiões e técnicas universais. O manitu dos Algonquinos norte-americanos, o Grande-Espírito dos Peles Vermelhas, vale dizer "sopro", hálito, respiração... É a essência da vida organizada. Compreende-se bem a exigência de seus resguardos e sua força comunicante mágica. Como remédio o sopro e o cuspo vivem no Brasil

[55] Erland Nordenskiold, *FAISEURS DE MIRACLES ET VOYANTS CHEZ LES INDIENS CUNA*, sep. "Revista del Instituto de Etnologia", Universidade Nacional de Tucumán, Argentina, tomo II, 466, 1932.

[56] Frederico Carlos Sainz de Robles, *CUENTOS VIEJOS DE LA VIEJA ESPAÑA*, Del siglo XIII al siglo XVIII, D. Juan de Arguijo, 731, Madrid, 1943. Semelhantemente na Inglaterra. Estudando *THE FOLKLORE OF CHILDREN'S DISEASES*, o Dr. J. D. Rolleston registrara: "The treatment, like prophylaxis of the effects of the Evil Eye consists to a large extent in the use of saliva, *especially fasting saliva*, which is projected on to the face, chest or clothes of the child to be protected." (*FOLKLORE*, LIV, 292.) A "saliva em jejum" é remédio soberano sobre o mau-olhado inglês, talqualmente era, há milênios, em Roma e Grécia.

e em Portugal.[57] Toda a Bíblia atesta que o hálito de Jeová, Iavé, fora a fonte da existência humana. *Formavit igitur Dominus Deos hominem de limo tarrae, et inspiravit in faciem ejus spiraculum vitae, et homo in animan viventem.* (*GENESIS*, II, 7.) "E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o folego da vida e foi feito o homem uma alma vivente", reza a versão do Pe. João Ferreira de Almeida. A vida se transmite por Deus, num ato soberano de sua vontade, pelo hálito. O Profeta Eliseu ressuscitou o filho da Sunamita soprando-lhe na boca. A criança espirrou sete vezes e abriu os olhos; *et oscitavit puer septies, aperuitque oculos.* (II REIS, IV, 35.)

Relembra essa tradição o gesto do sacerdote soprar na face da criança que está sendo batizada, expulsando o Mau Espírito e instalando o Paráclito. *Deinde ter exsufflet leniter in faciem infantis, et dicat semel: — Exi ab co, immunde spiritus, et da locum Spiritui sancto Paraclito.*

Sir James George Frazer compendiou no *FOLKLORE DANS L'ANCIEN TESTAMENT*[58] a criação do Homem

[57] Pe. Firmino A. Martins, *FOLCLORE DO VINHAIS*, 1, 24, Coimbra, 1928, registrou uma oração sobre "Quebranto e Desnocado" onde a saliva e o hálito ocorrem juntamente:

"Deus e São Mateus
ambos vão por um caminho.
Disse Deus a S. Mateus:
— Por que não andas, Mateus?
— Porque não posso, Senhor.
— Então que tens?
— Dói-me esta perna (ou braço).
— Pois torna atrás, Mateus;
— vai, cospe-le e assopra-le
três vezes ó dia,
qu'eu te sararia,
Se é cobrado soldará,
se é aberto cerrará,
se é desnocado ou desviado,
ou desmanchado, sanará.
Em honra de Deus e da Virgem Maria,
Padre Nosso, Ave Maria."
(São benzidos a cuspir e a soprar.)

[58] Sir James George Frazer — *LA FOLKLORE DANS L'ANCIEN TESTAMENT*, tradução francesa de E. Audra, Paris,

pelo sopro de Deus através das religiões comparadas. A concepção materializadora do Espírito deve ao Sopro uma imagem inicial. No *ÊXODO*, XV, 10, há uma indicação: *Flavit spiritus tuus et operuit eos mare.* Esse Espírito que é soprado, atirado para longe, projetado sem perda de sua essência criadora, permanece na tradição popular que julga a presença de Deus numa dessas fórmulas, o hálito, o alento, o bafo. E ainda dizemos sopro de vida, alento derradeiro, último suspiro, traduzindo os índices reais da existência fisiológica, mantendo uma fidelidade à impressão primitiva de que o resguardo da saliva é uma denunciação real.

No Catimbó, como em todo espírito popular, mantém-se inalterável o crédito na ação do AR, bom e mau, natural, trazendo saúde, ou cheio de forças contrárias desencadeadas pelos "inimigos". A sensibilidade do mestre autoriza-o a dizer que "os ares estão carregados" no sentido meramente social ou mágico.

Não é apenas uma reminiscência da cultura médica de outrora. Essa cultura hoje se prolonga no espírito coletivo e na lenta verificação científica de elementos que foram abandonados como campo de estudo. A meteorologia médica, o campo elétrico, meteoropatologia, irão lentamente esclarecendo, escolhendo, fixando a intuição coletiva. "A perquirição atinente aos ventos, às irradiações, à pressão barométrica, eletricidade atmosférica... há de apurar o resultado da observação e do experimento rigorosamente científicos, rumo a conclusões aceitáveis. Nestas condições, não será para desdenhar, irrefletidamente, a capacidade morbigênica do "ramo do ar" e de outros "ramos" (ventos, correntes aéreas). A maneira do sucedido, no estrangeiro, com os ventos denominados *Vent du Midi* (Europa), *Sirocco* (África), *Föhn* (Europa), *Pampero* (Argentina), estude-se a preceito, sob este prisma, o *Minuano* (Rio Grande do Sul), o *Noroeste* (São Paulo), o *Vento Sul* (Bahia), a *Friagem* (Amazônia) e outras correntes aéreas consideradas atreitas à produção de estados mórbidos, no Brasil. Deve ser averiguado o papel do celebrado "estupor", quando derivado de aci-

1924. Ver o estudinho do Prof. Alexander Krappe, *O SOPRO DE DEUS*, sep. "Modern Language Notes", LX, 7, November, 1945.

dentes do calor, na feição clínica intermação (febre climática, febre de calor de Azevedo Sodré) e da insolação. Elucide-se a famosa "parlesia" ocasionada por alterações atmosféricas, em lhe sendo favoráveis as condições personalíssimas do indivíduo. Verifique-se até onde merecem atenção as obstruções, nas oportunidades em que elas se exprimem por congestões viscerais passivas, manifestas em cardíacos descompensados, obstruções acentuadas graças a modificações do meio cósmico. Cumpre patentear se tais "obstruções" constituem processos inflamatórios crônicos do baço, do fígado, em pioria evidente sob o influxo do meio exterior modificado. É indispensável o interesse perante os "espasmos, vapores, estalicídios", irmanados a distúrbios endócrino-simpáticos, presenciados no decorrer de alterações humorais, provocados pelo desequilíbrio entre o organismo e o ambiente. Tudo, questão apenas de argúcia, paciência e apego à necessária devida filosófica; o Dr. Fernando São Paulo (*LINGUAGEM MÉDICA POPULAR NO BRASIL*, I, 104-6) fixa o assunto e o orienta para o futuro, em linha geral.

Toda moléstia tem o seu AR que não é a aura, o halo anunciador, mas a essência, o *substractum* com todas as características reconhecíveis. Quando algum consulente procura o Catimbó, especialmente o Catimbó das rezadeiras, sem invocações maiores aos "mestres do Além" e sem necessidade de "abrir mesa", o primeiro gesto é a procura clínica, a certeza do diagnóstico pela caçada aos sinais clínicos. Um por um os "ares" vão desfilando, doença por doença, inconfundíveis naquela semiótica misteriosa e primitiva. Finalmente, pela gota de azeite deixada cair na água do alguidar, ou qualquer outro processo de pesquisa, a catimbozeira declara que o doente está sofrendo do ar da gota, ar do reumatismo, ar incausado, ar de quebranto, vinte outros nomes que vivem muito bem dos ensalmos e rezas da bruxaria portuguesa secular. É a paralisia "que o vulgo chama AR", registrava o Dr. Duarte Madeira, o "ramo de ar", o "ar que deu", um dos mais inabaláveis na memória do povo, "doença do ar", "golpe do ar", "ar malino". Piso, enumerando as moléstias que encontrara no Brasil holandês, nomeia o AR: *Eum Lusitani appellant Air.* Não apenas o catimbozeiro é fiel ao miasma, a exalação deletéria tra-

zendo todos os males, como ensina que o AR, corpo e veículo, transporta e age desde que uma força disciplinadora possa impeli-lo para o Bem ou para o Mal. Os espíritos e seres incorpóreos, imponderáveis, só podem viver e exercer ato de impressão sensível no ar. Mestre Zinho, sacudindo o braço num movimento circular e brusco, dizia, convencido da informação: *está tudo aí, tudo, tudo,* indicando a atmosfera. Era o espaço o reino e as "forças" os seres, agindo com o ar e pelo ar.

FEITIÇO, DESPACHO, CANJERÊ, COISA-FEITA, EBÓ, MUAMBA. O SAL. CHÁ DE RASTO. AREIA. REMÉDIOS REPUGNANTES. ENCRUZILHADAS. NÃO OLHAR PARA TRÁS. SOLEIRA DA PORTA. HORAS PROPÍCIAS E MALÉFICAS, HORAS ABERTAS

O feitiço é a coisa-feita, o efó dos iorubanos, o "despacho" das macumbas cariocas, muamba, "uanga" do Haiti e Porto Rico, "obi", canjerê, mandinga. É direto se transmite o malefício pelo contato. Indireto se é posto fora do alcance da vítima, irradiando contrariedades. No feitiço se reúnem as reminiscências mágicas de velhas raças e de mil processos de encantamento. É uma religião obscura e clandestina, paralela à meridianidade do culto oficial e legal, afirmando a possibilidade de atuar e desfazer a "causa", a origem, modificando-a pela repetição simulada ou transferência dos malefícios para outro objeto.

Há em todas, sob cores inúmeras, a inevitável evocação aos seres invisíveis, poderosos e amigos de intervir nos negócios humanos. Nenhum feitiço é feito sem a orientação técnica de um "mestre do Além". Também, na Grécia e Roma, nenhuma feiticeira preparava um filtro para o amor ou um veneno para a morte sem as superiores sugestões de Hecate e dos deuses negros do Averno.

A Magia existia para os Gregos na dupla acepção de divina e proibida. A Goécia era o encantamento, o feitiço, magia negra. A Teurgia era a magia branca, permitida,

louvada, *ciência divina,* dizia Platão. Os clássicos latinos e gregos reservam grandes páginas descrevendo as cerimônias do feitiço, cenas de esconjuros, preparações de substâncias infernais, processos misteriosos para fins curativos. No Canto XI da *Odisséia,* Homero evoca Ulisses no Inferno, ouvindo a multidão das sombras heróicas despertadas pelo sacrifício propiciatório. Horácio, na *Sátira* VIII, do livro primeiro, *In Canidiae et saganae veneficia Priapus invehitus,* mostra alguns dos feitiços da Roma Imperial. Virgílio na VIII *Écloga* e no quarto canto da *Eneida* fixa os limites da feitiçaria de seu tempo. Sêneca, no quarto ato da tragédia *Medéia,* mostra como se preparava um veneno infinitamente irresistível. Lucano, no VI canto da *Farsália,* desce ao Inferno, antecipando Dante e ressuscitando horrores. Apuleu no capítulo III do *Asno de Ouro,* Propércio na sexta elegia, do livro III, *Ad Lygdamum,* sintetiza o que era possível obter-se nos sortilégios romanos, Tíbulo cita alguns bruxedos na segunda elegia do primeiro livro, Ovídio dedicou todo um volume às *Metamorfoses* de deuses e subdeuses, mutações que são vitórias na alta feitiçaria olímpica. Petrônio, nos capítulos CXXXVII e seguintes do *Satiricon,* e Teócrito, no segundo *Idílio,* estuda *As Mágicas,* bruxas de todos os tempos.[59] Com essa, e mais a copiosa literatura oral, a Idade Média se ensopou de prodígios e de superstições. As linhas-mestras da feitiçaria vinham dos Romanos e Gregos. Corujas, lagartos, aranhas, sapos, ervas colhidas com o orvalho da madrugada, à meia-noite ou ao primeiro clarão do sol, areia dos cemitérios, filtros contendo sangue humano, alimentos, secreções orgânicas, unhas, dentes, cabelos, roupa, todos esses componentes não procedem de uma só fonte ou de uma raça. Patrimônio coletivo, constantes psicológicas humanas, diferenciam-se apenas no processo de uso. A finalidade é a mesma porque o alvo não se modificou.

[59] Assim fala uma *magicienne* de Teócrito, tradução de François Barbier: *"Je broierai un lézard, et j'en ferai un funeste breuvage, que je t'apporterai demain. Thestylis, prends aujourd'hui ces philtres, frottes-en le seuil de sa porte, celui d'en haut, puisqu'il est encore temps, et dis, après avoir craché: — Je frotte les os de Delphis!"*, II, 64. O escarro na soleira da porta continua no cerimonial bruxo.

O fundamento da magia será a velha concepção universal da continuidade simpática, o *totum ex parte.* Essa será preferível à explicativa intuição de Levy-Bruhl na lei da Participação. O Homem é uma unidade indivisível e tudo quanto lhe pertence ou lhe sofre o contato, incorpora-se ao todo. Resto de seus alimentos, farrapos de sua roupa, nódoa de saliva ou de sangue, a pegada na areia, tudo continua lhe pertencendo, possuindo, em plenitude, a mesma essência que o anima. Qualquer um desses fragmentos, resíduos, rastos, constitui elemento vivo, mesmo depois de destacado e distante do organismo humano. Qualquer ação sobre um deles se refletirá sobre o todo que é o homem. Depois dessa concepção é que nasceu a Magia Simpática, funcionando por analogia, tendo a veneração dos números e dos nomes. Já é uma divisão, uma separação do "todo". É a época do "envultamento" e da medicina intuitivamente opoterápica.

No Catimbó, como nos "despachos" e "ebó" de Candomblés e Macumbas, o homem se prolonga nos rastos e nos restos de sua roupa, alimento e objeto de menor uso. A "parte pelo todo". O microcosmo, resumo do macrocosmo. Um fio de cabelo na mão do feiticeiro é a própria pessoa, inteira e completa, à disposição do sortilégio. O tempo vai adaptando os vários processos encantatórios. Tudo o que é mágico é secreto por definição, escreveu Paul Morand, prefaciando W. B. Seabrook na *The Magic Island,* sobre Haiti e o culto vodu. As figuras de cera, de tamanho natural, nas mágicas da Idade Média, passaram ao tamanho pobre das bonecas de pano, furadas de alfinetes, surradas a cordel, representando as vítimas sacrificadas numa distância que a credulidade responde pela eficácia.

Nenhum catimbozeiro confidenciará seus processos pessoais, suas descobertas de sensação, suas fórmulas fulminantes e prestigiosas.

Temo as reportagens completas, as confissões pormenorizadas, obtidas pelos jornalistas. Anos e anos de conhecimento fundamentam alguns conselhos por parte dos catimbozeiros ilustres. Apenas. Costumam, entretanto, concordar com as afirmativas do interlocutor. Se esse finge saber algo de Catimbó, sugerindo cerimonial,

receitas, nomes de "mestres", assombrar-se-á pela sabedoria que ignorava possuir. O "mestre" (como sinônimo de feiticeiro é uso português duas vezes secular) dará toda a razão. E ficará, por dentro, rindo do branco elegante que o queria iludir...

O grandes feitiços, encomendados para "fazer e desfazer", são segredos profissionais, verdadeiros *copyrights*, sem direitos de sucessão. Muitos processos de feitiçaria desapareceram com seus respectivos criadores. O Catimbó tem seus sábios, seus gênios, seus simuladores e seus parasitas. Há "mestre" crédulo e há "mestre" ateu. Há quem haja deixado uma "linha", letra e música, para ser identificado quando "acostar", depois de morto, numa "mesa" fraternal. Também conheço "mestre" que vendeu raspas de cabo de vassoura como sendo de uma raiz miraculosa que só nasce nas matas do Pará. Certo é que há uma lógica especial, escapando comumente à nossa compreensão imediata porque se fundamenta numa série de referências que ignoramos.

Um exemplo é o emprego do sal no Catimbó. Em Cuba, informa o Sr. Fernando Ortiz (*Los Negros Brujos*, 141), há a *salación*. É o estado do homem perseguido pela má sorte em todos os empreendimentos, *estar salao*. *Salero, salerosa*, será ser viva, atraente, ter sal, graça, espírito. Na espécie é o contrário que se verifica. *La salación es la expresión de ese sentimiento primitivo que achaca a un espíritu todas las desgracias que agobian a un individuo, y que modernamente se da a compreender por la expresión mala suerte.* (Ortiz.) Sal derramado é agouro e assim Leonardo de Vinci pintou na "Ceia Larga" um saleiro entornado diante de Judas Iscariotes. A função especial do bruxo consiste *en quitar y producir la salación a una persona.* Para livrar-se da "salación" recorre-se a um embó, feitiço, como no Brasil. Salación, quebranto, muamba, corresponde ao vocábulo nhengatu *saruá*, ensaruado. Um Pajé pode ensaruar quem queira, desde que tenha um cabelo, um pedaço de unha, raspagem da pele, qualquer "sujo"[60] que venha do sujeito, en-

60 Inclui-se a água servida de banho. Ganesha, ou Ganapati, o deus da sabedoria hindu, ventrudo e com uma tromba de elefante,

sina Stradelli. No mundo dos Candomblés e Macumbas, Bahia e Rio de Janeiro, o ebó é a *troca da cabeça*, defesa contra o malefício. Nina Rodrigues explicava, num francês ágil, a *échange de tête*. "Lorsqu'un individu malheureux ou à qui la fortune est contraire — ce qui s'apelle en langage populaire avoir une *mauvaise tête*, — va consulter un sorcier celui-ci propose de changer sa tête, ce qui équivaut à changer le malheur qui le poursuit pour les bonheurs ardémment désirés. Cet échange est symbolique, cela va sans dire. Dans ce but, il doit envoyer au sorcier un ou deux animaux qui sont décapitpes, uints d'huile de palme et envellopés dans une pièce de lingerie du consultant. Au moyen de procédés magiques, le sorcier fixe dans les apprêtes le malheur qui poursuit son client et envoie celui-ci placer le sortilège dans un carrefour ou sur un autre point bién fréquenté. Quiconque passe par-dessus du maléfice ou a la curiosité de l'examiner, s'empare aussitôt du malheur qu'il renferme et en délivre celui qui en était póursuivi. (*L'ANIMISME FE-*

pertence à sagrada família de Siva. Foi criado pela deusa Parvati da poeira que tirou do banho, do *sujo*, como diria um catimbozeiro.

Poeira de aposentos onde viveram santos, terra da sepultura consagrada, varredura de templos tradicionais, são elementos espalhados por toda parte como de efeitos médicos e, decorrentemente, levados para a feitiçaria. Pelo Nordeste os devotos do Padre Cícero (Romão Batista, 1844-1934) continuam indo ao Juazeiro (Ceará) buscar um pouco de terra ao redor do seu túmulo. É amuleto e talismã. O Dr. L. Schm escreve: "O mais antigo documento que dá fé das curas obtidas pelo pó parece ser a lenda de Santa Tecla (século III) que apareceu em sonho a uma enferma e lhe indicou que usasse o pó do aposento da santa. É possível que o primitivo cristianismo do Oriente Próximo se tenha adiantado à Gália dos franceses. Na atualidade parece que só está em uso uma peregrinação para obter pó desta natureza; a que se faz a um dos maiores santuários cristãos, o de Loreto. O "pó da Santa Casa" que se recolhe ao varrer a Igreja, ainda se obtém hoje; aplicado externamente, ajuda a curar as feridas e internamente se usa contra toda espécie de doenças. O curioso é que as curas obtidas com ele estão associadas a uma classe especial de cerâmica, a das malgas e pratos de Loreto. Estes trabalhos de majólica, às vezes muito belos, remontam à época do barroco. Em geral mostram uma imagem da Madona de Loreto ou do portentoso paço da Santa Casa e "neles se toma café ou sopa, ingerindo assim o pó de Loreto". O artigo está ilustrado com duas fotos de pratos de Loreto, tendo a inscrição no bordo: *Con polvere di S. Casa.* "Acta Siba", n. 6, 1936.

TICHISTE DES NÉGRES DE BAHIA, 1900, Bahia, pp. 65-66.)

O sal é indispensável nos "trabalhos às esquerdas". Nas *Denunciações da Bahia* (ed. Paulo Prado, S. Paulo, p. 303, 1925) Joana Ribeira foi denunciada pela ciganinha Francisca Roiz, casada, 18 anos de idade, em data de 9 de agosto de 1591, dizendo: "...que averá quatro anos que ela pario um filho o qual nasceu empelicado e tirando-lhe a pelica a tomou e levou para sua casa uma Joana Ribeira, também cigana, mulher que não é casada, moradora nesta cidade, e a *salgou com sal*, e logo o dito menino que ela pario começou adoecer e fazer-se negro e alguns trinta dias esteve assim, penando, sem tomar o peito nem abrir a boca, e mirrando-se sem poder chorar, e ela denunciante, lembrando-se da dita pelica que lhe havia levado a dita Joana Ribeira, lhe entrou em casa e lhe abriu uma arca e lhe achou a dita pelica feita em um pelouro, *salgada com o sal que veio da Igreja que sobejou do batismo*, que ela tomou, e neste comenos o dito menino morreu, e diz que entende e lhe parece que a dita Joana Ribeira lhe embruxou o dito menino."[61]

[61] O episódio da ciganinha indica duas tradições supersticiosas européias, no ponto de vista de irradiação para o continente americano. Diz-se ainda que *nascer empelicado* é sinônimo de felicidade. Não o foi o pequenino que morreu "embruxado". A outra superstição é o uso dessas membranas como amuletos, pagos em preços altos na Inglaterra, Alemanha, etc. Chamam-nas *membranas da sorte*. Assinada por Dr. Z. B., "Actas Siba", 8-9, 1944, p. 187, há uma nota cheia de informação, esclarecendo o interesse da velha cigana que conservava a membrana em casa para, naturalmente, vendê-la aos marinheiros que faziam a travessia do Atlântico, o Atlântico misterioso do século XVI. "Charles Dickens começa sua novela autobiográfica *David Copperfield* com as seguintes palavras: "Nasci com a *membrana da sorte* (*caul*) que depois foi anunciada à venda no jornal com o preço de 15 guinéus." (Nós diríamos que Dickens "nasceu empelicado". N. da R.) No século IV já São Crisóstomo diz que as parteiras vendiam as membranas fetais não rotas a preços elevados, para toda espécie de fins mágicos. Na Inglaterra acreditava-se que não era possível uma pessoa afogar-se quando trazia um *caul* destes aplicado ao corpo, e em tempos de Nélson estes amuletos eram disputados pelos marinheiros que, por semelhante proteção, pagavam 20 e mais libras esterlinas. Com a crescente segurança das viagens por mar, os preços baixaram de tal modo que em 1911 se podia comprar em Londres um bom exemplar por 1 shilling e 6 pence. A última guerra, ou melhor dito, o medo aos submarinos alemães, fez com que seu preço subisse de novo e em 1916 se tornou a pagar 25 — 3 libras esterlinas por um *caul*."

Na poesia popular das margens do rio São Francisco, encontra-se:

Cond'eu vim de minha mãe,
Já nasci impilicado;
De bruço caí no chão
E já nasci bautisado.

Manoel Ambrósio, *Brasil Interior*, p. 202, S. Paulo, 1934.

Escrevendo sobre *THE FOLKLORE OF CHILDREN'S DISCEASES*, o médico J. D. Rolleston registrava a contemporaneidade da superstição em Londres: *"When a child is born with the amnion over its face, the membrane is carefully preserved and regarded as a sign of good fortune both to the infant and anyone who possesses it."* (FOLKLORE, LIV, 288.)

Vós sois o sal da terra, disse Jesus Cristo aos discípulos, tornados apóstolos (Mat, V-13), e no batismo católico a criança prova o sal, símbolo da sabedoria: *Accipe sal sapientiae; propitiatio sit tibi in vitam aeternam.* Fica sendo, para os negrinhos do Congo, a idéia mais persistente da cerimônia. Quando lhes perguntam se são cristãos, respondem: *Didimungua, comi sal.* Os zumbis do Haiti, que são mortos animados de vida artificial, trabalhando sem pausa para o amo-feiticeiro, não provam sal na alimentação porque se o fizerem "sentirão" a Morte, regressando todos ao cemitério.

Em Portugal o sal espalhado à porta da rapariga rival faz com que o namorado não a possa ver jamais. (Leite de Vasconcelos, *TRADIÇÕES*, 212.) Já no tempo do profeta Ezequiel, seis séculos antes de Cristo, usava-se esfregar os recém-nascidos com o sal (XVI, 4), e o Dr. Ernest Jones mostrou a extensão universal dessa tradição imemorial de que o sal *sapientiae* do batismo católico é uma sobrevivência. (FOLKLORE, LIV, 290.)

Outro elemento da Feitiçaria é areia, areia do cemitério, areia que foi pisada, areia do rasto de quem se deve enfeitiçar. A areia da pegada é quase o próprio indivíduo. No Catimbó pede-se sempre "areia do rasto" para melhor "preparo". Em Portugal a tradição é viva. Leite de Vasconcelos registrou: "(*a*) As Feiticeiras adivinham. Quando querem enfeitiçar alguém, apanham com uma moeda de três vinténs em prata (dinheiro de

cruzes) a terra da pegada do pé esquerdo da tal pessoa, e com a terra *encanham* a pessoa, que por isso fica muito magra, fraca, doente, etc. (isto é, *encanhada,* Vila Real). (*b*) As feiticeiras, quando querem enfeitiçar alguém, apanham a terra da pegada do pé direito (*sic*), atam-na num pano e depois atiram-na à cova de um defunto; quando o defunto estiver desgastado, morre a pessoa." (Guimarães, *TRADIÇÕES POPULARES DE PORTUGAL,* 304.)[62]

Como réplica, possuímos no Brasil o "chá de rasto", aprovado em hemorragias. "Em caso de hemorragia produzida por um ferimento qualquer, aconselham fazer uso de "chá de rasto" como específico. O chá é feito assim: o doente anda sete passadas, uma pessoa apanha a terra calcada pelos pés do ferido e com ela faz um chá com água fervendo e dá ao paciente para beber." (Getúlio César, *CRENDICES DO NORDESTE,* 173-4.)

Um dos feitiços tremendos é um pouco de sal misturado com areia da pegada de uma criatura, tendo no meio uma unha, cabelo, um pedaço de roupa íntima. O "mestre" defuma com o cachimbo-grande a "marca", com fumo e incenso, salpica de cauim preparado, aguardente com sumo de raízes da jurema, e enterra, à meia-noite, o feitiço numa encruzilhada ou estrada deserta, proximidades da casa do paciente. Este, brevemente, terá o corpo coberto de feridas incuráveis, alastradoras, repugnantes. O contrafeitiço recomendado é o sal diluído em água salgada do mar, com terra onde a vítima haja deixado rasto. Tudo junto e defumado e salpicado de aguardente com jurema, atira-se ao mar. O princípio lógico é que o mar forma e dissolve o sal. Dissolverá o feitiço. Se o feitiço fosse sacudido nas ondas do mar sagrado, então não haveria contrafeitiço porque o sal

62 A areia do cemitério aparece na bruxaria européia e em certos "despachos". Não encontrei seu emprego como meio terapêutico. Jesus Taboada informa: "Las más nuevas investigaciones han descubierto además la *estreptomicina,* droga antibiótica que se extrae de un micróbio del suelo, preferentemente de la tierra de los cementerios, llamado *actinomices griseus,* con un poder bacteriostático superior a todos los medicamentos conocidos." (*La MEDICINA POPULAR EN EL VALLE DE MONTERREY,* "Revista de Dialectología y Tradiciones Populares". tomo III. cuaderno I, 37-38. Madrid, 1947.) Identicamente a cloromicetina.

conservaria o "trabalho" perpetuamente no seio do elemento formador. Esse "despacho" é custoso e caro. É todo feito em cima d'água, dentro de um bote, sem tocar ponta de terra. E para atirá-lo ao mar é preciso deixar o rio Potengi, afrontando as ondas na boca da barra perigosa. É "trabalho" forte que todo "mestre" não enfrenta. E é preciso pagar o silêncio dos remeiros e escolher hora alta em que os olhos curiosos estejam fechados no sono ou abertos para outras atividades distantes.

Para desfazer um "trabalho" inimigo o mestre ouve os guias invisíveis e protetores. Esses informam quando, como e onde foi feito, qual o material empregado, e, às vezes, quem o fez e por conta de quem. O material utilizado é de importância decisiva porque o contra-ataque dependerá do conhecimento desse conteúdo. Sabendo-se que o feitiço é de sal, para "abrir feridas", imediatamente recorre-se à água do mar. Noutros entra o óleo de liamba, entra sangue de galo preto, entra sapo. Tudo dentro de uma escala de valores, de correspondência, de forças que se cruzam, anulando ou diminuindo a grandeza da potência, desencadeada e adversa.

Essa convenção de valores no feitiço, os elementos que contra-atacam e vencem é um segredo. Ninguém o soube além dos "mestres" que vivem do Catimbó. Será um lindo estudo de esclarecimento psicológico, de profundeza lógica, de evidente exposição científica, quando alguém conseguir obter esse misterioso e escondíssimo indicador, a chave da convenção secreta. Quando alguém sinta e explique o espírito, a essência, o *paideuma* do Catimbó, independente da sua forma, influência, processo e ritual exterior, ter-se-á realizado esforço humano e alto, comparável ao de Leo Frobenius ante a civilização africana. O normal nesses estudos é explicar e não o compreender. Há no Catimbó muito de inexplicável. Alguns "mestres" já não sabem explicar. Ou eles receberam o resíduo prático da magia sem a face doutrinária, esotérica, sagrada e natural. Um temperamento que não se condicionou à consciência moderna, aos métodos dedutivos, aos imperativos da lógica social, do corpo doutrinário religioso, às regras jurídicas, um temperamento assim pode existir mas não será suscetível de exame e de explicação através do que pensamos, sabemos e com-

preendemos. Enfim é preciso admitir que os gaviões teriam uma opinião dos homens, opinião clássica e ritual, se Buffon tivesse nascido gavião. É um argumento de Machado de Assis.

No receituário secretíssimo do Catimbó domina a primitiva medicina dos excretos. Poder dobrado têm as peças íntimas de roupa quando úmidas das secreções. Urina, sangue, saliva, fezes, sêmen, suor, são preciosidades para um "mestre" hábil. Aceita-se a idéia vaga de uma força irradiante, espécie de energética, cercando o homem como um halo aos santos do altar. Uma criança fraca, doentinha, definhando sempre, foi diagnosticada: mau-olhado! Banho de alecrim e arruda, defumações e rezas. Nada. Remédio supremo. Mandar o pai *passar*. Passar entre as pernas estando suado, voltando do trabalho. O pai era estivador e meu compadre. Passou a menina, tardinha. Melhorou mas ia lentamente voltando à palidez e fastio anterior. Um vermífugo acabou a história. A "mestra" disse-me que a menina ficaria curada pela *força do homem*, daí a passagem.

De remédios repugnantes a documentação antiga é rica. Constava da literatura médica, misturada com exorcismos e orientações teológicas. Havia tantas fezes que Ricardo Jorge chamou-a "estercoterapia". Rolleston dizia *Coprotherapy*. Amuletos e feitiços são causas normais de doenças e alívios. É, até o pleno século XVIII, o conselho do doutor Curvo Semedo na *Polianteia Medicinal e Atalaia da Vida* ou a espantosa *Anacephaleosis Medico-Theologica-Magica-Juridica-Moral e Politica* (Coimbra, 1734),[63] analisando os achaques de qualidades

[63] J. Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa*, I, 80-91. Lisboa, 1933. Nos Catimbós aparecem consultas revelando a velhice dos feitiços empregados. Um dos mais conhecidos é o uso do sangue menstrual para benefícios amatórios, já mencionado no *Anacephaleosis*, p. 257. Sobre o emprego de excremento humano, sêmen, etc., há expressivo depoimento nas *Confissões de Bahia*, citada, p. 60, de Guiomar de Oliveira. A feiticeira Antônia Fernandes, a Nóbrega, "lhe ensinou que tomasse três avelães ou em lugar de avelães três pinhões dos que nesta terra ha que serve de purgas, furados com um alfinete, tirado o miolo fóra, então recheados de cabelos de todo seu corpo della confessante e de unhas de seus pés e mãos e de rapaduras das solas dos seus pés e assi mais com uma unha do dedo pequeno do pé da mesma Antonia Fernandes, e que assi recheados os ditos pinhões os engolisse e que depois de lançados por baixo lhe os

malévolas e demoníacas, chamadas vulgarmente feitiços, como ensinava o Dr. Bernardo Pereira, Médico do Partido da Vila do Sardoal, classificando-os de "achaques mistos", pois seriam curados sobre-humana e humanamente. Frei Manuel da Lacerda, também doutor, aconselhava a bênção em cima de todos os remédios porque podiam estar enfeitiçados.

Pela conversa dos "mestres" sabe-se que as consultas evidenciam usos velhos dos processos imemoriais para o amor. Pode alguma "feiticeira", sem o ambiente do Catimbó, receitar como o faziam suas manas no século XIV. Um "mestre" de Catimbó não se resignaria a voltar

desse; e que tudo ella confessante assim fez e a dita Antonia Fernandes mandou lavar os ditos três pinhões depois de ingulidos e lançados por ella e os torrou e os fez em pó os quais ella confessante botou em uma tigela de caldo de galinha e os deu a beber a João Aguiar, casado e lavrador em Taparica desta Capitania, vindo lhe a sua casa e isto lhe deu pera o amigar que não apertasse muito a ella e a seu marido pela divida do aluguel das suas casas em que inda ora moram pelo qual aluguel elle então apertava muito.

...lhe deu tambem a dita Antonia Fernandes outros pós não sabe de que e outros pós de osso de finado os quais pós ella confessante deu a beber em vinho ao dito seu marido Francisco Fernandes pera ser seu amigo e serem bem casados...

...lhe ensinou tambem que tinha aprendido dos Diabos que a semente do home dada a beber fazia querer grande bem sendo semente do proprio home do qual se pretendia afeição depois de terem ajuntamento carnal e cair do vaso da mulher, e que esta semente dada a beber ao mesmo que a lançou fazia lhe tomar grande afeição e isto fez ella tambem por obra e a deu a beber em vinho ao dito seu marido...

...e perguntada se achou que os ditos feitiços ensinados pelos Diabos que ella fez achou que lhe aproveitaram, respondeu que achou por experiência que as ditas cousas fizeram obra e aproveitaram pera sua tenção por que o dito João de Aguiar a que ella deu os ditos pós dalli por diante não molestou pelo aluguel das casas antes lhe largou palavra que quando quizesse i pagasse e sentiu nelle de então por diante que lhe tinha amor e afeição e a namorava tambem no dito seu marido a que deu os outros pós achou melhoria."

O café, coado na fralda da camisa com gotas de mênstruo e dado a beber ao namorado, prendê-lo-ia perpetuamente. O Prof. Basílio de Magalhães registrou essa superstição, existente igualmente em Portugal onde o café é substituído pelo vinho tinto e dispensa-se a coação. A raspa de unha diluída faz enlouquecer. O suor, lenço que enxugou o suor, é garantia de fidelidade amorosa. Nenhum catimbozeiro falou em fezes aplicadas num feitiço. Pisar em excremento dá frieiras, foi a unica alusão. (Basílio de Magalhães, *O CAFÉ*, 145, Rio de Janeiro, 1937, sobre a primeira informação.)

aos processos do passado bruxedo. Cada dia mais se acentua o receituário de procedência vegetal, chás, infusões, fricções, fumigações, ou trazer um amuleto, oração, lasca de jurema ou outra madeira sagrada que tenha passado pelas cerimônias votivas.

Apenas no "consultório" do Mestre Dudu, o menos imaginoso e mais fiel, apareceu um cabeceiro, carregador de rua, mulato, queixando-se de contínua dor de cabeça e pouca vontade de levantar-se quando deitado, culpando a mulher que lhe dera para beber, no café, umas porcarias dela mesma. Foi mandado tomar um vomitório de ipecacuanha e Mestre Dudu prometeu uma sessão especial, só para ele, destinada a "quebrar as forças" do feitiço. Falando depois com amigos, Mestre Dudu desabafou, explicando que essas coisas eram trabalhos *"daquela negra da Serraria que só trabalhava nas porcarias"*. Serraria é povoação diante de Natal, na margem esquerda do rio Potengi. Não disse o nome da "negra" (Dudu era pretíssimo) nem os amigos ao redor me esclareceram. Como o caráter essencial de quem freqüenta Catimbó e é amigo de "mestre" é o pouco perguntar para muito saber (conselho do Mestre Zinho), fiquei sem saber como aproximar-me dessa velha feiticeira, mas próxima e solidária com a coprologia da Idade Média. Na Serraria,[64] só encontrei feiticeiros homens, pretos e "cabras". O caso serviu para mostrar a resistência de uma constante da bruxaria universal.

Não vou insultar Mestre Dudu nem a negra das porcarias na melhor intenção. O ambiente justificaria uma agressão erudita, expondo-se o perigo das forças negativas que a civilização anulará. Não anulará. Substituirá um feitiço por outro. E os feiticeiros continuarão.

Não há nada mais imponente que o Rei Sol, Luís XIV. Quando o vejo, para trazê-lo à continuidade humana, lembro-me das porcarias que ele comeu e bebeu pela mão de Madame de Montespan, reveladas no *Affaire des Poisons*. Engoliu quanto engoliram, sem saber, os maridos das mulheres aconselhadas pela Nóbrega, pela Boca Torta, pela Arde-lhe o Rabo, as glórias da bruxaria baiana nos fins do século XVI.

64 Em Serraria morava o negro Felinto Saldanha, envolvido no duplo estrangulamento de Petrópolis, Natal, 1942. (ADENDO.)

Ninguém estudou a civilização romana pelas suas superstições. A vida de um cidadão de Roma decorria entre cerimônias expiatórias, *expiare lustrare, purgare, februare*. Os restos sólidos e líquidos, tecidos, frutos, que tinham servido para um ato de expiação, afastando presságios ou cumprindo promessas e penitências, eram reunidos num pacote, *purgamenta*, e sacudido por cima da cabeça, *trans caput*, num rio, numa rua, numa encruzilhada, talqualmente o uso nos nossos dias, vinte séculos depois. Quem, inadvertidamente, pisasse o *purgamenta*, contaminava-se. E corria a fazer sua expiação, lustração indispensável. Tropeçar num *purgamenta* equivalia a calcar um cadáver. *Quod purgamentum nocte calcasti in trivio, aut cadaver?* perguntava a velha Proselenos no *Satiricon*, CXXXIV.

Ainda a encruzilhada é o melhor lugar para os "trabalhos", outro dos mil elementos da bruxaria européia. *"O Povo tem muitas superstições ainda hoje com as encruzilhadas dos caminhos (trivium, quadrivium); aparece lá o Diabo ao meio-dia, meia-noite e Trindades. Nas aldeias todas as encruzilhadas têm em regra uma cruz de pedra ou de pau"*, nota Leite de Vasconcelos. (*Tradições Populares de Portugal*, 266, Porto, 1882.) Os portugueses que colonizaram o Brasil eram aqueles de Gil Vicente. A encruzilhada caracterizava a feitiçaria. Na farsa chamada *Auto das Fadas*, a protagonista explica sua vida utilíssima:

Genebra Pereira
Nunca fez mal a ninguem;
Mas antes por querer bem
Ando nas encruzilhadas
Ás horas que as bem fadadas
Dormem sono repousado;

....

E dae boas fadas
Nas encruzilhadas.
Este caminho vai pera lá,
Est'outro atravessa cá;
Vós no meio, alguidar,
Que aqui cruz não ha de estar.

E a Celestina rezava pela mesma cartilha: *"Y aun la una le levantaron que era bruja porque la hallaron de noche con unas candelillas cogiendo tierra de una encrucijada"* (ato VII). As orações-fortes, especialmente as amorosas, exigem, nalgumas recomendações amigas, o serem ditas andando "encruzilhado", cada vez de um canto da sala. Paula de Sequeira, em agosto de 1951. disse que "huã molher por nome Breatiz de Sampaio molher de Jorge de Magalhais morador em Matoim lhe ensinou huãs palavras que avia de dizer andando em cruz atravesando a casa de quanto em quanto" (*Confissões da Bahia,* 49-50.) Durante toda a cerimônia da sessão no Catimbó não se toca às chamas das bugias diretamente mas com um papel enrolado, riscando-se o ar numa cruz bem notória. As aspersões do "mestre", com o fumo ou com o cauim, são sempre em cruz. No culto vodu, no Daomé e no Haiti, o Papa Legba protege as encruzilhadas, lugares sagrados imemorialmente. Quando não há "água viva" ou corrente por perto do Catimbó, atira-se numa encruzilhada às águas servidas no "fechamento do corpo". Os "despachos" ou "coisa-feita" indiretas são enterrados nas encruzilhadas. De lá irradiarão o malefício infalível.[65]

Para os feitiços de contato há um aperfeiçoamento. Junto do pacotinho, com farinha amarela pelo dendê, cabelos, cristas de galo, unhas, mulambos sujos, fitas, um emaranhado confuso de miudezas, põem níqueis ou uma pratinha de dois mil réis. Quem a levantar, carregará também as forças negativas que se amontoam no

65 A encruzilhada era o ponto sensível para os mistérios. Entre os orixás gegê-nagôs Exu é o homem da encruzilhada, poderoso e cheio de mistérios. Não se sabe, ao certo, se Exu é bom ou mau. Ogum, orixá da luta, da guerra, também aparece pela encruzilhada, como o "senhor Leba". Em Roma o *quadrifuncus* era o domínio de Hécate, deusa dos malefícios, dos encantamentos, dos feitiços. Nas encruzilhadas depositavam os ricos de Roma e da Grécia alimentos e bebidas, nas festas lustrais, o *jantar de Hécate,* que às vezes matava os pobres que o comiam. (Luciano de Samosata, *Diálogos dos Mortos,* I, *Passagem da Barca,* 270.) Era lugar de encanto, o trivium ou quatrivium, domínios de Ekaté Triodités. Em Bengala, a deusa das epidemias, Raksha Kall recebe a homenagem essencial numa encruzilhada de quatro caminhos. Outrora sacrificavam criaturas humanas.

ebó. Os primitivos não tinham o chamariz do dinheiro. Nem todos os "mestres" perdem os ganhos, espalhando moedas. Mas, no Recife, vária vezes vi esses "despachos" com as moedinhas atraindo.

O tipo comum da coisa-feita é, mais ou menos, a mandinga que Henry Koster encontrou, em 1814, na ilha de Itamaracá, assombrando o velho Apolinário.

"Um dia, o velho me veio ver, com a face espavorida, e mostrou-me uma bola de folhas, amarrada com cipó, encontrada sob um par de tábuas, sobre as quais dormia no terraço, tendo deixado a casa do amigo e se hospedado na nossa. Esse molho de folhas era do tamanho de uma maçã. Só compreendi a razão do seu terror quando me disse que era uma "mandinga", posta ali com o fim de fazê-lo morrer, e deplorava amargamente sua sorte, tendo, na sua idade, alguém que lhe desejasse a morte, tirando-o desse mundo antes de Nossa Senhora chamá-lo para ela. Eu sabia que duas negras estavam em discórdia, e as suspeitas recaíram sobre uma que tinha relações com o velho mandingueiro do Engenho Velho, e a mandei chamar. Julguei logo que a "mandinga" não fora feita para o velho Apolinário, e sim para uma das negras cujo serviço era limpar o terraço. Ameacei de prendê-la no Pilar e de enviá-la para o Pará, se não descobrisse o mistério, e ela revelou, mas somente depois de ouvir-me ordenar ao feitor que se preparasse para conduzi-la ao Pilar. Disse-me que a "mandinga" estava colocada para atrair a afeição de um dos negros que preferia uma sua companheira. A bola da "mandinga" era formada por cinco ou seis espécies de folhas de árvores, entre outras a da romãzeira. Havia também dois ou três farrapos, areia de um tipo especial, cinzas de osso de algum animal, e podia conter outros ingredientes que não identifiquei. A mulher queria protestar sua ignorância, e possivelmente nada soubesse sobre os elementos contidos na bola. Tomei a sério o caso da "mandinga" porque sabia a fé que não somente os vários negros têm nela, mas igualmente os mulatos, e declarei que estava zangado com quem tivera aquela intenção criminosa e não porque acreditasse nos seus feitiços: Há outro nome para essa espécie de encanto. É "feitiço", e

os iniciados são "feiticeiros". Num canavial de S. João, na ilha, havia um desses feiticeiros causando tanto pavor que o seu dono o vendeu para o Maranhão."[66]

A mandinga estava posta num dos lugares tradicionais; sob o leito do condenado a sofrer-lhe os efeitos. A soleira da porta era outro, mas se tornam difíceis diariamente com a pavimentação das ruas com paralelepípedos ou asfalto.

A escolha da encruzilhada como sítio de assombros é anterior ao Cristianismo e a associação com a cruz de Jesus Cristo é explicável mas não justifica sua continuidade por todo o Mundo. Hamurábi, 2232 antes de Cristo, numa de suas leis de Babilônia, n. 91, dispõe: "A Balança deve colocar-se para o Oriente, imóvel, no seu lugar purificado, seja num templo de Indra ou de Darma, seja numa sala de justiça ou numa encruzilhada." (*Cit.* Fernando Ortiz, *Los Negros Brujos*, 163, nota.) Todo o culto de Hécate era nas encruzilhadas. Hermann Steuding informa: *En las noches de luna clara aparecia en las encrucijadas como una figura fantástica (EKATÊ TRIODITIS, TRIVIA) acompañada del tropel de almas sin descanso, y también de sus perros, los cuales eran considerados también como almas errantes. Para apaciguar y contentar a Hécate, al final de todos los meses, se depositaban en los cruces de los caminos los residuos de los sacrificios de purificación.* (MITOLOGIA GRIECA Y ROMANA, 83.) A encruzilhada como terreno propício para os "despachos", canto sagrado, "cantos abertos" na magia negra, já era consagrada há quarenta e dois séculos.

A encruzilhada era o ponto da fatalidade, dos assombros, onde o Destino se cumpria. No cruzamento das estradas de Delfos e Daulia, Édipo, sem reconhecer, matou o rei Laius, seu pai. (Sófocles, *ÉDIPO REI*.)[67]

Uma exigência elementar, indispensável e típica na coisa-feita, muamba, despacho, é não voltar a vê-lo de-

[66] HENRY KOSTER — *Viagens ao Nordeste do Brasil*, tradução, prefácio e notas de Luís da Câmara Cascudo, Vol. 221 da "Brasiliana", p. 400-401, São Paulo, 1942.

[67] Os ocultistas dizem que a encruzilhada guarda, para todas as direções, o sinal da Morte, a letra grega T, o Tau fatídico, inicial de Tanatos, Morte.

pois de colocado num lugar definitivo. Se o feiticeiro, o simples portador, como no caso do "fechamento do corpo", deixar ficar a mandinga e voltar a cabeça para olhá-lo, trará parte essencial dos maus eflúvios, ficando vítima do malefício concentrado, portador dos males. Se é o que fechou-o-corpo, desmanchou as forças anulando todo o trabalho do "mestre de mesa". Depois de depositado no lugar escolhido, o canjerê só pode ser olhado pela vítima a que é destinado ou pessoa estranha ao feitiço. O feiticeiro, graças ao seu poder, livrar-se-á dos "maus ares" com facilidade maior mas será obrigado a fazer a "limpeza" em si mesmo.

Quem olha para trás reconduz os poderes maléficos que pretendera abandonar. E atrai o Fantasma, a sombra da Morte. Quando se atira um dente arrancado ao telhado diz-se: "Moirão, moirão, toma meu dente podre, dai-me outro são!" Não se deve ver onde o dente caiu sob pena de nascer outro defeituoso. Em todos os processos de transferência de moléstias às pedras e às árvores o doente continuará no mesmo estado se tornar a ver o sítio onde fixou sua doença. O feitiço "pega" pelo olhar e pelo contato direto. Pelo olhar é mais sensível e de efeito mais profundo. Não olhe para trás, recomendam os mestres!

É um vestígio cerimonial das iniciações gregas. O iniciando não se volvia para a direita nem para a esquerda ou para trás durante todo o percurso e provas. Para trás era o Passado, tudo quanto se renunciara, e também o "outro estado do Espírito", a fase anterior, abandonada na ascensão para Elêusis. Orfeus perdera Eurídice ao volver-se, na porta do Inferno, olhando para trás. A mulher de Lot tornara-se estátua de sal. *Noli respicere post tergum.* (*GENESIS*, XIX, 17.) Quando Ulisses sacrifica aos mortos, nos umbrais do reino de Plutão, está de costas, olhando o mar e não a ovelha imolada, como Circe aconselhara. (HOMERO, *Odisséia*, X.) Para libertar-se do remorso, Édipo faz uma oferenda às Eumênidas. Na tragédia de Sófocles, o coro dirige-se ao velho príncipe tebano recomendando que, logo depois do sacrifício, *retira-te sem voltar a cabeça. (OEDIPE A COLONE.)* Virgílio, *ÉCLOGA VIII*, manda que

Amarillis atire as cinzas por cima da cabeça ao rio e não se volva:

> *Fer cineres, Amarylli, foras, rivoque fluenti,*
> *Transque caput jace: nec respexeris.*[68]

Da lenda de Poronominare, herói dos indígenas Barés do Amazonas, figura de Deus bem humorado e brincalhão, como o Macunaíma dos Taulipangues, Brandão de Amorim registrou várias aventuras, em nheengatu.[69] Quando o herói vai ser medicado pelo boto ("Delfinida") este recomenda: "Tu te hás de sentar naquele pau, não hás de olhar para trás." Frobenius diz que os caçadores africanos do Kordofan até a fronteira da Abissínia não olham para trás quando caçam para que o leopardo não os siga. Caçadores, colhedores de mel, ceifeiros, não olham para trás quando atravessam uma floresta ou um bosque para não se assombrarem. Os silvanos, sátiros, egipãs, silenos, faunos despedaçavam quem olhasse para trás indo pelos campos dedicados a eles. A documentação é farta e fácil.

A proibição é, visivelmente, reminiscência dos ritos da iniciação. Espalharam-se nos hábitos, ampliando a função outrora privativa às pequenas e grandes eleusianas. O catimbozeiro recebeu essa obrigação, vaga e misteriosa, de várias fontes, especialmente da européia, desde o século XVI. E ficou rosnando, soturno e convencido da suprema importância da orientação: *Não olhe para trás*, talqualmente o Senhor dissera a Lot, *Noli respicere post tergum...*[70]

[68] José Pedro Soares, professor régio de Gramática Latina na Cidade de Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, publicou as *ÉCLOGAS DE VIRGÍLIO* em oitava rima, Oficina de Simão Tadeu Ferreira, Lisboa, 1800. Da VIII, a "mágica", transcrevo a tradução integral do trecho citado:

> *Nesse rio, que de correr não cessa,*
> *As cinzas, amarilis, deita fora,*
> *Para trás, e por cima da cabeça,*
> *Sem para trás olhares sem demora:*
> *Encantar Dafnis vou de novo à pressa,*
> *Que de tudo zombado tem tégora.*
> *Encanta, canto meu, e traze enfim,*
> *A Dafnis da cidade traze a mim.*

[69] Antônio Brandão de Amorim: *LENDAS EM NHEENGATU E EM PORTUGUÊS*, "Revista do Instituto Histórico Brasileiro", tomo 100, vol. 154, 2.º de 1926, publicado em 1928, p. 137. Em nheengatu a frase é: *Reuapika kuri nhaa mirá resé nti kuri remaan sakakuera kiti.*, p. 157.

Depois da encruzilhada, o lugar mais vulnerável era a soleira da porta, os tijolos da entrada, onde o pé calca ao penetrar. É lugar de honra na vida sertaneja. Falar da soleira da porta, receber na soleira da porta, são privilégios do dono e da dona da casa. É lembrança da porta senhoril onde o hóspede descalçava o guante, a luva de couro ou a manopla de escama de aço, para entrar. Riscar a soleira da porta a espora ou ponta de faca era um desafio ultrajante, o maior entre os maiores. Ainda alcancei o pedir-se permissão para passar a soleira da casa com as esporas nos pés. Sem licença era atrevimento e falta de "modos de gente".

Sob a soleira, o batente da casa, enterrava-se no sertão o cordão umbilical do recém-nascido para que ele fosse caseiro, amigo de estar em casa. Aí ficava também a ponta da cauda do cachorro fujão. O Barão de Studart registrou duas superstições relativas ao batente das casas. "Sendo alto de mais de um palmo o batente de uma casa, essa é infeliz para comércio; quem nela se estabelecer não fará negócio e abrirá falência em pouco tempo. Para fazer um cão acostumar-se em uma casa, basta enterrar no batente da porta do quintal alguns cabelos da ponta da cauda e ele não fugirá mais."[71] J. G. Frazer estudou longamente as tradições ligadas à soleira, à pedra calçando a entrada da porta principal dos palácios. Mostrou que a superstição de não ser tocada a soleira ou nela assentar-se apenas os homens principais, é quase universal e aparece no *Velho Testamento*, II *REIS*, XXV, 18, *Jeremias*, LII, 24, e mesmo o profeta Sofonias, I, 9, ameaça, em nome de Jeová, uma visita fulminante *qui arroganter ingreditur super linem.* Os hebreus tinham guardas especiais para guardar os um-

[70] Luís da Câmara Cascudo, ANUBIS E OUTROS ENSAIOS, "Não olhe para trás", IX.

[71] Luís da Câmara Cascudo, ANTOLOGIA DO FOLCLORE BRASILEIRO, 317, São Paulo, s.d. (1944).

brais, os três *custodes vestibuli*. Frazer dá notícia ampla, no tempo e espaço, pela China. Tartária, Rússia, Índia, Escócia, Inglaterra, Pérsia, negros da África Central, na região dos lagos, na orla atlântica como Serra Leoa, etc. É lugar sagrado, o miftan vencedor do filistino Dagon. Hindus e eslavos sepultam os primogênitos nati-mortos. Os russos banham aí as crianças suspeitas de mau-olhado. Pela Ásia inteira, ilhas dos Mares do Sul, Fidgi, outras do arquipélago de Sonda, Tanger, Marrocos, a crença é conhecida e respeitada. Frazer[72] mostra que o cuidado para evitar tocar na soleira é resquício religioso, vivo nos ritos populares. Consagrado a Vesta, havia mesmo um casal divino encarregado do limiar, os deuses Limentinus. Era, como até poucos anos se mantinha na África setentrional, banhado com o sangue de ovelhas, sacrificadas no momento em que a recém-casada deverá transpor os umbrais. O esposo romano arrebatava nos braços a esposa ao entrar na casa residencial *mais en ayant bien soin que ses piéds ne touchent pas le seuil*, lembra Fustel de Coullanges.[73]

Para as bruxas de Roma enterrar sob a soleira roupa ou objeto que pertencesse a alguém era obrigá-lo a vir, atraído pela irresistível força magnética do encanto. Virgílio, na *Écloga VIII*, lembra essa tradição:

Has olim exuvias mihi perfidus ille reliquit,
Pignora cara suï: quae nunc ego limine in ipso,
Terra, tibi mando: debent haec pignora Daphnim.

E José Pedro Soares, régio professor de Gramática Latina em Ponta Delgada, assim, em 1800, dizia em oitava rima a versão do trecho virgiliano:

Aquele infiel mais duro do que o ferro,
Me deixou n'outro tempo os seus vestidos,
Despojos seus, os quais agora enterro
No limiar da porta aqui metidos:
Eu tos dedico, ó terra, e sinão erro,
Que a Dafnis me trarão, são meus sentidos.
Encanta, canto meu, e traze em fim,
A Dafnis da cidade traze a mim.

72 Sir James George Frazer, *LE FOLKLORE DANS L'ANCIEN TESTAMENT*, liv. III, chap. VI, "Les Gardiens du Seuil", 272-279 e notas, Paris, 1924.

73 Fustel de Coulanges, *LA CITÈ ANTIQUE*, 45, Paris, 1912.

São essas as raízes prestigiosas da soleira, do batente da casa, para o povo.[74]

Há horário especial para a colocação dos "despachos"? As muambas fazem melhor efeito quando depositadas nas "horas abertas", crepúsculos matutino e vespertino. Nas "horas abertas" incluem o meio-dia e a meia-noite e também, no sertão, a madrugada, "quebrar das barras", antes do alvorecer. É um elemento folclórico europeu que o português fixou no Brasil. Teócrito fala da hora mágica do "Meio-Dia", fazendo dizer a um dos seus pegureiros: "É preciso não tocar frauta "à hora do meio-dia", a esta hora temos medo de Pã, terrível quando ele se repousa das fadigas da caça." É notável esta crença da "caça furiosa à hora do meio-dia" nas tradições da Idade Média. Na Grécia moderna ainda hoje subsiste a superstição, e as crianças dizem: "Não estejamos fora de casa ao meio-dia porque nos pode acontecer mal". (J. Jacques Ampère, *Gréce, Rome et Dante*, 64.) Nas orações populares portuguesas, diz-se sempre:

Nem de noite, nem de dia,
Nem ao pino do meio-dia...

Nas interjeições da língua portuguesa existem certas palavras emocionais, formadas pela contração de frases que se referem ao poder mágico das horas a que chamam "horas abertas". Nos *Autos* de Gil Vicente, vem *Eira-má*, usada ainda nos Açores, da locução *Em hora má*; o advérbio *Embora* deriva da locução *Em boa hora*. Diz-se às mulheres grávidas que tenham uma boa hora; e no anexim:

De hora em hora
Deus melhora.

74 Numa oração e processo de tratamento de "ventre caído", ptose de víscera abdominal, reaparece a soleira, o limiar da porta como sítio privilegiado. "Como se cura "Ventre caído"? Pendura-se de cabeça para baixo, na parte superior da porta principal da casa, a criança doente e reza-se: "Quando Deus saiu ao mundo foi curando altos e baixos". Repete-se isto muitas vezes enquanto devagarinho se vai descendo a criança, sempre de cabeça para baixo, *até tocar no limiar da porta*. Depois recitam se 3 Padre-Nossos, 3 Ave-Marias e 3 Glória-ao-Padre e está feita a cura." (Alcides Bezerra, *RESTOS DE ANTIGOS CULTOS NA PARAÍBA*, "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano", vol. 3, 34, Paraíba, 1911.

Nos Apólogos Dialogais escreve D. Francisco Manuel de Melo: "Perguntou que mais virtude pode ter uma dessas orações a tal que a tal hora? Velha conheci eu já, que ensinava às moças, que as pragas rogadas das "onze para o meio-dia" eram de vez, porque todas empeciam", informa Teófilo Braga no *POVO PORTUGUÊS*[75] indicando fonte do que existe por todo o Brasil.

O Meio-Dia não é hora para coisa-feita mas para orações, rogativas ou punitivas. Os Anjos estão cantando as glórias de Deus e se coincidir o pedido com o final do coro angélico, o *amen* sucederá infalivelmente o que se suplicou. "Praga ao Meio-Dia tira um Santo do Céu", dizem.

Em agosto de 1941 conheci em casa de Batista Pereira, na Gávea, o Dr. Anes Dias. Virou a conversa para o folclore e perguntou-me o que vinha a ser "Hora Aberta". Concordou com a tradição, dizendo-me: *"As horas abertas coincidem justamente com as horas em que se morre mais freqüentemente."* Eram os momentos de desequilíbrio na pressão atmosférica, refletindo-se conseqüentemente na patologia humana.[76]

O Catimbó, quanto ao feitiço, distancia-se do Diabolismo bruxo europeu, das invocações demoníacas, dos pactos com Satanás. A proteção católica invadiu-o, na sua primeira fase, como evidenciou o Prof. Maxwell. Na fase atual é o Espiritismo que o orienta, emprestando-lhe vocabulário, cerimonial e dialética catequizante.

[75] Teófilo Braga, *O POVO PORTUGUÊS NOS SEUS COSTUMES, CRENÇAS E TRADIÇÕES*, II, 53-54, Lisboa, 1885.

[76] Anes Dias era professor de Clínica Médica, quinta cadeira, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, falecido em novembro de 1943. São clássicos os seus estudos sobre meteorologia médica, campo elétrico, etc. Grande trabalhador, curioso de todo saber, interessou-se vivamente pela etnografia tradicional, afirmando sua importância como informação secular, vinda da memória coletiva. Sobre os problemas da cosmo-sensibilidade do homem, os estudos subseqüentes de climatologia médica, tão ligados ao folclore, a morte não permitiu ampliação. O que fez é bastante para fixar uma fisionomia invulgar de pesquisador e estudioso.

ENVULTAMENTO

Uma das "rezas fortes" mais disputadas e caras é a "Oração do Sol", destinada a despertar e fixar o amor. Mulher ou homem que a possuir tem sua felicidade amorosa ao alcance da vontade. É uma oração com cerimonial, uma das raras exigindo ambiente e preparo para sua efetuação completa.

Duas bonecas de pano são indispensáveis; uma vestida de homem e outra de mulher. Se a oração destinar-se a casamento, a boneca traja branco, com véu de filó e coroa fingindo flores de laranjeira. Se o amor dispensar, ou adiar o casamento legal, qualquer boneca serve. Há também uma faca virgem, sem uso nem mancha. No meio da reza, diz-se: *Cravo esta faca neste senhor assim como cravaram a Jesus Cristo na cruz; assim, Fulano, eu te cravo no coração de dor, ó Sol, ó Sol, ó Sol!* Ao dizer *cravo esta faca*, atravessa a boneca, na altura do coração. Boneca vestida de homem se a rezadeira for mulher e vice-versa. No final da oração, fala-se assim: *Minha Estrela bela, pela hora que no céu nasceste, neste cordão, Fulano, prendo o teu coração com o meu.* E amarra as bonecas, uma em cima da outra, com um cordão forte.

Na fotografia da "Mestra Velha Elisa" e de José Francisco, dentro da bacia de louça ("princesa", diz-se no Catimbó), há uma boneca com um grande espinho enfiado no pescoço.

Na "Oração do Sol" a boneca furada pela faca e no Catimbó da Velha Elisa a figurinha de pescoço atravessado representam criaturas humanas, objetos vivos de

amor e de ódio. A primeira deve amar e a segunda morrer.

É o processo do Envultamento.

Sir James George Frazer simplificou a Magia fazendo-a partir de dois princípios: (a) O Efeito é semelhante à Causa que o produziu, e (b) as coisas que estavam reunidas e deixaram de estar, continuam tendo uma sobre a outra a mesma influência como se o contato ou a união houvesse persistido. O primeiro desses princípios o homem deduziu poder produzir o que quiser, imitando. Do segundo, compreende ser possível influenciar de longe, à sua vontade, toda pessoa e todo objeto dos quais possua uma parcela.[77]

As bonecas devem ter qualquer fragmento de roupa pertencente às pessoas por elas encarnadas simbolicamente. Num dos *Diálogos* de Luciano de Samosata, Bacchis ensina a sua companheira Mélitte a maneira de readquirir o amante que a abandonara. Procurasse uma síria, hábil mágica que lhe prestara favor semelhante, fazendo Fanias voltar para ela. A síria pedira sal, sete óbolos, enxofre e um archote. *Mais il te faudrait encore avoit quelque chose qui êut appartenu à ton amant, comme un vêtement, une chaussure, quelques cheveux.* (*Dialogues de Courtisanes*, IV.)

Na feitiçaria medieval dizia-se *envoutement d'amour e envoutement de haine.* Não há outro mais conhecido e usado no Mundo e que tenha documentação com antiguidade maior. O feiticeiro modelava uma boneca de cera,

[77] As citações feitas são "apenas" da literatura clássica, algumas com vinte séculos, atestando a velhice do envultamento. Podíamos citar com alguns milênios, aí pelas alturas do paleolítico superior. Na caverna de Montespan, Alto Garona, na França, há grosseiras modelagens em argila representando animais. Os técnicos, como o Conde Begouen, recusam uma significação totêmica, algum tempo apontada como explicação racional para a arte quaternária. "Aquelas modelagens, logo meio destruídas após sua confecção, seriam feitas a fim de servirem para cerimônias mágicas em que as atingiriam com pancadas, zagaias e outras armas de ataque. Simbolizaria a caça desses animais." A modelagem do animal era seu envultamento, a reprodução, propiciando ao caçador o cerimonial para afetar ao original, possivelmente, como sugeria Frobenius, liturgia para aplicar o "espírito", a força vital da peça de caça que ia ser abatida. Sobre a gruta de Montespan. (Mendes Correia, *Os Povos Primitivos da Lusitânia*, 155, not. Porto, 1924.)

tendo escondido no interior restos de vestidos, unhas, cabelos, gotas de sangue, saliva, suor, etc. Tudo quanto se fizesse sobre essa imagem repercutiria sobre o indivíduo representado. Um alfinete furando o braço, a perna, um ombro, determinava dores nessas regiões na criatura figurada nas mãos do feiticeiro. Empresta-se ao representante os valores psicofísicos do representado. Na história das ciências negras os episódios são infinitos. Reis, Imperadores, Papas, foram envultados, aparecendo com coroas, tiaras, mantos, armas aproximando quanto possível a imagem do modelo. E, sobre esse modelo, exerciam torturas, para matar, fazer sofrer, amedrontar ou fazer amar.

Frazer recenseou alguns centos de exemplos pelo Mundo. A literatura greco-romana[78] é abundante nesses registros. Ninguém ignora no Brasil as malvadezas cometidas com Santo Antônio, amarrado, dependurado,

[78] O costume imemorial era a figurinha de cera, substituída pelas bonecas no Catimbó, democraticamente ao alcance de todas as consultas. No segundo *Idílio* de Teócrito: *Cette cire fond sous les auspices de la déesse; qu'ainsi fonde soudain d'amour le Myndien Delphis!* p. 62. Horácio, *Épodes*, XVII; *An, quae movera cereas imagines, moi, qui peux, animer des images de cire*, p. 164. Virgílio, *Pharmaceutria*, Écloga VIII, versos 73 e seguintes: *Se um só fogo derrete esta cera e endurece este limo, opere o mesmo no ingrato do nosso amor*, p. 51 (trad. de Manuel Odorico Mendes). Ovídio, *Heróicas*, VI, Hypsipyle Jasoni: *simulacreque cerea figit*, p. 49; *Amores*, III, elegia VII: *...une sorcière aurait-elle gravé mon nom sur de la cire rouge, et m'aurait-elle enfoncé une aiguille dans le foie?* p. 117.

Sobre processos de Magia há informação em Horácio, *SATIRAS*, Livro I, VIII, *EPODOS*, V. VIRGÍLIO, *Eneida*, IV canto. Propércio, Livro III, elegia 6. Tíbulo, livro I, elegia II. Sêneca, IV da tragédia *Medéia*. *Lucano*, VI canto da *Farsália*. Apuleu, III livro do *Asno de Ouro*. Ovídio, livro VIII do *Metamorfoses*. Homero, *Odisséia*, XI. Petrônio, *Satiricon*, capítulos CXXXI, CXXXV e seguintes.

Sobre o "envultamento" escreve a Sra. Anita Seppilli: "O malefício sobre figura de cera, que levou à fogueira o Bispo de Cahors, é ainda o mesmo malefício que nos documentam as atas de inquérito de um processo contra a rainha Teje, mais ou menos em fins do segundo milênio antes de Cristo, e aquele ao qual recorre também a maga na écloga de Virgílio" (*O DIABO NA LITERATURA E NA ARTE*, "Revista do Arquivo Municipal", LXXXV, 72, São Paulo, 1942).

A mais antiga notícia de envultamento com bonecas ou figurinhas de cera data de 1100 anos antes de Cristo, no Egito, durante o reino do faraó Ramsés III. (*Folc-lore*, LVII, 93.)

dentro d'água, tirando-se-lhe do braço o Menino Jesus, para que faça um casamento difícil ou uma reconciliação custosa. Santo Onofre é conservado de costas nos oratórios ou armários, perto de pires com alimentos, porque dizem que ele mantém abastança onde ficar. São Cosme e Damião sofrem as mesmas amarguras, assim como São Gonçalo. Todos os mitógrafos recordam que a estátua de Marte era amarrada no templo de Esparta para não abandonar os guerreiros. Priapo, guardião dos jardins, era batido e ameaçado de expulsão quando se descuidava da vigilância. Em Chatarpour, Madras, os indígenas desenham nas paredes as figuras sagradas de Indra e de Mega Raja, deus da chuva, com as cabeças para baixo. Os dois deuses apressam-se a fazer chover para saírem da posição incômoda em que se encontravam. Em 1710 o vice-rei da província de Nan-King intimou o deus da chuva de Tsong-Ming a cumprir seu dever dentro de um certo prazo sob pena de proibir-se a entrega de oferendas.

A imagem é ferida, despedaçada ou atingida em lugar mortal e amortalhada e sepultada. "Chegam ao extremo de enterrar a imagem, ou levá-la ao cemitério num caixão, como aconteceu há pouco tempo, no pequeno cemitério do Saco de S. Francisco (Niterói), conforme me narraram moradores do local", escreve o Prof. Artur Ramos, *O Negro Brasileiro*, 139. O mesmo ainda ocorre na Índia, informa o Dr. Ernest Hemneter, mostrando a abundância dessas figuras simbólicas de deuses ou de ancestrais, feitas de farinha de arroz, e cheias de feitiço, irradiantes de moléstias "... estas figuras mágicas que são um dos mais correntes requisitos de todos os feiticeiros, e que devem representar sempre a pessoa a enfeitiçar, são utilizadas para provocar enfermidade. A casta mais baixa, os Banghis, cujo contato é evitado cuidadosamente por todo o mundo, são suspeitos de provocar diretamente e propagar o cólera com a ajuda destes meios, fazendo figurar de farinha de Adas (*phaseolus radiatus*) e colocando-as à noite em sítios por onde hão de passar os habitantes do povoado, a quem se há de enfeitiçar, enterrando-as no caminho ou lançando-as aos poços." ("Actas Siba", 6, 1936, 204-5.)

O envultamento, outrora cercado de cerimonial impressionante, desce numa curva natural para a populari-

dade fácil, pondo-se na mão dos consulentes, reduzido a uma liturgia portátil e nos limites de uma oração, do tamanho mínimo. A "Oração do Sol" é um desses índices visíveis de degradação da magia, da assombrosa Goécia, que anoiteceu e amedrontou coroas e tiaras. Apenas sobrevive, ou resiste ao desgaste, a exigência de qualquer coisa pertencente ao representado na boneca de quarenta centavos. Mas já não foram feitas pelo "mestre", tentando semelhar, mesmo fisicamente, a criatura enfeitiçada. Nem, nos domínios dos "trabalhos" do Catimbó, tive notícia de alguma imagem de cera. *Le rapport que le magicien va établir entre lui et sa victime n'est plus le rapport natural du cas précédent, mais une connexion que la volonté du maléficiant va créer de toutes pièces, et dont l'objet matériel ne sera qu'on sorte de support. C'est pourquoi un grande nombre d'objets peuvent être emplozes: des poupées de bois, d'étoffe, rarement d'argile*, ensina o Dr. J. Maxwell, *La Magie*, 115. Talvez, inconscientemente, seja essa a explicação natural. A Magia se dissolve no Catimbó, passando para o Povo que a pode empregar sem ritos, dispersando-a.

Mestre Zinho disse-me que o envultamento era serviço de mulher. Indicava as feiticeiras, as "mestras", como mais aptas, mais autorizadas ou que "ainda" se serviam do processo? Não explicou. Os envultamentos que conheço foram feitos por "mestras". Se pensarmos na pompa dos feiticeiros dos séculos XV, XVI, XVII na França, na Itália, nos países alemães, teremos um ponto de referência para sua desagregação, entre as palhas e a taipa dos Catimbós nordestinos, nas praias e nos bairros paupérrimos.[79] Conta-se que na Paraíba dois "mestres" lutaram muito tempo, envultando um ao outro. Quando? Há muito tempo. Ponho essa história na classe das "estórias". O combate entre "mestres" não se dará no campo dos envultamentos. Batalhas assim pertencem

79 No *ANUARIO DE LA SOCIEDAD FOLKLORICA DE MEXICO*, III, 1942, a Sra. Virginia Rodriguez Rivera estudou "Representaciones Humanas en la Magia (Muñecos Mágicos)", divulgando a contemporaneidade do envultamento no México, com vários episódios sugestivos, aludindo à documentação espanhola e francesa de nossos dias. F. L. Newman estudou o envultamento na Inglaterra, *SOME NOTES ON THE HISTORY AND PRACTICE OF WITCHCRAFT IN THE EASTERN COUNTIES*, Folk-lore, LVII, 30.

aos letrados, aos clássicos, aí pelas alturas do Abade Boullon e de Stanislau de Guaita, brigando com armas invisíveis. O abade morreu em 1894, em Lyon, acusando Guaita de havê-lo assassinado por meios astrais. Guaita faleceu três anos depois, do *choc en retour*. As forças desencadeadas ficaram, livres e poderosas, no ar. Foram agir sobre Guaita e o venceram.

Dos "trabalhos" para despertar o amor, o *envoutement d'amour* é o mais facilmente encontrado.

Não sei o nome especial do envultamento no Catimbó. Enumeram-no no meio dos "trabalhos". É um "trabalho forte".

"ORAÇÕES FORTES". MODELOS CLASSICOS. ORAÇÕES PARA BEBER E ORAÇÕES PARA ENGOLIR. MATERIAL COLHIDO PELO SANTO OFÍCIO

Não há Catimbó sem "oração forte". Não há conselho do "mestre", mas há a força consuetudinária da tradição. Há quem ensine, recomende. O Catimbó não é a fonte do uso mas uma das fontes.

As orações são, em percentagem decisiva, de influência católica. Apenas os negros muçulmanos. Haussás, Tapes e Mandingas usavam, com fidelidade, as orações escritas em árabe ou em algum dialeto africano mas utilizando o alfabeto árabe. Levavam a tábua onde a oração fora escrita e bebiam a água da lavagem, aplicando a rogativa de modo direto e mecânico. Iorubanos, Gegês e Bantos crêem mais nos *gris-gris*, amuletos sólidos, pedrinhas, chifres, dentes, raízes. Os negros muçulmanos não tiveram influência sensível no folclore brasileiro e bem discutivelmente entre os companheiros de cor e cidade. Eram retraídos, ensimesmados, nomeados por eles mesmos superiores aos outros negros. A oração bebida não fez proselitismo nem deixou rasto visível no *Folkway* negro do Brasil.

Conheço algumas orações que velhos escravos usaram amarradas ao pescoço mas todas são católicas, resguardadas numa *bolsita de cuero o tela en la que, como se estila en África, se guardam los gris-gris más estimados*, como o Sr. Fernando Ortiz observou em Cuba.

Não é preciso incomodar os dicionários e enciclopédias para articular as rezas fortes com usos gregos, ro-

manos, empurrá-las para o Oriente e citar as filaterias. Trechos de salmos e o Decálogo de Moisés vinham sempre desenhados em pergaminho, enrolados e presos ao pescoço, aos pulsos e até, como exibição de santidade consciente, nas têmporas ou na testa do devoto israelita. Os cristãos seguiram esse hábito da filateria, tendo-a como evocação ao Cristo, desenhos votivos, a pomba, a cruz, o peixe. A tirinha era trazida como as orações-fortes, ensacoladas em couro ou tecido resistente.

Muitas orações populares são encontradas no *Livro de São Cipriano*[80] ou em *A Bruxa de Évora*, reeditados cartapácios de passada autoridade entre os curiosos da Bruxaria intencional, teórica, inocente. Alguns "mestres" têm solene desprezo por esses dois livros outrora sapientes. Afirmam que Catimbó é "coisa provada" e tudo quanto se declara em *São Cipriano* ou na *Bruxa de Évora* é mentira pura sem possibilidade de realização. Sei de um "mestre" que, durante meses e meses, obedeceu cegamente às instruções do *Livro de São Cipriano* para obter um Diabinho, um daqueles serviçais e amáveis Familiares que assombravam a Santa Inquisição. Não conseguiu Familiar coisa nenhuma e perdeu a paciência, queimando o volume. É uma "exploração", rematou, convencido pessoalmente da ineficácia do livro.

Na cidade de Natal pude reunir uma coleção razoável de orações-fortes, adquiridas por compra, conseguindo cópias, dádivas. Quando o Departamento de Seguran-

80 Jamais encontrei o *Livro de São Cipriano* nas mãos dos mestres nem mesmo entre os despojos do Catimbó arrecadados pela Polícia. Creio que a percentagem maior de orações e fórmulas é transmitida oralmente e nisto reside grande parte do segredo, do mistério, do ensinamento de um mestre para o seu discípulo. Há, certamente, modificações pessoais e mesmo fórmulas de inventiva individual. João do Rio informava que o *Livro de S. Cipriano* era o *vade-mecum* dos feiticeiros cariocas quando do seu famoso inquérito em 1904. "*Mas o que não sabem os que sustentam os feiticeiros é que a base, o fundo de toda a sua ciência é o* Livro de S. Cipriano. *Os maiores* alufás, *os mais complicados pais-de-santo, têm escondida entre as tiras e a bicharada uma edição nada fantástica do* São Cipriano. *Enquanto criaturas chorosas esperam os quebrantos e as misturadas fatais, os negros soletram o* São Cipriano, *à luz dos candeeiros.*" (*As Religiões do Rio*, 32.) Essa informação do grande repórter denuncia o que se nega sem exame direto: a alta influência da Bruxaria européia na magia popular brasileira.

ça Pública deu uma batida minuciosa nos arraiais catimbozeiros tive parte nos despojos livrescos que iam ser queimados.

De uns vinte anos para essa data (1949), nos "Estados", salas reservadas para as "mesas" do Catimbó, encontram-se muitos livros sobre Espiritismo e ciências ocultas, edições de "O Pensamento", folhetos do "Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento" de São Paulo. Dois livrinhos são faltamente vistos, sujos pelo manuseio diário, no meio dos cachimbos, cuias de cauim, rolos de fumo, bugias e "princesas" de louça: "Livro de Preces Espíritas" e "Como se Organizam as Sessões Espíritas". Num Candomblé ou Macumba esses livrinhos seriam impossíveis. No Catimbó denunciam a próxima absorção inevitável.

O documentário mais expressivo é o caderno manuscrito, com letra incrível, desafiando tenacidades desocupadas. O caderno é a parte mais ciumenta dos catimbozeiros. Raros, entretanto, escrevem. No Catimbós onde a direção cabe a uma mulher e esta sabe ler, é infalível o caderno cheio de orações-fortes e os livrinhos espíritas.

Muitas dessas orações que obtive nos Catimbós e confiscadas pela Polícia, são velhíssimas e espalhadas por todo o Nordeste e certamente o Brasil inteiro. Sabiam-nas de cor sertanejos e sertanejas, dando-lhes toda a confiança. No Catimbó sertanejo, simples presença de rezadeira com alguma reminiscência terapêutica de origem indígena e portuguesa, sente-se apenas a presença de um vago espiritismo porque a mulher é orientada por um santo ou por um espírito-de-luz. As orações são mais respeitosas. Há mesmo feiticeira que não "faz" feitiço, isto é, não prepara o "trabalho". Limita-se a rezar. A "reza" pode tudo. Um meu informante dizia que em São José de Mipibu havia uma feiticeira "carregada" (poderosa) mas só "trabalhava na reza..."[81]

81 A polícia de Buenos Aires visitou, na Calle Araóz, o árabe Elias Yapur Iayen, de 110 anos, que exercia ilegalmente a medicina, com proveito e clientela vasta. Uma bisneta do velho Elias explicava: *El abuelo no recetaba yuyos ni pomadas. Curaba con oraciones.* A Polícia não se convenceu mas deixou em liberdade o árabe rezador. (*Clarin*, 18-3-1948.) Não será o velho processo de "CURAR COM

Um esconjuro tantíssimas vezes ouvido por mim no sertão era: "vai-te pro mar coalhado". É um esconjuro da bruxaria portuguesa, branca e secular. A famosa Ana Martins, feiticeira processada em Portugal no século XVII (1694), usava essa expressão numa parlenda destinada a afastar o Demônio.

Não conheço no Brasil amuletos e orações que devam ser deglutidos para melhor atuação miraculosa. A espécie de beber-a-oração não está, no gênero, limitada aos negros muçulmanos. A água benta é bebida como terapêutica sobrenatural. Certo fator psicológico da sugestão é sensível nas curas obtidas. Em Lourdes, La Salette, Fátima, a água não é empregada apenas como fricção, mas ingerida. Sou testemunha de vista. Rara é a terra de peregrinação sem fonte milagrosa.

Na Europa persistem as orações e estampas sacras destinadas à deglutição. Não sei de sua existência na península ibérica. O Dr. W. Born informa: "A Igreja faz distinção entre os amuletos de caráter mágico que condena por princípio, dos objetos sagrados autorizados por ela; não obstante, o povo às vezes não se dá conta destas diferenças. Deste modo, sob uma envoltura cristã reaparecem costumes tipicamente animistas dos mais remotos tempos pré-históricos como, por exemplo, o de engolir estampas sagradas com cuja ação se crê assimilar o poder do santo representado nela. Este costume em si se encontra já na Antiguidade, e durante a Idade Média era praticado escrevendo-se sobre um bocado de alimento palavras mágicas e dando-o a comer ao doente. As chamadas "pequenas estampas de engolir" (ou também "medicina espiritual") eram pedacinhos quadrados ou triangulares de papel impresso, de um centímetro quadrado de superfície; podiam-se obter em folhas inteiras, das quais se separavam uma a uma, como se faz com os selos postais. Sobre elas se imprimiam sentenças latinas relativas à Ceia do Senhor ou à Imaculada Conceição, ou representavam a Virgem só ou com o Menino

PALAVRAS", previsto nas Ordenações? Há um alvará del-rei D. João IV, de 13 de outubro de 1654, concedendo 40$000 anuais ao soldado Antônio Rodrigues pelas curas que fizera com palavras e autorizando-o a continuar. (Teófilo Braga, *O Povo Português* II, 216.)

Jesus. Desde que se não tornaram a imprimir estas estampinhas de engolir, usam-se para o mesmo fim as estampas religiosas dos calendários especiais destinados a analfabetos. Ultimamente tornam a aparecer os antigos modelos em reprodução fotográfica." [82]

1 — *Oração da Cabra Preta*

Tem (há) uma Cabra Preta comendo no campo verde. Dela mando tirar o leite e faço três pãos (pães). Mando um para Satanás e outro a Caifás e outro ao Cão Coxo que não me fica atrás. Santa Justina em campo verde andasse, a Cabra Preta encontrasse, do leite três pães tirasse e mandasse para Ferrabrás, Satanás e o Cão Coxo que não fica atrás. Minha Santa Justina vós como tão poderosa, o Cão quero que me mande comigo falar para que me dê... (*diz a pretensão*) e nada venha perturbar e se tiver de ser três coisas quero ver galo cantar, cachorro ladrar e gato miar nesse momento. Valei-me as 7 Cabras Pretas e os seis milheiros de Diabos, valei-me os Três Reis do Oriente, valei-me as Três Almas, os Três Sinos Salomão, pois quero que o Diabo Coxo venha falar a Santa Justina que há de mandar já, já e já. Amém.

2 — *Oração do Sonho de Santa Helena*

Minha Santa Helena, não fostes a senhora que recebeu os três cravos de Jesus Cristo e um botastes nas ondas do mar, outro destes ao seu filho Constantino e o último deixastes para dormir e sonhar? Pois eu quero que a senhora me empreste ele para que tenha (*diz o que deseja*) e dê a resposta no sonho. Se tiver de suceder o que quero eu sonhe com águas claras, campos verdes, casas brancas e se não tiver de acontecer, sonhe com águas turvas, campos secos e casas pretas. Padre-Nosso, Ave-Maria e Salve-Rainha até "nos mostrai". (Depois de rezar essa oração não se fala mais até depois do sonho.)

82 W. Born, *Feitiço, Amuleto, Talismã*, Actas Ciba, 8-9, 177 1944. O Dr. Born reproduziu uma série de nove estampas da imagem da Virgem de Einsiedeln, "Notre Dame des Ermites", no cantão suíço de Schwyz.

3 — *Oração da Pedra Cristalina*

Minha Pedra Cristalina que no Mar fostes achada entre o Cálix bento e a Hóstia consagrada. Treme a Terra mas não treme Nosso Senhor Jesus Cristo no altar. Assim tremam os corações dos meus inimigos quando olharem para mim. Eu te benzo em cruz e não tu a mim, entre o Sol, a Lua e as Estrelas e as três pessoas distintas da Santíssima Trindade. Meu Deus, na travessa avistei meus inimigos. Meu Deus! Eles não me ofenderão, pois eis o que faço com eles: com o manto da Virgem sou coberto e com o sangue do Meu Senhor Jesus Cristo sou valido. Tem vontade de me atirar, porém não atirarás e se atirar, água pelo cano da espingarda correrá. Se tiver vontade de furar, a faca da mão cairá. Se me amarrar, os nós se desatarão. Se me acorrentar, as correntes se quebrarão. Se me trancar, as portas da prisão se abrirão para me deixar passar, livre, sem ser visto por entre os meus inimigos, como passou Nosso Senhor Jesus Cristo no dia da Ressurreição por entre os guardas do sepulcro. Oferecimento: Salvo fui, salvo sou, salvo serei. Com a chave do Sacrário eu me fecharei. Três Padre-Nossos, três Ave-Marias e três Glória-ao-Padre.

4 — *Oração do Rio Jordão*

Estavam no rio Jordão ambos os dois. Chegou o Senhor São João. Levanta-te, Senhor! La vêm os nossos inimigos! Deixa vir, João! Que todos vêm atados de pés e mãos, almas e corações. Com dois eu te vejo, com três eu te ato. O sangue eu te bebo, coração eu te parto. Vocês todos hão de ficar humildes e mansos como a sola dos meus sapatos. (Diz três vezes esta frase batendo com o pé direito.) Deus quer, Deus pode, Deus acaba tudo quanto Deus e eu quisermos. Salve Rainha.

5 — *Força do Credo*

Salvo eu saio e salvo eu entro. Salve o Senhor São João Batista lá no rio Jordão. Na Barca de Noé entrei, e com a chave do Sacrário eu me tranquei. Com os doze

Apóstolos e Jesus me encomendo. Com a força do Credo que eu me benzo. Amém Jesus.

6 — *Oração das Estrelas*

Valei-me a Oração das Estrelas que são nove. Juntem-se todas as nove estrelas e vão dar nove abalos no coração de F. Se ele estiver bebendo não beberá. Se estiver comendo, não comerá. Se estiver conversando, não conversará. Se estiver dormindo, não dormirá enquanto não vier falar-me. Valei-me a Oração das Estrelas! Se a Oração das Estrelas não me valer, valei-me as sete camisas do Menino Jesus. Se as sete camisas não me valerem, valei-me a Hóstia consagrada. Se a Hóstia não me valer, F., tu não sabes que os Padres nas santas-missas vêm à Hóstia consagrada, e assim seja tu para mim. F., tu correrás atrás de mim como São Marcos correu ao pé da Igreja pela mulher de Caim. F., Deus acaba tudo quanto quer e eu acabarei com tudo quanto quiser, com todos os pensamentos que tiveres com outros (ou com outras). Só poderás olhar para mim. Padre-Nosso, Ave-Maria, Glória-ao-Padre, oferecendo-se à Nossa Senhora do Desterro e da Conceição.

7 — *Oração do Meio-Dia*

Deus te salve Hora do Meio-Dia em que o Senhor seguiu. Se encontrares F. dai-lhe três solavancos no coração assim como Jesus Cristo deu no ventre da Virgem Maria. Fulano, com dois olhos te vejo, com três cravos encravados no teu coração, com três hóstias consagradas, com três meninos pagãos e três cálices de Missa consagrados. São Marcos, fazei-me o vosso milagre. Vos peço prendais o coração de Fulano nas minhas vontades: que Fulano chegue para mim como as ervas do campo se chegam ao pé da Cruz, manso como um cordeiro. Tudo que tiver me dará, tudo que souber me dirá, nada me há de negar. Fulano não possa ver, estar nem comer e beber sem comigo vir falar. Fulano, andarás chorando atrás de mim como as almas andam atrás da luz de Deus.

8 — *O Credo às avessas*

Creio em Deus Padre, todo-poderoso, criador do Céu e da Terra. Não creio em Deus Padre, nem é poderoso nem criou o Céu e a Terra. Creio em Jesus Cristo, um só seu filho. Não creio em Jesus um só seu filho, o qual foi concebido por obra e graça do Espírito Santo, que não foi concebido nem por obra, nem por graça do Espírito Santo; nasceu de Maria Virgem, não nasceu de Maria Virgem; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, não padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos; foi crucificado, morto e sepultado, não foi crucificado, nem morto e sepultado; desceu ao Inferno, nem desceu ao Inferno; subiu aos Céus, não subiu aos Céus; está sentado à mão direita de Deus Padre, todo-poderoso, nem está sentado à mão direita de Deus Padre que não é todo-poderoso; de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos, de onde não há de vir nem julgará os vivos nem os mortos. Creio no Espírito Santo, não creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, não creio na Santa Igreja Católica, na Comunhão dos Santos, não creio na Comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, nem na remissão dos pecados, na vida eterna, nem na vida eterna.

9 — *Oração das Almas*

Ó Almas! Ó Almas! Ó Almas que morreram aflitas, alucinadas, e as três queimadas, e as três enforcadas, e as três de mal de amor, e as três afogadas, e as três degoladas, se juntem todas três, e todas seis, e todas nove, e todas doze e todas quinze e vão... (*aqui se pede o que se deseja*). Na carreira, minhas Almas, na carreira, minhas Almas, na carreira, minhas Almas! Minhas Almas! Minhas Almas! Minhas Almas! (Três Padre-Nossos, três Ave-Marias e três Salve-Rainhas até *nos mostrai.*)

10 — *Oração dos Sete Caboclos*

Creio em Deus todo-poderoso. Não há quem possa mais do que Deus. Debaixo da obediência das três pessoas da Santíssima Trindade eu peço licença para comunicar-me com os espíritos dos sete Caboclos e das sete Caboclas, curadores e curadoras. Ó almas santas benditas dos caboclos e das caboclas, vós fostes como eu e eu serei como vós. Pedi a Deus por mim e eu pedirei a Deus por vós. Ó almas, entrai pelo meu coração adentro, guardai meu corpo e minh'alma dos malefícios, olhos maus, azar e contrariedades que houver contra mim em minha casa e nos meus negócios. Ó almas dos sete caboclos e das sete caboclas, empatai todos os embaraços na minha vida e nos meus negócios. P.N., A.M. e cinco Glória-ao-Padre e Salve-Rainha.

11 — *Oração ao Sol*

Ó Sol! Ó Sol! Ó Sol, que triste vai-se escondendo por debaixo das sete nuvens escuras, deixando o mundo sem luz, entristecendo o coração aflito, assim vos peço, meus raios do Sol, que entristeceis o coração de Fulano. Se ele estiver comendo, não comerá, e o primeiro bocado lhe cairá no chão. E tu, Fulano, de mim hás de te lembrar. Três quedas deu Jesus Cristo com a pesada cruz e três baques tu, Sol, darás no coração de Fulano. A tua boca te amargará como amargou a sempre Virgem Maria. A tristeza te acompanha, Fulano, de noite e de dia, assim como acompanhou a sempre Virgem Mãe Santíssima. Fulano, não poderás ter alegria enquanto comigo não falares. Eu aparecerei diante de teus olhos como as estrelas que brilham no céu. Se estiveres nos braços de outra mulher, dela te hás de aborrecer. Só de mim, Fulano, terás consolação. A lágrimas te saltarão dos olhos assim como saltaram dos olhos da sempre Virgem Santíssima. Cravo esta faca (*crava uma faca virgem numa boneca vestida de homem*) nesse senhor, assim como cravaram a Jesus Cristo na cruz. Assim, Fulano, eu te cravo no coração de dor, ó Sol, ó Sol, ó Sol! Tu subirás os montes assim como Moisés subiu e descerás dos montes como Moisés desceu do Monte Sinai, em busca dos dez mandamentos da Lei de Deus. Assim como tu, meus raios do Sol, mudas de cor, assim

Fulano há de mudar sua afeição da noite para o dia. Assim como Jesus Cristo entrou pela porta do Calvário, assim Fulano entrará pela porta da minha casa ou lugar onde eu estiver. Ó Sol! Ó Sol! Ó Sol, andas caminhando pelo deserto todo o tempo e se encontrares com Fulano, traz-me ele aqui, embora mais triste do que nossa Mãe Maria Santíssima quando viu o seu amado filho ir para a cruz. Ó Sol! Ó Sol! Ó Sol, com dois eu te vejo, com cinco eu te ato o sangue, eu te bebo o coração, eu te parto debaixo do meu pé esquerdo, eu te juro, Fulano, pela luz de Cristo, Fulano, tu andarás atrás de me ver, chorando como andam as almas atrás da luz. Assim como as estrelas viajam por cima da cabeça de Jesus e da Mãe Santíssima, meu Menino Deus, assim como vós destes três pulos no ventre de vossa Mãe Santíssima, eu vós rogo dardes os três baques no coração, nesta hora, em Fulano, para de mim se lembrar e vir em minha procura. Minha Estrela bela, pela hora que no céu nasceste, neste cordão, Fulano, prendo o teu coração com o meu. (*Amarra uma boneca em cima da outra.*)

São sabidas as orações que o Sr. Fernando Ortiz encontrou em Cuba, como a do "Justo Juiz".[83] Na minha coleção vejo outras, na maioria para prender amores ou afastar malefícios, a de S. Marcos da Rosa, S. Manso Amansador (S. Amâncio), Nossa Senhora do Desterro (para desterrar maus negócios e infelicidades), Anjo Custódio, Nossa Senhora de Montesserrat, Santo Onofre para não faltar alimentos, os "sonhos", rezas para que determinadas coisas ou sucessos sejam vistos durante o sono, etc. Aqui está uma, das mais populares, "Sonho do Senhor São João":

12 — Meu glorioso São João Batista, vós dormindo queria vossa Mãe, Maria Santíssima. Meu glorioso São João Batista; se este sonho for verdade, quero que me mostreis se eu tenho de ser casada, mostrai-me casas novas, campos verdes e águas claras. Se não acontecer,

[83] Quevedo, n'*El Buscon*, 1626, cita essa oração, espalhada em toda a América espanhola: "Acotábase en un aposento encima del de mi amo, y rezaba más oraciones que un ciego. Entraba por el *Justo Juez* y acababa por el Cunquibult y la *Salve Regina*", cap. VI.

mostrai-me casas caídas, campos secos e águas turvas. Cinco P. N. e cinco A. M. e cinco Glória-ao-Padre, oferecendo no outro dia.

13 — Santo Amanso, amansador que amansou os leões brabos, amansai o coração de F. que vem brabo comigo, como todos os Diabos. Com os dois eu te vejo, com os três eu te falo, Deus quer, Deus pode, Deus acaba com tudo que ele quer. Assim é de ser eu quem acabe com tuas forças; tudo quanto eu quiser. Traga amarrado de pé e mão e as cordas do coração debaixo do meu pé esquerdo e que eu faça com que tu tenhas toda a força, para mim não! Padre-Nosso, Ave-Maria.

14 — *Oração de Santa Pelonha para curar dor de dente*

Estava Senhora Santa Pelonha em sua cadeira de ouro sentada com a mão posta no queixo. Passa Nosso Senhor Jesus Cristo. Perguntou: — O que te dói, Pelonha? — Um dente, Senhor! — Pois, Pelonha, do sul ao norte e do nascente ao poente, ficará esta criatura livre e sã e salva de dor de dente, pontada, nevralgia, estalicido e força de sangue. P. N. e A. M., oferecido às cinco chagas de Jesus Cristo.

Santa Apolônia teve os dentes arrancados a torquês pelo carrasco. É a defensora das boas dentaduras. No Sertão de Augusto Severo (antigo Campo Grande) tive uma dor de dentes curada pela velha Chica Cardosa, rezando a oração acima, e benzendo em cruz, com um raminho de alecrim. Convergiram para o Catimbó, onde as encontrei, todas essas orações.

Jorge Ferreira de Vasconcelos, na *Comédia Eufrosina* (1550), ato III, cena VI, faz dizer à moça Vitória: — *São Manso que os amanse*... evidentemente a antiguidade da oração a Santo Amâncio, num prestígio que a confusão verbal autorizava.

De Santa Apolônia, Pelonha, corria seu renome desde remota documentação literária. Fernando de Rojas, em fins do século XV, punha na boca da velha Celestina: — *Una oración, señora, que le dijeron que sabías de Sancta Polonia para dolor de las muelas* (Ce-

lestina, o Comedia de Calisto y Melibea, acto IV). Cita-a o Don Quixote (II, VII).

Nas orações do Rio Jordão, do Sol, e de Santo Amanso-amansador (4.ª, 9.ª, 11.ª e 13.ª) as frases, *com dois eu te vejo, com três eu te ato; com dois eu te vejo, com os três eu te falo*, atestam centos de anos de uso e abuso devocional. Na *Tragedia Policiana* (Toledo, 1547), o autor, *bachiller* Sebastián de Fernández, resume, na voz da alcoviteira Claudina, os ingredientes indispensáveis para um feitiço: galinha preta, pedaço da perna de um porco branco, três cabelos da futura vítima, cortados numa manhã de terça-feira, antes do sol sair. O consulente Silvano, com o pé direito sobre o pé esquerdo, diria, num fôlego, sem pestanejar: — *Con los dois que te miro con cinco te escanto, la sangre le bevo y el coraçon te parto.*[84]

Menendez y Pelayo divulgou uma nota de Dr. Francisco Rodriguez Marin, dando conta da ancianidade da fórmula e sua freqüência nos processos da Santa Inquisição espanhola. Num processo de 1600 contra Alonso Berlanga, na Inquisição de Valência, consta uma oração encantatória semelhante: — *Con tres te miro,* — *Con cinco te ato,* — *Con sangre de leon tu vertut te pido,* — *Que seas en mi favor de contino.* Numa documentação contra Isabel Bautista, ano de 1638 em Toledo, aparece essa fórmula para *hacer mansos y sufridos a los hombres*, igual às rezas do Catimbó natalense: *Con dos te miro,* — *Con dos te miro,* — *Con tres te tiro,* — *Con cinco te arrebato,* — *Calla, bobo, que te ato,* — *Tan humilde vengas a mi* — *Como la suela de mi çapato.* Compare-se com o final da "Oração do Rio Jordão": — *Vocês todos hão de ficar humildes e mansos como a sola dos meus sapatos.*

Ainda o período: — *com dois te vejo, com três te falo*, ocorre num processo toledano de 1645, contra Francisca Rodríguez que faria uso de súplicas deprecatórias parecidas: — *con dos te miro,* — *Com una te hablo*, etc.

84 Menendez y Pelayo publicou a *Tragédia Policiana* no volume XV da sua *Origenes de la Novela*, editorial Glen, Buenos Aires, 1944. O trecho citado está à p. 115. A nota de D. Francisco Rodriguez Marin encontra-se no vol. XIV, pp. 177-179.

As imagens de campos verdes, campos secos, fidelidade sexual absoluta, todos os elementos das invocações amorosas, estão numa oração de 1639, do Santo Ofício de Valência, apreendida entre os papéis de Juana Ana Pérez:

Con dos te miro,
Con cinco te ato,
Tu sangre bebo,
Tu corazón te arrebato,
Con los pares de tu madre y mia
La boca te tapo.
La garfia del fiero león
Que te ligue y te ate el corazón.
Asno, mira que te ligo
Y te ato y te reato y te vuelvo á reatar,
Que no puedas comer ni beber,
Ni armar ni desarmar,
Ni en campo verde estar,
Ni en campo seco pasear,
Ni en casa de nenguna mujer entrar,
Ni con ella holgar.
Ni en viuda ni en casada
Ni en doncella ni en soltera á efeto llegar,
De aqui adelante de mis ojos vengas atado,
Hechizado, conjurado,
A quererme, (a) amarme,
Todos tus dineros vengas à darme,
Que vengas, que vengas, que vengas;
Que hombre ni mujer te me detenga.

A "Oração do Sol", uma das mais típicas, prova a convergência dessas espécies, associando as imagens divinas e humanas em serviço da atração amorosa. Certas "permanentes" sobrevivem, quase inalteráveis: *com dois eu te vejo, com cinco eu te ato o sangue, eu te bebo o coração, eu te parto debaixo do meu pé esquerdo, etc.* Os verbos *ligar, atar, amarrar* têm grande força expressiva, sugerindo a idéia de aproximação e proximidade. Na mais alta percentagem essas palavras são pronunciadas ao mesmo tempo que entrelaçam, dão nós aos fios ou amarram, uma sobre a outra, duas bonecas. Saintyves menciona o valor dos nós significando ligação de amor físico.[85]

85 *"On connait la function entravante des nocuds en sorvellerie. De même en magie imitative, filer c'est lier, et bobiner c'est enchalner."* (P. Saintyves, *LES CONTES DE PERRAULT ET LES*

Para verificar as "permanentes" psicológicas nas orações-fortes brasileiras, vindas da península ibérica e empregadas no Catimbó ou no segredo das velhas alcoviteiras rezadeiras, encontro essa oração popular do século XVI, ensinada por uma legitimíssima Celestina, Antônia Fernandes, de alcunha a Nóbrega, degradada de Lisboa para o Brasil *por alcovitar sua própria filha.* Ensinou-a a Guiomar de Oliveira, cristã velha, cheia de desejos e recalques.

Fuão! Eu te encanto e reencanto, com o lenho da Vera Cruz, e com os anjos filósofos que são trinta e seis, e com o mouro encantador que tu te não apartes de mim e me digas quanto souberes e me dês quanto tiveres, e me ames mais que a todas as mulheres.[86]

Desapareceu, pelo menos onde procurei, uma modalidade vulgaríssima do amuleto amoroso, "a carta de tocar". Veio até fins do século XVII, com decisivo pres-

RÉCITS PARALLÈLES, 80, Paris, 1923.) No *DICTIONNAIRE DES SCIENCES OCCULTES*, Frédéric Boutet, Paris, 1937, ver os verbetes "Aiguillette" e "Lacets", 15, 189. Nos processos de envultamento as bonecas são amarradas e ligadas com uma série de nós. No *LIVRO DE SÃO CIPRIANO* há vários modelos de orações nesse sentido, VII, X, XLII. Na *ÉCLOGA* VIII, Virgílio recorda a tradição de amarrar as imagens para obter os favores.

Licia circundo, terque haec altaria circum
Effigiem duco.

Necte tribus nodis ternos, Amarylli, colores;
Necte, Amarylli, modo; et Veneris, dic, vincula necto.

Tradução de Manuel Odorico Mendes:

Com três liços te cerco tricolores,
Pelas aras três vezes tua efígie
Passeio.

Ata, Amarilis, em três nós três cores,
Ata e dize: De Vênus ato os fios.

Frazer estudou longamente o assunto, *LE REMEAU D'OR*, tomo I, livro II, cap. III, *Les noeuds en magie*, trad. Stiébel e Toutain. Paris, 1903, assim como o Dr. Cabanés *LES INDISCRÉTIONS DE L'HISTOIRE*, "Le Noeud de l'Aiguillette", III, Paris, s. d.

86 *PRIMEIRA VISITAÇÃO DO SANTO OFÍCIO ÀS PARTES DO BRASIL*, "Confissões da Bahia", Confissão de Guiomar d'Oliveira, cristã velha na graça, 21 de agosto de 1591, p. 61. Edição da Sociedade Capistrano de Abreu, Rio de Janeiro, 1935.

tígio. D. Francisco Manuel de Melo as cita. *As Denunciações da Bahia*, 1591-93, estão cheias de alusões, com maior ou menor confiança, assim como nas próprias *Confissões* ante o Visitador, licenciado Heitor Furtado de Mendonça. Eram orações misteriosas, que não podiam ser lidas e agiam pelo simples contato. Escrevia-a, com protocolo secreto, a feiticeira, e daí em diante bastaria tocar a carta na pessoa indicada pelo desejo amoroso. Rendia-se logo. Margarida Carneira, viúva cega de um olho e sempre apaixonada, mandou uma sua mameluca com uma carta de tocar, na noite de Natal, enfeitiçar Gaspar de Góis. A mameluca, de nome Vitória, enganou-se e tocou em Manuel Fernandes Leitão. O homem enamorou-se perdidamente da Margarida e com ela se casou, depõe o sobrevivente Gaspar de Góis a 12 de agosto de 1591. (*Denunciações da Bahia*, 311, ed. de Paulo Prado, S. Paulo, 1925.) Comprava-se a carta ou alugava-se. Era caríssima. Isabel Antoniane (idem, 433) informa: *"e assim mais lhe dixe Francisco Roiz casado com hua mameluca filha de Antonio da Costa, defunto morador em Tasuapina residente também nesta cidade na rua de Sam Francisco que Isabel Roiz dalcunha Bocca torta moradora nesta cidade lhe emprestara hua carta que chamão carta de toquar por cinquo tostõis que lhe dera para tocar com ella a hua molher com quem elle muito desejava de casar e isto lhe contou elle sendo solteiro averá seis annos em casa della denunciante".*

Na confissão de Paula de Sequeira (*Confissões*, 49) diz-se que a carta de tocar irresistível era aquela que, escondida sob o toucado, teria ouvido três Evangelhos por três padres.

Em parte alguma ouvi falar nas reminiscências da carta de tocar. As chamadas "forças diretas", os "preparos", despachos, ebós, canjerês, valem pelo contato, mas as orações de tocar desapareceram no arsenal amoroso da feitiçaria que se diluiu no Catimbó.

Ninguém não mais possui o poder das velhas feiticeiras quinhentistas, comadres de Satanás, onipotentes criaturas que morriam de fome ou nas fogueiras do Santo Ofício, relapsas, obstinadas, insubmissas, como gritava o sinistro pregão, abrindo o préstito para o Auto-de-Fé.

Catarina Roiz, em 12 de agosto de 1591, conta maravilhas que humilhariam os nossos "mestres" do século XX: "e denunciando dise que averá doze annos que em Juguaripe fazenda de Graviel Soares nesta Capitania lhe dise Ana Fernandes casada com Antonio Roiz feitor que foi do dito Graviel Soares em Perabasu desta capitania que ella fazia hua devoção com a qual fazia vir hua pesoa donde quer que estava se era viva ao terceiro dia e se era morta que lhe aparecia hu vulto." (*Denunciações*, 307.)

Não são mais possíveis essas perfeições. Verificar se o ausente é vivo ou morto só o "sonho" pode fazer. Adaptar ao ausente o *"Sonho do Senhor S. João"*.

Substituir a frase *se eu tenho de ser casada* por um simples *se Fulano é vivo mostrai-me casas novas, campos verdes e águas claras; se é morto, mostrai-me casas caídas, campos secos e águas turvas.* Cinco Padre-Nossos e cinco Ave-Marias e cinco Glória-ao-Padre, oferecendo no dia seguinte, na mesma hora em que fez a súplica.

Não pude saber se sobrevivem as fórmulas verbais de irresistível efeito na fidelidade amorosa. Certas frases latinas, retiradas do latim da Missa, eram supremas ligadoras de homem e mulher.[87]

Essa parte verbal da bruxaria, convergida para o Catimbó, era a mais saliente e típica em Portugal. Orações, palavras, fórmulas secretas caracterizavam aos feiticeiros muito mais acentuadamente que os "trabalhos". Brás Luís de Abreu, no *Portugal Médico* (Coimbra, 1726) doutrina: *"A esta peste da Monarquia Medicinal, a quem a nossa vulgata chama FEITICEIROS, dizem os Latinos*

[87] Os documentos do Santo Ofício na Bahia, *Denunciações* e *Confissões*, referem-se abundantemente a essa *formulette* verbal. Ver nas *Denunciações*, pp. 311, 339, 373, 488, e nas *Confissões*, 49, 61 etc.: "se hua pessoa no acto carnal deshonesto dixese na boca a outra as palavras da consagração que erão cinquo, *hoci est enin corpus meum*, que a faziam endoudecer de amor e bem querer aquella a que se deziam por aquella pessoa que lhas dezia e que isto era certíssimo" (*Confissões*, 61.) O óleo do batismo podia servir "para untar os beiços e cõ elles untados no acto uenereo beijar na boca aos homens leigos, e na coroa aos clerigos e religiosos porque cõ isto ficavão tais que não se podiam nunca mais apartar de sua conversação". (*Confissões*, 61.) A pedra-d'ara, pulverizada, era servida no vinho aos maridos cujo amor se desejava. (Idem, 50.)

EMPSALMATORES; que são uns homens, que costumam curar achaques, e vencer doenças com certas orações, ou formas de palavras compostas, à maneira de versos, ou de Psalmos, a que chamãm encantos." (p. 590, § 44.) Não fala no "feitiço feito".

Era o "mestre"[88] em Portugal feiticeiro, mesmo do século XVIII, muito próximo ao nosso do Catimbó no século XX. Uma convergência sem que indígenas e negros defuntos orientassem tratamento e malefício. O bruxedo estava fiel ao Demônio e suas pompas. O Catimbó licenciou Satanás...

[88] Brás Luís d'Abreu enumera a sinonímia do feiticeiro português: "São estes e estas; aqueles emblemas da perdição, síndromes da loucura, vozes da neqüícia e apóstatas da Fé, a que vulgarmente chamamos: Feiticeiros, e Feiticeiras; Benzedeiros, e Benzedeiras; Curadeiros, e Curadeiras; *Mestres, e Mestras*; que mais propriamente se deveram chamar, tições do Inferno, mulas do Diabo, barcas do Cocito, produtos de Lusbel, ministros de Satanás, sócios de Acheronte, gragantas do Cérbero, e frutos da figueira de Judas." (*PORTUGAL MÉDICO*, 590, § 43. Coimbra, 1726.)

MESTRES INVISÍVEIS E SUAS BIOGRAFIAS. AS "LINHAS" E AS MÚSICAS

São os guias, Orixás sem culto, "acostando", espontaneamente ou invocados, para servir. Cada um possui fisionomia própria, gestos, voz, manias, predileções. Desde que "acostam", os mais assíduos freqüentadores identificam o "mestre" pelos ademanes, trejeitos, posição das mãos, da boca, se ficam sentados ou de pé, passeando ou parados. Todos "trabalham" preferencialmente à noite, mas os "mestres" autorizados dizem que não há hora em que um "mestre do Além" se recuse ao serviço. Há, porém, um deles que só aparece de dia, havendo sol. É Ciro, Mestre Ciro, mora numa estrela que, pelo exposto, deve ser Sírius. Esse Mestre Ciro trabalha agitando as mãos num raio de sol. É espírito dos "bons".

Os "mestres do Além", donos dos "bons saberes", são indígenas, negros, brancos. Uns foram escravos africanos, outros catimbozeiros afamados. Uns não têm história. Outros narram sua vida, indo a reportagem à vida dos outros "mestres do Além".

Cada "mestre" tem sua "linha", um canto, de melodia simples, raramente com acidentes, resumindo a ação sobrenatural e as excelências do poder. Há "mestre" que não tem "linha", como Mestre Antônio Tirano e Malunguinho, ambos ferozes. Essa "linha" era cantada como uma invocação ao "mestre". Sem canto não há encanto. Todo feitiço é feito musicalmente. Para chamar as potestades infernais, as feiticeiras romanas cantavam. Cantando, Medéia destilava seus venenos clássicos. *Cantatrix* era, para Apuleu, sinônimo de feiticeira.

Cantatus era encantado. Propércio fala na *Cantata luna*, evocada pelas bruxas. A "linha" é o anúncio e o pregão característico do "mestre".

No Catimbó, como no Candomblé de Caboclo, no Xangô de Caboclo, Macumba de Caboclo, formas com que no Recife, Bahia, Maceió e Rio de Janeiro se conhece o Catimbó, há "mestres" de várias nações e raças. Todos falam português.

São "caboclos", indígenas, Xaramundi, Ritango do Pará, Manicoré, Itapuã, Tupã, Mussurana, Pinavaruçu, Tabatinga, Turuatã, Canguruçu, Faustina, Angélica, Iracema. São negros, negros africanos, Pai Joaquim, Tia Luísa, preta de Angola e Nanãgiê, Nanãgiá, Nanãbicô, Rei Nanã, citadíssima palavrinha nos Catimbós e que é uma corrupção de uma Orixá do culto iorubano, Anamburucu ou simplesmente Nanam, e identificada como sendo Sant'Ana, Malunguinho,[89] negrinho terrível, etc.

São "mestres" brancos, Mestre Carlos, Rei dos Mestres, seu pai, Mestre Inácio de Oliveira, Mestre Roldão de Oliveira, Mestre Luís dos Montes. São mestiços, catimbozeiros célebres, Mestre Manuel Pequeno, da serra do Buíque, em Pernambuco, Mestre Bom-Florá, Mestre Manuel Cadete, Rei do Vajucá, etc. Há forma misteriosa de "mestras" sem passado, como as "Meninas da Saia Verde". Há "mestres" cabras, *alvarintos*, como dizem no Nordeste, como Mestre Antônio Tirano ou o hediondo José Pereira, conhecido por "Gato Preto", assassino dos pais, da mulher e cinco filhos. Os "mestres" têm sua especialidade técnica. Mestre Carlos é casamenteiro. Rei Héron trata de feridas e úlceras profundas. Faustina, Balbina, Iracema, são assistentes, parteiras. Pinavaruçu é espírito andejo, viajante, disposto a procurar gente desaparecida e dar notícias. Tabatinga é indispensável nas maldades. Manicoré é um dos mais velhos. Morreu em 1503 porque em 1941 completara, segundo seu informe, 438 anos de "desencarnado". É respeitado por todos os "mestres" como um patriarca, embora haja quem possua

89 MALUNGUINHO, de Malungo, companheiro, camarada. Chamava Malungo o negro escravo ao seu companheiro de bordo, da travessia, do conguês *m'alungu*, contração de *mualungo*, no barco, no navio. (Jacques, Raimundo, *O ELEMENTO AFRO-NEGRO NA LÍNGUA PORTUGUESA*, 139, Rio de Janeiro, 1933.)

maiores "forças". Xaramundi, Mestre Bom-Florá, Mestre Roldão de Oliveira são curadores. Bom-Florá, às vezes, gosta de ajudar amores honestos, para casamento "no sagrado". O Príncipe da Jurema, Mestre Pequeno e outros "trabalham" nas "linhas cruzadas", no Bem e no Mal, "fumaça às direitas e às esquerdas".

O que se sabe, no Catimbó, da história dos "mestres" foi contado por eles mesmos. Manicoré, por exemplo, tem dias de conversa indiscreta, narrando segredo dos companheiros do astral, brigas, polêmicas e ciúmes. Esses deuses têm sede, como toda a gente...

Não há no Catimbó objetos destinados a recordar os "mestres", fetiches que simbolizem esses "guias", como nos Pejis baianos. Exceto as imagens e quadros de Santos do agiológio católico, nunca avistei uma representação material dos "mestres". Soube, entretanto, que uma catimbozeira, a velha Elisa, trouxera do Pará uma "imagem da cabocla Iracema", que a Polícia destruiu, no III Distrito, Alecrim.

NANÃGIÊ, Nanãgiá, Nanãbicô, é Nanamburucu, orixá iorubano, mãe-d'água, orixá da chuva. Seus feitiços são difíceis e arriscados porque a "mesa" se faz em cima da água viva, no rio Potengi, até a boca da barra, num bote.

REI HERON, curador. Grande tratador de feridas. Sua "linha" é:

> Rei, ó Rei, ó meu mestre Heron,
> Dizei do Mundo, ó meu mestre Heron,
> Eu venho cantando, eu venho rezando,
> do outro Mundo, eu venho curando!

PAI JOAQUIM, velho escravo, divertido, pilheriador e bom. Brinca com os assistentes, gracejando sempre. Sua "linha" tem o estribilho *asquimbamba* que julgo corruptela do ambundo "t'chinbanba", feiticeiro, médico.

RITANGO DO PARÁ é índio. Trabalha na esquerda. Tem poucos fiéis. Sua "linha" diz:

> Sou vaqueiro e sou guerreiro, Ritango do Pará!
> Rio Madeira é meu lugar, Ritango do Pará!
> Só tem a vida segura, Ritango do Pará!
> Quem comigo se pegar, Ritango do Pará!

MESTRE CARLOS, Rei dos Mestres, conhecidíssimo em qualquer sessão de Catimbó. Tem ciúmes, gosta de "cauim", cheio de virtudes e de pecados como um deus grego. Com imperturbável naturalidade está pronto para o Bem e o Mal. Era um menino de 13 anos, bebedor e jogador, desespero do seu pai, Mestre Inácio de Oliveira, feiticeiro célebre. Numa ocasião em que seu pai saíra, Mestre Carlos conseguiu abrir a sala onde guardavam os "preparos" do Catimbó (Estado), apanhou o que pôde e foi abrir uma "mesa" num tronco de jurema, longe de casa. Não sabendo fechar a sessão, foi arrebatado pelos "mestres", morrendo. Três dias depois acharam-lhe o cadáver meio podre. É o mais popular dos "Mestres". Contam um vasto anedotário de suas façanhas, ótimas e péssimas. Quando se "acosta", o médium fica meio estrábico, com os lábios em bico e falando com extraordinária fluência.

MANICORÉ pertence à Pajelança amazônica. É o mais antigo dos "mestres". Trata de feridas incuráveis. Trabalha também na esquerda embora não seja uma de suas predileções. Disse ter desencarnado há 438 anos. Por ele sabe-se muito segredo da vida terrena dos "mestres". Manicoré, nome de rio amazonense, era, conforme informou Mestre Zinho, inimigo de Agissé, tuxaua seu vizinho. Por isso Agissé aparece repetidamente na "linha" de Manicoré.

MESTRE MANUEL CADETE, Rei do Vajucá. É um antigo catimbozeiro. Bebe água defumada com três pancadas da "marca-mestra". Conheço duas "linhas".

Preciso eu de um mestre para me ajudar!
É Manuel Cadete, Rei do Vajucá! (bis)

A outra:

Eu vou embora pra minhas matas,
Eu lá deixei meu juremá (r).
O Sete-Estrelo foi quem me trouxe,
O girassol vai me levá (r)!

MESTRE ITAPUÃ ou Itapurã é indígena, flecheiro destemido. Sua "linha" é característica na Pajelança amazônica, aludindo ao tauari (*Curataria tavary*), Guaraci (o Sol), arara-canindé, etc. Para mostrar o sincretismo normal, aparece Nanã, que é Nanamburucu, Orixá africana.

Peguei minha marca-mestra
E fumei meu tauari.
Enfumei a mesa
E chamei Goaraci!
Rei Nanã, ó Rei Nanã!
Goaraci aqui está, trouxe arara-canindé,
para eu ir trabalhar!

MESTRE TUPÃ é indígena e não sei como figura entre os "pajés", tendo o nome que a catequese convencionou para Deus.

Ó Tupã, que sublime e santo pajé,
Que no mundo mostra o mestre quem é!
Ó leva atender o Tupã e a sua faumiriré. (?)
Ó leva atender o Tupã mostrar o Goaraci quem é!...

MESTRE XARAMUNDI é o "mestre curador" por excelência, querido nos Catimbós. Tem consulentes fanáticos. Era o protetor de João Germano das Neves, informante de Mário de Andrade e meu.

Pelo tronco eu subi e pela rama eu desci,
Pelo som de minha gaita eu fui,
Pelo som da minha gaita eu vim...
Sou Mestre Xaramundi! Sou Mestre Xaramundô!
Sou do tronco da jurema, sou o mestre curador!...

MESTRE ROLDÃO DE OLIVEIRA é "mestre curador". Antigo catimbozeiro, não esqueceu a arte mesmo no outro mundo.

De longe vem chegando agora o Mestre Roldão de Oliveira,
na cruz, darim, darim, darom. (bis)

Se me dão licença eu entro, se não me dão eu vou embora,
desse mundo...
Darim, darim, darom! (bis)

MESTRE BOM FLORAR, Bom-Florá, velho feiticeiro, amigo de casamentos e de "cauim".

Estão folgando os nossos mestres
na Cidade do Bom Florar
Aquela cidade santa
Onde seu bem está...

MESTRE INÁCIO DE OLIVEIRA, pai de Mestre Carlos, um dos maiores sabedores do Catimbó. Sua "linha" é simples:

Bonitos são os trabalhos
de Mestre Inácio de Oliveira
mais um Rei, mais um Rei...

MESTRE MUSSURANA é da dinastia dos grandes feiticeiros da Pajelança amazônica. Incluiu-se no Catimbó sem que haja perdido o prestígio em ambas as "linhas". Fala-se no rio amazonense Trombetas, no mutum-real (*Mitu*, ou *Crax urumutum*). Mussurana é uma cobra não venenosa, *Oxyrhopus claelia* ou *Rhachidelus bras*.

Nas margens do Trombeta eu vi!
Eu vi o meu mutum cantar!
Eu vi no meu reinado, Mussurana!
Um Mutum Real!
Bonitos são os trabalhos, Mussurana!
Do Mutum Real!
Bonitas são todas as forças, Mussurana!
Que o mutum vem dar!

PRÍNCIPE DA JUREMA é sem história.

Quando eu parti um galo cantou!
Olha o Príncipe da Jurema que na mesa chegou!...

ANABAR é cabocla, feiticeira cheia de segredos que se tornou guia depois de morta. Era mulher indígena. Há no rio Negro a ilha Anabo, de onde talvez proceda o nome.

Quando eu boto ouvido em terra
É sempre pra trabalhar!
Anabar é boa mestra,
Anabar, ó Anabar!
Anabar é boa mestra!
Não promete pra falar!...

MESTRA IRACEMA é decisiva nos Catimbós. Do naipe feminino é a mais prestigiada pela simpatia popular. Rara será a sessão em que Iracema não esteja presente, aconselhando ou sugerindo. É rainha de Tanema ou Itanema. Disseram-me que a velha Elisa trouxera do Pará uma imagem da "cabocla Iracema", apreendida pela Polícia e depois quebrada.[90] Seria, do meu conhecimento, a primeira materialização de um "mestre" no Catimbó.

Iracema, Iracema!
É Rainha de Tanema!
Iracema é boa mestra,
Trabalha sempre na jurema!

MESTRE PEQUENO, catimbozeiro pernambucano, da serra do Buíque, morava no Brejo da Madre de Deus, onde era consultadíssimo. Morreu velho e é atualmente um "mestre" respeitado, especialmente para "feitiços". Na sua "linha" fala-se nos "encantos da ondina" e há uma tradução eufônica da "*Gloria in excelsis Deo*" por "Gloria no Céu se deu..."

Bate asas, canta o galo,
Quando o Salvador nasceu.
Cantam os Anjos na altura,
Ó Reino! Ó Reino!
Glória no Céu se deu!...
Bate asa, canta o galo,
Quando o Salvador nasceu!
Eu sou o Mestre Pequeno.
Ó Reino! Ó Reino!
Do Brejo da Madre de Deus...
Nos encantos da Ondina,
Ó Reino! Ó Reino!
Só quem trabalha sou eu!

MESTRE JOÃO PINAVARUÇU é a Pajelança do Pará. Trabalha na direita e na esquerda. Mestre Zinho ensinou-me que Pinavaruçu era casado com Mestra Faustina. O cabaço (*Cucurbita lagenaria*) é possivelmente um maracá, contendo "poderes". O cabaço, no Folclore e Etnografia ameríndios, é de importância vasta, não somente como utensílio mas também como o maracá. Erland Nordenskiold registrou as lendas dos índios Cunas onde o maracá quebrado determina a morte do possuidor. Ver

90 Obtive na Polícia a fotografia de Iracema, publicada neste livro.

o estudo de C. V. Hartman, *La calebassier de l'Amerique tropical, Crescentia cujete, étude d'éthnobotanique*, no tomo VII (1910) do *Journal de la Société des Américanistes de Paris*. Outro ponto digno de demora e estudo é a brincadeira, o brincar, folgar, entre os "mestres". Essa ocupação, mais séria que possamos presumir, definiria muito da essência íntima do Catimbó.

> Pinavaruçu, Pinavaruçu brinca com um cabaço
> nas águas do mar azul...
> Brinca com um cabaço
> nas águas do mar azul!
> João Pinavaruçu! João Pinavaruçu,
> brinca com um cabaço,
> nas águas do mar azul!...

MESTRA ANGÉLICA é doutora em moléstias femininas. Por uma medicina simpática, a *Guettarde angelica* é muito usada na farmacopéia doméstica, especialmente em certas complicações. Mestra Angélica é consultada sempre e suas "curas" inumeráveis.

> Eu sou a Mestra Angélica
> da Cidade do Caité!...
> Sou a defensora dos Homens,
> Protetora das muié...

AS MENINAS DA SAIA VERDE não são três nem sete mas incontáveis e moram no Fundo do Mar, um dos Reinos invisíveis. Mestre Zinho ensinou-me que eram outrora chamadas "Ondinas" e não eram Sereias porque tinham pés e andavam.[91] Essas Meninas da Saia Verde não "acostavam" senão na Serra da Raiz, na Paraíba, com o catimbozeiro Benedito. Depois que este morreu, as Meninas da Saia Verde começaram a visitar as "mesas e fazer "fãs".

> Lá vêm as Meninas de Saia Verde,
> Ela é gente nobre (quatro vezes)...
> do Rio Verde!...

MESTRE TABATINGA é um "caboclo" brabo" que goza da fama de perverso e de benfeitor. Mestre Zinho

91 Hesíodo, na TEOGONIA, fala nas três mil Oceânides, de pés graciosos, invalidando a sinonímia com as Sereias.

negava formalmente o caráter maléfico de Tabatinga, mas a maioria dos colegas jura o contrário. Não há feitiço à esquerda em que Tabatinga não esteja metido.

> Tabatinga vem da mata,
> Tabatinga vem curando,
> Em nome da Virgem Amada,
> Todos males retirando...

JOSÉ PEREIRA é um espírito feroz, possuído por todos os Diabos, impaciente pelas desgraças do próximo. Quando vivia, matou o pai, a mãe, a mulher e cinco filhos. Tinha a alcunha de Galo Preto. Não tem "linha". Quando "acosta" o "mestre" fica com uma fisionomia patibular, olhos furiosos, as mãos cerradas com os polegares passando entre o médio e o anular. O Galo Preto vem berrando e amaldiçoando Céus e Terras. Trabalha com prego e sal. Prego para pregar o camarada e sal para salgar o rasto, cobrindo-lhe o corpo de úlceras.

MESTRE ANTÔNIO TIRANO é catimbozeiro da esquerda. Para o Mal. O nome já é um anúncio de suas habilidades. Não tem "linha". Quando "acosta" aparecem cobras na sessão.

CANGURUÇU é "mestre" do mau caminho, da esquerda, fazedor de muambas ruins. É indígena do Amazonas. Tem uma "linha" inocente, cândida e doce, inteiramente mentirosa.

> O Mestre Canguruçu
> é um negrinho de bem!
> Visita todas as mesas
> e não faz mal a ninguém!

MALUNGUINHO é pretinho, ágil, perverso e decidido em fazer diabruras. Não tem "linha". Um dos "serviços" de Malunguinho é cegar o olho às pessoas. O nome é, como se vê, africano, Malungo, companheiro.

PINARONA é indígena, morando num rio amazonense. Esquerdista.

> Pina, pina, pina,
> Pina, pinarona!
> Sou caboclo vivo,
> Sou do rio Amazonas!

MESTRA FAUSTINA, antiga catimbozeira, é "mestra" veneranda. Morreu virgem, segundo uns, ou casada com Pinavaruçu, dizem outros. Mestre Zinho afirmava que Mestra Faustina era gaúcha. Zinho pronunciava gáucha, como devia ser.

> Vocês aqui o que têm para me dar? (bis)
> Trago flores de jurema, (bis)
> E palmas do juremal...
> Eu sou a Mestra Faustina, (três vezes)
> Do Reino do Vajucá.
> Rei, Rei, Rei, Rei, Rei Umbá!
> Eu sou a Mestra Faustina, (três vezes)
> Do Reino do Urubá!

MESTRE LUÍS DOS MONTES era antigo chefe de catimbozeiros. Quando dava um nó não havia gente viva para desmanchar.

> Eu venho de altas torres
> do Reino do Juremal.
> Que eu me chamo Luís dos Montes,
> Trabalho com Vajucá!
> Com três galhinhos de alecrim
> E os três Reis Orientais!
> Precisa-se aqui de um mestre
> Para me ajudar...
> É o Mestre Luís dos Montes,
> da Jurema ou Juremal!...

MESTRE FILIPE CAMARÃO é o mesmo Poti, D. Antônio Filipe Camarão, herói da guerra contra os holandeses. Morreu a 24 de agosto de 1648 na Várzea, arredores do Recife. No Catimbó, o guerreiro norte-rio-grandense aparece com um sonoro e complicado nome, mera declamação rítmica. Camarão narra que nasceu na barra do rio Maxaranguape, debaixo de uma oiticica. É espírito para o bem mas o "mestre" deve estar munido de um grande punhal sob pena do Mestre Filipe Camarão não o atender em coisa alguma.

> Dom Antônio de Albuquerque Arcoverde
> Camarão Pituaçu!...

TURUATÁ foi grande pajé no Amazonas.

> Eu sou aquele caboclo,
> Sou eu o Turuatá!
> Eu sou o Rei da serra
> da serra do Bom-Florá!...

São esses os principais e mais famosos "mestres" do Catimbó...

* * *

A "linha" é o canto entoado pelo "mestre da mesa" e continuado, através de sua boca, pelo "mestre" invisível. É o "nomus" de Apolo pela voz da Pitonisa, "nomoi" grego, o "rag" hindu, o sortilégio musical que animou as pedras, domou os brutos e ergueu as cidades. A finalidade mágica do canto era indiscutida. *Cantatio* era o encantamento, o bruxedo, para Fírmico. *Cantatrix* era cantora e também feiticeira, para Apuleu. A própria Lua descia dos céus, seduzida pelo canto, *Cantata luna*, de Propércio, *Deducere canendo lunam,* de Ovídio. Conservamos o "encanto" de "em-canto", no canto. Agindo diretamente sobre a emoção, criadora da energia psíquica, o canto uniformiza, sugere um estado, um nível de extrema receptividade. Todas as religiões o adotaram. Não há livro de etnógrafo ou folclorista que deixe de registrar a sedução do canto em todos os povos da terra. Carme, *charme,* ainda se mantém no francês. Para os primitivos, mais próximo da essência da Vida e de sua compreensão, sem que lhes fosse possível a expressão verbal, *orenda* (Hurões) é canto, prece, encantamento. Todas as coisas, vivas e inanimadas, têm o *orenda*. Orenda explica tudo. Os fenômenos naturais são produzidos pelos orendas desses fenômenos. É a *mana* melanésia, o *deng* da Indochina. Quem sabe a canção de todas as coisas, porque todas as coisas têm sua música e esta é o segredo de sua origem, tudo pode. Por isso o *nele* de Ustupu, nos indígenas Cuna, dificilmente ficava bom de sua dor de cabeça porque conhecia todas as canções medicinais. A ferida de Ulisses, aberta pelo dente do javali no monte Parnaso, foi fechada por ter o filho de Autólicus entoado o canto mágico que fazia o sangue parar. É um registro de Homero, no canto XIX da *Odisséia*. Na Índia as estações tinham sua canção sagrada, um *rag*. O imperador Akber mandou Naiq Gopol cantar o *rag* do Fogo. O cantor despediu-se da família, meteu-se dentro de um rio e cantou o *rag*. O Fogo circulou-o, transformando-o em cinzas.

As "linhas" reproduzem a apresentação do "mestre". A melodia é privativa de cada um. A letra, fácil ou obscura, nada mais significa que um simples pretexto rítmico. Franz Boas, entre os Esquimós, colheu várias canções quase sem letra. A música era tudo, destinada a operar a sedução dos peixes para que se deixassem apanhar.[92]

Para ilustrar este ensaio registro apenas as melodias essenciais. As indispensáveis. Cantos da abertura da sessão. Uma "linha" para os "mestres" indígenas, negros, brancos, os mais conhecidos, amados, de influência numa área mais vasta. Na penumbra das salas pobres, no respeito do "Estado", circundado de humildes, a "linha" se eleva, pura e límpida, numa impressionante sugestão de mistério absorvente. É a preparação. O encantamento. O canto, enfim.

A "linha" é entoada pelo "mestre" que invoca um dos "mestres invisíveis". Quando este "acosta", muda o timbre, porque já é o próprio invocado o cantor. Às vezes, espontaneamente, alguém inicia a "linha" de um "mestre", já "acostado", sem ter sido chamado.

O canto é uníssono. Sem acompanhamento instrumental. Apenas a "marca", "marca-mestra", vai ritmando a divisão dos períodos musicais. Assisti sessão em que todos cantaram "linhas", as dos "mestres" mais populares ou assíduos, dos "assistentes da mesa", espécie de protetores.

A sessão de Catimbó está se fazendo rara. O comum é uma reunião entre "mestres de mesa" para realizar uma encomenda. Não há interesse de proselitismo e de propaganda ritual. Quanto menor o número, maior o proveito.

Sozinho ou acompanhado, o "mestre" canta sempre as "linhas". Sem elas os "mestres dos bons saberes" não comparecem.

Explicaram-me os "mestres" que a presença de um do "Além" é denunciada pelo arrepio, "passa uma formiguinha pelo corpo". Logo na "Linha da Abertura", quando cantam: *"Já vêm chegando e já, os bons saberes, do*

92 O *aboio*, que nos veio dos Árabes por intermédio de Portugal, é de sedução absoluta sobre o gado, e não tem letra.

outro Mundo", os cabelos se eriçam. O "mestre" chegou! Nunca o tambor foi empregado no Catimbó. Nem mesmo o pequeno magonguê. O "mestre" não pega no cabacinho e sim na vareta. Nem a deixa tocar na madeira da mesa, durante o canto das "linhas".

Numa sessão, um rapaz começou a cantar em segunda voz, contracantando a "linha" de Mestre Carlos. O "mestre da mesa", sem interromper o canto, multiplicou os acenos de proibição até que o rapaz entrou no mesmo tom coletivo.

Não conheço variantes das melodias das "linhas", conservadas em relativa pureza. A letra, aqui e além, recebe uma colaboração do "mestre", substituindo um vocábulo e, mais das vezes, intercalando "trunfei, trunfá, trunfa reá" nas antigas pausas, assim como "Rei Nanã, ó Rei Nanã!".

Enquanto se canta uma "linha" ninguém tem o direito de sair da sala. O "mestre do Além" irrita-se profundamente com a descortesia. E se vinga.

As "linhas" só devem ser cantadas em "mesa formada", isto é, em sessão aberta. Jamais por espírito de curiosidade porque um "mestre" pode "acostar" num momento impróprio e desagradável. Um "curupiro" ficou cantando a "linha de Mestre Carlos", despreocupadamente. Mestre Carlos "acostou", inopinadamente, dando-lhe mais de vinte quedas, perto de um cacimbão que estavam cavando.

Essas "linhas" são africanas, portuguesas ou mestiçamente brasileiras? São brasileiras. Brasileiras na acepção de uma soma de elementos diferenciados e fundidos, determinando a música socializada, criada pela colaboração anônima e múltipla da população. Não há permanências de estilos que positivem uma influência decisiva. Quase que se poderia dizer o mesmo... de todas as músicas do Mundo.

A impressão imediata é do prestígio africano. Há uma música africana? Fernando Ortiz ("Universidad de La Habana", 3, Mayo-Junio-1934), estudando *Dela Música Afrocubana*, cita C. W. Mzers, riscando o tema: *"Decir 'música africana' es locución algo imprecisa, como decir 'música oriental' ou 'música europea', ya que puede asegurarse con certeza que no existe una música africa-*

na, pues hay casi tantos estilos de música nativa en África como en Europa, cuyas variedades diferen no solamente en cuanto a su forma y estructura en general, sino más especificamente tocante a los ritmos empleados." Os Pes. A. Lang e C. Tastevin que analisavam *La tribu des Va-Nyaneka* (Corbeil, 1937, 116) endossam a velha afirmativa da supremacia do ritmo sobre a melodia: *"La plupart des leurs instruments de musique ne donnent que des sons faibles et accusent plutôt l'élément rythmique que l'élément mélodique."* Os Va-Nianecas são do grupo banto, residindo no "hinterland" de Mossamedes, no antigo Reino de Angola, terra da rainha Ginga.

Também sabemos a predominância dos instrumentos musicais de percussão.

Para os indígenas, com instrumental de sopro preferencialmente usado, o canto e a dança eram formas diárias, indispensáveis nas várias raças ameríndias. O indígena é a menor influência na música brasileira. O negro é a rítmica e, curiosamente, para ele endereçamos o processo melódico binário, com fraseado nítido, acabrunhante e profundo, ou leve, vivo, agitado, tonificador. Música de Negro quererá dizer Música Africana? O que nos vem, dos negros norte-americanos, há, ou houve, na África? Nenhum viajante responderá pela afirmativa. Num livro recente e famoso, *Africa Dances*, de Geoffrey Gorer (Londres, 1938, terceira ed.), há essa observação: *"Except for the syncopated rhythm there is no connection whatsoever as far as I can see betweem African and American negro music"* (305). A música negra brasileira passou pela peneira melódica de Portugal, tornando-se mais plástica, mais transparente, mais colorida. O ouvido negro é um receptor de acuidade maravilhosa. Quem estudou a música popular brasileira sabe das dificuldades invencíveis para a fixação da solfa, graças a esse processo espontâneo, inconsciente, incomprimível, de deformar, de assimilar, imediatamente, no mínimo que seja, uma frase mais bonita ou uma modulação de efeito. Vem igualmente a tendência de individualizar a música, dando-lhe caráter pessoal, sempre que entoada como solista. Joyeux notou que cada instrumento africano tem sua escala própria, impossibilitando a produção musical de conjunto. Por isso, nos coros, toda marcação é feita pelos ganzás

ou atabaques, que dão ritmo e estimulação prodigiosa. No Nordeste do Brasil, os melhores "coqueiros" (cantadores de "Cocos") usam apenas o ganzá (maracá de folha), permitindo a denominação do tipo "Coco de Ganzá". Nas praias o acompanhamento marcador é a "palma de mão". Em parte alguma vi a portuguesíssima "castanhola de dedo".

A síncopa, assunto briguento entre procedência portuguesa e africana (Mário de Andrade decide-se por Portugal), não há nessas "linhas" nem nas que ouvi, mais de um cento.

Há uma parte infixável. Os "mestres" cantam essas "linhas" de forma inteiramente própria. A entonação desafia os timbres conhecidos. Para fixá-las convenciona-se o tom ao piano, cantando, "mestre" e autor, minutos seguidos até que o tom fosse "tomado" pelo cantor. A "linha", embora com todos os cuidados, dará apenas uma idéia temática. O processo do canto é intraduzível. Há uma parte de declamação modulada, de tempo *rubato*, numa espécie de oratória, acima ou abaixo de qualquer notação musical. Na "linha" de Manicoré o "trunfei, Agissé" só se ouvindo, pelo assomo orgulhoso, cavo, soturno e misterioso que era dado.

A maioria das "linhas" obedece aos finais tônicos e o ritmo binário segue as tradições populares brasileiras, assim como os cânones clássicos na quadratura da frase melódica. Não há novidades de vulto, disfonias, nem mesmo aquele arrastamento de tom, aquela empostação na emissão da voz que dava ilusão de quarto de tom, aliás existente nas cantigas populares do Minho,[93] fonte de intensa emigração para o Brasil.

Nessas "linhas" existe normalidade, equilíbrio, uma espécie de urbanidade que se afasta da bravura de certos cantos praieiros ou do agreste norte-rio-grandense.

Como seria de esperar, muitos trechos de "linhas" do Catimbó vivem noutras paragens, na memória do povo. Na Linha de Licença, a solfa do "Senhores Mestres eu quero, senhores Mestres vá!" é ouvida nos Pastoris do ciclo das festas do Natal, num ambiente totalmente diver-

93 Gonçalo Sampaio, *CANCIONEIRO MINHOTO*, XXI, 15, 30 etc., Porto, 1940.

so das soturnidades do Catimbó. Na Linha de Xaramundi há todos os compassos iniciais idênticos à canção da "Menina Enterrada",[94] estória popular de proveniência européia. João Nogueira, estudando os Congos no Ceará, identificou trechos do "Elixir d'Amore" de Verdi, "Mandolinata" de Paladille e motivos da "Semíramis" de Rossini, cantados pelos negros com letras alusivas às guerras da rainha Ginga com Henrique, Rei Cariongo.[95]

*
* *

(A) — LINHA DA ABERTURA da mesa, início da sessão no Catimbó.

(B) — LINHA DA LICENÇA, solicitada aos mestres invisíveis.

(C) — LINHA DA CHAVE, cantada com a chavezinha virgem na mão, manejando-a.

(D) — LINHA DAS VELAS, para acender as bugias.

(E) — LINHA DA NANÃGIÊ, NANÃBICÔ, MENINA DO MAR, Anamburucu, orixá da chuva.

(F) — LINHA DE PAI JOAQUIM.

(G) — LINHA DE IRACEMA, RAINHA DE TANEMA.

(H) — LINHA DE MESTRE CARLOS. Colhi apenas a segunda parte, "Mestre Carlos é bom mestre,/ Que aprendeu sem se ensinar..."

(I) — LINHA DO MESTRE MANICORÉ.

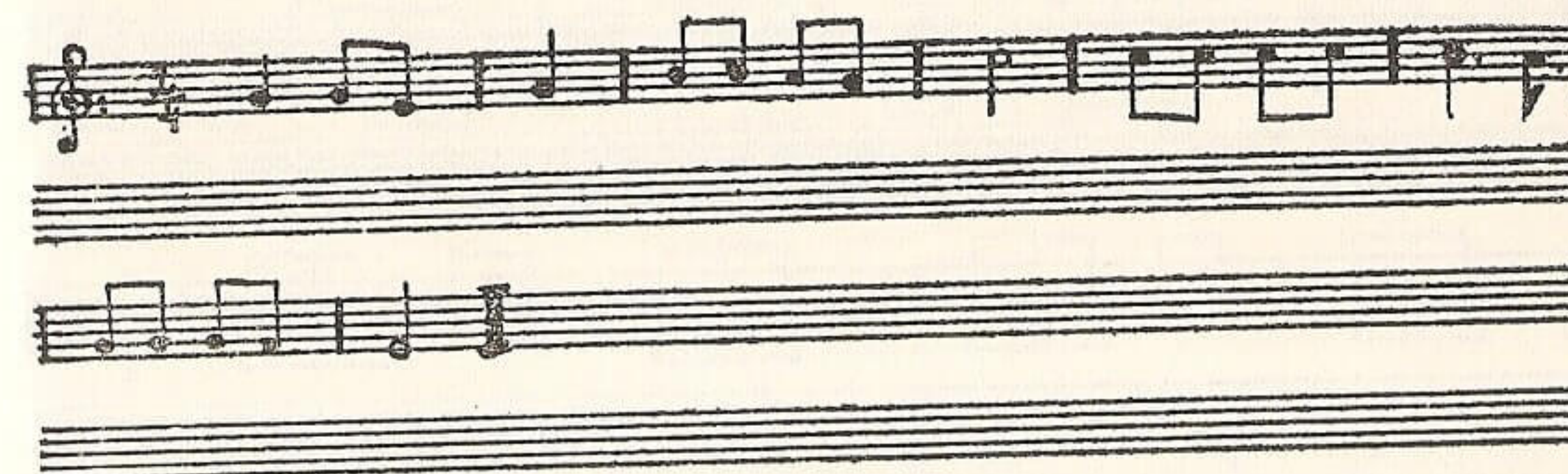
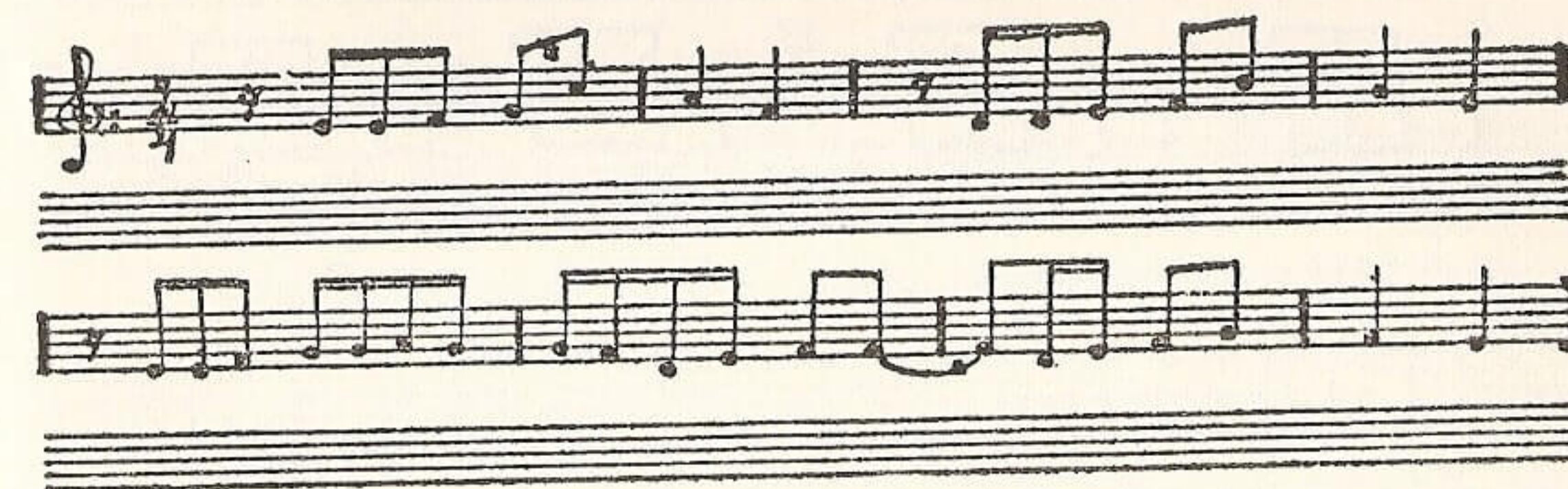
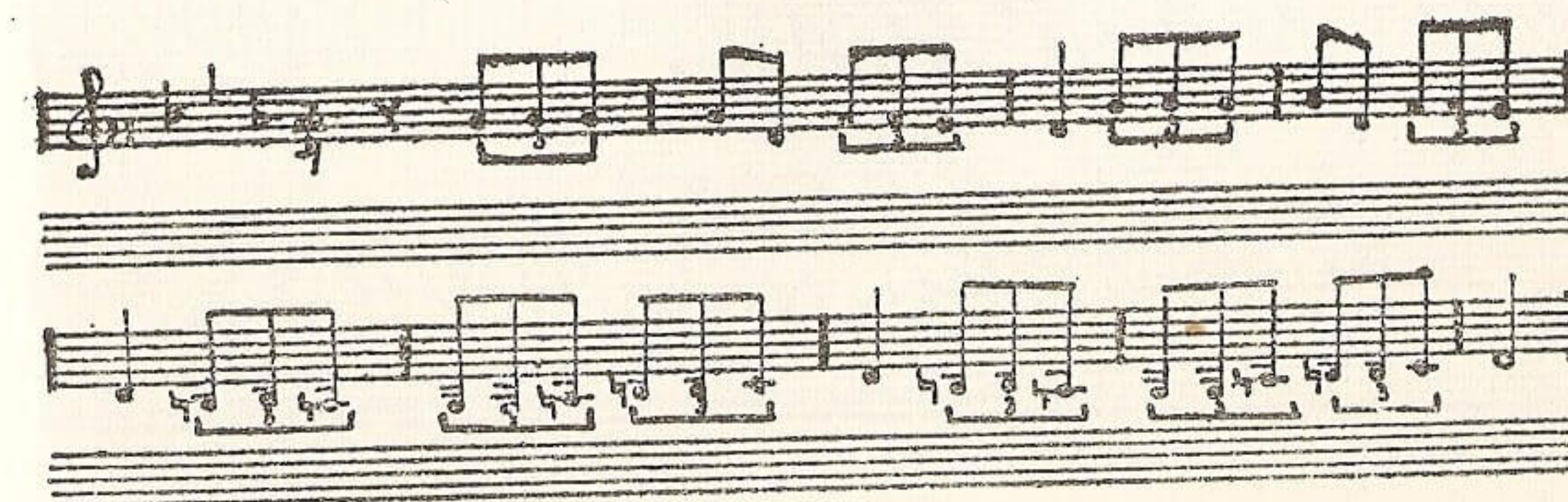
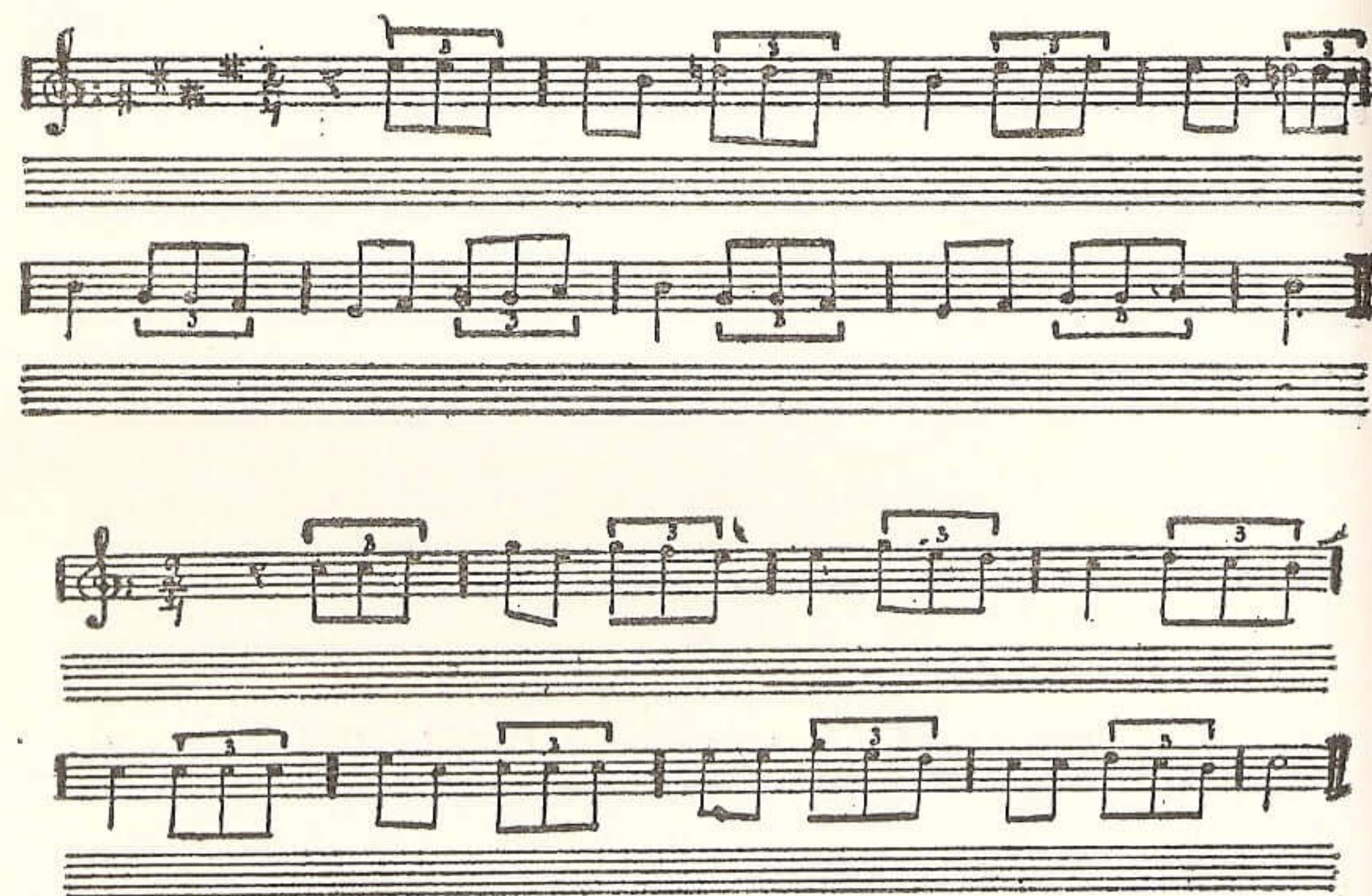
(J) — LINHA DO MESTRE XARAMUNDI.

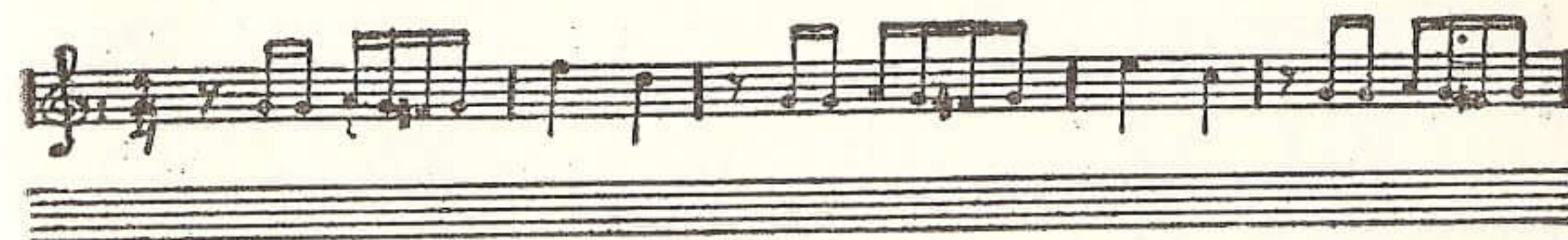
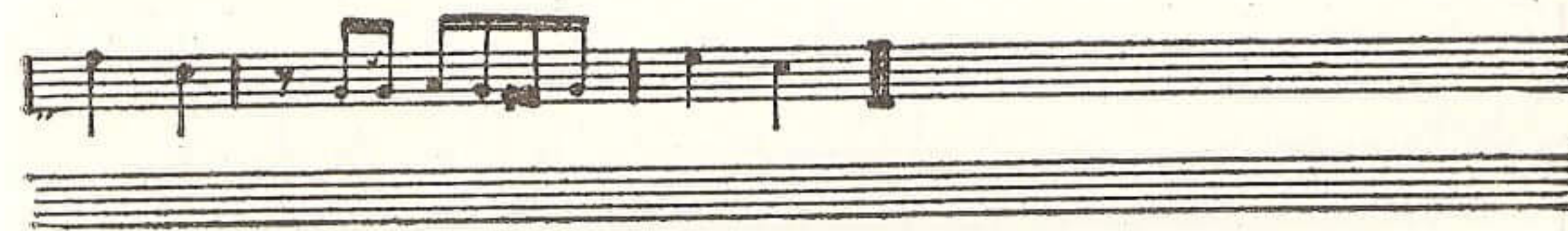
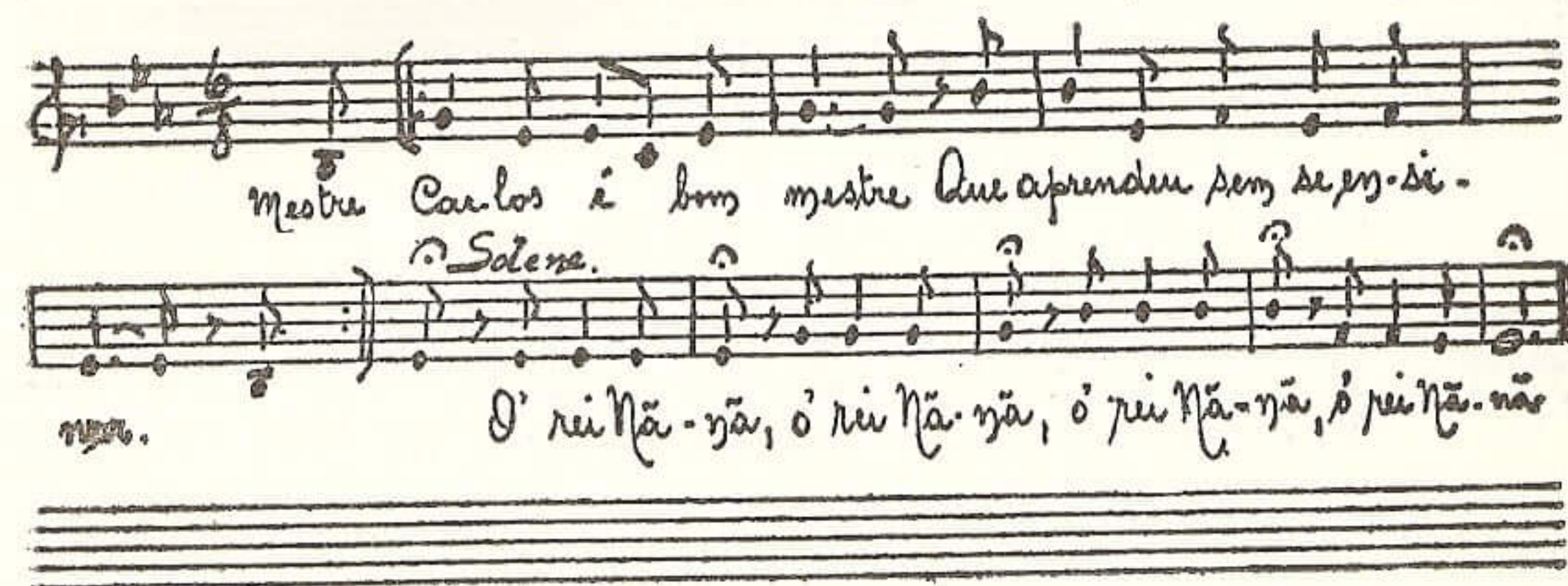
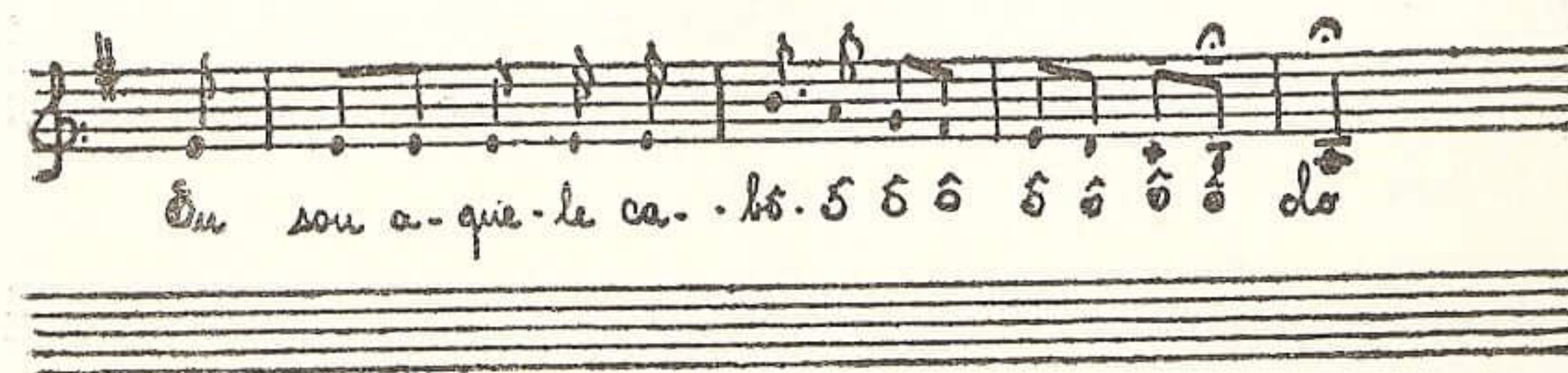
(K) — LINHA DE MESTRA FAUSTINA. Registro infelizmente o primeiro compasso.

(L) — LINHA DO PÁSSARO DO PARÁ. No Catimbó de Mestre Dudu cantou-se essa linha, constando apenas dessas três notas, repetidas indefinidamente. Depois da sessão o mestre explicou-me ser a Linha de um PASSO DO PARÁ, que pássaro será, ignoro. Intercorrência da Pajelança? Um caruana? Na Pajelança paraense o "médium" diz-se "ave".

[94] Luís da Câmara Cascudo, *CONTOS TRADICIONAIS DO BRASIL*, 386 (a música), Rio de Janeiro, 1946.

[95] *Revista do Instituto do Ceará*, tomo XLVIII, 89, Fortaleza, 1934.

A

B

C

D

E

F

G

H

Mestre Car-los é bom mestre Que aprendeu sem se en-si-
Solene.
nar.
O' rei Nã-nã, ó rei Nã-nã, ó rei Nã-nã, ó rei Nã-não

I

Eu sou a-que-le ca-lo-ô ô ô ô ô ô ô do

J

Pe-lo tron-co eu su-bi, E pe-la rama eu de-sci. Pe-lo som de minha gaita eu fui, Pelo som de minha gai-ta eu vim Sou mestre Xaramun-dí. sou mestre Xa-ramun-dô. Sou do tron-co da ju-re-ma. sou Mestre cura-dor.

K

Vo-cês a-qui o que têm para me dar?

L

Ta-ra-rá, ta-ra-rá.

POST-SCRIPTUM E CONCLUSÕES

Valha-me Deus! é preciso explicar tudo.

MACHADO DE ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, CXXXVIII.

De fins de 1928 a meados de agosto de 1949 estudei a magia os catimbós e feiticeiros, rezadores, curiosos, curadores, com vagar, intervalos de viagens e nenhum plano de provar alguma coisa. Era apenas, e essencialmente, ver, ouvir, verificar um estado normal de alta percentagem da população brasileira, presente e contemporânea. Com alterações que pouco modificam a informação deste MELEAGRO há o mesmo processo em qualquer Estado do Brasil, nas cidades, nas vilas, nas povoações do interior, praia e sertão.

Desejo que este ensaio seja mais uma informação que uma conclusão. Podemos concluir, quando a PAJELANÇA amazônica tiver seus reveladores, maiores notícias dos pormenores. Atualmente, dezembro de 1949, sabemos muito pouco e o que sabemos vem de forma literária, de aproveitamento artístico, nota de turismo, de curiosidade, afastando a possibilidade de um exame demorado e seguro. Se a lição sábia do saudoso Ulisses Pernambucano tivesse frutificado por todo o Brasil haveria uma riqueza de documentação honesta e limpa de imaginação pessoal, pronta para a sistematização e para o estudo num plano geral e claro. Mas o mestre pernambucano desapareceu e sua obra não se rearticulou ainda no programa que ele iniciou no seu Serviço de Higiene Mental no Recife.

Em muitas capitais a Polícia queima o material apreendido nos catimbós e xangôs em vez de recolhê-lo a uma coleção indispensável para os estudiosos. Os jornais não querem gastar espaço pormenorizando o registro. Nem os relatórios trazem notícias maiores dessas campanhas. Difícil é obter informação. A maioria das autoridades brasileiras é demasiado atarefada para prestar esclarecimentos solicitados de longe sobre assuntos parecidamente dispensáveis ou adiáveis. Muita coisa escapa e se perde como água na areia.

Naturalmente é dever pessoal uma conclusão provisória, de caráter eminentemente individualista. Essa conclusão será como uma soma de todas as pesquisas diretas e de todas as observações imediatas durante mais de vinte anos. Serão as proposições da tese, proposições impostas pelos resultados obtidos, e não prefixadas numa adivinhação profética da mentalidade catimbozeira ou feiticeira em nossos dias.

*

* *

Os processos da feitiçaria, catimbó, bruxaria, no Brasil, são mais de oitenta por cento de origem européia. São os processos das bruxas e bruxos que a Santa Inquisição perseguiu e queimou. Fácil é encontrar nos processos do Santo Ofício em Portugal e Espanha, nos autos de feiticeiros, com arrolamento e depoimentos de consulentes arrependidos e mesmo as confissões "espontâneas" dos acusados as mesmas "orações fortes" que ainda estão no pescoço de muita gente no Brasil. Orações aconselhadas como irresistíveis nos séculos XVI e XVIII, PEDRA CRISTALINA, JUSTO JUIZ, etc., são contemporâneas e com prestígio ininterrupto para o povo, o mesmo povo cujos avós viveram em Évora, em Braga, em Lisboa, Coimbra e Porto, em Sevilha, Toledo, Salamanca, Burgos e Barcelona, Madri e Saragoça. Se os mesmos livros quatro vezes seculares, *PRINCESA MAGALONA, DONZELA TEODORA, IMPERATRIZ PORCINA,* vivem atualmente num mercado popular que não mudou, identicamente as orações, formulário tradicional, e feitiços, terão vida mais profunda e robusta, num clima de conforto à sua fixação

e propagação indiscutida. (Luís da Câmara Cascudo — *Cinco Livros do Povo,* Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1953.)

Essencial é que se deduza a mudança de fauna e flora para cada local de uso. E também a inteligência de quem a emprega ou a requer. Muito pouco mudou o homem pelo lado de dentro.

*

* *

As antigas receitas dos "mestres curadores" baseavam-se sempre nos vegetais.

A ciência dos simples baseia sua confiança na Botânica médica, fiel à tradição de mil anos que não passam de todo no espírito popular. Uma persistência é o domínio inarredável das garrafadas, beberagens misteriosas, vendidas nas feiras ou escondidamente, absorvidas com uma fé inabalável. Todos crêem que o indígena possuía segredos miríficos que nenhum doutor de curar pode aprender e que os "antigos" sabiam o que ninguém atualmente sabe. As técnicas de intimidação ou ridículo para anular o prestígio das garrafadas falham todas. Saindo do posto médico, ou não acusando melhoras no tratamento prescrito, correm às beberagens sinistras como um sedento à fonte. O vendedor de garrafadas, com a mercadoria apreendida, levado à polícia, passa a ter as vantagens do martírio e os gabos pela sua dedicação à saúde do próximo. O doutor da raiz fica com o título de maior e a fama fecundíssima de ter segredos raros como os do Rei Salomão. Aplique-se *el cuento* ao catimbozeiro para a apreciação popular.

O receituário baseado na botânica possui toda a magia da velhice e do uso consuetudinário secular.

O Prof. Dr. Américo Pires de Lima (Universidade do Porto) estudando no seu ensaio *CONTRA O DIVÓRCIO ENTRE A MEDICINA E A BOTÂNICA* (Liv. I, *ATAS DO PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS NATURAIS,* Lisboa, 1941, Porto, 1949) recorda a velha terapêutica, ainda viva em catimbós mais conservadores, e conclui: "Na verdade, a velha terapêutica era uma associação desconcertante de superstições absurdas e, freqüentemente, repugnantes, que deviam atuar mais por via

psíquica do que por via fisiológica: uma espécie de choque, devido à sua repelência, ou extravagância. São deste número: os excrementos humanos, de burro, de cabra, de gato (depilatório infalível), de leão (cura maravilhosa do alcoolismo); a unha de grão-besta; a múmia; o esterco de pavão, que entrava nos pós antiepilépticos insignes; o esterco de cavalo, excelente nas queimaduras; as safiras, os jacintos, os rubis, as esmeraldas, e outras pedras preciosas; a teriaga, e outras preparações criadas sob o signo do mais desenfreado delírio polifarmacêutico."

E também: "Mas, ao lado destas, em desconcertante associação, abundavam remédios de autêntico valor, baseados na experimentação clínica, remédios, sobretudo, de origem vegetal. O abandono, cada vez mais acentuado, desta preciosa fonte de remédios foi, em grande parte, injustificado e, a muitos respeitos, prejudicial."

E ainda: "O abandono indiscriminado dos medicamentos provenientes da nossa flora é anticientífico, antieconômico e anti-humanitário. Anticientífico, porque o valor de um medicamento só pode ser avaliado pela análise química, pelo ensaio farmacodinâmico, e pela experimentação clínica. Antieconômico, porque os medicamentos nacionais foram sucessivamente substituídos por produtos químicos de origem estrangeira, com a conseqüente saída de ouro. Anti-humanitário, porque uma grande parte da nossa população, por carência de recursos, não pode adquirir os medicamentos caros prescritos pela Medicina regular, e, por isso, ou renuncia ao tratamento, ou vai entregar-se às mezinhas domésticas e aos curandeiros."

O povo raciocina da mesma maneira. Não é outro o mecanismo decididor da consulta. Nem o consulente rico está impossibilitado de ir consultar um mestre qualquer, sugestionado pelas ervas, raízes, folhas, banhos de cheiro, fricções, óleos de caboclo, essências miraculosas, capazes de tudo. O abandono da Botânica pela Química médica não foi acompanhado pela simpatia coletiva. Acredita-se numa sangria em que o bisturi é um dente de cutia mas a injeção é um problema psicológico que espera no tempo os benefícios da compreensão ou da aceitação popular.

* * *

MELEAGRO tenta evidenciar a antiguidade de muitos dos elementos sedutores no catimbó. Antiguidade de Grécia e Roma, velhice oriental, segredos da Idade Média, não pesariam tanto se não fossem uma continuidade, rio obscuro e teimoso, desaguando na linfa mais moderna das conquistas moderníssimas. Os bruxos do catimbó vivem em todos os países do mundo, desafiando médicos, químicos, sanitaristas, nutricionistas, educadores. Bem pôde, recentemente, o Dr. Silva Melo recensear os assombros da credulidade contemporânea e a firmeza da fé através dos fracassos. (*Mistérios e realidade deste e do outro mundo*, 1949).

Tanto maior a população maior a credulidade. Substituímos, no tempo, uma por outra superstição. Quem assistiu a um desfile dos fiéis do *Father Divine*, milhares e milhares de negros alucinados e delirantes de entusiasmo sagrado, desenrolando interminável fileira dupla através de todo o Harlem, com três horas de percurso no coração de Nova York, terá imagem explicativa da fidelidade sertaneja, praieira, matuta, caipira e citadina ao mestre curador brasileiro, tão longe da técnica exibicionista do faustoso negro George Baker, determinador de uma bibliografia digna de chefe de Estado ou grande jogador de beisebol. Quando alguém chega à incredulidade triunfante, transforma sua incredulidade em dogma e sua descrença em superstição.

Não sabemos, realmente, até onde se estende o poder maravilhoso da sugestão em pleno domínio fisiológico. Ignoramos, mais ou menos eruditamente, a extensão funcional das glândulas internas e apenas parte dos resultados emerge num conjunto obscuro e complexo de ação sensível. As sentenças diagnosticais falham como todas as sentenças sem o imperativo da execução imediata. O doente está condenado à morte, e escapa. Está salvo, e morre. Imprevisto, choque imprevisível subseqüente, ocorreu uma dessas explicações lógicas mas sem possibilidade real de justificação. Naturalmente a morte tem sempre sua lógica, mas essa lógica é que não está ao alcance da nossa intuição ou previsão e, às vezes, nem mesmo da dedução posterior. Se é mais ou menos assim em matéria fisiológica, verificável e de alcance próximo, que se dirá do campo negaceante da psicologia? O nosso sa-

ber é bem medíocre lá mesmo onde a Psicologia nos aparece mais clara, confessava William James. "Sabemos, hoje, por meio de demonstrações experimentais, que a circulação, a respiração, a digestão e todas as outras funções do organismo estão sob a dependência dos centros nervosos, podendo ser influenciadas psiquicamente. O metabolismo basal, assim como o da água e dos sais, das proteínas, das gorduras, dos hidratos de carbono, sofrem tais influências, acontecendo o mesmo com as funções da pele, a temperatura do corpo, o trabalho das glândulas endócrinas, afinal com todos os órgãos e tecidos do nosso corpo", observa o Dr. A. da Silva Mello (*opus cit.*, 402).

A expressão "desequilíbrio do sistema neurovegetativo" é irmã do "conjunto de circunstâncias", vagas e nebulosas máscaras que ocultam tentativa de explicação sumária em assunto clínico ou político, justificando soluções aparentemente ilógicas, inesperadas ou absurdas.

O mestre curador, para o povo, é o depositário de segredos seculares que os doutores ignoram e odeiam justamente por "inveja" a tanta sabedoria desinteressada.

*
* *

O Prof. Dr. Américo Pires de Lima estudou as velhas Boticas dos séculos XVI, XVII e XVIII (*A Botica de bordo de Fernão de Magalhães, Como se tratavam os portugueses em Moçambique no primeiro quartel do século XVII, As Boticas do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, fim do século XVIII,* Anais da Faculdade de Farmácia do Porto, vol. IV, fasc. III e vamos deparando a terapêutica ainda popular e prestigiosa. Ao lado dos complicados sal de víboras, olhos de caranguejos, estavam os nossos conhecidos sabugueiro, açafrão, arruda, manjericão, erva-doce, pimenta-da-índia, benjoim, maná, gengibre, canela, açúcar branco, flor de enxofre, alho, quina, jalapa, a tão famosa água-inglesa, ipecacuanha, sene, calomelanos, etc. O emprego da manteiga para "amadurecer postemas" está na botica de Fernão de Magalhães assim como o soro de leite para fígado e baço, "purgando o humor melancólico", clareando o sangue, refreando

a cólera e todas essas virtudes três séculos e meio antes de Metchnikoff. Tinha o nome ilustre de água-de-alcoela.

A decisão de aposentar esses remédios não tem sido cumprida pelo povo. O coaguleno é um hemostático, mas também o são o picumã de cozinha, fuligem de fogão e teia de aranha preta. O "mestre curador" emprega esses últimos dos quais o coaguleno é sucedâneo na farmácia.

O doente toma o remédio sem saber e o conhecimento determina confiança. Durante o cerco de Paris, 1871, a população comia de tudo. O pão era uma mistura confusa e misteriosa, guardando apenas o título. *Je mange sans comprendre,* dizia Bertholet a Teófilo Gautier. O povo exige mais... O catimbozeiro satisfaz, a seu modo, esta exigência.

*
* *

A presença do feiticeiro, da feiticeira especialmente, é um documento histórico, uma constante etnográfica desde as manhãs do Brasil colonial. As denunciações e confissões prestadas ao Santo Ofício em Bahia, 1591-1593, e Pernambuco, Paraíba, 1593-1595, evidenciam a fauna prestigiosa da bruxaria européia, em funcionamento normal e regular. Encontramos os nomes ilustres de Maria Gonçalves, a Cajada, de alcunha Arde-lhe o Rabo, natural de Aveiro; a cigana Joana Ribeira, uma outra feiticeira que virava borboleta; uma denominada Mija Vinagre; Isabel Rodrigues, a famosa Boca Torta, que se transformava em pata quando queria; Catarina Rodrigues, a Tripeira, uma mãe da Giga; a mulata Correia, colaça de Fernão Cabral de Andrade, dona de uma cobra dentro duma botija e que fez o navio em que viajava degradada para o Brasil arribar duas vezes; Ilena da Fonseca, sabendo fazer feitiços com o coração de um bode preto ou dum galo negro, atravessado de agulhas; Antônia Fernandes, natural de Guimarães, chamada a Nóbrega, mãe de Joana da Nóbrega, que possuía um demônio familiar; Branca Lopes, dona Mécia, mulher de Francisco d'Araújo e dona Isabel, mulher de Cristóvão de Barros, gente de prol, "achados em feitiçaria" no caminho da vila Velha; Domingas Brandoa e Paula Luís, moradoras em Olinda,

useiras da técnica com a vassoura clássica, todas portuguesas e divulgadoras dos processos da magia tradicional. Além da "santidade" que era um curioso sincretismo de práticas católicas com essência indígena, atraindo colonos e mestiços para a volúpia proibida de "beber fumo", aparece um escravo negro da Guiné, Mateus, "o qual Mateus adivinha coisas feitas e com certas palavras faz andar e mover uma tigela de barro branco de maneira que tinham duas e três pessoas mão nela e não a podiam ter queda sem verem quem puxava por ela e que era isto por arte do diabo". (*Denunciações da Bahia,* 548.)

Numa denunciação de Sebastião Barreto, a 15 de setembro de 1618, na cidade do Salvador, "disse mais ele denunciante que sabia pelo ver e ser notório em toda esta Bahia que os Negros que vêm de Guiné fazem, ao tempo que tiram o dó por alguma morte, uma superstição matando alguns animais e untando-se com o sangue deles e dizendo que então sobe a alma ao céu, o que dá escândalo e são testemunhas do caso os moradores de Jacaranga e de Matoim". (*Livro das Denunciações, etc.,* no ano de 1618, 105.) Em princípio do século XVIII Nuno Marques Pereira, *Compêndio Narrativo do Peregrino de América* (Ed. Princeps, Lisboa, 1728, sexta ed., Rio de Janeiro, 1939, I, 123), fixa os CALUNDUS como cerimônia religiosa africana: "CALUNDUS são folguedos, ou adivinhações que dizem esses pretos que costumam fazer nas suas terras, e quando se acham juntos, também usam deles cá, para saberem várias coisas; como as doenças de que procedem, e para adivinharem algumas coisas perdidas; e também para terem venturas em suas caçadas, e lavouras; e para outras muitas coisas." Será uma das mais antigas menções do Candomblé, indeciso e medroso mas visível e claro.

Idem, os colonos e mestiços estavam nesse século XVI confiando nas práticas indígenas dos pajés, indo às reuniões escondidas, bebendo fumo, aceitando as soluções terapêuticas dos nativos, sopro, defumatório e sucção, para alívio dos males. Domingos Ferreira, "mameluco, solteiro, homem de alguns trinta e cinco anos, morador ora no Paripe, doendo-lhe os pés de uma frialdade, chamou um gentio feiticeiro o qual lhe chupou os pés, e no outro dia seguinte o dito Domingos Ferreira caminhou e disse a ele denunciante que se achara muito bem do feiticeiro que lhe tirara as dores que já podia andar". (*Denunciações da Bahia,* 536.)

Não apenas o colono ou mestiço ficaram devotos mas igualmente homens de raça diversa, como Anthony Knivet que ficara restabelecido de uma paralisia nas pernas, insensível ao contato de ferros quentes, graças a umas palavras rezadas por um feiticeiro no Porto Desejado, Patagônia, em 1592. (Luís da Câmara Cascudo, *Antologia do Folclore Brasileiro,* 35.)

Assim brancos, negros e indígenas fundiam suas técnicas para a conquista do brasileiro quinhentista.

O colono português trouxera suas superstições e as semeara no Brasil inteiro. Essas superstições fazem o lastro essencial às nossas crendices e constituem a percentagem decisiva. João Roiz Palha, da vila de Moura, no Alentejo, confessa em janeiro de 1592 que encantara o gado na sua terra, no ano de 1540, fazendo cair os parasitos por meio de uma oração. "E foi perguntado se entendia ele que nisto havia contrato com o Diabo, respondeu que sim entendeu". (*Confissões da Bahia,* 121.) É a tão sertaneja e folclórica superstição de "curar pelo rasto".

Ao findar do século XVI o brasileiro estava com todos os elementos disponíveis do espírito para ser um fiel consulente do candomblé, muamba, macumba, canjerê e xangô. Os volumes que registraram as confissões e denúncias em Bahia, Pernambuco e Paraíba evidenciam que a credulidade popular contemporânea tem raízes fundas na terra em que a raça se formou.

*

* *

Há uma feitiçaria africana no Brasil? As muambas, despachos, ebós, canjerês, troca de cabeça, baianas, cariocas, pernambucanas, são permanências afro-negras realmente? Afro-negro será o executor, o técnico, o babalorixá, babalaô, mestre, pai-de-terreiro ou mãe-de-santo. Feito pelo negro não se deduza negro o feitiço. A percentagem maior é branca, européia, clássica. Há, naturalmente, elementos de flora e fauna locais e por-

menores dos processos africanos, manados no relativo fidelismo dos candomblés. O processo aculturativo confundiu de tal forma os resultados que é impossível identificar na foz as águas dos rios confluentes.

A parte pública é mais conhecida dos candomblés e macumbas, xangôs alagoanos e recifenses, as danças, as filhas-de-santo, a mãe, os cantos votivos, cores, pulseiras, leques, torsos, colares, faixas, as 3, 7, 14 ou 21 cantigas para cada orixá, a coreografia sagrada, algumas típicas, inconfundíveis, as possessões convulsas, o peji iluminado, as horas que a curiosidade e o estudo fazem rápidas na noite, são inesquecíveis. Os sacrifícios de animais, os rituais da iniciação das filhas-de-santo, as "feitas", o cerimonial do ogã, festas de luto, enterro, oferendas, enfim outra parte mais reservada e que tem sido estudada nitidamente, Nina Rodrigues, Manuel Querino, Artur Ramos, Édison Carneiro, Roger Bastide, Donald Pierson, Gonçalves Fernandes, René Ribeiro, possui menor número de assistentes. O preparo dos despachos, respostas às consultas, o receituário, constituem seção secreta, segredos do pai ou mãe-do-terreiro, com modificações pessoais, intuições, além do elemento tradicional secular.

Não vamos rotular *made in Africa* um conjunto de muamba porque aparecem objetos vindos da costa africana, caramujos, sabão, troços de pano, frutos secos, búzios. Universais são as bases mágicas da contigüidade e simpatia comunicantes no despacho preparado pela mão do babalorixá. Indispensáveis e clássicos os elementos individuais para o "serviço", coisas que lhe hajam pertencido, fisiológica e materialmente. Sempre condicionados ao local são os restos de alimentos, acarajé, acaçá, pipocas, farinha queimada, etc., etc., impossíveis de uso em Portugal, Inglaterra ou Rússia. Mas lá também o feitiço existe e o despacho, tendo outros nomes, é de finalidade idêntica. Essas coisas são mais universais do que julgamos e já eram poderosas séculos antes de Pedro Álvares Cabral nascer.

O animais mais populares nos candomblés e macumbas são os mais velhos na feitiçaria de Europa velha. O Bode, Pã, Azazel, bode expiatório dos judeus, representante típico do Diabo, das forças do Mal, presidindo o

Sabat, acompanhando Baco Sabasius, bode preto, bode sujo, na sinonímia popular do Demônio, Bafomet, o ídolo da cabeça de bode, também era num bode que a feiticeira voava para as reuniões, quando dispensava voar montada num cabo de vassoura. O Sapo era tão poderoso na feitiçaria que até determinara um processo de adivinhar, a Bactromancia. O Cão, sinônimo diabólico para o povo, Cão Preto, Cão Sujo, corre parelho ao Carneiro, resignado quando branco e sinistro quando negro, assim como a Cabra, visível na oração da Cabra Preta, onipotente. A serpente é o próprio símbolo do Mal – da Sabedoria hermética, secreta, misteriosa, valendo sugerir a eternidade, a morte, o espírito que vive debaixo da terra; o diabo insinuante que tentou Eva era Samael, mudado em serpente. Vemo-las enroscadas no caduceu de Hermes e na taça de Esculápio, dando origem a uma religião, a Ofidiolatria. Diziam, com sua presença gráfica, a santidade de um lugar. Bastava pintá-las para que se tornasse segrado o recanto em que aparecessem em Roma; *Pinge duos angues, pueri, sacer est locus, extra mejite* (Persius, Satira Prima). O Galo, galo negro, senhor de uma adivinhação, a Alectriomancia, tem bibliografia muito maior que a economia política. A assistência portuguesa do século XVI no Brasil era o mesmo povo vivo nas comédias de Gil Vicente. No *Auto das fadas*, Gil Vicente, o maior informador folclórico de Portugal quinhentista, cita o Gato Preto, o Galo Negro suro, o Bode Negro, a Cabra Preta, o Sapo, a Porca (luxúria), o Rato, Morcegos, o alguidar que é a bacia, "princesa" dos Catimbós. Para que citar mais?

Não sabemos os segredos medicamentosos das grandes mestras da Bahia candomblezeira, seus processos para curar e matar. Quando um pesquisador feliz atingir a esse resultado verificará que a ciência negra pouco difere da branca, daquela cujas sacerdotisas ardiam nas fogueiras do Santo Ofício. Quando lemos as bruxarias francesas para eliminar Carlos IX ou Francisco I recordamos a estória da Mestra Silvana, do candomblé do Viva Deus em Peri-Peri, na Bahia. Recebera doze contos de réis para matar o Conselheiro Rui Barbosa por vias mágicas. Consultando o "encantado" este anunciou sua própria morte, logo depois do falecimento do conselheiro.

"Mulher de palavra, Silvana teria cumprido o prometido: Matou Rui Barbosa, mas "viajou" também". (Édison Carneiro; *Candoblés da Bahia,* 106.)

É nesta seção restrita do despacho, do feitiço, que defendo a permanência da feitiçaria clássica, européia, nas mãos das mestras e mestres da ciência negra.

Toda a gente sabe a origem divina da Medicina e que todos os fundadores de religiões foram terapeutas. A vida era o maior bem e sua conservação dependia dos Deuses de boa vontade. Esculápio, filho de Apolo, chegou a ressuscitar um morto e Júpiter fulminou-o em castigo do atrevimento. Os tratamentos estavam regulados como ritos e os diagnósticos vinham através de oráculos.

Essa herança sagrada permanece no mundo. Não há criatura humana capaz de conformar-se com a morte de quem ame sem justificá-la por uma causa imprevista. Cada remédio é um reforço deliberado à resistência mágica dos órgãos, reagindo contra a invasão da moléstia, força perversa e enviada por um inimigo. Qualquer omissão, engano, erro, desleixo, ignorância na linha defensiva dará oportunidade à vitória da Morte. Ninguém adoece espontaneamente e a velhice nada justifica em matéria letal. Há, sim, a Morte como entidade exterior, vindo em missão especial pela vontade dos seres malévolos. Quando alguém morre é porque a morte foi auxiliada pelo abandono minucioso do tratamento próprio. Há um culpado. É o doutor. É o feiticeiro. É quem tomava conta do doente, descuidando-se de certos pormenores. Se não fosse isto ou aquilo, o morto estaria ainda vivo e, com certeza, com saúde para muitos anos. Esta é a lógica popular em qualquer ponto do mundo. O papel obstinado do curandeiro, isolado ou na ciência do Catimbó, é manter-se fiel à impressão mágica da Medicina. Os remédios têm vida própria e possuem energias misteriosas, agentes e determinantes, multiplicadas pelo cerimonial e levadas ao infinito se cumpridas as exigências da tradição. O mestre do Catimbó utiliza para o homem os elementos de cinco mil anos, sabendo da grandeza imperativa da sugestão. *Posee el sentido de lo cotidiano,* como dizia Azorin. Para retirá-lo do trono é preciso alcançá-lo na base do seu prestígio, a credulidade sabiamente explorada pelo ambiente, mímica, no halo pode-

roso da tradicionalidade multissecular. *Fortis imaginatio generat casum.*

Finalmente MELEAGRO é depoimento. Repeti o *sieur* de Montaigne, *Je n'enseigne point, Je raconte.* Se a a magia, de qualquer cor, sendo no plano de curar ou matar, direta ou indireta, é sempre um processo de transferência, como a vida essencial de Meleagro estava dentro da acha de lenha que sendo queimada o mataria, é de prever que o mestre, guiado pelos mestres das aldeias invisíveis do Além, tenha adversários sabedores da geografia dos seus domínios e da extensão psicológica do seu prestígio.

Meu "alô" finda aqui.

ADENDO

Durante a guerra, 1939-1945, a cidade de Natal abrigou os homens do Mundo inteiro. Muitos norte-americanos ficaram na Base Aérea de Parnamirim, o Parnamirim Field, milhares de homens, de todos os Estados da União e vindos de várias raças. Os catimbozeiros trabalhavam sempre porque os motivos do amor e da morte não desapareciam. E como esses motivos são para todos os homens e mulheres, encontrei muito norte-americano, vermelho e louro, com a farda cáqui prestigiosa, ao lado dos "mestres", explicando em linguagem difícil o seu caso, o seu problema, o seu desejo e as esperanças da realização maravilhosa por intermédio do "mestre do Além".

Alguns fizeram relações mais íntimas, dando dinheiro, presentes, melhorando indumentária e casa do catimbozeiro preferido. Mestre Pereira da Barreira Roxa (Manuel Pereira da Silva) ganhou velas negras, toalhas com signos de Salomão, a estrela feita com dois triângulos, e aprendeu a dizer *bai-bai e oquei...* As leituras fortuitas com os livrinhos do *CÍRCULO DO PENSAMENTO*, uma associação paulista de exoterismo, trouxe para a "mesa" os símbolos orientais e ocultistas, serpentes mordendo a cauda, estrela salomônica, letras gregas cabalísticas (teta, sigma, tau), etc.

Severino Pinhão (o nome real não obtive) usava chamar aos "mestres" de "meninos" e semelhantemente fazia Mestre Pereira da Barreira Roxa, visitado pela Polícia em outubro de 1947.

Evidenciará as modificações do velho Catimbó a reportagem que transcrevo fixando a figura do catimbo-

zeiro (que o jornalista diz "macumbeiro", título que se populariza embora nada tenha com a Macumba carioca) e seus ritos. Aparece a vela negra, aparece o "sinal de Salomão", aparece a saudação à Estrela-d'Alva, inexistentes nas "mesas" de poucos anos atrás e mesmo na maioria atual, assim como o "aperto de mão" trocado entre o mestre e a curupira e a batida do cachimbo no copo como técnica para o "espírito visitante" desacostar. Nas cartas das mulheres cujos maridos estão de amores novos há citação do "espírito zombeteiro", mas ainda é mencionada a Jurema, como característica do "trabalho". A menção de "trabalho pesado" é sempre uma referência mortal.

PRISÃO DE MACUMBEIROS NA PRAIA DO MEIO

Apreensão de material. Cartas de "vítimas". O eterno triângulo.

O subdelegado Pedro Vilela, da Praia do Meio, em "batida" efetuada na noite de anteontem, deteve o macumbeiro Manuel Pereira da Silva e sua companheira Francisca Pereira de Lima, residentes na Barreira Roxa, Areia Preta, e contra quem havia várias queixas.

Foi apreendido farto material de macumba, compreendendo toalhas com sinos Salomão bordados, retratos de várias pessoas conhecidas do repórter, velas, bonecas de pano, cachimbos, charutos, essências de defumação, penas de pássaros, cordões, linhas, medalhas, punhais, peixeiras, tigelinhas de barro para despacho, búzios, imagens de santos, rolos de fumo, garrafas de cana, etc. Dentro dessas bugigangas havia também essências de velas de fabricação norte-americana, enviadas dos Estados Unidos, segundo declarou o macumbeiro, por um oficial do exército do Tio Sam, antigo cliente seu. No *dossier* de fotografias os casos eram catalogados sempre com retratos de três protagonistas, geralmente duas mulheres e um homem ou dois homens e uma mulher. Vimos, por exemplo, o retrato de um funcionário da Prefeitura, anexado ao de um robusto oficial do U. S. Army, um grupo com uma vistosa jovem. Adiante, o de um construtor anexado ao do seu rival e ao da mulher disputada por ambos.

Em palestra com a reportagem ia o macumbeiro explicando detalhes de cada romance. Uns significavam casamento a desfazer, outros se referiam a himeneus a conseguir, vários se prendiam a amizades extraconjugais a acabar. Acrescentou, entretanto, que nada sabe fazer, não lhe cabendo a culpa se muita gente acredita nos seus poderes ocultos. Perguntado sobre a utilidade de alguns dos objetos apreendidos, respondeu que eram brinquedos dos "meninos", isto é, dos espíritos que o auxiliavam nos trabalhos.

A PRIMEIRA CARTA

Dentre a vasta correspondência de clientes apreendida pelas autoridades destacamos três cartas que a seguir transcrevemos:

"Sêu Pereira: — O senhor não si esqueça de mim. Olhe o homem chegou hoje às 6 da manhã. Hoje foi o maior barulho porque chamei... ele partiu a mim com todos os mil diabos, si atracamos, eu fiquei com o braço cortado das unhas dele. Tambem o que poude fazer com ele eu fiz, só não fiz melhor porque os meninos cairam em cima chorando. Sêu Pereira, eu não seio mais o que faça. A minha situação é horrível. O senhor vá logo a esta viagem para ver se dá geito, que no lugar de melhorar está peorando. Dê uma quéda na... bóte um espírito zombeteiro ao lado dela. Estou ansiosa que o senhor vá a esta viagem para ver o resultado. Diga a dona Chiquinha que faça tudo por mim. Dê muita lembrança a todos da casa. O mais a Deus, Feliz viagem."

PERALTAGENS DE OUTRO MARIDO

Esta outra, que se segue, é também de uma cliente às voltas com as atividades extramatrimoniais do esposo:

"Sêu Pereira. Bôa tarde. Sobre o H. não noto melhora. Ele sái às 7 da noite e chega às 4 da manhã, sobre a união dele comigo não ha geito, continua separado de mim. Só não apanhei porque suporto tudo calada. Ele mi traz no maior desprezo, sêu Pereira, não sei que será de minha vida, tanto que o senhor tem trabalhado para mim e não há jeito para se quebrar o coração daquele homem. Só ha amor para F, para mim nada. Sêu Pereira, eu lhe peço até pela vida dos seus filhos, faça ele se unir comigo. Ele é arriado pela F. Sobre minha ida para aí não sei quando irei, que a mulher não veio. Eu preciso falar com o senhor, não sei como irei aí. Olha a

casa da... parece que é na... em uma pensão, o numero é... Repare si é verdade. O Sr. faça ele si unir comigo e deixe F, que o senhor não perde o seu trabalho. E mande me dizer alguma coisa por Severina. Sobre os 3 dias que o senhor falou não teve melhora. Mande dizer alguma coisa. Vamos esperar até o fim do mez, para ver como fica. Ele sempre vai ao cinema com ela. E já me disse que comigo ele não se une, que a mulher dele é a F, passeia com ela e não tem quem impate, só deicha por morte. Só podia manda-le dar fim a F. porem ele não si anima comigo, que o coração dele é mais do que ferro. O senhor faça um trabalho pezado, para ver se a gente vence daqui para o fim do mez alguma coisa. Eu confio em Deus e aí na Jurema. Lembrança a todos."

TERCEIRO CASO

Esta última também é uma tragédia idêntica.

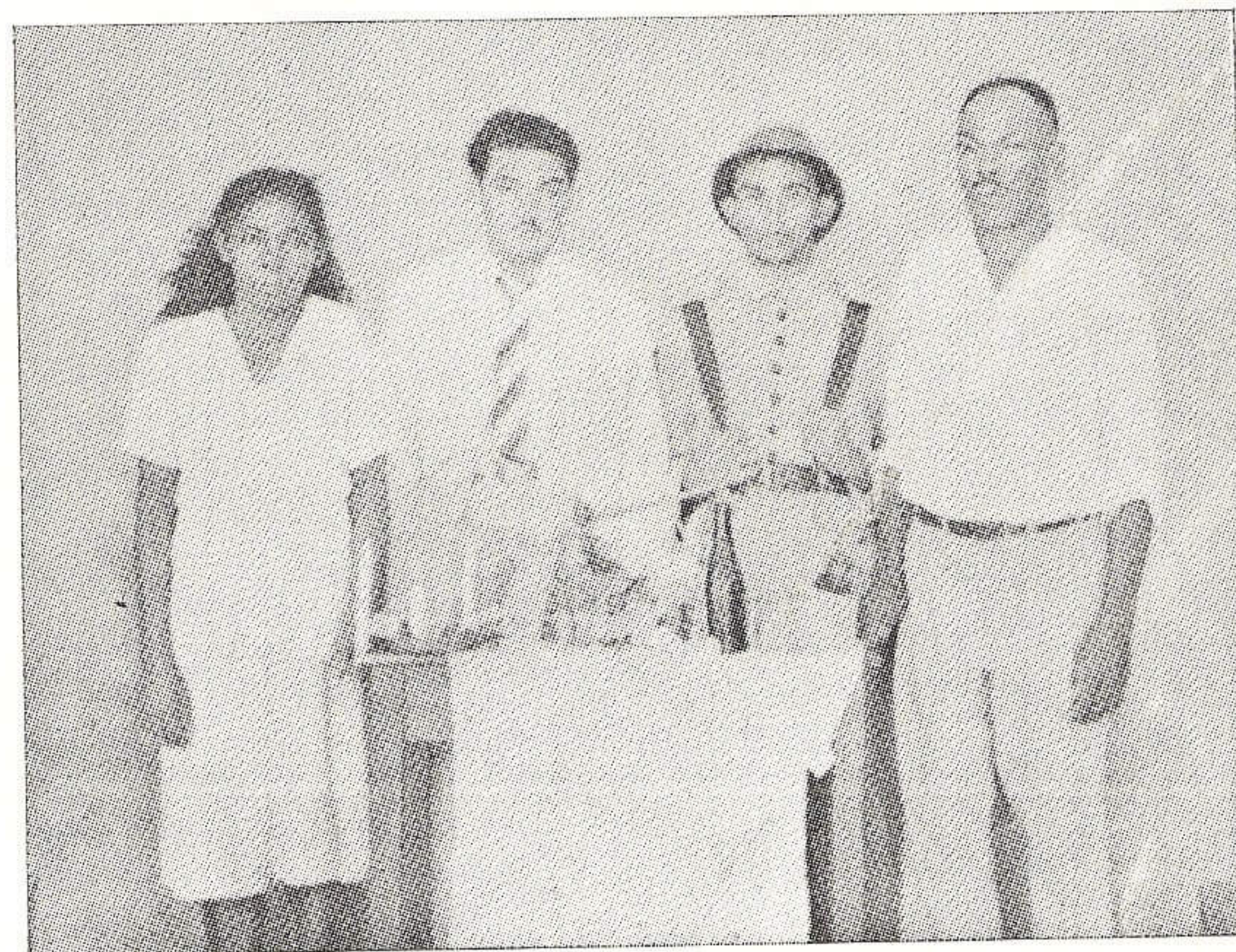
"Sêu Pereira, peço o senhor dá o fim a F. nesses 15 dias, já que está demorando o outro trabalho, tenho passado a maior aflição no dia 26, ele mi deu tanto, dismentiu meu braço direito, já estava melhor. Porem esta noite foi outro barulho. Tive que ir para o hospital com o braço dislocado. Já estou em casa mi escreva, mande dizer o que arranjou para mim na viagem. Segue 20 mil reis pelo portador, estou escrevendo, com a mão esquerda, eu já não suporto mais tanto aperreio, não pude mais tirar nada de dinheiro. A minha situação é horrivel. O senhor só acredita vendo. O nome todo da... é E.A.F. O senhor faça o serviço bem feito como tenho lhe pedido...

P. S. Só apareço depois de 15 dias, é quando tiro o braço da tipóia."

Além dessas cartas, há outros casos que são resolvidos discretamente, constando numa folha solta de papel o nome dos três protagonistas. Encontramos, por exemplo, dentre outros, dois nomes de mulher e o de um coplo, dentre outros, dois nomes de mulher e o de um comerciante da Cidade Alta. Seu Pereira explicou se tratava de uma cliente, que pretendia afastar do negócio a concorrente do mesmo sexo.

SESSÃO DE MACUMBA, SOB RITUAL AFRO-BRASILEIRO

Uma demonstração especial, ontem à tarde, na Delegacia de Ordem Social. Manifestam-se os "meninos".

Mestre Pereira, Manuel Pereira da Silva, e Francisca Pereira de Lima, "Dona Chiquinha", realizam uma sessão de Catimbó perante o Delegado da Ordem Social, Wilson Correia Dantas Cavalcanti, a 14 de outubro de 1947, transcrita neste ensaio. O trabalho foi considerado "fraco" pelos entendidos. Mestre Pereira já emprega no Catimbó as velas negras de procedência norte-americana.

Mestre Pereira (Manuel Pereira da Silva) e Francisca Pereira de Lima, "Dona Chiquinha", com os "preparos de uma mesa de Catimbó" na Polícia. Não há a "princesa" nem a "marca-mestra". Pedro Vilela, subdelegado da Praia do Meio, e um soldado compõem o grupo. Mestre Pereira, livre e satisfeito, está dirigindo os "bons saberes" no interior do Estado, consultando os "meninos" e ouvindo as mulheres enjeitadas pelos maridos.

Na presença de autoridades, fotógrafos e representantes da imprensa, Manuel Pereira da Silva e sua companheira Francisca Pereira de Lima, os dois catimbozeiros detidos, realizaram ontem à tarde uma demonstração especial dos seus ritos afro-brasileiros no prédio do Departamento da Segurança Pública. A sessão teve início às 16 horas quando ambos foram trazidos à sala da Delegacia da Ordem Social.

O CENÁRIO PROPÍCIO

Sentaram-se no chão e acenderam as cinco velas sobre a toalha estendida onde se viam bordadas cinco estrelas de Salomão. Ao lado dos oficiantes, espalhado, um mar de utensílios, balangandãs, cachimbos, material de defumação, pedaços de lâminas de metal, maracás, bonecas de pano, penas de aves enfiadas no gargalo de garrafas de cana, um copo de água ao centro, medalhas e imagens religiosas, tigelinhas de barro, um cavalo-marinho seco, charutos, cigarros comuns, velas negras de procedência americana com incrustações em baixo-relevo em espiral....

COMEÇA O RITUAL

Ela acendeu o longo cachimbo recheado de tabaco e o ritual começou com a queima de alfazema e outros materiais de defumação, colocados num recipiente de ágata.
Mestre Pereira, entretanto, reclama insuficiência de fumaça para atrair com presteza os "meninos" pelo que o Delegado mandou buscar lá dentro uma porção de brasas. A fumaça desta vez em abundância encheu a sala. Ele começou a cantar baixinho, quase em murmúrio, como o cordão de balangandãs na mão, descrevendo com ele no ar cruzes sobre a toalha. Apanhou depois uma das velas e descreveu com ela, sempre cantando baixinho, círculos em volta da cabeça a agitar-se, demonstrando se realizava já atuação do primeiro "amiguinho".

DEUS TE SALVE

O "menino", já de posse do aparelho da médium, começa a falar, também cantando. Mestre Pereira se

aproxima, aperta a mão da companheira atuada e saúda o "visitante". — Deus te salve!

Responde a médium cantando com idêntico "Deus te salve!" O "visitante" era uma mulher, cujo nome não percebemos. Continua cantando pela boca do médium:

— "Alumeia, Estrela D'Alva, luz do dia, o mundo inteiro, alumeia Jesus. Cristo, recostado na cruz. Guardai todos por esta noite, amanhã e todos os dias."

Dona Francisca atuada continua cantando baixinho, agitando os dedos da mão direita ligeiramente apontados para cima, enquanto contorcia os lábios: "Salvai todos os que estão presentes. Jesus Cristo, proteja todos os irmãos presentes."

A SERVIÇO DO BEM

Mestre Pereira pede então ao "visitante" que declare aos assistentes se ele, Mestre Pereira, costuma usar daquelas bugigangas para o mal. Responde o espírito pela negativa. Mestre Pereira aí, enquanto o "menino" continua cantando, vai apresentando um por um os objetos que estão no chão, pedindo ao "visitante" que vá explicando as virtudes de cada um dos utensílios. O "visitante" não se faz de rogado naquele ambiente hostil, de tantos assistentes incréus. Vêm saindo as explicações. A fumaça do incenso, por exemplo, que costuma subir em rolos para o ar, o "menino" diz que serve para limpar os espíritos. As lâminas de metal simplesmente para brinquedo dos "visitantes". A vela negra americana tem virtudes mais amplas, faz as vezes de bola de cristal, é o mensageiro de amigos ou parentes ausentes. Se após a combustão total da vela não houver borra, é morta a pessoa de quem se quer saber notícias. Do contrário, ainda é viva. Nas fazendas do interior as velas negras poderão servir para responder sobre animais extraviados ou furtados.

O MENINO SE RETIRA E CHAMA OUTROS IRMÃOS

A assistência diz estar satisfeita. Mestre Pereira bate no copo com o cachimbo, o "menino" se retira, desejando

muitos anos de vida ao Delegado, às ordenanças e a todos os presentes.

A pedidos gerais, chegou a vez de Mestre Pereira se atuar, recebendo um dos seus guias. Canta a saudação inicial: "Valha-me Nossa Senhora"; ao que dona Francisca responde com um "Deus te salve!", apertando-lhe a mão. Mas o "irmão", ninguém sabe por que, se aborreceu e abandonou logo o aparelho. Mas em seguida veio outro guia, que entra também cantando as mesmas palavras de saudação. Era Mestra Cecília, uma mulher que vinha cansada da Serra do Mar. Conversou um pouco e "desacostou da matéria", cedendo o aparelho de Mestre Pereira a outro "irmão" que já deveria estar na fila esperando. Este era Mestre Elias, que entra cantando, sacudindo os balangandãs. Um circunstante pergunta se Mestre Elias poderia informar se este ano morreria algum dos presentes. Mestre Elias respondeu aborrecido que somente o Pai Celestial poderia desvendar o futuro. E acabou aí a exibição, opinando alguns dos entendidos presentes que o trabalho fora fraco. Os dois estariam talvez mistificando.

(*Diário de Natal*, de 15 de outubro de 1947.)

*
* *

Esses mestres de Catimbó vão subindo nas escalas da técnica e captando os fios mais sensíveis da crendice popular, tanto mais vivos e intensos quanto maior é o aglomerado humano. No Rio de Janeiro e São Paulo os feiticeiros são fartos e graves sacerdotes de um consultório rendoso, culto fácil e sem as obrigações do canto da "linha", do cachimbo e da "marca-mestra" marcando o ritmo. Em 1935, no Rio de Janeiro, a polícia interrompeu, julgo que provisoriamente, as atividades do "Maneta", Hermínio Rizzo, sabedor de artes e dos bons saberes. Tinha três automóveis e nunca recebia menos de 500 cruzeiros por consulta. Atendia à clientela, comerciantes, professores, artistas funcionários públicos, em quatro escritórios (ruas 24 de Maio, Magalhães Castro, Ana Néri e Glaziou), mobiliados com conforto e gosto pelas devotas. Os tratamentos começavam por cinco mil cruzeiros, no mínimo. Uma senhora viajou a Passa Três

somente para colocar uma cobra verde em cima de uma sepultura à beira da estrada. A imprensa registrava os nomes, pormenores, etc.. Ver *A Noite*, de 21 e 23 de março de 1935. Em qualquer cidade do mundo o Medo e o Amor justificam essa fauna assombrosa.

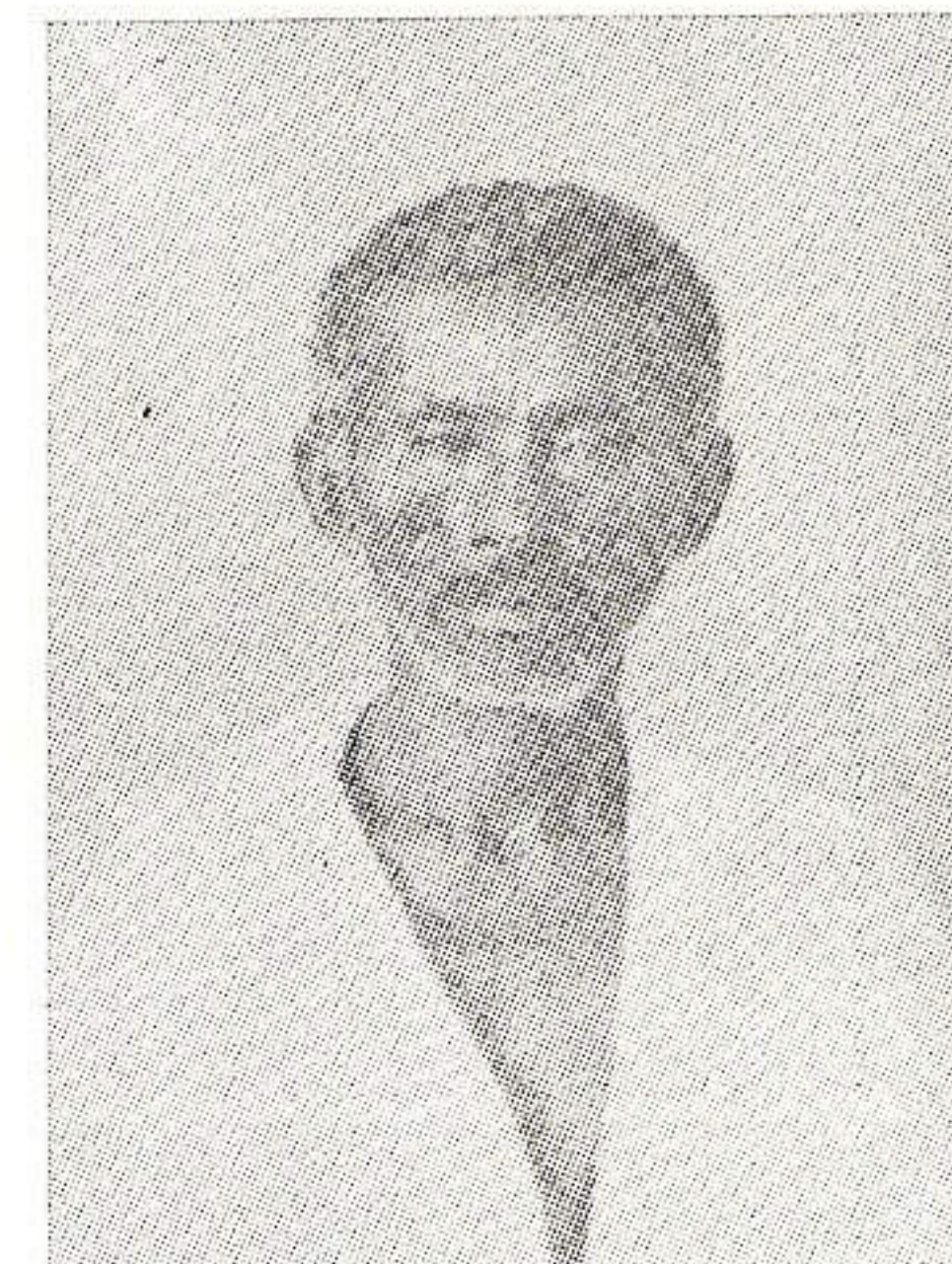
A CIÊNCIA CATIMBOZEIRA DE FELINTO SALDANHA

Li devagar todo o processo do duplo crime de Petrópolis (Natal) em 1942. São dois grossos volumes com 893 folhas totais, 1786 páginas corridas. O último documento é a certidão de haver falecido na Enfermaria da Casa de Detenção, a 15 de julho de 1946, Felinto Saldanha (1880 a 1946).

Felinto Saldanha, Manuel Felinto, Joaquim Barbosa, é o macumbeiro assassino, absolvido pelo Júri de 29 de novembro de 1944 e condenado a 17 anos pelo Tribunal de Apelação, em acórdão de 28 de novembro de 1945. É a figura sugestiva do bruxo, do rezador, do homem que sabe segredos misteriosos de forças irresistíveis, suprema esperança para a baixa, média e alta sociedade.

Esse negro sexagenário, leptossômico, magro, pequenino, de 1,62 de altura, mandrião e palerma, casado com mulher moça, morava em Serraria, do outro lado do Potengi, perto de Igapó, com fama de conhecer "oração forte", uma reza para cada necessidade humana. Era, profissionalmente, o mestre do Catimbó, Catimbó solitário, sem abrir mesa, trabalhando sozinho, atendendo aos apelos do amor, do medo e da fome alheia e própria.

Consultado por Maria Linhares, a criada apaixonada pelo patrão que noivara, dá remédios, ensina soluções e acaba estrangulando a noiva, a desgraçada e doce Arlete que não sabia defender-se. Ajudou a matar a tia da noiva. E nunca perdeu seu ar de vítima, de sofredor, de criatura arrastada pelo destino, um inconsciente, um irresponsável, um pobre diabo, com as mãos sujas de sangue, implacável e feroz como um bicho do mato. Chegou a iludir o Júri que o inocentou. Felizmente o Tribunal segurou-o para o castigo que a morte abreviou.

Andei estudando a ciência catimbozeira de Felinto Saldanha para conhecer a extensão dos seus "saberes".

FELINTO SALDANHA, o catimbozeiro da Serraria, falecido em 15 de julho de 1946 na Enfermaria da Casa de Detenção de Natal

Três vezes apenas Felinto Saldanha "trabalha" na sua profissão. Por duas ocasiões faz o que ele denominou uma EXPERIÊNCIA para saber se a mulher casa ou não com o patrão. É uma experiência européia, comum nas noites de São João, banal e popularíssima desde a Rússia até a península ibérica. Pediu um copo com água e três brasas vivas. Cada brasa significaria uma determinada pessoa. Manda rezar Padre-Nosso e Salve-Rainha. Joga as brasas na água e observa a posição tomada pelos carvões. Um carvão é o homem e os outros as duas pretendentes. Se os carvões se unem, casamento. Se o carvão foge, desavença. Se mergulha, o amor é impossível.

O dono da casa deve ignorar que a noiva e uma tia foram assassinadas na garagem. É preciso ignorar totalmente. Maria Linhares recorre a Felinto e este manda riscar um SINO SALAMÃO, sinal de Salomão, estrela de seis pontas, a hexalfa tradicional na ciência cabalística, figurando na bandeira do novo Estado de Israel. Riscado o SINO SALAMÃO num papel, Felinto manda colocá-lo dentro do travesseiro de Daniel, dono da casa. É um amuleto defensivo, afastando as forças do mal, dispersando as grandezas adversas.

Maria Linhares, a assassina, está apavorada com as almas das duas mártires que ela matou. Teme dormir, vendo a presença aterradora, o duplo fantasma das inocentes sacrificadas. Felinto é consultado e receita o CREDO até a palavra SEPULTADO e mais três Padre-Nossos à Sagrada Paixão e Morte de Jesus Cristo! Estranho processo de tentar a solidariedade divina para tranqüilizar o sono da matadora.

É uma fórmula da feitiçaria branca, a magia do nome, com o seu poder sugestionador, determinando um estado psicológico decorrente. Dizendo-se SEPULTADO, sepultava-se o pensamento nos mortos, inutilizando sua presença astral. O nome SEPULTADO prenderia no sepulcro os dois cadáveres que reclamavam vingança.

Felinto Saldanha, o catimbozeiro de Serraria, só empregou magia branca e européia, fácil e sabida. Nem uma reminiscência da África negra ou da América indígena.

Bem curiosa é a AURA PREMUNITÓRIA recebida pela mulher de Felinto Saldanha, Maria do Carmo, sete dias antes da tragédia. Uma onda de frio assalta-a e ela anuncia a desgraça confusa que se aproxima, implacável como uma Morai da Grécia clássica.

São suas palavras: "... *antes do sábado* (dia dos dois estrangulamentos), *teve uma frieza muito grande, suspeitando que alguma coisa estivesse para acontecer; estava cantando e de repente pôs a mão na boca para não alarmar: — Valha-me Deus, meu Deus! ou se deu alguma coisa na minha família ou tem que se dar!*"

O marido Felinto estava tocando rabeca, balançando-se na rede, tranqüilo, sem que os mestres o avisassem que, numa distância de poucos dias, seria duas vezes assassino e morreria na enfermaria da prisão.

O Destino conduzia seus cavalos na noite...

(*continuação da 1.ª orelha*)

escreveu o Dr. Silva Mello, prefaciador do volume.

Meleagro é uma pesquisa moderna sobre a presença da Magia Branca no Brasil, estudada diretamente nos Estados do Nordeste, mas facilmente verificada em qualquer parte do território nacional nos seus traços positivos, que a caracterizam claramente. Contém a relação mais ampla da botânica medicamentosa dos Catimbós, o processo de fechar o corpo, orações fortes, técnicas de vários feiticeiros, confidências sobre os "mestres do Além" e os Reinos do outro mundo, com um esboço biográfico dessas figuras encantadas e ainda registra algumas "linhas", as melodias privativas de cada "Mestre" anunciando a presença de cada um deles nas sessões, reminiscência dos *nomoi* sagrados, pondo ao alcance do conhecimento do leitor os principais tabus do Catimbó e os mais curiosos tratamentos secretos, glórias da terapêutica feiticeira. O escritor CÂMARA CASCUDO estuda ainda os amuletos, as forças contrárias do Mau-Olhado e do Quebranto e fixa, da maneira mais nítida, o problema apaixonante do Envultamento, o mistério da transferência mágica.

Meleagro, afirmou o Dr. Silva Mello, constituirá sempre documento de alto valor: honesto, objetivo, sábio tanto pela erudição do autor quanto pelo seu espírito crítico e de investigação.

A presente reedição, comemorativa de seus oitenta anos, o autor acrescentou um novo prefácio "*26 anos depois*".